

Fernando Costa Straube

Ruínas e urubus:
HISTÓRIA DA ORNITOLOGIA NO PARANÁ

Período de Chrostowski, 3
(1910-1930)



Hori Cadernos Técnicos

13

RUÍNAS E URUBUS:
HISTÓRIA DA ORNITOLOGIA NO PARANÁ

PERÍODO DE CHROSTOWSKI, 3
(1910 a 1930)

1ª Edição

Fernando C. Straube

Hori Consultoria
Curitiba, Paraná, Brasil
dezembro de 2017

© URBEN-FILHO & STRAUBE CONSULTORES S/S LTDA.

Ficha catalográfica preparada por
DIONE SERIPIERRI (Museu de Zoologia, USP)

Straube, Fernando C.

Ruínas e urubus: história da ornitologia no Paraná.
Período de Chrostowski, 3 (1910 a 1930) ; por Fernando
C. Straube. – Curitiba, Pr: Hori Consultoria Ambiental,
2017.

396p. (Hori Cadernos Técnicos n. 13)

ISBN978-85-62546-15-0

1. Aves - Paraná. 2. Paraná - Ornitologia. 3.
Ornitologia – História. I. Straube, Fernando C.
II. Título. III. Série.

Depósito Legal na Biblioteca Nacional,
conforme **Lei nº10.994** de 14 de dezembro de 2004.

Dados internacionais de Catalogação da Publicação
(Câmara Brasileira do Livro, São Paulo, Brasil)

Capa: Emilie Snethlage (E-H. Snethlage, 1930), beija-flor em um
gerânio (Witte, 1934c), frei Miguel no museu (acervo Secretaria do
Meio Ambiente de Rio Negro), caçada no rio Ivaí (A. Linzmeyer),
mapa da viagem de Kaempfer ao Paraná (Naumburg, 1935) e
Hemitriccus kaempferi (foto: Adrian E. Rupp).

2017



<http://www.hori.bio.br>

HORI CADERNOS TÉCNICOS n° 13

ISBN: 978-85-62546-15-0

CURITIBA, DEZEMBRO DE 2017

CITAÇÃO RECOMENDADA:

Straube, F.C. 2017. **Ruínas e urubus: História da Ornitologia no Paraná**. Período de Chrostowski, 3 (1910 a 1930). Curitiba, Hori Consultoria Ambiental. Hori Cadernos Técnicos n° 13, viii + 396 pp.

APRESENTAÇÃO

As lendas, segundo definição corrente, são versões de encantamento, às vezes aumentadas e transformadas, de narrativas de fatos históricos. Lenda e história comumente se mesclam, seja pela aferição dos fatos que verdadeiramente sustentam a narrativa, seja pelo estudo da própria história da lenda, que em si também se personifica. A coletânea “Ruínas & Urubus” chega ao seu sétimo volume e nele meu querido amigo Fernando C. Straube meandra entre lendas e história. Seu trabalho minucioso e perseverante atrás de dados e fatos, tal qual um garimpeiro à espera da pedra que um dia o libertará, culmina com um livro precioso e que tira das sombras algumas das personagens mais importantes da ornitologia brasileira.

Este volume nos traz mais do que personalidades que construíram a ornitologia do Paraná. As biografias compiladas por Fernando nos apresentam uma diversidade de atores que, cada um a seu modo, ajudaram a moldar o conhecimento ornitológico daquele Estado. Em meio a

geógrafos, poetas, historiadores, naturalistas, padres, professores, militares e ornitólogos propriamente ditos, entre outros profissionais que trabalharam no período de 1910-1930, há aqueles pouco conhecidos e mesmo anônimos (literalmente) que neste volume encontram justa referência, como Toca Mercer. Há também aqueles que igualmente resgataram lendas para a história, como Eurico Branco Ribeiro, que trouxe a lenda da gralha-azul para os textos formais. Reinhard Maack, lendário na geologia e geografia do Paraná, foi aqui tomado “de empréstimo”, dado que seu trabalho é pedra fundamental para várias outras ciências, como a que nos ocupa neste livro.

Entre as personalidades de renome, faz-se justo citar o grande médico epidemiologista Adolpho Lutz, que viajou em comitiva pelo rio Paraná. Cabe salientar ainda a presença breve, mas marcante, do ex-presidente estadunidense Theodore Roosevelt, lendário explorador que visitou nosso país há pouco mais de um século. Mas foi um pouco mais tarde, no final da década de 1920, que tivemos o período mais fértil para a ornitologia do Paraná (e do sul do Brasil). Foi então que grandes coletores passaram pelo Estado, como Arkady Fiedler, Emil Kaempfer e ninguém menos que a lendária Emilie Snethlage. Nome bem conhecido entre

ornitólogos, Emilie seria nos dias atuais reconhecida como uma mulher pioneira se apenas agora realizasse as pesquisas que conduziu em sua vida. Tendo realizado tais feitos há mais de um século, sem dúvida a admiração pelo seu trabalho ganha dimensões ainda mais grandiosas. E Fernando nos mostra não apenas os frutos do trabalho de Emilie no Paraná, como ainda revela ligações familiares com a pesquisadora, haja vista que a eminente ornitóloga foi correspondente de seu avô Guido Straube – também ele um naturalista a se distinguir nesta obra.

Por fim, como destaque final, elenco aqui a grande pesquisa feita por Fernando sobre uma das maiores lendas da ornitologia brasileira: a vida de Emil Kaempfer. Neste caso, o atributo de lenda surgiu menos pelos seus feitos – que são de fato admiráveis – mas acima de tudo pela maneira “misteriosa” com que Kaempfer some dos anais da ciência depois de encerrar sua viagem de quase seis anos pelo Brasil. Após mais de décadas de pesquisa, não raro infrutíferas, por vezes conseguindo reunir apenas pequenos fragmentos de informação, Fernando conseguiu seguir algumas pistas importantes sobre a história desse naturalista. E, assim, depois de anos de dúvidas e mistérios, a vida de Kaempfer começa a sair da escuridão graças aos esforços

perseverantes do Fernando, que nos brinda então com fatos e história. E leva a série Ruínas & Urubus a um patamar tão grandioso que passa a ter, ela própria, nuances de lenda.

VÍTOR DE QUEIROZ PIACENTINI

VÍTOR DE Q. PIACENTINI é biólogo (UFSC), mestre em Ecologia e Conservação pela Universidade Federal do Paraná, doutor em Zoologia pela Universidade de São Paulo, pesquisador de Pós-doutorado junto ao Programa de Pós-Graduação em Zoologia do Instituto de Biociências da Universidade Federal de Mato Grosso (Cuiabá, MT), coordenador-geral do Comitê Brasileiro de Registros Ornitológicos (CBRO) e pesquisador associado da *Academy of Natural Sciences* da *Drexel University*, Philadelphia (EUA).

AGRADECIMENTOS

Com grande alegria, faço o lançamento do sétimo número da coleção “Ruínas e urubus”, mantendo a sua regularidade anual. Também aqui expresso meus sinceros agradecimentos a diversas pessoas e instituições que tanto têm colaborado com o projeto, as quais encontram-se citadas nos volumes anteriores.

Para este, em particular, eu gostaria de incluir, ou mesmo repetir, meu reconhecimento a alguns deles, seja porque não figuraram nas versões já publicadas, seja por terem aqui participado de forma diferenciada. De novo pude contar com a competente, gentil e graciosa intervenção de Dione Seripierri (Museu de Zoologia, USP) que, além de ajudar na obtenção de publicações quase impossíveis a um simples mortal, preparou a ficha catalográfica. A maria-catarinense (*Hemitriccus kaempferi*) que ilustra a capa, foi fotografada pelo amigo Adrian Eisen Rupp, a quem sou muito grato pela belíssima contribuição.

Várias pessoas colaboraram com detalhes particulares do período 1910 a 1930, por acréscimo de informações, cessão de dados ou mesmo sugestões de redação, incluindo traduções. Nesse sentido aponto os sempre presentes Dante L. M. Teixeira, Ernani C. Straube, Hitoshi Nomura (*in memoriam*) e Pedro Scherer Neto.

Em especial, quero destacar a participação de Vítor de Q. Piacentini que não somente preparou as amáveis palavras da apresentação, mas, também contribuiu com inúmeras informações e imagens que ilustram esta obra. Sua colaboração foi decisiva para a elucidação de vários detalhes

sobre Edwin Steiger, Arkady Fiedler (inclusive cedendo generosamente as fotos colhidas por ele no *Museum für Naturkunde* de Berlim) e, especialmente, Emil Kaempfer. Para o difícil trabalho de rastreamento biográfico desse último, contei também com o incansável apoio de José Fernando Pacheco, Marco Aurélio Crozariol, Guto Carvalho e Marcos Rodrigues que, dia a dia, compartilharam e comigo discutiram as descobertas sobre um dos mais desconhecidos personagens da Ornitologia brasileira. Também devo essa participação a Philipp Stumpe que, além de tudo, ajudou-me com algumas traduções, como também o fez Edmund Ruhenstroth (de Gütersloh, Alemanha).

Outros amigos, contribuíram enviando artigos, documentos e variados tipos de informações sobre Toca Mercer (José Luiz Mercer), Snethlage, Alberto de Carvalho e Fiedler (Adelinyr “Tota” A. Moura Cordeiro); a respeito desse último, recebi dados importantíssimos e imagens, gentilmente encaminhadas por seu filho, Marek Fiedler (Poznań).

Para o frei Miguel, contei com a cessão de imagens e informações da Secretaria Municipal de Meio Ambiente de Rio Negro, por meio de Lenita Kozak, que vem fazendo um trabalho sem igual de pesquisa biológica, histórica e educação ambiental. Para algumas traduções mais complicadas do alemão, ajudou Walther Grube e são dignas de nota as participações desinteressadas do frei Regis Guaracy Ribeiro Daher, mediante Elisabete Barbero (Província Franciscana da Imaculada Conceição do Brasil, São Paulo), bem como Mário Arthur Favretto, o primeiro a estudar a coleção de aves em Luzerna.

No que diz respeito a Maack, sou grato às excelentes biografias preparadas pela filha (Úrsula Maack Kurowski) e, em especial, ao amigo Alessandro Casagrande, seu maior

biógrafo que, além de tudo, alertou-me sobre o material produzido por Capri e Olivero.

Para o assunto Snethlage, lembro de Oswaldo Cunha (*in memoriam*) que, em 1991 na capital paraense, mostrou-me algumas direções a serem seguidas e também forneceu publicações de sua autoria. O mesmo posso dizer de Miriam Junghans pelas constantes mensagens e informações; pelo estímulo e entusiasmo, também às incansáveis divulgadoras do seu trabalho: Sylvia Paraty, Silvia F. Linhares, Martha Argel, Tietta Pivatto, Juliana C. Pissouas Diniz e Lorena Patrício, essa última, tão jovem e já atenta à obra da formidável pesquisadora.

Os curadores das coleções ornitológicas do *Field Museum* (Chicago, EUA), Dave Willard, *Museum of Comparative Zoology* (Cambridge, EUA), Alisson Pirie, e *American Museum of Natural History* (Nova York, EUA), Tom Trombone, enviaram informações específicas sobre alguns espécimes coletados no Paraná, respectivamente, Steiger, Forbes e Kaempfer. Nos museus brasileiros tive, nesse sentido, o apoio especialíssimo dos amigos José Maria Cardoso da Silva, David C. Oren e Alexandre Aleixo (Museu Paraense Emílio Goeldi, Belém), Dante M. Teixeira, Jorge Nacinovic, Marcos A. Raposo e Marco Aurélio Crozariol (Museu Nacional, Rio de Janeiro), Luís Fábio Silveira (Museu de Zoologia, São Paulo), além de Antenor Silva Júnior e Patrícia Wekerlin e Silva (Museu de História Natural Capão da Imbuia, Curitiba).

Especialistas de outras áreas e mesmo amigos interessados no assunto, também deram suas contribuições: Renato S. Bérnils, Sérgio A. Abrahão Morato e Francisco “Kiko” Franco ajudaram com a herpetologia; Walter Boeger com a helmintologia; Liliani M. Tiepolo e Walfrido M. Tomas com mastozoologia; Wolmar B. Wosiacki com ictiologia; José Carlos Veiga Lopes (*in memoriam*) com

história do Paraná; Inami Custódio Pinto (*in memoriam*) com folclore e a lenda da gralha-azul; Paulo H. Labiak, Michel Miretzki, Alberto Urben-Filho, José Flávio Cândido-Jr., Leonardo R. Deconto, Marcelo A. V. Vallejos, Ana Paula Caron e Guto Carvalho deram importantes opiniões sobre o conteúdo e apresentação. Sou grato a todas essas pessoas, assim como a outras que eventualmente possa, por simples lapso, ter esquecido.

SUMÁRIO

1910-1926	TOCA MERCER	3
1910	WILLIAM KAYE	18
	<i>Cronologia</i>	21
[1913]	NESTOR VICTOR	25
1913	THEODORE ROOSEVELT	28
	<i>Cronologia</i>	49
[1914-1946]	JÓZEF CZAKI	51
	<i>Cronologia</i>	65
1915	WILLIAM CAMERON FORBES	67
	<i>Cronologia</i>	81
1918	ADOLPHO LUTZ, HERÁCIDES DE ARAÚJO e OLYMPIO DA FONSECA FILHO	83
	<i>Cronologia</i>	105
1919-1925	COELHO JÚNIOR	107
1919	JÚLIO NOGUEIRA	116
	<i>Cronologia</i>	120
1921	ALBERTO SZUKIEWICZ	121
	<i>Cronologia</i>	124
1922 e 1924	FRANCISCO DE BARROS JÚNIOR	125
	<i>Cronologia</i>	139
[1923]	“ANÔNIMO”	141
1923-1967	MIGUEL WITTE	145
1923-1924	ASHMUN CLARK SALLEY	185
	<i>Cronologia</i>	190
[1924]	ALBERTO DE CARVALHO	191
	<i>Cronologia</i>	213
[1925] e [1965]	EURICO BRANCO RIBEIRO e INAMI CUSTÓDIO PINTO	215
	<i>Cronologia</i>	223
1926-1969	REINHARD MAACK	225
	<i>Cronologia</i>	234
1928	EMILIE SNETHLAGE	235
1928 a 1929	ARKADY FIEDLER e ANTONI WIŚNIEWSKI	255
	<i>Cronologia</i>	287

1929	EDWIN STEIGER e/ou TOMAZ PAZIO	289
[1929]	GUIDO STRAUBE	299
	<i>Cronologia</i>	309
1930	LIMA FIGUEIREDO	311
1930	EMIL KAEMPFER	319
	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS E LITERATURA CONSULTADA	394

1910 a 1926

TOCA MERCER

EDMUNDO ALBERTO “TOCA” MERCER (Fazenda Santo Antônio, Tibagi/PR: 1º de outubro de 1878; Tibagi/PR: 3 de outubro de 1938) foi político, professor e comerciante mas a sua vocação era, sem dúvida, o sertanismo, decorrente de sua atividade principal, a agrimensura¹.

Consta em algumas biografias ter sido um explorador na “região de Tibagi”, mas poucos mencionam que o citado município, na época em que Mercer atuou, nada mais era do que uma imensa extensão de terras que englobava todo o interflúvio Ivaí-Paranapanema, com limites numa linha entre Jaguariaíva e Ponta Grossa (Mercer, 1908). Isso representava quase um terço de todo o território paranaense e, de fato, o seu trabalho estendeu-se por toda essa região (e também além dela), da qual era profundo conhecedor. Essa noção é fundamental para se compreender a extensão do legado deste viajante, nascido em um momento importante da história do município de Tibagi, quando destacava-se na política local o coronel Telêmaco Morosini Borba. Além disso, o explorador era filho de Herbert Harrison Mercer, que hospedou o viajante inglês Thomas P. Bigg-Wither, quando de sua expedição ao Paraná, precisamente no mês de junho de 1874.

Nascido em Tibagi, cidade onde ainda hoje reside grande parte de sua família, Edmundo exerceu a função de

¹ A maior parte desta biografia baseia-se na obra publicada por seu filho (Mercer, 1978), da qual extraímos o devido fundamento e cronologia.

Comissário de Terras do Tibagi, tendo publicado um *“excellente mappa desse vasto e rico municipio, trabalho organizado com todas as prescripções technicas, pelo que recebeu merecidos elogios da imprensa e honrosa referencia no Congresso Nacional de Geographia, reunido em 1920, em Bello Horizonte”* (Paraná, 1922).



Edmundo Alberto “Toca” Mercer (1878-1938) (Fonte: blog de Wille Bathke Júnior²)

² <http://wibajucm.blogspot.com.br/>; acessado em 8 de janeiro de 2016

Além do vale do rio Tibagi, que conhecia como poucos, Mercer também aventurou-se pelo rio Ivaí, chegando à porção meridional do Mato Grosso do Sul; nesse intervalo produziu um levantamento geográfico de toda essa região, com destaque para as Sete Quedas (“*Salto do Guayra*”) que foi considerado, ao fim do Século XIX, o mais completo já efetuado nessa região. Também visitou as regiões fronteiriças do Paraguai e Argentina, o que lhe deu experiência fabulosa acerca das paisagens do oeste paranaense.

Toca era afeito à caça e sempre se interessou pelas explorações das ainda virgens matas paranaenses. Filho de um caçador e excelente atirador que trouxe um verdadeiro arsenal da Inglaterra, Mercer quando jovem dedicava-se além do treinamento da pontaria, aos estudos e à marcenaria. Com quase vinte anos de idade, passou a se dedicar ao magistério, lecionando em escolas e esforçando-se pela alfabetização e educação do povo local. Nessa fase de sua vida interessou-se pelos aspectos técnicos da agricultura e pecuária, mesclando as informações colhidas nos livros e sua experiência crescente com as coisas da natureza.

Em seguida, atraído pela medicina prática, estudava “...*tudo o que lhe caía nas mãos sobre o assunto: guias, formulários médicos e farmacêuticos, como se estivesse se preparando para enfrentar na luta pela sobrevivência, os males da saúde...*” (Mercer, 1978). Ao tempo em que tornava-se um autodidata de múltiplos campos, teve a chance de tornar-se amigo do Comissário de Terras, o agrimensor Joaquim Floriano do Espírito Santo, com quem aproveitou para familiarizar-se com os instrumentos e as noções gerais de topografia.

Em 1902, Toca foi eleito vereador e empossado presidente da Câmara Municipal de Tibagi, opção política

que exerceu por vários anos, em diferentes situações e, inclusive alternando coligações com personalidades importantes da época, como por exemplo, o coronel Telêmaco Borba, com quem intercalou momentos de grande divergência com outros de amizade e admiração³. Seis anos depois, Edmundo passou a se dedicar com mais afinco à agrimensura, ao tempo em que mantinha seus outros afazeres, inclusive etnográficos, tendo contribuído com o estudo denominado “Atualidade Indígena”, de autoria de seu amigo Telêmaco.

O dia 1º de abril de 1910 foi um verdadeiro marco em sua trajetória. Contratado pela empresa *Colle, Weiss & Co.*, concessionária indicada pelo governo para construir parte da estrada “Paraná - Mato Grosso [do Sul]”, foi então que arregimentou e coordenou um grupo de 30 homens, lançando-se a partir da foz do rio Ubazinho (afluente do rio Ivaí, próximo de Cândido de Abreu) rumo ao “sertão inóspito” do oeste paranaense. Localmente, essa via de acesso era conhecida como “Estrada Boiadeira” e já existia precariamente desde pelo menos 1908, sendo inclusive representada na Planta de Viação do Estado do Paraná publicado nesse ano pela Diretoria de Obras e Viação⁴.

Ao longo de peregrinação, enviava cartas para a família, descrevendo seus momentos e, mesmo sentindo por não ser um literato, narrava o contato com a natureza. Aparentemente pouco tratava sobre a fauna e flora, mas ocorreu eventualmente de citar “alguns urus” (*Odontophorus capueira*) e certa caçada a uma onça-pintada (*Panthera onca*), de que tirou o couro, trazendo para casa o

³ Em novembro de 1907, Mercer assumiu a prefeitura de Tibagi, em substituição ao seu amigo e mentor Joaquim F. do Espírito Santo – oponente de Telêmaco – que fôra assassinado em pleno exercício do mandato. O próprio Telêmaco Borba o sucedeu na prefeitura, em novembro do ano seguinte, mas os dois logo divergiram, condição que fez como que Mercer abandonasse temporariamente a política.

⁴ Essa mesma estrada (rodovia BR-487) liga Juti (MS) a Ponta Grossa (PR) e o trecho paranaense foi concluído apenas em 2015!

respectivo “troféu” (Mercer, 1978:57-58). O local preciso dessa ocorrência é difícil de identificar, sendo mencionado em carta como “ribeirão São Pedro” que, segundo meus cálculos, estaria entre o Salto da Ariranha e Vila Rica, onde estivera, respectivamente, em 16 de abril e 16 de outubro de 1910.

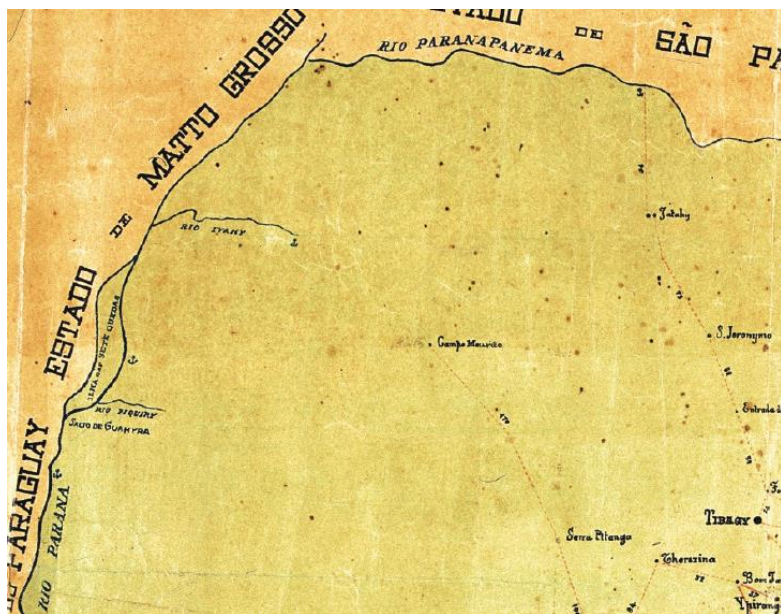
Pouco depois já estava na região dos Campos do Mourão (*vide* Coelho Júnior), onde havia uma bifurcação que se conectava a noroeste com o rio Paraná e, a sudeste, com a Serra da Pitanga⁵. Sua epopeia foi parcialmente terminada em 28 de janeiro de 1911 quando, enfim, concluiu a picada conectando-a à estrada de Guarapuava, dando fim ao projeto para o que havia sido contratado⁶. Não obstante, instigado por conhecer mais a fundo o interior paranaense, acabou seguindo viagem e, já em fevereiro, montou seu cavalo e rumou de Guarapuava a Foz do Iguaçu, atingindo Encarnación e Asunción (Paraguai) e, de lá, subindo por embarcação a vapor até Corumbá, no Mato Grosso do Sul, depois de curta passagem por Porto Murtinho.

Destaco que até pelo menos a década de 10, essa região era geograficamente desconhecida e mesmo mapas

⁵ Conhecendo razoavelmente a geografia dessa região, confesso que vi certa confusão ao tentar elucidar o traçado dessa expedição. O caminho mais óbvio seria ao longo de todo o rio Ivaí até a sua foz no rio Paraná, mas há esse trajeto adicional para sul, ligando Guarapuava a partir dos Campos do Mourão. Em 31 de dezembro de 1919, Edmundo Mercer assina um livreto reproduzido em Mercer (1978:124-130) e ali afirma: “*Como empregado daqueles concessionários [Colle, Weiss & Cia] dirigi em 1910-1912 o traçado da estrada [Paraná-Mato Grosso] e parte de sua construção desde o rio Novo, em Tibagi, até o rio Paraná nas proximidades do rio do Veadão*”. Daí supponho que tenha retornado pelo mesmo trajeto até os Campos do Mourão, onde procedeu a feitura da picada até Guarapuava. Na tese de Yokoo (2013) há uma foto atribuída a Linzmeyer e datada de 1926, mostrando o “cerrado de Campo Mourão”. Além da imagem não retratar uma paisagem de cerrado, ela pode aludir a qualquer espaço que, naquela época, era conhecido como os “campos do Mourão”, em uma vasta área da margem direita do rio Ivaí. É provável que essa foto se refira à viagem de 1911 e não à de 1926, da qual Alexandre Linzmeyer fez parte.

⁶ “Diário da Tarde” de 29 de maio de 1913 (Ano 15, n° 4381, primeira página) sob a chamada “Região ocidental”.

oficiais mostravam um enorme vazio compreendido pelo polígono formado pelo rio Paranapanema, a colônia militar do Jataí e aa cidade de Tibagi, a vila de Therezina e a desembocadura dos rios Ivaí e Piquiri.



A desconhecida região (*hinterland*) centro-oeste e noroeste do Paraná em 1908 (fragmento da “Planta da Viação do Estado do Paraná em 1908”, preparada pela Diretoria de Obras e Viacão em escala 1:250.000)

Desse período, particularmente do trecho entre Guarapuava e Foz do Iguaçu, Mercer – por carta – descreve alguns aspectos interessantes da paisagem da região, em carta aos seus familiares. Nesse sentido, contesta as palavras de Domingos Nascimento no livro “Pelos sertões”, particularmente onde esse autor “levanta uma ode às grossas árvores de alturas gigantescas” ali encontradas. Mercer, conhecedor dos solos e das paisagens paranaenses critica (Mercer, 1978:59):

“Sei o que é terra boa e o que é uma floresta de verdade, e por isso não temo dar a minha opinião e aí vai: da entrada do sertão até Foz do Iguaçu a única coisa que vi em madeira foi o pinheiral que começa no quilômetro 114 e termina no quilômetro 240, e isso mesmo é recomendável pela quantidade e não pela qualidade, pois os pinheiros não são grossos. Não vi um só pinheiro de mais de um metro de grossura, quanto mais de dois metros [de grossura] e quarenta metros de altura, de que faz menção o sr. D. Nascimento. Noutras árvores de madeira a decepção foi completa. Não vi uma árvore que, pelo seu porte, pudesse atrair minha atenção”.

Com esse breve relato, Mercer indica precisamente as condições que se repetem à beira do Parque Nacional do Iguaçu, precisamente onde a Rodovia BR-277 tangencia essa unidade de conservação, aproximadamente na região de Céu Azul. Ali, de fato, a situação aproxima-se muito mais da descrição por ele oferecida do que das indicações de Nascimento. Ocorre que aquela área trata-se de uma típica transição entre as florestas estacionais e a mata de araucária que, devido à pequena altitude, nos permite presenciar apenas indivíduos raquíticos e pouco desenvolvidos do pinheiro-do-paraná (*Araucaria angustifolia*).

Mais adiante, Toca Mercer – já em Encarnación – dá informações sobre a avifauna do local e, com efeito, o pronome possessivo utilizado serve-se para considerar a informação também como alusiva ao Paraná: *“Vêem-se os nossos caranchos, quero-queros, chopins amarelos do banhado e outras aves de nossa terra”* (Mercer, 1978:64). Notável indicação de três espécies da avifauna dos Campos

Gerais paranaenses, salientando-se a denominação genuinamente local “carancho”, privativa daquela região e referente ao falconídeo *Caracara plancus*, conhecido em outras regiões brasileiras pela alcunha de “carcará”.

Retornando a Tibagi em março de 1911, depois de quase um ano longe de casa, o inquieto explorador participa de nova empreitada, que iniciou-se já no início de maio. Precisava retomar o trajeto de Campo Mourão às barrancas do rio Paraná, para concluir os trabalhos de reconhecimento de uma estrada de ferro com destino às Sete Quedas. A viagem foi consumada em 1º de junho de 1912, depois de dois longos anos de exaustivo trabalho e grande sofrimento físico. Detalhes da expedição são narrados em entrevista concedida ao jornal curitibano “Diario da Tarde”⁷ pelos encarregados dos serviços: José de Barros Brotero e Jacob Schamber.

A partir de então, já residindo em Ponta Grossa, passou a se dedicar ao jornalismo, tendo se iniciado com uma das muitas crônicas publicadas em vários jornais de época sobre os chamados “bendegós” que, na linguagem da época, referiam-se a pessoas, geralmente ricas, que se apossavam das terras públicas formando gigantescos focos de exploração madeireira e invasões para estabelecimentos de propriedades rurais. Com seus artigos ferinos e críticos, Mercer expunha a sua ampla experiência nos sertões paranaenses tornando-se, então, um conservacionista notável, mas sem se esquecer de clamar pela devida proteção aos sertanejos e índios, já estabelecidos nestas terras e que eram expulsos pelos novos “proprietários”.

⁷ Diario da Tarde, edição de 20 de julho de 1912 (Ano 14, n° 4125: primeira página), sob título: “Estrada de ferro das Sete Quedas, os trabalhos de reconhecimento: uma entrevista do Diario da Tarde”. Nessa matéria, Mercer não é citado textualmente, embora seja mencionada a chamada “Estrada Mercer” (“...que vae do Rio Ivahy ao Rio Paraná”) em alusão ao seu pioneiro.

Essa virtude, por sinal, fôra notada e bem resumida no trecho de sua melhor biografia (Mercer, 1978:150-151):

“Era o servidor público honesto e zeloso do seu dever funcional, a prestar contas de suas atribuições; o paranista a clamar inutilmente e reiteradamente, nos seus relatórios anuais, aos ouvidos moucos dos desinteressados responsáveis pela coisa pública, contra a criminosa devastação das florestas do Paraná, pela colonização, preservação e educação do nosso caboclo; o homem inteligente e providente a alertar contra os males futuros à população, originados pela extinção das matas, o que de fato se deu; o cidadão que criticava os maus negócios do Governo, oferecendo-lhe fórmulas para solucioná-los”.

Em 1918, quando a gripe espanhola grassava pelos Campos Gerais, Mercer agora fôra contratado pelo fazendeiro Manuel Mendes de Camargo⁸ para liderar equipe de técnicos e sertanistas visando a criação de uma ligação entre a sua própria picada, aberta entre 1910 e 1912, e os chamados “campos de Vacaria” no sul do Mato Grosso do Sul⁹. Embora a viagem exploratória tenha ocorrido, o projeto, entretanto, acabou abortado por divergências entre o contratante e a opinião técnica de Mercer. Ocorre que este julgava inviável o ponto de passagem do rio Paraná, por ele sugerido o Porto Lescano em vez do Porto Xavier da Silva,

⁸ De onde vem o nome “Porto Camargo”, localidade visitada por vários coletores de espécimes ornitológicos e também de outros grupos biológicos.

⁹ Essa região, que não deve ser confundida com o homônimo sulriograndense, refere-se à área onde hoje está o município de Rio Brilhante (Mato Grosso do Sul, até 1912 denominado Vacaria), onde jesuítas deixaram um numeroso rebanho vacuum, encontrado por Gabriel Francisco Lopes nos meados do século XIX.

considerando que na margem contígua do Mato Grosso do Sul haviam “*extensos e intransponíveis brejais*”¹⁰. Muitas informações a esse respeito, embora nada ilustrativas no tocante à fauna, foram publicadas por Toca, no artigo “Odisséia de um expedicionário” (Mercer, 1920)¹¹.

Depois de sua passagem pelo noroeste paranaense, Toca foi contratado, agora no ano de 1921, para proceder o levantamento do rio Piquiri, chefiando um grupo de experientes mateiros. Dentre eles, estava o agrimensor-desenhista Coelho Júnior que, anos depois tornou-se também conhecido pelos feitos de sertanista e explorador, inclusive publicando o livro “Pelas selvas e rios do Paraná”. Prosseguindo com seu desígnio, Mercer trabalhou, ainda, em outras empreitadas de menor porte, dentre elas a liderança de um grupo de militares encarregados de destruir os últimos redutos da Revolução de 1924.

Outro momento importante de sua vida foi aquela que seria a “sua última entrada nos sertões do Paraná” (Mercer, 1978), iniciada em 1926 quando, com um grupo de sertanistas fez o levantamento topográfico do rio Ivaí. O fato mais destacado desta expedição, além da companhia que teve do seu velho amigo Coelho Júnior (*vide*), é a presença de um fotógrafo. Tratava-se do curitibano Alexandre

¹⁰ Vide opinião de Jaczewski sobre o porto Xavier da Silva em Straube (2016). Ocorre que Mercer, ao explorar essa região deparou-se com as quase intransponíveis várzeas formadas pelos inúmeros canais e interligações fluviais dos rios Amambai e Ivinhema concluindo que, “*por ali não há caminho para o Matto Grosso*” (Mercer, 1978:126), sugerindo um outro ponto para a conexão, no caso Porto Lescano (uns 15 km a jusante). Conhecendo razoavelmente essa região, hoje servida por uma estrada secundária não pavimentada que liga Batayporã a Porto São José, confirmo os dizeres de Mercer: trata-se de uma área difícil de ser percorrida, cuja vocação para a conservação da biodiversidade foi consolidada, em parte, pela criação do Parque Estadual das Várzeas do rio Ivinhema, nos municípios sulmatogrossenses de Taquarussu, Jateí e Naviraí.

¹¹ São dois textos, assinados em “Porto Camargo” em “dezembro de 1918” e foram publicados na primeira página das edições nº 268 e 269 (ano 34) do jornal “A Republica”, respectivamente de 10 e 11 de novembro de 1920; o artigo é fielmente transcrito em Mercer (1978:130-140).

Linzmeier que esforçou-se em obter flagrantes da viagem, montando um álbum fotográfico documentando a ocasião.



Aspectos do vale do rio Ivaí, durante a viagem de Mercer em 1926 (Fonte: blog de Wille Bathke Júnior)¹².

¹² URL: <http://wibajucm.blogspot.com.br/>; acessado em 8 de janeiro de 2016

O grupo partiu de Cândido de Abreu, último povoado habitado no sertão do Paraná, conhecido na época como porta do *hinterland* inóspito e selvagem. Ali mandaram construir canoas do tipo chalanas, de madeira de pinho as quais foram carregadas por carroças de boi ao rio Ubazinho. Seguindo pelo Ivaí, chegaram enfim ao destino, ou seja, a sua desembocadura no rio Paraná, que coincidia com o trecho final, em território paranaense, da mesma picada aberta por Toca nos anos 10¹³. Desse ponto, subiram pelo rio Paraná até Porto Eitácio, no estado de São Paulo para embarque na estrada de ferro e posterior retorno.

Infelizmente pouco foi produzido, no sentido escrito, sobre a interessante expedição, além dos textos de Mercer publicados em jornais de época que, não tratando do assunto particularizadamente, enfocavam sua experiência geral pela região norte e oeste do Paraná.

O resultado mais importante da viagem foram as fotografias de Linzmeyer, inconfundíveis pela legenda (“EXPEDIÇÃO NO RIO IVAHY PARANÁ”) escrita com cor branca e letras maiúsculas e que tinham também um acrônimo estilizado “AL”, com a respectiva numeração sequencial. Tratam-se de verdadeiras relíquias, até hoje conservadas por alguns colecionadores, que retrataram diversos momentos da viagem e de peças colecionadas durante ela. Algumas delas foram convertidas em cartões postais, vendidos no comércio curitibano; outras foram publicadas, a título ilustrativo, no jornal “Diário da Tarde” e no capítulo “*Far west Guarapuavano*” inserido no livro “Guarapuava” (Mercer *in*: ANÔNIMO, 1928); por fim, duas fotos colhidas no rio Ivinhema (Mato Grosso do Sul), aparecem no livro de Coelho-Júnior (1946).

¹³ Há menções em Jaczewski (1925: vide também Straube, 2016) sobre essa estrada, que ligava Porto Xavier da Silva a Campo Mourão e que, na época (janeiro de 1923), estava impraticável.

Tive acesso a pelo menos três cartões postais atribuíveis à viagem que se encontravam em poder do naturalista Guido Straube. São de fato interessantes os detalhes mostrados, inclusive algumas espécies que eram abatidas ou pescadas durante o percurso como, por exemplo, jacutingas (*Aburria jacutinga*), capivaras (*Hydrochaeris hydrochaeris*), jacarés-de-papo-amarelo (*Caiman latirostris*) e um grande jaú (*Zungaro zungaro*).

Depois dessa expedição, Mercer prosseguiu fazendo pequenas viagens para diversos locais do Paraná, ao mesmo tempo em que mantinha-se ativo na política e nas teorizações sobre os melhores projetos para o desenvolvimento da agricultura, pecuária, transportes e povoação do Paraná. Residindo agora em Ponta Grossa, passou a atuar também em Jaguariaíva e Castro, bem como outros locais adjacentes, em virtude de sua posse, em 1929, como deputado estadual.

Mercer teve uma trajetória genial, intercalando-se como notável expedicionário e, o mais importante, escrevendo textos sobre suas experiências. Sua participação no conhecimento de etnografia paranaense é também considerável. Foi, por exemplo, um dos que acompanharam Telêmaco Borba na denominação genérica (caingangues) dada aos macrojê do interior do Paraná, contrariando portanto os vários nomes¹⁴ (muitos deles simples alcunhas de grupos familiares) dados ao mesmo grupo linguístico pelo padre Chagas Lima. Sobre o assunto publicou um artigo denominado “*Algumas notas sobre os índios que habitaram e habitam o território paranaense*”¹⁵.

¹⁴ Dentre eles, coroados, guaianás, xocrens, caiurucrés, camés, voturões, dorins e muitos outros (vide Friedrich Sellow e padre Chagas Lima).

¹⁵ Subdividido em duas partes, ambas no jornal “Commercio do Paraná”, edições de 28 de março e de 4 de abril de 1925.



Cartões postais com fotos de Alexandre Linzmeyer, alusivos à viagem pelo rio Ivaí. “CAÇADA NO RIO IVAHY PARANÁ”; “BORBOLETAS NO RIO PARANÁ” (acima); e “CAÇADA RIO IVAHY PARANÁ”¹⁶, com fragmento da mesma foto destacado, mostrando uma jacutinga (*Aburria jacutinga*) abatida pelo grupo (Acervo: Guido Straube).

¹⁶ Esse mesma imagem é reproduzida na página 140 de Mercer (in: ANÔNIMO, 1928), com a legenda “Caçada de Jacarês a margem do Rio Ivaí”.

Simpatizante do socialismo, tornou-se colunista do jornal pontagrossense “Diário dos Campos”, assinando artigos de denúncia contra invasões de propriedades e o trabalho escravo praticado por grandes madeireiras locais, usando o pseudônimo de “Um paranaense” (Wille Bathke Júnior)¹⁷.

Ao fim da vida, Toca Mercer somava dezenas de artigos publicados sobre o Paraná¹⁸, os quais não tinham muitos detalhes de História Natural, quando muito de vegetação, mas eram valiosíssimos pelo conteúdo geográfico e pelo fato dele mesmo ter colhido as informações. Seu legado escrito formou uma base substancial para o desenvolvimento do interior do estado, graças ao aprofundamento das questões de economia e das múltiplas possibilidades para uso do solo, inclusive levando em consideração o elemento humano envolvido.

¹⁷ Informações colhidas do blog: <http://wibajucm.blogspot.com.br/2014/03/edmundualberto-mercer-e-campo-mourao.html>; acessado em 8 de janeiro de 2016.

¹⁸ Muitos desses artigos são transcritos literalmente na valiosa obra de Mercer (1978) e merecem leitura profunda por especialistas na história da economia e do desenvolvimento do interior do Paraná.

1910

WILLIAM KAYE

WILLIAM JAMES KAYE (n. 1875; f. 5 de maio de 1967) ¹⁹ foi um entomólogo radicado em Liverpool (Inglaterra) que se dedicou primariamente a colecionar lepidópteros, ficando bem conhecido por suas contribuições à entomofauna do Caribe (p.ex. Trinidad e Tobago e Jamaica). É autor de alguns táxons de borboletas bem como de pequenas obras publicadas entre 1899 e 1940, dentre elas “*A catalogue of the Lepidoptera Rhopalocera of Trinidad*”. Sua coleção, fundamentada em contribuições de vários coletores, além dele mesmo e seu irmão, encontra-se hoje no *McGuire Center for Lepidoptera and Biodiversity* (Gainesville, Flórida, EUA) (Cock & Robbins, 2016).

No início de fevereiro de 1910, ele visitou o Sudeste e Sul do Brasil em companhia do amigo Edward Dukinfield Jones e ambos passam a realizar colecionamento de insetos, especialmente borboletas (Kaye, 1911). Jones, cabe lembrar, era um engenheiro inglês que chegou ao Brasil em 1877 radican-do-se em Castro (Paraná). Como Kaye, também era diletante da entomologia e mantinha uma coleção particular de lepidópteros. Em 1894, Jones publicou um belo álbum denominado “*Views of the state of Parana*”, com pouco mais de oitenta fotografias retratando Castro e adjacências e que foram colhidas por ele mesmo quando de sua estada de onze anos naquela cidade.

¹⁹ C. G. M. de W. (1967).

Durante sua viagem, Kaye e Jones percorrem o Rio de Janeiro (Corcovado Guarujá) e dirigem-se a São Paulo (capital, Serra da Cantareira, Ribeirão Pires, Santos, Alto da Serra, Mogi das Cruzes). Em 7 de março tomam o trem rumo a Itararé onde prosseguem o trabalho por dois dias e seguem, então, para Castro²⁰. Em sua peregrinação, visitam as localidades de “Tibagy”, “Fazenda Boa Vista” (= “Guartela”, “Villa Velha”, “Ponta Grossa”, “Fernandes Pinheiro” (onde obtiveram uma foto da paisagem), “Iraty”, “União da Victoria”, “Porto Amazonas” .



Fernandes Pinheiro—a fine collecting locality.

Photo. by E. Dickinson Jones.

Adlard & Sons, Lond.

“Fernandes Pinheiro – a fine collecting locality” [Fernandes Pinheiro, uma boa localidade de coleta] (Fonte: Kaye, 1911).

²⁰ Ali se hospedam na residência do pastor George L. Bickerstaff que atuou como missionário da igreja Presbiteriana naquela cidade entre 1895 e 1913, pregando por todos os Campos Gerais do Paraná (inclusive Guarapuava) até o planalto catarinense (Herval, Xanxerê, Lajes).

O conteúdo do artigo de Kaye (1911) pouco traz de informação que possa ser aproveitada sobre avifauna. No entanto, a descrição dos pontos visitados é vívida e, embora resumida, bastante objetiva no que diz respeito aos locais, alguns detalhes de paisagem, certas plantas (p.ex. orquídeas e outras epífitas) e especialmente as espécies de borboletas encontradas. Em um momento, Kaye (1911:63) menciona o fenômeno da “ratada”, ou seja, proliferação descontrolada de roedores silvestres devido ao advento da frutificação das taquaras que, segundo ele, teria ocorrido em Fernandes Pinheiro e Irati em 1910 (*cf.* Straube, 2016:42, nota de rodapé).

Cronologia

- 1911** Fundação da Colônia Carambeí, mais importante passo para a colonização holandesa do Paraná.
- 1911** Romário Martins edita o *“Mappa do Estado do Paraná para servir ao estudo da questão de limites como estado de S^{ta}. Catharina, organizado sob consulta dos mais recentes dados officiaes...”*, que inclui extensa área hoje pertencente a Santa Catarina e adotando como limites o rio Marombas e a chamada Serra do Espigão.
- 1912** Lançamento do primeiro número da revista “Almanaque Agrícola Brasileiro”, depois conhecido como “Chácaras e Quintais”, com ênfase em agricultura e pecuária mas com diversos artigos sobre fauna e flora, vários deles assinados por Eurico Santos.
- 1912** É fundada a Universidade do Paraná, tendo como fundadores os professores Victor Ferreira do Amaral e Silva e Nilo Cairo e, originalmente como entidade particular. O projeto para a criação de um centro de excelência superior em Curitiba, iniciou-se já em 1892 com o lançamento da pedra fundamental da instituição por Rocha Pombo, em iniciativa que não pôde ser levada adiante em virtude da Revolução Federalista.
- 1912** Em Curitiba é criado o “Centro Paranaense de Letras”.
- 1912** Nascimento de Jesus Santiago Moure, o padre cientista, que se destacou na pesquisa de abelhas nativas brasileiras.
- 1912** Inicia-se a “Guerra do Contestado” (até 1916), confronto entre a população cabocla e as forças governistas (estaduais e

federais), em uma área rica em erva-mate e madeiras de lei, disputada pelos estados do Paraná e Santa Catarina. O conflito foi intensificado por seu caráter messiânico, sob a liderança do monge José Maria, chegado com as tropas de Gumerindo Saraiva durante a Revolução Federalista. A questão iniciou-se pelo descaso das autoridades com os agricultores locais, especialmente pelo pequeno empenho em regularizar as terras e pela forte interferência de empresas colonizadores e extrativistas estrangeiras.

- 1912** CHROSTOWSKI publica *“Kolekcya ornitológica ptaków paranskich”*, o primeiro artigo científico exclusivamente tratando das aves do Paraná. Aos resultados das coletas de NATTERER, o autor adiciona 53 novas espécies ainda não conhecidas para o Estado, agora com 218 no total. Na sua menção à avifauna paranaense, cita algumas localidades catarinenses, na época pertencentes ao Paraná.
- 1912** Nasce JEAN VALENTIN DOBIGNIES, zootecnista autodidata em Ornitologia que, por muitos anos trabalhou como acervo de aves do Museu Paranaense.
- 1912** Em dezembro, a senhora Eliza Kuhl Hughes doa um lote de 14 peles de mamíferos e objetos etnográficos procedentes do *“Parana”* ao *American Museum of Natural History*; essas amostras constam ter sido coletadas por *“native collectors”*.
- 1912** A “Secretaria de Obras Públicas e Colonização” publica o *“Mappa do Estado do Paraná”*, considerado oficial e mantendo a região do Contestado como pertencente ao Paraná.
- 1913** A convite do Marechal Rondon, o explorador e ex-presidente dos EUA, Theodor Roosevelt participa de uma viagem às nascentes do Rio da Dúvida, em Rondônia. Um ano depois publica a crônica de viagem: *“Through the Brazilian wilderness”*. Antes da expedição, ele visita o Paraná, percorrendo-o por via férrea.

- 1913** NESTOR VICTOR publica a obra “**A terra do futuro**”, esboço corológico do Paraná.
- 1913** Sob financiamento de Charles Hellmayr, CHROSTOWSKI retorna ao Paraná, permanecendo até o ano seguinte.

[1913]

NESTOR VICTOR

NESTOR VICTOR DOS SANTOS (Paranaguá, PR: 12 de abril de 1868; Rio de Janeiro, RJ: 13 de outubro de 1932) foi um escritor, autor de romances, ensaios, poesias e contos, bem como críticas literárias. Quase em sua maioria (1885), mudou-se para Curitiba e, logo em seguida para o Rio de Janeiro (1888), onde prosseguiu seus estudos, ali se estabelecendo definitivamente (Silveira, 2010).

No começo de sua carreira, colaborou com jornais locais e se destacou por suas ideias contrárias à monarquia e à escravidão. Foi um dos mais conhecidos escritores do Simbolismo por influência do escritor paranaense Emiliano David Pernetta (1866-1921). Depois, tornou-se amigo do poeta florianopolitano João da Cruz e Sousa (1861-1898), sobre quem publicou uma extensa biografia e resgatou a obra completa. Intelectual, era também professor e foi correspondente, em Paris, dos jornais “O País” e “Correio Paulistano”, bem como trabalhou também no consulado brasileiro e, autônomo, como tradutor. Em 1917 retornou ao Paraná e foi eleito deputado provincial por duas legislaturas quando, então, retornou à capital federal, tornando-se professor da Escola Superior de Comércio e do Liceu Francês, nas quais atuou até o seu falecimento (Nicolas, 1984; Carollo, 1991b).

Em maio de 1913, já com uma vasta produção literária, lançou a “Terra do futuro: (Impressões do

Paraná)”, uma obra que é considerada um clássico da literatura no Paraná e merecedor de inúmeras resenhas desde sua publicação. Esse livro começou com artigos publicados no *Jornal do Commercio* do Rio de Janeiro desde 1912, mas já no ano seguinte foi impresso sob a forma de compilação dessas anotações. Apesar de ser uma crônica descritiva de viagem, baseou-se não apenas na literatura e em entrevistas com estudiosos mas, especialmente, em impressões próprias colhidas durante uma viagem pelo estado natal²¹ realizada em 1912.

Mesmo superficial, Victor demonstra algum interesse pela natureza, embora sempre aludindo a exemplos genéricos e muitas vezes repetitivos. Em visita à sua terra natal, faz menção às aves que frequentavam a igreja velha de Paranaçu (Victor, 1888): “As *andorinhas*, as *aves nocturnas*, toda a passarinhada que vista de passagem aquela nesga de céu, vão fazer ninho ou pouso nas paredes da igreja”.

Nas primeiras crônicas publicadas no “Jornal do Commercio” do Rio de Janeiro (Victor, 1912a-m) ele é profundo nas descrições dos aspectos sociais, econômicos e das paisagens urbanas mas de uma grande superficialidade nas questões biológicas, as quais são eventuais e apontadas com raridade. Assim, exceto por algumas passagens geográficas, o livro não pode ser considerado uma corografia e sim, uma narrativa.

Dentre os escassos trechos em que menciona as aves, consta em Victor (1912c) uma indicação generalista: “*Nas matas e florestas de Guaratuba, riquíssimas em madeiras de construção e plantas medicinaes, encontram-se o jaguar, a paca, o veado etc. Além disso aves de caça e **passaros canoros** em abundancia*”.

²¹ Assim se assemelha, de certa forma, ao livro “Passeio à minha terra” de Salvador Coelho, publicado em 1850 (Straube, 2013).

Já para Curitiba (Victor, 1912i) é um pouco mais abrangente, apontando um cenário bucólico: “As *patativas*, os *tangarás*, os *pintasilgos*, os *quero-queros*, os *sabiás*, os *chopins* sonorizavam suavemente os caminhos; voejavam rasteiros ou pairavam tranquillos, em meio do campo, *codornas e perdizes*”. Para Castro (Victor, 1912m), menciona: “Os *quero-queros*, os *chopins*, as *patativas*, os *pintasilgos*, os *tico-ticos*, os *sabiás*, os *sanhaços*, a *araponga*, os *sangue-de-boi*, os *gaviões*, as *codornas e codornises* voejavam, pipilavam, gorgeavam em festa paradisíaca”.

Dessa forma, a obra – se avaliada do ponto de vista ornitológico – nada mais contribui além de algumas menções a aves comuns, bem conhecidas regionalmente e próprias de ambientes rurais ou urbanos. Não há também nenhum tipo de discriminação explícita sobre suas regiões de ocorrência, como se sabe existir em paisagens naturais tão distintas como o litoral e os planaltos.

THEODORE ROOSEVELT

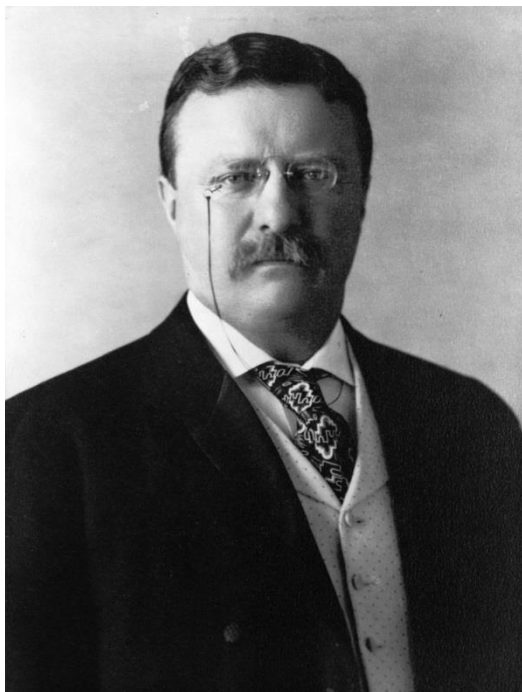
THEODORE ROOSEVELT (Nova York, EUA: 17 de outubro de 1858; Nova York, EUA: 6 de janeiro de 1919) foi o vigésimo-sexto presidente dos Estados Unidos da América, ficando também conhecido por seus múltiplos interesses, muitos dos quais conectados diretamente com a História do Brasil. Parlamentar, explorador, escritor de artigos técnicos e crônicas de viagens, além de caçador, pertencia a uma família de empresários e políticos de ascendência holandesa (originalmente Van Rosevelt)²².

Desde cedo ele tinha grande inclinação pela pesquisa de animais, um de seus *hobbies* favoritos e adquirido pelas leituras que fazia quando criança, período em que se obrigou a permanecer acamado, em decorrência de uma debilitante bronquite asmática. Foi justamente nessa época que interessou-se em especial pela Zoologia, tendo, junto a seus primos, criado um singelo “*Roosevelt Museum of Natural History*”. Em seguida, aprendeu rudimentos de taxidermia e de técnicas de coleta e conservação de animais e, aos

²² Aqui baseio-me em artigo já publicado (Straube, 2011c), considerando que o interesse alude à presença de Roosevelt no leste do Brasil e particularmente à sua breve estada no Paraná, aspecto normalmente subestimado nas obras históricas. Há abundante material sobre ele, que pode ser encontrado não somente em sua autobiografia (Roosevelt, 1913) mas em toda a literatura lançada nos EUA, onde se tornou personalidade das mais veneradas e reconhecidas, tendo inclusive recebido o Prêmio Nobel da Paz em 1906. Assim, sugiro a consulta a fontes como os *sites* da Casa Branca (<http://www.whitehouse.gov>), na Biblioteca do Congresso dos EUA (constam mais de 150.000 cartas e discursos de sua autoria), na Universidade de Harvard (onde estão seus diários, em um memorial especialmente criado para esse fim) e do Prêmio Nobel (<http://nobelprize.org>).

poucos, foi ampliando seu pequeno acervo, com espécimes por ele mesmo colecionados e preparados.

Nascido em um distrito de Nova York, era uma criança hiperativa e, segundo ele mesmo conta, sentia-se nervoso e aflito com a necessidade de permanecer recluso em virtude da doença. Em compensação, se distraía com seu pequeno museu e, ainda, lendo obras de variadas temáticas ligadas às ciências biológicas. Em certa ocasião, com apenas nove anos de idade, chegou a produzir um estudo relatando suas observações entomológicas, dando-lhe o título de “*The natural history of the insects*” e que seria seu batismo nas ciências naturais.



Theodore Roosevelt, fotografado *circa* de 1902 (Fonte: www.wikipedia.org).

A parte de seu curso de vida que se relaciona mais fortemente com a História Natural data de 1909, portanto logo após ter concluído seu mandato como presidente dos EUA. Nesse ano, Roosevelt decidiu fazer uma longa viagem pela África cujo intuito, além do safari, era obter espécimes de grande porte para o *Smithsonian Institution* (Washington, D.C.) e *American Museum of Natural History* (Nova York). Embora seu interesse como caçador fosse explícito²³, ele voltou da viagem, após oito meses, com quase 11.400 espécimes, dentre elefantes, hipopótamos, rinocerontes e até mesmo pequenos organismos como insetos e aracnídeos, em grande parte endereçados às duas grandes instituições científicas estadunidenses; esse material, colecionado sob sua coordenação, foi obtido pelos naturalistas da expedição: Edgard A. Mearns, Edmund Heller e J. Alden Loring. Sua saga foi relatada no livro “*African Game Trails*”, lançado em 1910, onde relata com maiores detalhes, suas observações sobre o povo e, especialmente fauna e flora das regiões visitadas.

Foi assim que, já conhecedor das vastas extensões africanas nos atuais Quênia, República Democrática do Congo e Sudão, Theodore decide agora se empenhar para a preparação de outra viagem, agora em terras sulamericanas, continente que por ele já fôra visitado anteriormente, porém, com outros propósitos mais amenos.

Os anos de 1913 e 1914 para Roosevelt, segundo a maior parte dos historiadores brasileiros, costumam ser associados à chamada “Expedição Roosevelt-Rondon”²⁴ e, particularmente, à exploração do “Rio da Dúvida” (depois denominado rio Roosevelt), ponto alto de sua passagem pelo País. Esse tema foi vastamente divulgado pela imprensa

²³ Vide Fernandes-Ferreira (2014).

²⁴ Assim denominada por razões discutíveis, eventualmente também “Rondon-Roosevelt”; para as ciências naturais, deveria ser chamada de “Expedição Cherrie-Miller”.

contemporânea (Diacon, 2006) e por dezenas de obras e artigos técnicos e de divulgação, destacando-se também uma sua palestra na sede da *National Geographic Society*, com a audiência de cerca de quatro mil pessoas, segundo a edição de 27 de maio de 1914 do *New York Times*. Mais recentemente, foi publicado um estudo cuidadoso de Candice Millard (2007) no livro (Título traduzido do original “*The river of Doubt*”) “O Rio da Dúvida: a sombria (*sic*) viagem de Theodore Roosevelt e Rondon pela Amazônia” (ver também Millard, 2006).

Originalmente, Roosevelt tinha sido convidado pelo Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro para proferir uma palestra, o que aceitou imeditamente: “*Não pôde igualmente este relatorio esquecer o convite dirigido pelo emerito presidente do Instituto ao sr. Theodoro Roosevelt, que dentro em breves dias será recebido nesta casa com as homenagens que lhe são devidas*” (IHGB, 1914:657). Para a ocasião, o governo da Argentina também manifestou interesse em ter a visita do ilustre governante. Desta forma, parecia mais ou menos “costurada” a viagem, que iniciaria com estadas protocolares curtas nas importantes cidades do cone-sul: Rio de Janeiro, Santos e Porto Alegre no Brasil, Montevideú (Uruguai), Buenos Aires e Tucumán (Argentina), além de Valdivia e Santiago (Chile).

Só que ele planejava realizar uma viagem diferente daquelas que costumeiramente se fazia para turismo e negócios internacionais. Em vez de seguir pela costa brasileira, visitando as cidades portuárias, o intuito era adentrar o interior pelo Planalto Central até atingir o rio Amazonas, que o levaria a Belém para regresso. Para isso seria necessário incluir também Assunção (Paraguai), o rio Paraguai, leste do Mato Grosso do Sul (de Porto Murtinho a Corumbá) e as porções amazônicas dos estados brasileiros do Mato Grosso, Rondônia, Amazonas e Pará.

Segundo seu amigo e também participante da viagem, o padre JOHN AUGUSTINE ZAHM (New Lexington, Ohio, EUA: 14 de junho de 1851; Munique, Alemanha: 10 de novembro de 1921), a finalidade de ambos era explícita: “*When Colonel Roosevelt and I decided to go together to South America we agreed that we should, as far as possible, shun the beaten track usually followed by tourists and commercial travelers*”²⁵ (Zahm, 1916:103)²⁶. Com isso, apesar do caráter oficial, a viagem também teria um outro componente que suprisse seus desejos de exploração e permitisse a prática de seu maior *hobby*, a caça de animais de interesse cinegético²⁷.

Previdente, Roosevelt não poderia lançar mão de uma aventura perigosa e sem nenhuma logística. Ao mesmo tempo, não queria desperdiçar a rara oportunidade de colher espécimes para estudos em regiões ermas e inóspitas, tal como o fez na África.

Em junho de 1913, reuniu-se com Frank Chapman, curador de Ornitologia do *American Museum of Natural History*, com o propósito de sugerir um esforço conjunto entre ele e o grande museu. O resultado foi a adesão de dois dos mais gabaritados naturalistas vinculados à instituição: George Kruk Cherrie (1865-1948) e Leo Edward Miller (1887-1952), especializados em coleta e preparação de aves e mamíferos, respectivamente. Também acabou incluído, como dito, o seu amigo, o padre Zahm, que ficara conhecido pelas peregrinações (e livros publicados) aos Andes e

²⁵ “Quando o coronel Roosevelt e eu decidimos ir juntos para a América do Sul, concordamos que deveríamos, tanto quanto possível, evitar a trilha já ‘batida’ que era geralmente seguida por turistas e viajantes comerciais”.

²⁶ Nessa crônica de viagem, Zahm (1916) aborda o Paraná pouco além das descrições da prática pecuária, introdução de novas raças e outros detalhes de interesse muito particular. Um fragmento consideravelmente longo, refere-se à erva-mate e sua importância extrativista e econômica, o que merece destaque em sua obra, bem como uma análise da imigração europeia, especialmente alemã.

²⁷ Roosevelt, aos 55 anos de idade, afirmava que aquela seria “*My last chance to be a boy*” (“Minha última chance de ser um menino”).

Amazônia. O grande companheiro, seu filho Kermit Roosevelt, explorador e engenheiro militar, também se uniu ao grupo, participando diretamente das atividades de viagem e colhendo fotografias. Ele residia em Piraju, no interior de São Paulo, onde atuava como supervisor de vários projetos da Companhia de Ferro Anglo-Brasileira, um deles para a construção de uma ponte por onde passaria um bonde naquela cidade. No momento da inauguração da obra (outubro de 1913) é que Kermit recebera a visita do pai, seguindo juntos a partir dali.

Em seguida, aderiram Anthony Fiala (1869-1950), explorador do Ártico, encarregado da organização das bagagens e equipamentos, também o secretário pessoal de Roosevelt, além de Frank Harper e Jacob Sigg, militar experiente, escalado como cozinheiro e enfermeiro.

Além da formação de um grupo gabaritado, a presença de Roosevelt no Brasil foi antecedida por diversas negociações, tanto no âmbito político, quanto logístico. O convite do IHGB avivou o interesse do governo brasileiro de coparticipar de uma expedição de grande vulto. Afinal, o Instituto se colocava há muitos anos como entidade de máxima confiabilidade, por suas inúmeras intervenções diretamente aproveitadas pelo governo brasileiro, desde o tempo do Império.

Em outubro de 1913, ao ser informado dos objetivos do ex-presidente, o então ministro de relações exteriores Lauro Müller atribui ao coronel Rondon (que se encontrava em plenos trabalhos de coordenação das linhas telegráficas do noroeste do Brasil) a missão de acompanhá-lo. Ao ser convocado, Rondon sugeriu que o grupo explorasse um dos sistemas fluviais brasileiros cujo percurso era ainda desconhecido do ponto de vista geográfico, o então chamado “Rio da Dúvida”, um afluente do rio Madeira. No

relatório de Müller para o ano de 1914, assim ele se refere à visita:

“O Sr. Coronel Theodoro Roosevelt, ex-presidente dos Estados Unidos da América, havia recebido convite especial do Instituto Histórico e Geographico Brasileiro, para vir ao Brasil fazer uma Conferência no Rio de Janeiro, na séde da mesma associação; e, tendo accedido a esse convite, a que o Governo e o Povo brasileiros com satisfação se associaram, resolveu aproveitar essa oportunidade para visitar algumas das nossas cidades e também percorrer o nosso extenso e grandioso sertão.

Por duas vezes o illustre estadista norte-americano nos deu a honra de sua presença, como hospede da Nação Brasileira. Da primeira esteve alguns dias nesta Capital e nas cidades de Petropolis, São Paulo, Santos e Porto Alegre. Deixou depois o nosso territorio, seguindo para o Sul, em visita ás Repúblicas do Rio da Prata. Da segunda vez, tornando ao Brasil emprehendeu uma longa e profícua excursão pelo nosso sertão, de Sul a Norte, atravez dos Estados de Matto-Grosso e do Amazonas, a qual conseguiu completar com a maior felicidade. [...] Em toda essa excursão foi o illustre viajante acompanhado pelo Sr. Coronel Rondon, que dirigiu a expedição brasileira com toda a pericia e com a maior dedicação” (Müller, 1914:8).



Theodore Roosevelt e o coronel Rondon, flagrados por Kermit Roosevelt (Fonte: AMN 1914b); à direita, ele (canto da direita, sentado em uma cadeira) junto à equipe, durante a Expedição Roosevelt-Rondon (Fonte: www.wikipedia.org).

Bem da verdade, outros integrantes, todos brasileiros, estavam também no grupo definido por Rondon, com a atribuição de coletar material para o Museu Nacional²⁸ ou de alguma forma participando da logística e obtenção de dados geográficos. Eram eles estavam o botânico Frederico Carlos Hoehne e os preparadores Arnaldo Black de Sant'anna e Henrique Reinisch (ambos escalados pelo zoólogo Alípio de Miranda Ribeiro, que não pôde acompanhá-los na viagem). Também seguiam o geólogo Euzébio Paulo de Oliveira, os médicos Fernando Soledade (para capturar insetos e outros animais de interesse na saúde pública) e Antônio José Cajazeira, além do desenhista e fotógrafo Thomaz Reis (Sá *et al.*, 2008). Dos oficiais selecionados por Rondon, participaram o capitão Amílcar Armando Botelho de Magalhães e os tenentes João Salustiano Lira e Júlio Caetano Horta Barbosa (Viveiros, 1969). Junto ao grupo que daria suporte logístico para a expedição constava a presença, ainda, do tenente Antônio

²⁸ Uma excelente revisão do itinerário e da contribuição da Expedição Roosevelt-Rondon foi publicada por Vasconcelos *et al.* (2014).

Pyrineus de Sousa, do médico Espiridião Gabino e do taxidermista Emil Stolle.

Em sua palestra na *National Geographic Society*, Roosevelt declarou a sua situação (*The New York Times*, edição de 27 de maio de 1914):

“The expedition, as I have said, was not undertaken in pursuance of any plan or idea formed here in this country. It was undertaken at the suggestion of Mauro Müller on behalf of the Brazilian Government in Rio. I feel very grateful to him, to the Brazilian associates for having given me the chance to take part in exploring the upper course of and putting on the map an unknown river of the size of the Rhine or the Elbe, a chance that from now on, in the present state of the world’s geography can come to only a limited number of men”.

“A expedição, como eu disse, não foi realizada em cumprimento a qualquer plano ou ideia formada aqui neste País. Essa ação foi levada a efeito por sugestão de Lauro Müller, em nome do governo brasileiro no Rio [de Janeiro]. Sinto-me muito grato a ele, pelos intercâmbios brasileiros que me deram a oportunidade de participar da exploração do curso superior e colocar no mapa um rio desconhecido do tamanho do Reno ou do Elba, uma possibilidade que, no atual estado da geografia mundial, poderia ser disponível apenas a um número limitado e homens”.

Na sua primeira parte da viagem, Roosevelt viajou por seis semanas pelo Sudeste e Sul do Brasil, Uruguai, Argentina e Chile, a fim de cumprir os seus compromissos de palestrante. Já no Rio de Janeiro separou-se do restante do grupo, que seguiu por mar até a capital da Argentina e, dali pelos rios Paraná e Paraguai até Porto Murtinho, para aguardá-lo ao mesmo tempo em que já iniciava o trabalho de colecionamento.

Com já dito, essa primeira parte da viagem foi apenas protocolar, como cumprimento às palestras que teria de proferir antes de rumar para o “Matto-Grosso”. Isso é

claramente mencionado por ele (Roosevelt, 1915): “*I, of course, jumped at the chance and undertook to start on the expedition as soon as I had made certain addresses in Southern Brazil, in the Argentine and Chile*”²⁹.

Do Rio de Janeiro, ele – acompanhado apenas do padre Zahm – seguiu pelas ferrovias da *Brazil Railroad Company* que, na época, eram quase que recém-inauguradas. Sobre a rota seguida, Zahm (1914:104) assim se manifesta:

“The usual route from Rio de Janeiro to Montevideo is by sea. We elected to go overland by rail, as we were eager to get a view of the splendid grazing and agricultural lands between Sao Paulo and Uruguay. For years before our visit, certain sections of the railroad between these two points had been in operation, but the line as a whole — now known as the Brazil Railroad—was not opened for traffic until the latter part of 1910. Even then it was far from complete, for trains were running over temporary bridges and roadbeds that were far from safe. Regular through passenger traffic was not seriously inaugurated until a few months before our arrival in Brazil. Indeed, so recent had been the formal opening of the line, and so little was known about it, that when I told certain Brazilian officials and business men in New York of our intention of going

”A rota usual do Rio de Janeiro para Montevideú é por via marítima. Nós preferimos ir por terra (via férrea), visto que estávamos ansiosos para obter uma vista das esplêndidas regiões de pastagens e terras agrícolas, entre São Paulo e no Uruguai. Durante anos antes da nossa visita, alguns trechos da estrada de ferro entre esses dois pontos já estava em operação, mas a linha como um todo - hoje conhecida como a Brazil Railroad - não foi aberta ao tráfego até o final de 1910. Mesmo assim, estava longe de ser completa, com os trens correndo sobre pontes temporárias e trilhos que estavam longes de ser seguros. De fato, o tráfego regular de passageiros não foi realmente inaugurado até poucos meses antes de nossa chegada no Brasil. Na verdade, tão recente havia sido a inauguração oficial da linha, e tão pouco se sabia sobre isso, que quando eu disse a alguns oficiais

²⁹ “Eu, é claro, aproveitei a chance e me comprometi a iniciar a expedição, tão logo tivesse cumprido alguns compromissos no sul do Brasil Argentina e Chile”.

from Rio de Janeiro to Montevideo by rail, they told me at once it could not be done. 'The road is not yet open,' they said, "and we have no idea when it will be.' Truth to tell, only two special trains had passed over this long stretch of road before we started on our long journey from the capital of Brazil to the capital of Uruguay".

brasileiros e homens de negócios em Nova York, de nossa intenção de ir do Rio de Janeiro para Montevideu por via férrea, eles disseram me de uma só vez o trajeto não poderia ser feito. 'O caminho não está ainda em funcionamento', eles disseram, 'e não temos ideia de quando estará'. Para dizer a verdade, apenas dois trens especiais passaram durante este longo trecho de estrada antes de começarmos em nossa longa jornada da capital do Brasil para a do Uruguai”.

Zahm (1916) também se refere a algumas facilidades postas à disposição para o trajeto:

“Thanks to the courtesy of Mr. Farquhar, President of the Brazil Railway, a special train was placed at our disposal, and we were able to make the long journey to Montevideo with every convenience and comfort”.

“Graças à cortesia do sr. Farquhar, presidente da *Brazil Railway*, um trem especial foi colocado à nossa disposição e nós pudemos fazer a longa viagem para Montevideu com todo o conforto e comodidade.

Aludia ao empresário Percival Farquhar (1864-1953), cujas conexões com a História do Brasil são constantes e célebres (Gauld, 1964) e a quem coube, por exemplo, encargos como a construção das ferrovias Madeira-Mamoré e a ampliação da “Companhia de Estrada de Ferro São Paulo-Rio Grande” (EFSPRG). Além delas, o poderoso empreendedor comandou quase quatro dezenas de empresas e suas ramificações, incluindo a hoteleira *Gran Hôtel de la Plage*, a pecuarista *Brazil Land, Cattle &*

Packing Company, a extrativista *Southern Brazil Lumber and Colonization*, a ferroviária *Sorocabana Railway Company*, a mineradora *Itabira Mining Company*, e grupos do setor energético como a *Amazon Steamship Line* e a *Brazilian Light and Power* além de muitas outras (Morais 1994).

De uma forma geral, a *Brazil Railroad* visava ao escoamento de matérias-primas (madeiras de lei, erva-mate, gado) dos então rincões sulinos para as regiões mais povoadas (e que possuíam portos) do Sudeste. Era um projeto antigo (“Ferrovia do Contestado”), planejado por João Teixeira Soares desde 1887 e que pretendia criar um eixo de ligação entre o Rio de Janeiro e o sul do Brasil com a Argentina e Uruguai.

Essa dita “intromissão estrangeira” no desenvolvimento econômico brasileiro, que acompanhou diversas arbitrariedades (por exemplo, favorecimentos governamentais, manipulação de taxas de juros, formação de trustes etc.) foi, por assim dizer, um dos motivos que levou à Revolta do Contestado, uma das razões que levaram a sucessivas concordatas (em 1914) do império de Farquhar. Sua falência completa ocorreu logo após a Revolução de 1930, com o surgimento do Estado Novo.

De antemão cabe recordar que, no Paraná do fim de 1913, prosseguia a “Revolta do Contestado” (que se estendeu até 1916), um confronto entre a população cabocla e as forças governistas (estaduais e federais), em uma área rica em erva-mate e madeiras de lei, disputada pelos estados do Paraná e Santa Catarina. O conflito foi intensificado por seu caráter messiânico, sob a liderança do monge José Maria e teria se iniciado pela revolta de agricultores locais com o pequeno empenho em regularizar as posses de terras, bem como pela forte interferência de empresas colonizadoras e extrativistas estrangeiras.

Por outro lado, iniciava-se no Estado uma nova fase do ponto de vista acadêmico e cultural. Um ano antes, ocorrera a fundação da Universidade do Paraná, pela iniciativa dos professores Victor Ferreira do Amaral e Silva e Nilo Cairo e originalmente como entidade particular. Tratava-se de um momento especial no cenário paranaense, uma vez que o projeto para a criação de um centro de excelência superior em Curitiba iniciara já em 1892 com o lançamento da pedra fundamental da instituição por Rocha Pombo, mas acabou se arrastando por uma década em virtude das consequências da Revolução Federalista. Sob esse prisma, foi também em 1912 que ocorreu a fundação do Centro de Letras do Paraná que, junto ao Instituto Histórico e Geográfico do Paraná (na época já com 12 anos de existência), formava uma importante dupla de instituições de excelência técnico-científica e cultural na capital paranaense.

Depois de sua passagem pelo Sudeste, Roosevelt e Zahm (agora também Kermit) seguem rumo ao sul e é aqui que se enquadra a sua breve e pouco documentada permanência no Estado do Paraná. A edição de março de 1914 do *Bulletin of the Panamerican Union* (BPAU 1914) inclui o seguinte noticiário, baseado em anotações de Roosevelt:

“From Sao Paulo the journey was continued southward to the Uruguayan frontier by train on the Brazil Railway, a stop being made at Morungava in the State of Parana to enable the party to take a 20-mile horseback ride to visit the great ranch of the Brazil Land, Cattle & Packing Co. In commenting on this rich section

“De São Paulo a viagem prosseguiu para o sul da fronteira uruguaia de trem na Brazil Railway, com uma parada em Morungava, no Estado do Paraná, visando à preparação para um passeio de 20 milhas a cavalo a fim de visitar a grande fazenda da Brazil Land Cattle & Packing Company. Comentando sobre essa rica região do Brasil, o

of Brazil the distinguished author writes:

'Portions of temperate Brazil are open prairie, portions are forest. The climate is never very hot, nor is there ever severe cold. The colonists with whom I conversed had not found the insects specially troublesome: not much more, and in places rather less, troublesome than in Louisiana and Texas. The general effect in the forest country, while of course the species of plants are entirely different, reminds the observer of the Louisiana and Mississippi canebrake lands and the country along the Nueces. The activities of the settlers in the open country are substantially those with which I was familiar 30 years ago in the cattle country of the West. In the forests one is reminded more of early days on the Ohio, the Yazoo, and the Red River of the South. Certainly this is a country with a wonderful future. It offers fine opportunities for settlers who desire with the labor of their own hands to make homes for themselves and their children, and there are good openings for business men of the right type'."

distinto autor escreve:

‘Parte do Brasil temperado são campos abertos, outra parte são florestas. O clima nunca é muito quente, nem há frio severo. Os colonos, com quem eu conversei não tinha considerado que os insetos fossem algo especialmente problemático: era algo não muito mais problemático e, comparando com alguns locais como a Louisiana e o Texas, era questão menor. A sensação geral em uma região florestada, ao mesmo tempo em que as espécies de plantas são totalmente diferentes, relembra ao observador os bambuzais da Luisiana e Mississippi e as porções que acompanham o [Rio] Nueces. As atividades dos colonos em campo aberto são substancialmente as mesmas com as quais eu estava acostumado há 30 anos na região pecuarista do Oeste [dos EUA]. Nas florestas, lembramos mais dos velhos tempos em Ohio, o Yazoo, e o Red River do Sul [dos EUA]. Certamente essa é uma região com um futuro maravilhoso. Oferece grandes oportunidades para os colonos que desejam construir lares para si e seus filhos com o trabalho de suas próprias mãos e há boas oportunidades para os homens de negócios do tipo certo’.”

Essa localidade histórica³⁰, situada no município de Sengés (Paraná), perto da divisa com São Paulo, já havia sido visitada, no Século XIX, por Auguste de Saint-Hilaire, além de Dominick Sochor (Expedição Natterer) (Straube, 2012) e, posteriormente, acolheu William Cameron Forbes e Emmet Reid Blake.

Sobre a chegada no Paraná, a interpretação que faço é que, após passarem por Itararé (São Paulo), ele com seu filho Kermit e o padre Zahm desembarcaram na estação ferroviária de Sengés (inaugurada em 1908), de onde seguiram para a residência do gerente “*about a mile from the railway*”, ou seja, “a cerca de 1,6 quilômetros da ferrovia” (Roosevelt, 1916:112-116):

“In the open prairie country of the state of Parana we stopped at Morungava to visit the ranch of the Brazil Land, Cattle, and Packing Company. Our host, the head of this company, Murdo Mackenzie, for many years one of the best-known cattlemen in our own Western cow country, was an old friend of mine. During my term as President he was, on the whole, the most influential of the Western cattlegrowers. He was a leader of the far-seeing and enlightened element. He was a most powerful supporter of the government in the fight for the conservation of our natural resources, for the utilization without waste of our forests and pastures, for honest treatment of everybody, and for the shaping of governmental policy primarily in

“Nas áreas campestres do Estado do Paraná, paramos em Morungaba para visitar a fazenda da Brazil Land, Cattle, & Packing Company. Nosso anfitrião, gerente da companhia, Murdo Mackenzie, durante muitos anos foi um dos pecuaristas mais conhecidos em nosso Oeste e era um velho amigo meu. Durante meu mandato como Presidente [dos EUA], ele foi o mais influente criador de bovinos dessa região. Era um líder de visão distante e iluminada. Foi um defensor poderoso do governo na luta para a preservação dos nossos recursos naturais, pensando, sem desperdício de nossas florestas e campos, na utilização racional e honesta de todos, bem como para a definição de políticas governamentais dedicadas em especial ao interesse do pequeno

³⁰ Será mais detalhadamente descrita em volume subsequente, sob Emmet R. Blake.

the interest of the small settler, the home-maker”.

colono pai-de-família.

Ele se referia ao empresário e pecuarista escocês Murdo Mackenzie (1850-1939)³¹ que, em 1911, comendava a recém-fundada *Brazil Land Cattle and Packing Company* de Farquhar (Wentworth, 1952). Sobre a chegada Roosevelt (1916) relata:

“We rode first to Mackenzie's home ranch, about a mile from the railway, and then to an outlying set of ranch buildings ten miles off. At the home ranch were the American foreman and his American wife and their children. The buildings and the food and the whole life were typical of all that was best in the oldtime “Far West,” in the days when I knew it as a cattle country. We were given a most delicious and purely American lunch, including all the fresh milk we could drink; and the foreman himself piloted us over the immense stretches of rolling country, and in every action showed himself the born cattleman, the born and trained stockman. Half of the employees were men from the Western ranches, from Montana, Colorado, Texas, or elsewhere; and they and the stock and the vast, pleasant,

“Nós nos dirigimos primeiramente à casa de Mackenzie na fazenda, situada a cerca de uma milha da ferrovia e, em seguida, fizemos uma visita ao redor da sede, dez milhas dali. Na sede estavam o capataz americano, sua esposa também americana e seus filhos. As construções, a comida e, enfim, a rotina toda, eram típicos daquilo que havia de melhor no “Far West” de antigamente, na época em que eu o conhecia como uma terra de pecuária. Ofereceram-nos um delicioso almoço tipicamente americano, incluindo todo o leite fresco que pudemos beber; em seguida, o capataz nos conduziu pelas vastas terras daquela imensa região e, em todas as situações mostrou-se um vaqueiro nascido e treinado para aquele afazer. Metade dos funcionários da fazenda era composta por homens das fazendas do oeste dos EUA, de

³¹ Inicialmente Mackenzie trabalhou no setor jurídico do *British Linen Bank*, emigrando para os EUA em 1885, onde se tornou gerente da *Prairie Land and Cattle Company*, com sede em Trinidad (estado do Colorado). Ali, logo depois se elegeu prefeito e – em seguida – administrador da *Matador Land and Cattle Company*. Em 1908 foi empossado, por ordem do próprio Roosevelt, na *National Conservation Commission*, consórcio encarregado de compilar o inventário dos recursos naturais dos EUA.

open-air country were enough to make any man feel at home who had ever lived in the West. The children round the ranch-house were already speaking fluent Portuguese! There were Indians in the neighborhood; but we saw none, for they are very shy and dwell in the timber. Although nominally Christian, and somewhat under the influence of the priests, they are otherwise entirely outside of governmental control. At first Mackenzie's cattle were sometimes killed by the wild, furtive creatures ; but he stopped this by a mixture of firmness and fair treatment”.

Montana, Colorado, Texas e de outras regiões. E eles, o rebanho e os vastos e agradáveis terrenos abertos eram suficientes para fazer se sentir em casa qualquer homem que já tenha morado no Oeste. As crianças, ao redor da casa da fazenda, já falavam fluentemente o português! Havia índios na vizinhança, mas não vimos nenhum, pois eles são muito tímidos e vivem nas matas. Esses, embora assumidamente cristãos e sob pequena influência dos sacerdotes, encontram-se totalmente fora do controle do governo. Inicialmente, o gado de Mackenzie era eventualmente morto pelos selvagens mas, essa ação terminou quando proporcionou-lhes uma mistura de firmeza com tratamento justo.

Logo após a recepção, decide ir a um “*outlying set of ranch buildings ten miles off*”³², o que se trata de uma visita a outras instalações que existiam no perímetro da imensa propriedade³³. É nesse momento que colhe variadas impressões sobre as condições da região, com ênfase no potencial exploratório e para a pecuária (Roosevelt, 1916; Straube, 2011c). Sobre a fauna não se aprofunda, mas alguns fragmentos da sua crônica são importantes:

“In one place we saw a small prairie deer, and in galloping we had to keep a lookout for

“Em certo lugar vimos um pequeno veado campestre e, ao galopar, tínhamos de ficar atentos

³² “Um conjunto afastado de instalações, distante 30 milhas [cerca de 33 quilômetros]”.

³³ A localidade será melhor descrita no capítulo sobre Emmet Blake.

armadillo burrows, just as we keep a lookout for prairie-dog holes in the West. The birds were strange and interesting, some of them with beautiful voices. Out on the plains were screamers, noisy birds, as big as African bustards. One sparrow sang loudly, at midday, round the corrals where we dismounted for lunch. He was a confiding, pretty little fellow, with head markings somewhat like those of our white-crowned and white-throated sparrows. He sang better than the former, and not as well as the latter. ”

aos buracos de tatus, da mesma maneira que ficamos atentos aos buracos dos *prairie-dogs* no Oeste. As aves eram estranhas e interessantes, algumas delas com belos cantos. Pelos terrenos planos, haviam gritadoras, aves barulhentas, tais como as *African bustards*. Um sparrow cantou alto, ao meio-dia, ao redor dos currais onde apeáramos para o almoço. Ele era um pequeno camarada, belo e confiado, com marcas na cabeça, algo parecido com os nossos *white-crowned* e *white-throated sparrows*. Cantava melhor que o primeiro, mas não tão bem quanto o último.

O veado mencionado poderia ser um veado-campeiro (*Ozotocerus bezoarticus*). Embora a menção ao pequeno tamanho, a princípio, não condiga propriamente com a da espécie, ela faz sentido se considerarmos que Roosevelt era afeito à caça de grande porte e sobre a qual publicou inclusive um livro (Roosevelt *et al.*, 1903). Tatus, cujas tocas foram comparadas com as dos cães-da-pradaria (*prairie dogs*, cinco espécies do gênero *Cynomys*) poderiam ser o tatu-galinha (*Dasypus novemcinctus*) que é comum naquela região.

Enquanto pairam dúvidas quanto à identidade dos mamíferos, sobre a avifauna as respectivas identificações são perfeitamente confiáveis. As tais aves barulhentas, semelhantes aos *bustards* africanos ³⁴, eram seriemas (*Cariama cristata*), elemento típico daquela região paranaense onde são perceptíveis justamente pelo canto, alto

³⁴ O *Kori Bustard* (*Ardeotis kori*, da família Otidae), a maior ave voadora da África.

e forte, ouvido a grandes distâncias. Por sua vez, os *sparrows* são, sem sombra de dúvida, tico-ticos (*Zonotrichia capensis*), graças à comparação com os representantes neárticos³⁵.

Com relação às seriemas, é interessante notar que se trata da primeira indicação confiável dessa espécie no Paraná³⁶; a região onde foi observada, sabidamente com inúmeras manchas de cerrado, concorda plenamente com o que se conhece sobre sua área de ocorrência original no Estado, onde, aliás, é relativamente comum.

Depois de Morungaba, Roosevelt seguiu pela *Brazil Railroad* (ou Ferrovia São Paulo-Rio Grande que havia sido comprada por Farquhar em 1906), por meio da linha Itararé-Uruguaí. Passa por Jaguariaíva, Piraí do Sul, Castro, Ponta Grossa, Fernandes Pinheiro, Irati, Mallet e, logo após cruzar o rio Iguaçu, atinge enfim a estação de Engenheiro de Mello, no atual município de Porto União (Santa Catarina) (Giesbrecht, 2010).

Com relação a essa passagem pelo que atualmente são as cidades irmãs de União da Vitória (Paraná) e Porto União (Santa Catarina) e particularmente no livro “Lembrança do trem de ferro” de Pietro Bardi (1983), há a reprodução de uma foto onde aparece Roosevelt e sua comitiva defronte à estação “Nova Galícia” situada a 35 km daquela cidade, perto de Matos Costa. Essa região, até o ano de 1917, era considerada território paranaense.

Uma lacuna sobre a estada de Roosevelt no Paraná está no intervalo cronológico em que ele e parte de sua comitiva aqui estiveram (Straube, 2011c), mas isso parece pouco relevante, haja vista que as únicas menções sobre a natureza local foram as acima mencionadas.

³⁵ *Zonotrichia leucophrys* (White-crowned Sparrow) e *Zonotrichia albicollis* (White-throated Sparrow).

³⁶ Ver sob os *cranes* de Bigg-Wither (Straube, 2014:52-53), traduzidos na edição de 2001 como seriemas mas que se tratam de curucacas (*Theristicus caudatus*).

Aparentemente, nem Roosevelt nem ninguém de sua equipe coletou amostras de história natural no Paraná. Ao menos no acervo ornitológico do *American Museum of Natural History* (Nova York) não consta nenhum exemplar dali procedente. O periódico mensal “*The American Museum Journal*” também nada acusa sobre recebimento de material e, entre as edições de 1913 e 1914, indica apenas um lote com 186 peles de pássaros colecionadas no Paraguai, portanto já tendo o ex-presidente passado pelos limites paranaenses.

De fato, se nem mesmo exemplares foram colhidos, também poucas são as informações sobre o restante da parte oriental de sua viagem, desde o Rio de Janeiro até o Uruguai, e também escassas do trecho que antecede a chegada ao rio Paraguai. De acordo com uma carta escrita por ele mesmo em Cáceres (Mato Grosso): “*The trip has begun, I think I may say, fairly well, at least from the standpoint of the American Museum*”³⁷ (AMN, 1914:145).

De fato, o mapa encartado em seu mais conhecido livro (Roosevelt, 1914) destaca – como área de trabalho científico – apenas o percurso entre a foz do Rio Apa no Rio Paraguai e a cidade de Manaus, de onde retornou aos EUA. Ou seja, o foco científico de naturalista era, desde o início, reservado ao Brasil Central e amazônico. Isso fica claro também em algumas das tantas publicações que resultaram em avaliações dos resultados da expedição. Joerg (1915), por exemplo, analisa apenas o contexto geográfico entre o centro do atual estado do Mato Grosso, passando pelos rios Roosevelt, Madeira e Amazonas. Sobre a fauna, o próprio Roosevelt publica um artigo, resultado de sua palestra proferida no *American Museum*, logo ao seu retorno, em 10 de dezembro de 1914 (Roosevelt, 1915) e ali,

³⁷ “[Onde] a viagem começou, e eu posso dizer, muito bem, pelo menos do ponto de vista do *American Museum*”.

até o título confirma essa afirmação: “*Animals of Central Brazil*”. Com relação à avifauna, o estudo revisivo de Naumburg (1930) sobre o material colecionado contempla apenas as espécies obtidas na porção brasileira dos estados do Mato Grosso e Mato Grosso do Sul e algumas localidades paraguaias. Da mesma forma, Cherrie (1917) se ocupa de idêntico enfoque geográfico.

Observo, com relação à coleção de mamíferos do *American Museum of Natural History*, algo que merece correção. É o caso do espécime (AMNH-36654) de onça-pintada (*Panthera onca*) que teria sido coletado por Roosevelt em 1º de janeiro de 1914, alegadamente no “Paraná”³⁸. Nesta data, contudo, os expedicionários já se encontravam em pleno rio Cuiabá, perto da foz do rio São Lourenço, nos arredores de onde hoje está a localidade de Porto Jofre (Viveiros, 1969:375). Além disso, o que comprova que tal registro é equivocado alude à presunção de que Roosevelt teria efetivamente citado um animal deste tipo se o tivesse encontrado, durante sua rápida estada no Paraná, o que também não passaria despercebido por seu amigo Zahm.

³⁸ No *database online* (<http://sci-web-001.amnh.org/db/emuwebamnh/index.php>; acessado em 7 de janeiro de 2016) consta “*State Paraná*”, porém não coincide com o simples “*Brazil*” [com aspas indicando repetição da linha anterior, porém, de um espécime de *Callithrix jacchus* – supostamente proveniente do Paraná, porém com nítido preenchimento posterior ao do registro – doado ao museu por um certo “*T[homas?] More*”. Da mesma forma, o ano de “1914” indicado no livro de registros do museu, não condiz com a data de “01 Jan 1914” do *database* citado.

Cronologia

- 1914** Primeira Guerra Mundial (até 1918), embate de grandes proporções envolvendo de um lado a Tríplice Entente (Reino Unido, França, Império Russo e EUA) e, de outro, a Tríplice Aliança (Itália e os impérios Alemão, Austro-húngaro e Turco-Otomano).
- 1914** Nasce José Cândido de Melo Carvalho, notável zoólogo especializado em hemípteros de cuja produção contam-se centenas de artigos técnicos e livros.
- 1914** Rodolpho von Ihering publica **“Diccionario da fauna do Brazil ou Definição zoologica dos nomes vulgares dos animaes do Brazil”** que, anos depois se transformaria no clássico “Dicionário dos animais do Brasil” (com edições em 1940, 1968 e 2002).
- 1914** ERNST GARBE visita o Paraná pela segunda vez.
- 1914** EMILIE SNETHLAGE publica sua obra-maior: **“Catálogo das aves amazonicas”**, contendo parte de seu legado à Ornitologia amazônica e uma compilação de todos os exemplares ornitológicos do Museu Paraense.
- 1914** Chega ao Paraná, o médico e naturalista polonês JÓZEF CZAKI, ali residindo até sua morte, em 1946.

[1914 a 1946]

JÓZEF CZAKI

JÓZEF CZAKI (Sanniki, Polônia: 21 de dezembro de 1857; Araucária, PR: 22 de maio de 1946)³⁹ era coronel médico do exército imperial russo e entusiasta da geologia e zoologia, tendo se dedicado com mais atenção, embora de forma amadora, aos insetos e às serpentes⁴⁰.

Era filho de Jan e Joanna (da família Noskowski) que, obrigados a abandonar o país na época do levante de 1863, entregaram o sexto filho aos cuidados de seus tios na aldeia *Rokitnica* em *Brodnica*, no centro-norte da Polônia⁴¹.

Em 1877, seguiu para Varsóvia para estudar medicina que, entre 1884 e 1894, praticou em hospitais da cidade, como também em Sokołowka, Wapniarka e Balt, na região da Podolia (Ucrânia). Em 1895, passou a desempenhar a função de médico da marinha mercante russa (Feliksiak 1987) e mudou de residência inúmeras vezes, passando por Odessa (Ucrânia) e Vladivostok (Rússia). Logo em seguida, trabalhou como médico na construção de uma ferrovia no rio Sungari (Shongua) na China.

³⁹ No Brasil, ficou ora conhecido como “João”, ora como José Czaki.

⁴⁰ Maior parte desta biografia baseia-se em pesquisa (sem indicação de data) de Dominika Mierzwa, Mário José Gondek e Martina Mikusinski, que franquearam artigo na internet (<http://www.braspol.org.br/conteudo.php?id=580>; acessado em 3 de setembro de 2011) intitulado “*Dr. Józef Czaki: história da vida do Dr. José Czaki, baseada nos arquivos do Museu nos arquivos do Museu e Instituto de Zoologia da Academia Polonesa de Ciências (Varsóvia, Polônia) e na Coleção Particular de Mário José Gondek (Araucária - Brasil)*”.

⁴¹ Segundo artigo publicado por Dominika Mierzwa, na revista *Wiedza i Życie* de Varsóvia, encaminhado por Mário José Gondek a Ulisses Iarochinski: <http://iarochinski.blogspot.com.br/2010/01/um-grande-colecionador-em-araucaria.html>; acessado em 17 de janeiro de 2016.



Józef Czaki (1857-1946) (Fonte: blog Jarosiński do Brasil)⁴²

Colecionador de valiosíssimas obras de arte, Czaki obteve durante sua estada no oriente inúmeros itens do Japão e China que, em 1902, foram doados ao *Muzeum Przemysłu i Rolnictwa*, o Museu da Indústria e Agricultura de Varsóvia, formando um acervo belíssimo⁴³ (Nowak, 2000).

⁴² URL: <http://iarochinski.blogspot.com.br/2008/05/mdico-dos-imigarntes-polacos-em.html>; acessada em 7 de novembro de 2016.

⁴³ Inaugurado em 1905 e completamente destruído em 1939 (Nowak, 2000).



1905: Inauguração da exposição de arte oriental no Museu da Indústria e Agricultura de Varsóvia contendo extenso acervo doado por Józef Czaki (Fonte: Muzeum Narodowe)⁴⁴.

Em certo momento, encontrou-se com Julio Szymański (também médico e mais tarde presidente do Senado da República da Polônia), com quem fez grande amizade e compartilhou experiências como exilados poloneses. Ativista do socialismo e oponente ferrenho do marxismo, participou de várias atividades de contestação à ocupação russa. Em 1906, por ser revolucionário pela causa da independência da Polônia e suspeito de conspiração contra o regime czarista foi preso na Manchúria. Depois de alguns meses, fugiu para o Japão e, dois anos depois, transferiu-se para Chicago (EUA) (Wachowicz &

⁴⁴ URL: <http://cyfrowe.mnw.art.pl/dmuseion/docmetadata?id=25578>; acessado em 7 de novembro de 2016.

Malczewski, 2000). Nessa cidade, trabalhou com o amigo Szymański junto à comunidade polonesa, proferindo palestras e cursos e publicando diversos artigos em periódicos polacos, como o *Dziennik Ludowy*, jornal com inclinação socialista sediado em Lviv (Ucrânia). Foi também membro do *Komisja Obrony Narodu* (Comitê de Defesa Nacional) e participou da fundação da *Polski Uniwersytet Ludowy* (Universidade Popular Polonesa), onde lecionou por seis anos (Loza, 1938; Slabczynscy & Slabczynscy, 1992).

Fruticultor e naturalista por vocação, Czaki formou grandes coleções de história natural, em especial insetos e, ao tempo em que acumulava certo número de espécimes sob sua guarda, doava-os periodicamente para diversas coleções da Polônia e EUA.

Em 1914 ele se fixou definitivamente no Brasil, instalando-se no Paraná e residindo em Curitiba⁴⁵, depois em Araucária⁴⁶ (onde mantinha uma farmácia e uma clínica médica), mas também provisoriamente em outras cidades, como Ivaí, Cândido de Abreu, Ponta Grossa e Mallet.

Engajado, Czaki participava de mutirões e entidades pelo desenvolvimento agrícola do Paraná, bem como em inúmeras iniciativas para controle, vacinação, erradicação e tratamento de doenças epidêmicas, como a malária e a

⁴⁵ O jornal “A Republica” (28 de novembro de 1914, Ano 29, nº 280) noticiou: “*Há poucas semanas estabeleceu-se neste município [Curitiba] vindo da America do Norte, o horticultor sr. João Czaki, que acabou o curso de horticultura em Troya, na Bohemia, e praticou na America do Norte, no estado do Novo Orlean*”.

⁴⁶ Nessa cidade foi nomeado capitão-cirurgião da Guarda Nacional (Comarca da Araucária) por decreto presidencial de 21 de julho de 1915 (“A Republica”, 29 de julho de 1915; ano 30, nº 175, primeira página). Segundo o jornal “A Republica” (6 de dezembro de 1917, ano 32; nº 288, primeira página; chamada: “Noticias de Araucaria”): “*Um medico illustre. – Reside nesta villa e aqui tem seu gabinete clinico o habilissimo medico dr João Czaki. Dr. Czaki é especialista em partos, e, nessa especialidade tem feito curas notaveis [...]*”.

varíola, realizada em 1920 pela “*Comissão de Prophylaxia Rural*” na Ilha do Mel⁴⁷.

Atento, identificou em 1921 a presença de barbeiros (*Panstrongylus megistus*: Hemiptera, Triatomidae) infectados com o protozoário causador da Doença de Chagas em Araucária, enviando amostras ao Laboratório Bacteriológico do estado⁴⁸. Cabe lembrar que a tripanossomíase foi plenamente conhecida e descrita por Carlos Chagas apenas entre 1909 e 1912, o que ressalta a importância da descoberta de Czaki tanto do ponto de vista histórico quanto geográfico⁴⁹.

Em 1921 foi solicitado para auxiliar em uma epidemia de cólera em União da Vitória, mas foi denunciado por alegadas irregularidades o que o obrigou a vender seu estabelecimento e deixar o município (Wachowicz & Malczewski, 2000). Ocorre que ele era perseguido por acusação de não ter seu diploma de medicina reconhecido no Brasil⁵⁰, mas provavelmente também pelo comportamento intolerante e radical sobre questões políticas.

⁴⁷ Jornal “A Republica” de 18 de maio de 1920 (Ano 24, nº 117).

⁴⁸ Jornal “A Republica” de 2 de março de 1921 (ano 35, nº 50, primeira página): “*O Laboratorio recebeu do dr. José Czaki, de Araucaria 2 exemplares de Barbeiros (Triatoma megista) cujo exame revelou estarem infectados pelo Trypanosoma cruzi*”.

⁴⁹ No Paraná inúmeras espécies de barbeiros vetores da doença são conhecidos mas, em geral, ocorrem em regiões quentes do noroeste e norte do estado (p.ex. Jacarezinho); um deles é *Microtriatoma borbai* (descrita em homenagem ao professor Antônio Mário Borba, do Departamento de Patologia Básica da UFPR) (Galvão org. 2014).

⁵⁰ Condição totalmente curiosa visto que, em várias edições do jornal “A Republica”, Czaki é tratado explicitamente como médico (mas também como “*agronomo pommicultor*”) tendo, inclusive, participado de cirurgias. Na edição de 29 de julho de 1915 (Ano 30, nº 175) consta sua nomeação, em diário oficial, como “capitão cirurgião” da Guarda Nacional. Em 6 de dezembro de 1917, o mesmo jornal (Ano 32, nº 288) destaca: “*Um medico illustre – Reside neste villa [Araucária] e aqui tem seu gabinete clinico o habilissimo medico dr. João Czaki. O dr. Czaki é especialista em partos, e, nessa especialidade, tem feito curas notaveis*”. A *Gazeta Polska w Brazyliji* (ano 40, nº 13, p.3; edição de 28 de março de 1931) também publicou matéria a esse respeito: “*Daj nam Boże więcej takiich ‘szarlatanów*”, artigo assinado por Jan Chorośnicki.

No início de 1922, mudou-se para a localidade chamada Amolafaca, então subordinada ao município de Guarapuava, hoje ao de Virmond. Tratava-se de uma grande fazenda⁵¹ que foi comprada em 1920 pelo consul da Polônia, Kazimierz Gluchowski, para a formação de uma colônia de imigrantes polacos.

Czaki foi contratado para atender ao ambulatório local e, por sua competência e dedicação, fez falta em Araucária. O correspondente local do jornal “A Republica” escreveu um notável artigo sobre esse momento⁵²:

“NOTÍCIAS DE ARAUCARIA

Dr. Joseph Czacki

Infelizmente foi-nos confirmada a noticia que já ha dias circulava aqui da ida do distincto esculapio Doutor José Czacki, para a cidade de Guarapuava, onde este noso bom amigo vae fixar residencia.

É nos summamente doloroso registrar esse facto, que nos enche de profundo sentimento. Habituaados á sua amavel e bonissima, convivencia, sentimos desde já verdadeiras saudades desse bm amigo, que, com a sua dedicacão e bondade, soube conquistar não só a nossa amisade como a de todo povo que com elle privou.

A pobresa de Araucaria, chora á sua sahida e lastima profundamente.

Acostumada a receber sempre do illustre cavalheiro a sua dedicacão e o seu conforto nos

⁵¹ Totalizando 24 mil hectares, a propriedade pertencera a Friedrich Wilhelm Virmond e depois ao guarapuavano Ernesto Queiroz, que a vendeu à sociedade colonizadora de Gluchowski. Alemão de Duren (nascido em 1792), Virmond era conhecido no Brasil pela forma aportuguesada: Frederico Guilherme Virmond. Foi médico, pintor e diletante da História Natural (fazia pinturas de borboletas), além de compositor, músico e miniaturista. Em meados do Século XIX transferiu-se para o Rio de Janeiro e, em seguida, para a cidade da Lapa (Paraná) em 1833, onde faleceu em 1876.

⁵² “A Republica”, de 23 de fevereiro de 1922 (ano 36, n° 35, p.1-2)

momentos em que a sua interferencia de profissional se fazia mister ella não pôde deixar de relembrar a sua estadia entre nós com verdadeiras saudades.

Esquecer os beneficos serviços que elle prestou ao povo em geral, quando foi da invasão sinistra da gripe em nosso Estado, attendendo com a maior solitudine peínias indemia é uma ingratição imperdoavel.

Foi nessa mesma ocasião que os seus sentimentos humanitarios ainda mais se revelaram, pois que, apesar de atacado tambem pela molestia, visitava os doentes com serio perigo para sua vida.

Só temos palavras de agradecimentos pra o seu bondoso coração e com pesar sentimos sua falta.

Esperando que o generoso povo Guarapuavano saiba recebel-o como elle merece, o recommendams a sua consideração, assegurando que aquisição que Guarapuava vae de fazer – das melhores possiveis. Despedindo-nos do querido amigo, fazemos votos de perennes felicidades e asseguramos-lhe que jamais o esqueceremos.

*Fevereiro de 1922.
(Do correspondente)”*

Czaki, além de interessado por conta própria em História Natural, também auxiliava estudiosos, seja enviando material por ele coletados para coleções científicas, seja hospedando-os em sua residência.

Em 17 de setembro de 1920, Jan Sztolcman – já conhecedor de sua fama como coletor – remeteu-lhe uma correspondência⁵³ com o seguinte teor:

Mui estimado Senhor Doutor!

⁵³ Documento do acervo particular de Mário José Gondek, publicado em Mierzwa et al. (s.d.) via <http://www.braspol.org.br/conteudo.php?id=580>; acessado em 21 de dezembro de 2015.

(...) tivemos notícia, que o Prezado Senhor possui uma valiosa coleção de espécimes naturais, os quais (...) o senhor tem a intenção de oferecer ao Museu Nacional de História Natural em Varsóvia. Sem dúvida esta coleção enriqueceria a nossa instituição e por esta razão recebemos esta notícia com grande alegria (...)

J. Sztolcman

Foi também Czaki que recebeu Tadeusz Jaczewski, o companheiro de Chrostowski, quando de retorno da terceira expedição polonesa⁵⁴. Durante essa estada (5 de maio a 4 de julho de 1923), Czaki não somente o acolheu cordialmente como prestou atendimento médico ao naturalista, ainda sofrendo das crises da malária contraída perto de Foz do Iguaçu (Jaczewski, 1925; Straube, 2016)⁵⁵.

Nesta ocasião, ele – atendendo ao pedido de Sztolcman – doou exemplares zoológicos diversos para o museu de Varsóvia, especialmente borboletas mas também algumas aves, que foram todos encaminhados por Jaczewski (1925:351):

“Here [Curitiba] I had still much work with final packing of the collections and with different formalities connected with their forwarding to Europe. Besides that I was collecting in the neighbourhoods of the town, especially at a place called Bacachery. At last on October 13-th, 1923, all the collections of the

“Aqui [em Curitiba] eu tive ainda muito trabalho a fazer, com o acondicionamento final das coleções e por diversas formalidades conectadas com o retorno à Europa. Além disso, eu coletei nos arredores da cidade, em especial em um lugar chamado Bacachery. Finalmente, em 13 de outubro de 1923, todas as

⁵⁴ Para a qual fôra, inclusive, convidado a ser integrante (vide Straube, 2016).

⁵⁵ Jaczewski (1927) dedicou a ele uma nova espécie de percevejo aquático (família Corixidae) colecionada no interior do Paraná (*Sigara czakii*): “*This species is dedicated to Dr. J. Czaki, at Araucaria, State of Paraná, donor of numerous and valuable collections to the Polish Museum of Natural History*”.

expedition together with those presented to our Museum by Dr. J. Czaki and by several other persons, were loaded at Paranaguá on board of the Polish training ship 'Lwów' sailing to Europe. I left Brazil only on Febr. 26-th, 1924, from Santos on board of the Dutch s.s. 'Gelria' and arrived at Warsaw on March 18-th, 1924. All the collections brought form part of the scientific materials of the Polish Museum of natural History at Warsaw, and a great part of them is at present being studied”.

coleções da expedição, mais aquelas que foram presenteadas ao nosso museu pelo Dr. J. Czaki e várias outras pessoas foram embarcadas em Paranaguá no navio-escola polonês ‘Lwów’, seguindo para a Europa. Eu deixei o Brasil apenas em 26 de fevereiro de 1924, a partir de Santos no navio holandês s.s. “Gelria” e cheguei a Varsóvia em 18 de março de 1924. Todas as coleções trazidas agora fazem parte do acervo científico do Museu Polonês de História Natural em Varsóvia, e uma grande parte dela está sendo no momento estudada”.

Segundo Wąsowska & Winiszewska-Słipińska (1996) a coleção Czaki obtida em Araucária continha cerca de 10.000 borboletas, 12.000 outros insetos, centenas de crustáceos, miriápodos e aracnídeos, 53 peles de aves e mamíferos, ninhos de pássaros, 35 crânios de mamíferos e 200 moluscos marinhos e terrestres. Graças a sua generosidade e colaboração constante, foi nomeado, em 11 de maio de 1928, pesquisador honorário do Museu de História Natural de Varsóvia.

Jerzy Kremky (1925), em sua revisão dos lepidópteros danaídeos do Museu de Varsóvia, além de dedicar um gênero novo ao naturalista (*Czakia*)⁵⁶, faz enfática menção à contribuição de Czaki para o conhecimento do grupo:

⁵⁶ Um *Ithomiini*; sinônimo-júnior de *Melinaea* Hübner, 1816.

“Vor allem sind hier jedoch die wissenschaftlich besonders wertvollen und sehr reichen Aufsammlungen hervorzuheben, welche dem Polnischen Naturhistorischen Staatsmuseum durch die Opferfreudigkeit des in Brasilien seit Jahren befindlichen polnischen Arztes Dr.Jozéf Czaki (1916-1921) zugewendet wurden. Die betreffenden Lepidopteren stammen aus Araucaria (am Flusse Iguassù, unweit von Curityba) un der Umgebung von Joinville im Staate Santa Catharina (leg. A. Brückner). Durch diese Sammlungen wurde unser Museum durch zahlreiche hier noch nicht vertretene Formen bereichert, was nun auch meine Studien in sehr hohem Grade unterstützte. So sei es mir hier gestattet Herrn Dr. J. Czaki im Namen des Polnischen Naturhistorischen Staatsmuseums, nicht minder aber auch persönlich den Ausdruck besonderer Dankbarkeit auszusprechen.”⁵⁷”

Neste estudo há outros indícios importantes e todos eles informam que Czaki aparentemente não anotava datas de coleta, preocupando-se mais em colecionar do que propriamente considerar informações relevantes. Os espécimes de danaídeos por ele obtidos são muitos, mas a

⁵⁷ “Acima de tudo, contudo, a mais valiosa e rica coleção obtida no Brasil para o Museu de História Natural da Polônia foi construída durante vários anos pelo médico polonês Dr. Józef Czaki. Os lepidópteros são provenientes de Araucária (rio Iguaçu, não longe de Curitiba) e das vizinhanças de Joinville no estado de Santa Catarina. Muitas destas espécies não constavam em nossas coleções e agora passam a ser especialmente interessantes em meus estudos. Devo considerar isso tudo ao esforço do Dr. Czaki para o qual envio, em nome do Museu Polonês de História Natural, uma manifestação especial de gratidão.”

todos falta essa informação cronológica ao contrário do que ocorre com outros coletores mencionados na publicação. Assim repete o revisor do material de coleópteros Cassidini (Tenenbaum, 1927) mas, na introdução de seu artigo, menciona: “*durch Dr. J. Czaki in Araucaria (1924)*”. O mesmo se obtém de um espécime de *Leptasthenura setaria* (PAS-11940) depositado no Museu Polonês sob a procedência de “*south Brazil*”⁵⁸.

Mesmo depois que sua enorme coleção zoológica foi encaminhada para a Polônia, ele prosseguiu colecionando animais, especialmente serpentes e insetos. E, claro, contribuindo com o trabalho de outros pesquisadores. Entre novembro de 1933 e janeiro de 1934, Waclaw Roszkowski e Janusz Nast, a serviço do museu polonês, dirigiram-se para a costa brasileira no navio “*Dar Pomorza*” e, por seis semanas, coletaram amostras nos sedimentos aluviais na foz do rio Nhundiquara (Baía de Paranaguá) e através desse rio até Morretes. Esses estudiosos, sabendo da fama de hospitaleiro e entusiasta de História Natural de Czaki, dirigiram-se a Araucária, hospedando-se em sua casa. Ali aproveitaram para colher amostras na região do alto Iguaçu e foram presenteados com uma coleção de invertebrados colhidos por ele nas imediações de sua casa.

Hoje em dia, pouco se sabe do acervo de Czaki que foi levado à Polônia. É provável que muito tenha se perdido, em virtude do incêndio ocorrido na coleção em 1935 – quando ainda sediada na Universidade de Varsóvia – e que destruiu parte significativa das coleções de vertebrados⁵⁹. Seus espécimes também foram afetados pela Segunda Grande Guerra, notavelmente porque faziam parte dos dois milhões de insetos, 17 mil livros e todo o arquivo, material

⁵⁸ GBIF Data Portal: <http://www.gbif.net>, acessado em 21 de julho de 2008.

⁵⁹ É possível também que exemplares valiosos (como mamíferos e répteis) alegadamente coletados por T. Chrostowski e T. Jaczewski, também tenha sido destruídos (vide Straube, 2016).

esse que foi totalmente perdido em agosto de 1944, quando oficiais alemães invadiram e atearam fogo no museu. Em carta relatando o episódio e as heroicas ações de rescaldo, Stanisław Feliksiak⁶⁰, assim se dirige a Czaki⁶¹:

“Respeitável Sr. Dr. (...) A nossa instituição salvou-se em parte do cataclismo. Os funcionários conseguiram apagar o edifício (...) incendiado. Os insetos queimaram. As coleções ornitológicas e de invertebrados bem como a biblioteca se salvaram. Atualmente estamos reconstruindo o museu e reunindo as coleções. Reeditamos igualmente a impressão das publicações. Parte dos pesquisadores, incluindo Venceslau Roszkowski desapareceram (na guerra) (...)”.

Estanislau Feliksiak

Também parece pouco o que contribuiu para a Ornitologia sul-brasileira além do fato de abater e preparar ocasionalmente espécimes de aves nos arredores dos locais onde morava. Pelo contrário, sabe-se que recebia frequentemente ofídios capturados por colonos em Araucária; após mantê-los por algum tempo no serpentário que construiu no quintal de sua casa, acondicionava-os em caixas próprias e os remetia ao Instituto Butantan, onde

⁶⁰ Stanisław Feliksiak (1906-1992) era assistente da coleção malacológica, depois chefe do Setor de Invertebrados e, por fim, diretor do museu entre 1945 e 1953, quando passou a lecionar na Universidade de Varsóvia. Ele, junto a Stanisław Adamczewski, foi o primeiro a entrar no prédio do museu após o incêndio, que continuava a queimar dois meses depois do incidente. Constatando todas as lamentáveis perdas, procedeu novo inventário, remanejou coleções sobreviventes para guardas provisórias e iniciou a reconstrução do prédio, para onde retornou parte do acervo em 1946 (Kazubski, 1996).

⁶¹ Fragmento da carta original, no Arquivo do Museu de Zoologia da Academia Polonesa de Ciências, publicado em <http://www.braspol.org.br/conteudo.php?id=580>; acessado em 10 de janeiro de 2016.

mantinha contato frequente com Vital Brazil (Wachowski & Malczewski, 2000).

Sua participação em um momento em que se iniciavam as pesquisas para a elaboração *in vitro* de soro antiofídico foi importante, pois além de enviar serpentes vivas ao Instituto Butantan, ainda participava ativamente da disseminação de conhecimento sobre esses animais, entre os colonos paranaenses.

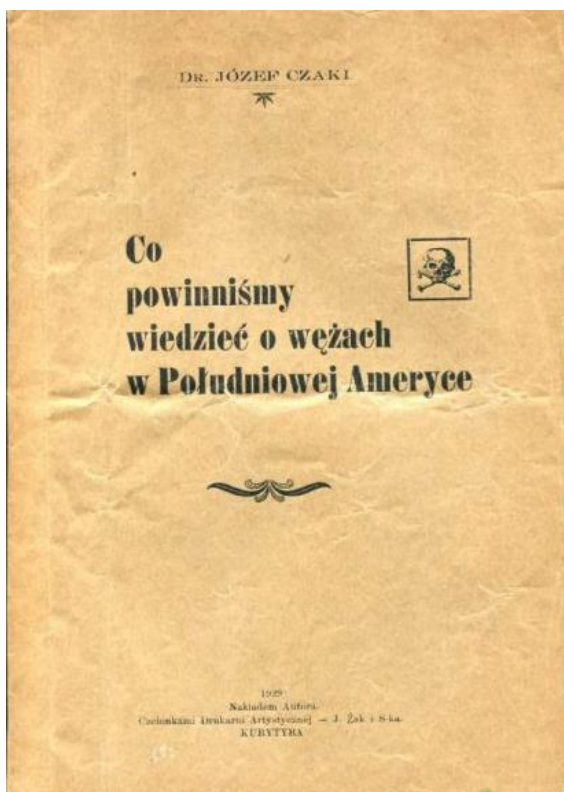
Interessado na educação sanitária relacionada a esse tema, em 1929 publicou em Curitiba e às suas próprias expensas, uma brochura de 33 páginas denominada “*Co powinniśmy wiedzieć o węzach w południowej ameryce*” (“O que devemos saber sobre as serpentes da América do Sul”), dedicando-o a Vital Brazil que assim se manifestou por carta⁶² datada de 29 de agosto de 1931:

Prezado colega:

Recebi a sua valiosa carta (...) e o livro, o qual o senhor me dedicou, com o título: “Tratado popular sobre as cobras e bichos causadores de algumas doenças” (...) Recebi-o com muita alegria e alegro-me sinceramente, visto que parte do meu trabalho se encontra nele e facilitou a solução do problema de algumas serpentes venenosas; devo dizer também o quanto estou feliz ao ver o fruto da nossa mútua cooperação (...) Obrigado ao senhor pois a sua colaboração contribuiu para disseminar um conhecimento prático, econômico e humanitário.

Vital Brazil

⁶² Fragmento de documento do acervo particular de Mário José Gondek, publicado em Mierzwa et al. (s.d.) via <http://www.braspol.org.br/conteudo.php?id=580>; acessado em 10 de janeiro de 2016.



Capa da obra “*Co powinniśmy wiedzieć o węzach w południowej ameryce*” (“O que devemos saber sobre as serpentes da América do Sul”) de autoria de Józef Czaki (1929).

Mesmo antes do lamentável incêndio ocorrido em maio de 2010 na Coleção Alphonse Richard Hoge, que abriga os exemplares de serpentes guardados no Instituto Butantan, não há registro de nenhum espécime que tenha o nome de Czaki como coletor (F. Franco, *in litt.*, 2015). Uma vez que grande parte das cobras que chegavam àquela instituição eram remetidas por via férrea, é possível que tais animais constem como coletados pelo “encarregado pela estação” (R. S. Bérnils *in litt.*, 2008).

Cronologia

- 1915** Toras gigantescas do pinheiro-do-paraná passam a aparecer no mercado internacional, indicando o início da destruição das matas planálticas. A espécie começa, então, a ser reconhecida internacionalmente por seu valor comercial.
- 1915** Nasce Augusto Ruschi, biólogo capixaba que se destacou pelo estudo dos beija-flores e pelas ferrenhas atitudes em defesa da conservação da natureza no estado do Espírito Santo, sendo também autor de vastíssima obra científica e de divulgação.
- 1915** É fundada a coleção ornitológica do Museu Nacional do Rio de Janeiro.
- 1915** WILLIAM CAMERON FORBES chega ao Paraná como responsável pela intervenção do governo dos EUA para as recém-falidas empresas de colonização de Percival Farquhar.

WILLIAM CAMERON FORBES

WILLIAM CAMERON FORBES ⁶³ (n. Milton, Massachussets, EUA: 21 de maio de 1870; f. Boston, Massachussets, EUA: 24 de dezembro de 1959) pertencia a uma tradicional família escocesa que se radicou em Boston (EUA), cujos membros enriqueceram graças ao comércio que mantiveram com a China (peles, chá e, aparentemente, também contrabando de ópio) no Século XIX. Era filho do militar e empresário William Hathaway Forbes que foi presidente da Companhia Telefônica Alexander Graham Bell. Segundo Stanley (1966), seus dois avós eram dois dos mais destacados homens dos EUA no Século XIX: Ralph Waldo Emerson e John Murray Forbes.

Por indicação de Theodore Roosevelt, William foi nomeado governador-geral das Filipinas (1909-1913), onde vivenciou as sangrentas lutas internas pela independência de uma nação cujo domínio era disputado por potências como a Espanha e os EUA. Ao mesmo tempo contribuiu destacadamente para o desenvolvimento daquele país e, nos seus quatro anos de governo, construiu estradas e portos e demonstrou atenção especial à agricultura, educação e crescimento industrial (Fanning, 2002).

⁶³ Não deve ser confundido com seu quase-homônimo William Alexander Forbes (1855-1883), membro da *Zoological Society of London*, anatomista famoso que muito contribuiu à Ornitologia do Estado de Pernambuco (p.ex. *Leptodon forbesi*) a partir de 1881 (Pinto, 1945:306) e do continente africano, onde morreu no rio Níger, com apenas 28 anos de idade.



William Cameron Forbes (1870-1959) (Fonte: Wikipedia).

Homem de grande versatilidade e disposição, teria realizado pelo menos quatro viagens ao redor do mundo e diversas visitas à Europa e Américas Central e do Sul (Fanning, 2002), narradas em sua autobiografia (Forbes, 1935).

Forbes é citado explicitamente como coletor (“*Collected by*”)⁶⁴ de 389 espécimes de aves (MCZ-69186 a

⁶⁴ E também no campo “*Received from*”.

69429) no Uruguai e Brasil (Paraná, Santa Catarina, Rio Grande do Sul⁶⁵, São Paulo, Rio de Janeiro e Mato Grosso do Sul), de acordo com os registros do livro-tombo do *Museum of Comparative Zoology* (Harvard University, Cambridge, EUA). Essa informação, no entanto, discorda daquela que aparece no *database online* da instituição⁶⁶, onde o nome de Forbes se intercala com o de outros dois coletores: João Leonardo de Lima e M. Marques (*sic*). Todos esses exemplares constam como obtidos no início de 1915 e os três nomes se alternam em diversas e confusas coincidências de localidades, embora, como dito, no livro de registros seja única e exclusivamente apontado Forbes como coletor.

Antes de adentrar nesse campo, é importante considerar o perfil de Forbes e, especialmente, as razões pelas quais o empresário visitou o Brasil, apenas alguns meses após sua renúncia como governador-geral das Filipinas (setembro de 1913).

Em sua obra escrita, ele faz inúmeras menções à viagem e ao desenvolvimento financeiro do Brasil (Forbes, 1921:240-241): *“I have seen vast tracts of land in Brazil covered with virgin forest and blessed with soil and climate unexcelled anywhere; and yet this land could be purchased for thirty cents an acre...”*. Enfatizava o cultivo do café, mas também do aproveitamento industrial do couro, da pecuária suína e da necessidade de construção de ferrovias (Forbes, 1921). Esse último tema faz sentido especial porque, desde 1897, ao adentrar a empresa *Stone & Webster*, ele passou a

⁶⁵ Belton (1984:394), desconhecia a estada de Forbes no território gaúcho, a qual coincidiu com a visita de Walter Garbe e com o início do trabalho de Rodolfo Gliesch. O coletor tampouco é mencionado por Sick *et al.* (1981) para Santa Catarina, nem Straube & Scherer-Neto (2001) para o Paraná.

⁶⁶ MCZBase: *The Database of Zoological Collections*, disponível online em URL: <http://mczbase.mcz.harvard.edu/> (acessado em 10 de janeiro de 2016). Nessa ferramenta, constam todas as informações sobre cada espécime colhidas diretamente dos rótulos e, também, a imagem escaneada da página respectiva do livro-tombo.

ser um fervoroso defensor da expansão do sistema ferroviário como mecanismo de transporte e desenvolvimento econômico (Fanning, 2002).

Além disso, ele era um colecionador exagerado. Quando de sua gestão nas Filipinas, trouxe nada menos do que doze tipos de madeiras nobres que serviram para a construção de sua gigantesca mansão (*The Forbes Mansion*, como era conhecida localmente, cuja casa principal contém 30 aposentos) em Norwood (Massachusetts) e de todo o seu mobiliário (Fanning, 2002)⁶⁷. Logo de retorno, ainda doou uma expressiva coleção de armas, vestimentas, chapéus e outros itens locais para a universidade de Harvard (Fanning, 2002).

Como caçador, tinha interesse particular nas aves. No acervo do *Museum of Comparative Zoology* há vários outros exemplares colecionados por Forbes, tanto nas Filipinas (1910, 1913, 1915 e 1921) quanto na América Central (Guatemala) e Caribe (Cuba) (1914) e, tal como observado na coleção brasileira, aparecem outros coletores intercalando-se nas mesmas datas de coleta⁶⁸. Com relação às coletas em Cuba, assim se refere Bangs (1914:401; o grifo é meu):

“While governor General of the Philippines Islands W. Cameron Forbes took much interest in the bird fauna of the group and he made for the Museum of his Alma Mater

⁶⁷ Segundo Patricia Fanning (2002), a mansão de Forbes foi doada, nove anos antes de seu falecimento, para a Universidade Harvard que a vendeu para a *United Fruit Company*. Transformou-se desta forma, nos anos 50, em um enorme laboratório de pesquisas sobre a banana, incluindo técnicas de desenvolvimento sob condições artificiais, estudos sobre influências ambientais, doenças e vários outros. Essa grande empresa transformou-se na *Kellogg's* e *Campbell Soup Company* e vendeu a propriedade para a Polaroid que, nos anos 90, a repassou para a *Putnam Investments*: um curioso retorno às raízes de Forbes.

⁶⁸ Há um caso peculiar de inconsistência nos dados de exemplares obtidos por Forbes; vide, por exemplo, o texto de *Alcedo argentata* no “Livro Vermelho de Espécies Ameaçadas do Japão” em http://birdbase.hokkaido-ics.go.jp/rdb/rdb_en/alcearge.pdf ; acessado em 4 de agosto de 2008.

– The Museum of Comparative Zoölogy, at Harvard University – large and very valuable collections of Philippine birds, and found, he says more real rest and relaxation, during his short vacations, in bird collecting than any other pursuit. Since his retirement from the Governorship of the Philippines, Mr. Forbes has kept up his active interest in bird collecting and last winter during a hurried trip, which included a stop of a day or two each, in Cuba and Jamaica and a few days in Guatemala secured for us no less than one hundred and twenty skins”.

A coleção referida a William Cameron nas Filipinas também é bastante expressiva, inclusive com séries de mesma espécie, aparentando que havia interesse científico (ou orientação de terceiros) na amostragem da avifauna local do arquipélago. Outram Bangs publicou, em 1922, uma revisão deste material, inclusive com a descrição de cinco novos táxons, dentre eles *Zosterops forbesi*, em sua homenagem. No texto introdutório, assinala (Bangs, 1922:77):

“In the last decade former Governor-General W. Cameron Forbes has presented to the Museum of Comparative Zoölogy three large collections of Philippine birds. One of these was made in 1911, another in 1913, and the third and finest collection in 1921, while, with General Leonard Wood and Colonel Gordon Johnston, Mr. Forbes was on an official tour of inspection of the islands. On the excursions which resulted in the gathering together of these collections Mr. Forbes was sometimes accompanied by General Leonard Wood, the Honourable Dean C. Worcester, and Dr. Richard

McGregor⁶⁹, and he had also the expert assistance of Mr. A. Celestino. During the spring and summer of 1921 Governor Forbes and party visited most of the islands of the group. Bird collecting was carried on with enthusiasm by all the members of the party on every possible occasion, but stops at the different islands were at best limited to a few days and official business had, of course, precedence. The collections therefore while large, interesting, and fairly representative are by no means exhaustive”.

Sobre a estada de Forbes em território brasileiro é importante voltar alguns anos ao tempo. Refiro-me precisamente ao ano de 1908, quando o empreendedor novaioquino Percival Farquhar⁷⁰ assumiu a construção da ferrovia (Estrada de Ferro São Paulo-Rio Grande: EFSPRG) entre Itararé (São Paulo) e Santa Maria (Rio Grande do Sul), por meio da *Brazil Railway Company*. Esse empreendimento visava o escoamento de matérias-primas (madeiras de lei, erva-mate, gado) dos então rincões sulinos para as regiões mais povoadas (e que possuíam portos) do Sudeste.

Era um projeto antigo, planejado por João Teixeira Soares desde 1887 e que pretendia criar um eixo de ligação entre o Rio de Janeiro e o sul do Brasil com a Argentina e

⁶⁹ Richard Crittenden McGregor (que, como Forbes, também mantinha relações de amizade com o presidente Herbert C. Hoover) era um ornitólogo australiano que atuou muitos anos nas Filipinas, publicando centenas de artigos e mesmo títulos de divulgação. Seus espécimes eram vendidos ou doados a várias pessoas e organizações com quem se relacionava e hospedava calorosamente em sua residência. Em março de 1913, decidiu dedicar-se apenas aos fringilídeos e vendeu sua grande coleção a Jonathan Dwight Jr.; atualmente esse material está no *American Museum of Natural History* de Nova York (Grinnell, 1938).

⁷⁰ Farquhar ficou famoso por ter, em 1907, construído a ferrovia “Madeira-Mamoré”, epopeia retratada na mini-série “*Mad Maria*” de Benedito Ruy Barbosa (2005), produzida pela Rede Globo de Televisão. Em artigo publicado pelo *New York Times* (22 de setembro de 1922) ele demonstrara textualmente um grande sonho que era uma grande ligação ferroviária transcontinental, ligando o Canadá ao Cabo Horn.

Uruguai. Farquhar também era o controlador da *Southern Brazil Lumber and Colonization Company* (muitas vezes tratada apenas como *Lumber*)⁷¹ e voltada ao extrativismo madeireiro nos estados do Paraná e Santa Catarina e que criou em 1913 um verdadeiro “território estadunidense” em Três Barras (Santa Catarina)⁷². Essa intromissão estrangeira no desenvolvimento econômico sul-brasileiro foi, por assim dizer, um dos motivos que levou à Revolta do Contestado, havendo coincidências também geográficas com os pontos visitados por Forbes e locais onde o conflito se intensificou.

No entanto, Farquhar vinha observando desde 1913 a falência de suas empresas tendo, em outubro de 1914, aberto concordata, o que culminou com o fim de seu grande império. Com a bancarrota, a justiça dos EUA decidiu nomear Forbes para o cargo de *receiver*, o que lhe dava amplos poderes para administrar as empresas⁷³. Segundo Kessel (2001):

“Para conhecer pessoalmente a realidade das empresas do grupo, Forbes veio ao Brasil, onde passou dois meses visitando os empreendimentos e fazendo contactos com as autoridades governamentais. Dedicou-se também a reuniões com os principais executivos

⁷¹ Subsidiária da *Brazil Railway Company*, assim como a já citada *Brazil Land Cattle and Packing Company*, que era comandada por Murdo Mackenzie.

⁷² A cidade que foi visitada por Forbes em 1915 (como será visto adiante), transformou-se em um mundo peculiar meio ao cenário de pobreza e descontentamento social da região. Estruturas de última geração, quadras de tênis, água encanada, aquecimento central e até uma fábrica de gelo e exposições cinematográficas privadas eram algumas das mordomias do canteiro de obras. O dia 4 de julho (alusivo à Independência dos EUA) era celebrado com toda a pompa e circunstância; havia leis próprias, diferentes das brasileiras e todo o sistema era fortemente protegido por seguranças trazidos dos EUA. É curioso assinalar que o naturalista Guido Straube encontrava-se em Três Barras exatamente neste período (ali permaneceu entre março de 1912 e maio de 1914, cumprindo o cargo de contabilista e tradutor de inglês e alemão), tendo testemunhado e fotografado várias situações do canteiro da *Lumber* (E. C. Straube, 1992).

⁷³ Ver também matéria no jornal carioca A.B.C. (edição de 2 de dezembro de 1915; ano 1; nº 4, p.6).

das companhias, que já há algum tempo não mantinham as melhores relações profissionais, devido a diferenças de opinião quanto a assuntos administrativos.

Forbes esteve no Brasil – e também no Uruguai – entre janeiro e março de 1915. Vinha acompanhado de uma pequena comitiva e, ainda, do próprio Farquhar, que era seu amigo. De acordo com Carvalho (2010): “Em seus diários registrou a ótima impressão que lhe causou o sul do Brasil, especialmente o Rio Grande do Sul e a colonização alemã e até deixou registrada a sua tentação em comprar uma fazenda para criação de gado. *‘O Sul do Brasil é uma região perfeitamente encantadora, muito bonita para descrever em palavras, e eu fiquei grandemente tentado a adquirir uma fazenda lá e tentar no negócio do gado por conta própria’*⁷⁴. Parece claro que o panorama da época e sua estada no Brasil seria uma oportunidade interessante, relacionada diretamente ao desenvolvimento econômico, pela abundância de madeiras nobres e expansão cafeeira, associadas à possibilidade de construção de uma ampla rede de ferrovias.

Assim, faz todo o sentido a coincidência da localidade de coleta dos espécimes colecionados com o traçado da ferrovia, especialmente em estações ferroviárias projetadas ou já em plena atividade⁷⁵. Além disso, se averiguados com alguma atenção os locais e datas dos espécimes, embora existam algumas pequenas incoerências de percursos, há um trajeto muito claro e que corresponde

⁷⁴ De acordo com os diários de Forbes, p. 112, 113 e 199 (Carvalho, 2010).

⁷⁵ Há inúmeras outras pistas ligando ferrovias a exemplares de aves coletados em 1915 no *Museum of Comparative Zoology*. Segundo Paynter (1994:82), sobre a presença de Forbes em “Santa Rosa [...] a railroad station at city of Santa Rosa” (Uruguai): “*identification uncertain but probably correct as Forbes is known to have been traveling by train at this time*”.

com as datas visitadas, podendo ser interpretado da seguinte maneira: a data de coleta mais recuada é para Itatiba (São Paulo)⁷⁶: 12 de janeiro, seguida do dia 20 (Ipiranga, em São Paulo).

Entre 22 e 25 de janeiro, aparece a indicação à estrada de Ferro Noroeste do Brasil (“*Line of N.W. R[ail]. R[oad]*”), certamente acessada em Bauru e, então, “Matto Grosso [do Sul]”: cruzando o rio Paraná em Jupiá, onde atualmente está o reservatório da hidrelétrica de mesmo nome e, depois, Arapuá (aludindo à estação ferroviária, hoje em Três Lagoas). Dois dias depois ele retorna, acessando “Assis” (São Paulo, 27 de janeiro) e percorrendo um longo trecho rumo ao sul, chegando a Bagé (sul do Rio Grande do Sul) no dia 2 de fevereiro.

A partir daí Forbes dirige-se ao Uruguai, onde menciona diversos pontos (p.ex. *Santa Rosa, Las Piedras* e Montevideu) entre os dias 3 e 7 de fevereiro, sendo que no dia 6 já estaria no “*Northern Uruguay*”, portanto retornando ao Brasil.

Até o dia 9 de fevereiro transita por extensa região gaúcha, visitando Santa Maria, Cacequi, Ibaré e o porto de Rio Grande (incluindo Capão Seco⁷⁷). Em seguida, rumo a Porto Alegre⁷⁸, de onde se dirige a Jacuí, Taquarembó, Julio de Castilhos e Canabarro entrando, no dia 12, em Santa

⁷⁶ Forbes chegou ao Brasil pelo Rio de Janeiro sendo a data de sua saída de Londres: 24 de dezembro de 1914, onde embarcou no *Highland Warrior* (Correio Paulistano, de 23 de dezembro de 1914, página 10), um enorme vapor de carga britânico que foi a pique em outubro de 1915.

⁷⁷ A estação ferroviária de Capão Seco na época era apenas uma “parada” situada no início do canal de São Gonçalo, ligação entre as lagoas dos Patos e Mirim.

⁷⁸ O jornal portoalegrense “A Federação” (edição de 11 de fevereiro de 1915, página 3) narra um encontro que ocorreu entre Forbes – acompanhado de Farquhar – com o presidente do Estado (Antônio Augusto Borges de Medeiros) e outras autoridades, no palácio do governo local. Segundo a matéria: “*Às 11,55 horas dirigiram-se elles á estação da estrada de ferro, no automovel ‘landau’ e outro auto de palácio, postos á sua diposição pelo dr. presidente do Estado, e tomaram passagem, em trem especial, para Caxias*”. Na realidade o rumo foi outro; seguiram para Santa Maria.

Catarina, via Nova Galícia (Matos Costa) e Três Barras⁷⁹. De lá vai – agora no Paraná – a Rio Negro, Serrinha e Ponta Grossa. Nesse local, que se trata de um ramal ferroviário, retorna a Santa Catarina, visitando Rio Vermelho e o porto de São Francisco (14 de fevereiro). No dia 15 já está em Curitiba, seguindo para Morungaba (Sengés), mesmo local que recebera Roosevelt no ano anterior (vide acima).

Entre 18 e 22 de fevereiro, consta sua presença em Piaçaguera (Cubatão, São Paulo), condizendo com o trajeto ferroviário para o porto de Santos, de onde seguiria ao Rio de Janeiro. No último dia de fevereiro de 1915, Forbes estava em “Cascatinha” um bairro de Petrópolis (Rio de Janeiro). Segundo o *Wileman’s Brazil Review*⁸⁰, sua partida de retorno ocorreu em 3 de março, chegando a Paris no dia 21 do mesmo mês e chegando em Londres em 4 de abril.

Então, se o itinerário de Forbes é perfeitamente traçável e totalmente coerente no que diz respeito às linhas disponíveis, nomes de estações ferroviárias e datas, por que alguns espécimes tem o respectivo coletor atribuído a Lima e Marques?

Carvalho (2010:249), com base nos diários de Forbes⁸¹ oferece então o arrazoado necessário: “*Em São Paulo, antes da viagem para o sul, Forbes procurou Von Iheringen (sic) com o intuito de contratar um ornitólogo para acompanhá-lo. Além do ornitólogo João Leonardo Lima, Forbes ainda trouxe consigo em sua comitiva um garoto experiente no assunto para ajudar na ‘coleta’ de espécies de pássaros*”.

Ihering (1918:14) de fato menciona a sua visita ao Museu Paulista no relatório institucional compilado por Taunay (1918c): “*Foi grande o numero de visitas de*

⁷⁹ Vide itinerário de Tadeusz Chrostowski (Straube, 2016).

⁸⁰ Edição de 22 de junho de 1915, página 293.

⁸¹ Página 583 a 587.

distinctas personalidade durante o anno. Entre ellas mencionaremos os srs. H. [sic] Cameron Forbes, ex-Presidente das Ilhas Philipinas [...]”.

Note-se que, dentre os coletores que atuaram junto a Forbes nas Filipinas aparece o nome de Matias Marques⁸² que, agora finalmente esclarecido, mostrou se tratar de um auxiliar de campo que o acompanhava nos trabalhos de coleta e taxidermia, algo que inclusive se repetiu no Brasil.

Lima, como se sabe, era um coletor e preparador habilitado, conhecido de inúmeras contribuições à Ornitologia brasileira e também paranaense (Straube, 2015), Naquela ocasião ele se encontrava atuando como preparador do Museu Paulista, cargo que assumira havia dez anos, em substituição a Ernst Garbe (Nomura, 1997).

Se computado o total de espécimes obtidos durante a permanência do grupo no Brasil, observa-se que é expressivo, considerando o tempo destinado à atividade de coleta, às viagens e mesmo para que Forbes desempenhasse as atividades burocráticas para as quais havia sido designado. Seria necessária a presença de pelo menos um colecionador e taxidermista, frente a uma demanda muito grande para coleta, preparação e acondicionamento do material. Dessa forma, parece que Forbes teve participação secundária no legado ornitológico colhido, o que é confirmado pelas palavras de Carvalho (2010): “Entre uma reunião de negócios e outra, Forbes também arranjou algum tempo para matar pássaros com a sua própria arma e levar peles para os EUA”⁸³.

⁸² Cujo nome aparece grafado sob inúmeras formas: “M. Marques”, “M. Margues”, “M. Margu”, “M. Mangua” e “M.M.”; nas anotações de rótulo dos exemplares MCZ-69314 e 69315, consta: “*Collector: Matias Marques*”.

⁸³ Mas ressalto que, segundo A. Pirie (*in litt.*, 2007), além de coletar espécimes quando de sua estada no Brasil, Forbes também comprava aqueles obtidos por outros coletores. Isso fica ainda mais claro na avaliação do rótulo de dois exemplares de *Ramphodon naevius* originários do “Rio de Janeiro, Brazil”, abatidos em fevereiro de 1915 em cujo campo do coletor consta: “*purchased by W. Cameron Forbes*”.

A coleção com 44 espécimes paranaenses levadas por Forbes para Cambridge, alude aos seguintes exemplares:

Nº MCZ	Espécie ⁸⁴
“Brazil, Parana, Rio Negro” (13 de fevereiro de 1915)	
69227	<i>Cranioleuca pallida</i>
69293	<i>Pachyramphus validus</i>
69320	<i>Elaenia mesoleuca</i> [?]
69321	<i>Elaenia mesoleuca</i> [?]
69330	<i>Myiodynastes maculatus</i>
69344	<i>Myiarchus ferox</i> [?]
69365	<i>Vireo chivi</i>
69414	<i>Poospiza cabanisi</i>
“Brazil, Parana, Serrinha” (13 de fevereiro de 1915)	
69294	<i>Pachyramphus validus</i>
69295	<i>Pachyramphus validus</i>
69405	<i>Sporophila caerulescens</i>
69406	<i>Sporophila hypoxantha</i>
“Brazil, Parana, Ponta Grossa” (13 de fevereiro de 1915)	
69348	<i>Tyrannus melancholicus</i>
“Brazil, Parana, Curitiba” (15 de fevereiro de 1915)	
69226	<i>Cranioleuca pallida</i>
69246	<i>Tigrisoma lineatum</i> [?]
69322	<i>Elaenia parvirostris</i> [?]
69323	<i>Elaenia parvirostris</i> [?]
69373	<i>Geothlypis aequinoctialis</i>
“Brazil, Parana, Morungaba” (16 de fevereiro de 1915)	
69189	<i>Colaptes melanochloros</i>
69191	<i>Celeus flavescens</i>
69206	<i>Nystalus chacuru</i>
69207	<i>Nystalus chacuru</i>
69208	<i>Nystalus chacuru</i>
69209	<i>Thalurania glaucopis</i>
69215	<i>Colibri serrirostris</i>
69224	<i>Leptasthenura setaria</i>
69228	<i>Anumbius anumbi</i>
69280	<i>Columbina talpacoti</i>
69289	<i>Guira guira</i>
69290	<i>Furnarius rufus</i>
69311	<i>Knipolegus lophotes</i>
69333	<i>Hirundinea ferruginea</i>

⁸⁴ Identificação tentativa, com base no livro-tombo; os espécimes não foram reexaminados.

69335	<i>Empidonomus varius</i>
69345	<i>Tyrannus melancholicus</i>
69346	<i>Tyrannus melancholicus</i>
69360	<i>Mimus saturninus</i>
69361	<i>Turdus leucomelas</i>
69364	<i>Cyanocorax chrysops</i>
69378	<i>Pseudoleistes guirahuro</i>
69379	<i>Pseudoleistes guirahuro</i>
69391	<i>Euphonia chlorotica</i>
69384	<i>Piranga flava</i>
69385	<i>Piranga flava</i>
69407	<i>Sporophila hypoxantha</i>

O acervo, como um todo, não traz grandes novidades do ponto de vista de composição. No entanto, considerando-se a época em que foram coletadas, algumas espécies são especialmente interessantes, em particular aves tidas como *highlights* de Tadeusz Chrostowski quando de sua estada anterior (Chrostowski, 1912). Um registro em particular merece consideração: *Tigrisoma lineatum* capturada em 15 de fevereiro de 1915 em Curitiba, onde aparentemente está extinta e cuja única informação consiste de um exemplar coletado por Johann Natterer em 1820 (Straube *et al.*, 2014).

É também interessante notar que Forbes por pouco não coincidiu alguma de suas estadas no Paraná, com o polonês Tadeusz Chrostowski, que se encontrava na colônia Afonso Pena (São José dos Pinhais) entre dezembro de 1914 e fevereiro de 1915, quando retornou à Polônia (Straube, 2016).

Depois de concluída sua viagem ao Brasil, Forbes ainda se manteve à frente da *Brazilian Railway Company* até o início de 1919, quando uma nova diretoria assumiu a tarefa depois dos acordos entre os acionistas europeus em 1918 (Carvalho, 2010).

Ele ainda retornaria às Filipinas em 1921, agora em missão federal junto com Leonard Wood (*Wood-Forbes*

Commission) e, a partir de 1930, esteve no Haiti como diplomata enviado pelo presidente Hoover, a fim de assegurar o domínio estadunidense sobre a ilha, invadida pelos EUA desde julho de 1915 (Bethell, 1990). Logo em seguida até por volta de 1932, foi designado embaixador dos EUA no Japão e também atuou em missões diplomáticas no Haiti, Manchúria e leste asiático.

Foi autor de vários títulos (por exemplo o tratado político “*The Philippine Islands*”) e tinha grande interesse na teoria e prática das ciências econômicas e políticas. Também era dedicado aos esportes: foi jogador e depois técnico de futebol americano da equipe da Universidade de Harvard, onde estudou (Fanning, 2002). Dedicou-se igualmente ao polo, que praticou por mais de 40 anos e sobre o qual escreveu o primeiro livro conhecido sobre o assunto (“*As to Polo*”: Forbes, 1911), contendo regras, táticas e história.

Chegou à titulação de *Legum Doctor*, grau acadêmico de doutorado em ciências jurídicas pela *Bates College* e integrou, como coordenador e membro-vitalício, o Comitê Financeiro do *Massachusetts Institute of Technology* (MIT), além de ser membro da Sociedade Histórica de Massachusetts.

Cronologia

- 1916** Alberto Santos Dumont visita as Cataratas do Iguaçu, onde pede com veemência a criação do Parque Nacional do Iguaçu já sugerido por André Rebouças em 1876. A oficialização da área protegida apenas ocorre em 1939.
- 1916** Hermann von Ihering é exonerado do cargo de direção do Museu Paulista, sendo substituído por Alfredo d’Escagnolle Taunay.
- 1916** Asa Chandler publica *“A study of the structure of feathers, with reference to their taxonomic significance”*, um dos mais importantes clássicos sobre a morfologia das penas.
- 1917** Falecimento de Emil August Goeldi.
- 1918** Fundação da cidade de Pato Branco, no sudoeste paranaense. Originalmente com a denominação de Bom Retiro, formou-se como uma iniciativa do governo estadual, a fim de satisfazer os antigos moradores que se mostravam contrários à decisão oriunda da Guerra do Contestado.
- 1918** Charles Barney Cory dá início ao *“Catalogue of birds of the Americas”*, depois com a inestimável participação de Charles E. Hellmayr e Boardman Conover, esforço que se estendeu até 1949.

ADOLPHO LUTZ, HERÁCLIDES DE ARAÚJO E OLYMPIO DA FONSECA FILHO

ADOLPHO [OBERTEUFFER] LUTZ (Rio de Janeiro: 18 de dezembro de 1855; Rio de Janeiro: 6 de outubro de 1940), médico formado em 1879 pela Universidade de Berna (Suíça)⁸⁵, foi um dos mais renomados pesquisadores brasileiros nos campos da epidemiologia, medicina tropical e veterinária. Com estágios e especializações na Inglaterra, Alemanha, Áustria e França (onde conviveu com Louis Pasteur), trabalhou como clínico geral no interior de São Paulo (Limeira) e, em seguida, passou a se dedicar às doenças tropicais. Nesse campo pesquisou a hanseníase, peste bubônica, cólera, febre amarela, febre tifóide, malária, ancilostomíase, esquistossomose e leishmaniose. No início do Século XX iniciou sua amizade com Emílio Ribas e Vital Brazil, fornecendo grande parte das bases técnicas para a produção dos primeiros lotes de soro antiofídico o que iria, anos mais tarde, culminar com a criação do Instituto Butantan.

Além de suas pesquisas mundialmente consagradas no campo da saúde, ele era também um grande naturalista,

⁸⁵ Era filhos de suíços que vieram ao Brasil em 1850. Sua influência profissional veio de seu avô, o médico Friedrich Bernard Jacob Lutz, que foi chefe do serviço médico do exército da Confederação Helvética. Prefiro a grafia Adolpho (a Adolfo), tal como Benchimol & Sá (2007), pesquisadores a quem devemos nossa profunda gratidão pelo resgate, análise e republicação da obra completa de Lutz, disponível *online* em <http://books.scielo.org/id/t6bcbg> (acessada em 23 de janeiro de 2016).

inclinado à pesquisa em Zoologia. Nesse campo, além das observações e coletas de material em campo, também estudava em gabinete e laboratório. Seus interesses se concentravam na entomologia – notavelmente dípteros (mosquitos e mutucas⁸⁶), helmintologia e acarologia, mas também produziu artigos sobre aracnologia (escorpiões), malacologia (moluscos), carcinologia (crustáceos) e herpetologia (serpentes e anfíbios⁸⁷). Não por acaso Benchimol & Sá (2007), na compilação completa de sua obra, o definem como “*um dos mais versáteis cientistas que o Brasil já teve*” e, segundo esses autores, Artur Neiva o considerou “*um naturalista genuíno da velha escola darwiniana*”.

No início de 1918, Lutz – já contando com quase 63 anos de idade – liderou uma grande expedição que percorreu o interior de São Paulo seguindo pelo rio Paraná até a foz do Prata e, dali, retornando ao Rio de Janeiro com estadas curtas por algumas cidades portuárias brasileiras. Estava acompanhado de seus colegas médicos e igualmente pesquisadores, o paranaense **HERÁCLIDES CÉZAR DE SOUZA ARAÚJO** (Imbituva PR, 24 de junho de 1886; Rio de Janeiro: 10 de agosto de 1962)⁸⁸, que anos depois se tornou

⁸⁶ É de sua autoria uma lista de 25 espécies de tabanídeos de Guaratuba (Paraná) baseada em 170 espécimes coletados por Ruy Tibiriçá em 1920, publicada no Boletim do Instituto Oswaldo Cruz (ano 1, tomo 1, janeiro de 1921).

⁸⁷ Lutz, que era casado com a inglesa Amy Marie Gertrude Fowler, teve três filhos; dentre eles Bertha Lutz (1894-1976), uma das mais importantes estudosas dos anfíbios brasileiros, precursora do movimento feminista no Brasil, além de amiga e correspondente de Emilie Snethlage.

⁸⁸ Antes da medicina (concluía em Berlim, Alemanha), formou-se também em Farmácia. Nascido na pequena cidade de Imbituva, era filho de um médico homeopata que ali atuava, bem como irmão do advogado, empresário e político (deputado estadual e prefeito de Curitiba) Hildebrando César de Souza Araújo (1885-1948). Clinicou em Curitiba (especializado em infectologia) e era também capitão da Guarda Nacional desde 1910. Em 1916 conheceu o presidente Affonso Alves de Camargo, com quem manteve relação estreita e excelente intercâmbio, em particular para o combate a doenças epidêmicas. No jornal “A Republica” (4 de janeiro de 1917; ano 31, nº3, p.1) há detalhes sobre sua vinda ao Paraná naquele ano, que culminou com sua designação, em março do mesmo ano para a chefia de um posto médico no “norte” do Paraná, segundo relatórios do Presidente da

autoridade mundial no estudo da hanseníase, e o jovem **OLYMPIO DE OLIVEIRA RIBEIRO DA FONSECA FILHO** (Rio de Janeiro: 1895; Rio de Janeiro: abril de 1978), especialista em Parasitologia e diretor de campo dos trabalhos da Fundação Rockefeller.



Adolpho Lutz (1855-1940) e Heráclides César de Souza Araújo (1886-1962) (Fontes: Casa de Oswaldo Cruz⁸⁹ e jornal A Republica de 21 de março de 1916).

Uma narrativa dessa viagem foi publicada no mesmo ano (Lutz *et al.*, 1918a,b) em formato bilíngue (português e inglês – mas com razoáveis diferenças de conteúdo e apresentação)⁹⁰, contendo valiosas informações de época sobre as questões de saúde pública, além de inúmeros

Província (fevereiro de 1918, p.14-15; fevereiro de 1919, p.12). Entre 1918 e 1921 comandou o Serviço de Profilaxia Rural do Paraná, órgão oficial do Departamento Nacional de Saúde Pública, que era dirigido por Carlos Chagas. Algumas informações biográficas constam no jornal “A Republica” de 21 de março de 1916 (ano 31, nº 66, p. 1).

⁸⁹ URL: <http://arch.coc.fiocruz.br/index.php/retrato-de-adolfo-lutz-5>

⁹⁰ Aqui trato as versões portuguesa e inglesa respectivamente como Lutz *et al.*, 1918a e 1918b. Uma resenha (com ênfase em entomologia médica) desses artigos foi publicada no *The Review of Applied Entomology: Series B: Medical and Veterinary* (volume 8, parte 2, p.25-27, fevereiro de 1920).

detalhes das condições socio-econômicas, paisagens e espécies animais observadas; um precioso encarte fotográfico com imagens colhidas por seus assistentes acompanha a publicação. Esse artigo intercala notas sobre assuntos diversos, colhidas dos diários de seus participantes, contendo anotações sobre o itinerário e sítios visitados, clima, “estado sanitário” (ocorrência de doenças e presença de vetores), limnologia e observações episódicas de insetos, mamíferos, aves e répteis e descrições de fitofisionomia⁹¹.

Em virtude de sua apresentação algo confusa, é importante discriminar os subtítulos desse artigo que, além de tudo, apresentam autorias diferenciadas:

Lutz <i>et al.</i> 1918a		
Breve relação de viagem, extrahida dos diários dos Drs. Lutz e Araújo	Lutz & Araújo	104-115
Diário do Dr. Souza Araujo	Araújo	115-117
Clima e estado sanitario pelo Dr. Souza Araújo [contendo Capítulo I – Clima e Capítulo II – Estado Sanitario]	Araújo	117-157
Protozoologia e Planctonologia	Fonseca*	157-161
Observações entomologicas	Lutz*	161-169
Notas zoologicas	Lutz*	169-170
Notas botanicas	Lutz*	170-171
Lista das fotografias que acompanham as notas	Lutz <i>et al.</i>	172-173
Lutz <i>et al.</i> , 1918b		
Summary of the diaries of Drs. Lutz and Araujo	Lutz & Araújo	83-84
Entomological, zoological, and botanic notes by Dr. Adolpho Lutz	Lutz	84-94
Climatology and Sanitary conditions by Dr. H. de Souza Araujo	Araújo	94-97
Protozoology and Planktology by Dr. O. Ribeiro da Fonseca	Fonseca	97-100
Explanation of photographs	Lutz <i>et al.</i>	101-102

*. Autoria deduzida com base na respectiva versão inglesa.

⁹¹ Crozariol (2017) produziu uma excelente revisão sobre a viagem de Lutz e Astrogildo Machado através do rio São Francisco em 1915.

Convém aqui lembrar que o intervalo entre os anos 10 e 20 foi especialmente preocupante para as autoridades sanitárias paranaenses, no que diz respeito às chamadas “doenças tropicais”⁹², que se disseminavam grandemente pelas regiões quentes do norte e noroeste⁹³. Nesse sentido, ficou famoso o relatório oficial preparado por Manoel Carrão e Petit Carneiro tratando das “*febres de mão caracter da zona norte paranaense*”⁹⁴ e que motivou a vinda da equipe de Lutz para o Paraná ocorrida, segundo consta, por uma requisição do próprio governo estadual⁹⁵. Os estudos visaram “*as molestias reinantes naquella região e a zoologia-phytologia e geographia medica, não só do rio Paraná, como de seus principaes affluentes*”⁹⁶.

O trio, que Lutz chamou de “Comissão”, partiu de São Paulo no dia 15 de janeiro, passando por Bauru, Araçatuba, Itapura e Jupiá chegando então em Três Lagoas (Mato Grosso do Sul), onde tomaram um barco a vapor, dando início efetivo à viagem pelo rio Paraná.

Seguem pela margem sul-matogrossense do rio, chegando a Guaíra, depois Porto Mendes, Foz do Iguaçu e visitam as adjacências da Argentina (Posadas e Encarnación, em Misiones) e Paraguai (Puerto Bertoni, Assunção). Da capital paraguaia, seguem em um vapor através do rio Paraguai, visitando diversos pontos até a chegada a Buenos Aires, de onde seguem para Montevidéu e, em seguida, os

⁹² De acordo com o relatório de Araújo (*in* Lutz *et al.*, 1918a:154-155), a malária começou no Paraná em 1908 com epidemias de focos isolados que se intensificaram em 1913, 1915 e 1917; nesse último ano se dispersou de maneira impressionante por toda a região do litoral, vale do Ribeira, nordeste e ao longo do rio Tibagi.

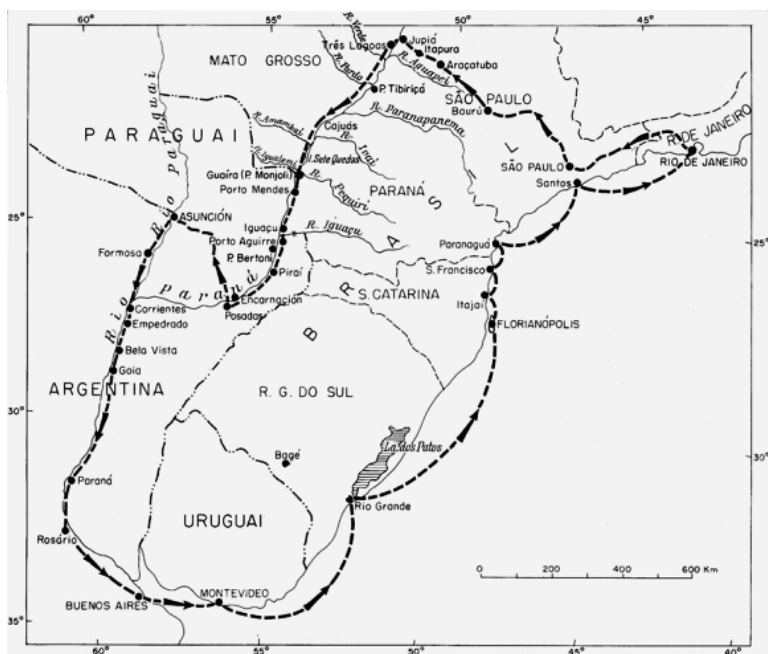
⁹³ Lembro do falecimento do patrono da Omitologia paranaense, Tadeusz Chrostowski, em 1923 por complicações da malária adquirida em Porto Mendes (Straube, 2016).

⁹⁴ “A Republica” de 14 de maio de 1914 (ano 29, página 1).

⁹⁵ Segundo Lutz *et al.* (1918b), toda a viagem foi realizada por financiamento do governo do Paraná e Instituto Oswaldo Cruz. Araújo (*in* Lutz *et al.*, 1918a:124) afirma que os custos da viagem correram por conta do governo do Paraná que também forneceu recursos para a aquisição de medicamentos distribuídos ao longo do trajeto entre Jupiá e Foz do Iguaçu.

⁹⁶ “A Republica” de 22 de janeiro de 1918 (ano 33, nº 18; página 1).

portos de Rio Grande⁹⁷, Florianópolis, Itajaí, São Francisco, Paranaguá retornando ao Rio de Janeiro.



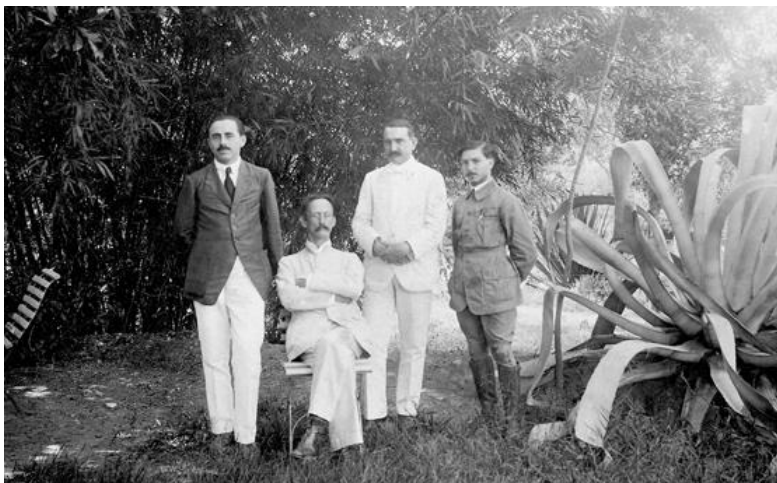
Itinerário da viagem de Lutz e sua equipe em 1918 (Fonte: Benchimol & Sá, 2007:379)

Ao longo do percurso, são feitas várias indicações sobre componentes peculiares da flora e fauna. Em alguns trechos, fica claro o interesse do grupo por parasitas, que eram encontrados em animais abatidos para esse fim, resultando na averiguação de conteúdos internos.

A entrada em território paranaense, ocorreu na noite (de lua cheia!) do dia 27 de janeiro, ao passar pela Barra (fz) do Paranapanema. No dia seguinte, tomaram a margem

⁹⁷ Desse local, Araújo separa-se do grupo para pesquisar com mais profundidade a região portuária e outras localidades do interior gaúcho (p.ex. Bagé).

direita do rio Paraná, chegando na foz do rio Iguatemi (Mato Grosso do Sul) e, perto das 11:00 h, atingiam Porto Mojoli (local onde atualmente está a cidade de Guaíra), recanto notado de longe pela visualização da “*fumaça dos saltos* [das Sete Quedas]”.



San Bernardino (Paraguai), às margens do Lago de Ipacarái em 1918: da esquerda para a direita: Luis E. Migone, Adolpho Lutz, Heráclides Araújo e Olympio da Fonseca (Fonte: Biblioteca Virtual em Saúde)⁹⁸.

No dia 30 fizeram uma incursão para a foz do rio Piquiri, segundo ele, distando cerca de 20 km do Porto Mojoli; são dali as primeiras anotações sobre a fauna paranaense (Lutz *et al.*, 1918a:107):

“[O Rio Piquiri] *Tem a agua mais clara, verde. Viu-se biguás, biguatingas, patos bravos, duas ariranhas*⁹⁹, rastos de anta e,

⁹⁸ URL: <http://www.bvsalutz.coc.fiocruz.br/html/pt/static/galerateen/albumFamilia.htm>

⁹⁹ Na foto que acompanha o artigo (Fot[ografia]. 7, Estampa 22) o animal mostrado é uma lontra, que se tratava de um exemplar mantido em cativeiro no hotel onde se alojaram em Porto Tibiriçá (foz do rio Pardo). Em Lutz *et al.* (1918a:106), há o seguinte: “*Existe no*

*guiados por, um espanhol Manuel, unico morador do lugar, caçámos duas **jacutingas**. Apanhámos tambem alguns peixes de tamanho medio, como dourado, piracanjuba e matrinxem. Colhemos na viagem varias motucas e mosquitos. Matou-se tambem uma jararaca”.*

No dia seguinte, já de volta a Guaíra, resolvem investigar o “mato”; dali fazem menção a “...onde vimos duas **araras vermelhas** e alguns outros passaros”.

Já no primeiro dia do mês de fevereiro, a narrativa parece incluir um erro descritivo. O trecho “*I.II. O tempo continuou chuvoso, mas, nem por isso, realisámos a projectada excursão á fóz do Ivahy, distante uns cem kilometros*”. De acordo com o desenrolar da descrição, a frase deveria ser “nem por isso deixamos de realizar”, visto que são citadas várias localidades que coincidem com o trecho entre as foz dos rios Piquiri e Ivaí, inclusive uma aldeia de índios Caiuá, onde hoje está Porto Camargo, e a foz do Arroio do Veado, local tradicionalmente conhecido como ponto de concentração da araras, no chamado “Paredão das Araras” ou “Paredão do Veado” (ver Straube, 2010a). Para ali, de fato, aparece a menção de haver “grandes bandos de **araras vermelhas**”.

Até o dia 5 de janeiro, Lutz visitou diversos pontos das adjacências de Guaíra, inclusive o notável Salto nº18 das Sete Quedas. Na manhã seguinte passou à foz do rio Iguatemi (Mato Grosso do Sul), colhendo amostras: “*Matou-se uma **Ardea agami*** ¹⁰⁰ *que continha o*

hotel um exemplar novo, de sexo femeo, da Lutra paranensis ou ariranha que esta completamente manso e muito interessante pra observar-se tanto em terra como na agua”.

¹⁰⁰ Sinônimo-júnior de *Agamia agami* (Gmelin, 1789) que, embora ocorra no Planalto da Bodoquena e Pantanal do Mato Grosso do Sul, não consta ocorrer em latitudes tão meridionais; provavelmente foi confundida com *Tigrisoma lineatum*. *Diplostomum* é um verme trematódeo, parasita de peixes.

Diplostomum¹⁰¹ *grande* Diesing, uma **Cairina moschatae** pegou-se um tatú azul que atravessava o rio a nado. Nestes animais não encontramos ectoparasitos”. Já no trajeto fluvial, quando de retorno a Guaíra: “Na volta vimos muitas **pombas legítimas e tucanos grandes**. Do lado do Matto Grosso, nas margens do afluente, vimos banhados e campos húmidos”.

Em 6 de janeiro o grupo prossegue viagem, passando por Porto Mendes e, no fim da manhã do dia 9, atingem o “porto de Iguassú”, ou seja, a foz do rio Iguaçu, de onde – frisa – não era possível avistar a cidade (Foz do Iguaçu). Segundo o autor, “A cidade consiste, apenas, em algumas duzias de cazas muito espaçadas, tudo situado sobre uma terra roxa escura. O horizonte é bastante vasto”.

Até o dia 14, Lutz e seus colegas, fazem diversas incursões por essa área, especialmente no que hoje é o Parque Nacional do Iguaçu, visitando inclusive as grandes cataratas. Uma dessas viagens alude a Puerto Bertoni:

“De Porto Aguirre descemos o rio e entrámos no Paraná, seguindo até Puerto Bertoni, onde encontrámos o Dr. BERTONI que nos mostrou as suas ricas coleções de objetos de índios, plantas, animais, especialmente passaros, e insectos. Recebemos varias publicações dele e de seu filho A. DE WINKELRIED. O Dr. BERTONI imprime lá mesmo um pequeno jornal científico. Elle é natural da Suíça e imigrou em 1884. Infelizmente o nosso tempo era limitado e tivemos de despedirnos, antes de ter visto, mesmo de modo summario, a metade das coleções interessantes”.

¹⁰¹ Gênero de Trematoda (Platyhelminthes), cuja forma larval de metacercária é encontrada em peixes e tendo sua forma adulta em vida livre, no sistema digestório de aves (W. Boeger, *in litt.*, 2017).

O dia 20, ao embarcar no vapor Espanha, despedem-se do Paraná, passando por *Puerto Aguirre* e seguindo sua extensa peregrinação fluvial. Ao longo de todo o trecho, o artigo traz outras inúmeras citações a elementos da fauna e flora, em suas breves estadas em territórios da Argentina, Paraguai e Uruguai e também, quando de retorno pelo Oceano Atlântico, nos estados do Rio Grande do Sul (Rio Grande, Pelotas, Bagé) e Santa Catarina (Florianópolis, Itajaí, São Francisco do Sul). Em seguida, mencionam a rápida passagem pelo Porto de Paranaguá e o rumo final da expedição, passando por Santos e Rio de Janeiro.

Essa primeira parte do artigo foi escrita por Adolfo Lutz, com base em suas anotações e nas de Araújo. No restante do conteúdo, constam outros sub-itens como se fossem notas incluídas. Ali é possível notar que a viagem também compreendeu visita a outros locais do Paraná, indicados no “*Diario do Dr. Souza Araujo*” (Araújo in: Lutz et al., 1918a:117):

“*Paraná. Abril 18 a Maio 14.*

No dia 18 chegámos a Paranaguá, debaixo de muita chuva. A’ tarde do mesmo dia subimos a serra. Em Curityba demorámo-nos uma semana e depois partimos para o Norte do Estado, afim de inspecionar o serviço da Campanha anti-malarica. Nada havia de anormal. Regressámos a capital onde permanecemos mais alguns dias”.

É de se ressaltar que, tal como Lutz, nem Araújo, nem Fonseca tinham muito interesse pela fauna e flora como

um todo¹⁰². Não obstante, as descrições sobre outros aspectos observados durante o percurso são valiosas. Destaca-se então, os detalhes sobre o clima de cidades como Guaíra e Foz do Iguaçu, bem como a narrativa sobre a situação presente de algumas doenças endêmicas. Um dos poucos apontamentos ornitológicos apresentados é ligado às condições sanitárias de Porto Mojoli onde, aludindo a um matadouro que existia perto da vila, diz Araújo: “*Os urubús são ahi extraordinariamente abundantes*”.

Também interessantes são as anotações sobre as coletas de protozoários e limnologia (“*planctonologia*”), escritas por Fonseca – esse tema provavelmente foi novamente abordado na literatura apenas muitas décadas depois. O fim da obra (Lutz *et al.*, 1918a:169): há um item denominado: “*Notas zoológicas*”, onde são discriminadas diversas espécies de mamíferos, aves, répteis e inúmeros grupos de invertebrados flagrados durante a expedição. Infelizmente, embora as descrições sejam interessantes, não há locais associados aos flagrantos mas, mesmo assim, parece útil a transcrição do excerto:

“Aves. *Os passaros aquaticos que encontrámos são observados em quasi todos os rios maiores, dos quaes não forão afujentados. Devido ás enchentes ou por serem os trechos de rio menos favoraveis, o numero deles nunca era bem grande. A unica excepção foi um bando enorme de garças brancas, encontrado no alto Paraná. De especies, que ainda não tinhamos visto em liberdade, podemos mencionar apenas a Chauna cristata que observámos no Baixo Paraná e cuja voz*

¹⁰² Embora Lutz fosse assíduo correspondente de Helmut Sick, Augusto Ruschi e Olivério Pinto (Benchimol *et al.*, 2003).

extraordinaria ouvimos no Rio Salado. Na Empreza Alica vimos muitos exemplares mansos.

*De passaros observados na margem dos rios convem mencionar principalmente as araras. Vimos um grande bando de **araras vermelhas**, espectáculo interessante e novo para nos. A especie azul e amarela (**Canindé**) só aparecia em bandos pequenos. Os **tucanos** e varias especies menores e **papagaios** erão numerosos em certas partes, como tambem os **pombos legitimos**. Todos estes passaros gostavam de pousar nas taquáras secas onde eram muito visiveis.*

*Uma caça frequente na parte brasileira do Paraná é a **Jacutinga**.”*

A equipe colecionou vários organismos, talvez com ênfase em insetos da família Simuliidae, conhecidos popularmente por “borrachudos”, à qual Lutz se dedicou com afinco desde o ano de 1909. Ao menos para esse grupo, cuja coleção foi revisada por Amaral-Calvão & Maia-Herzog (2003), Lutz demonstrava preocupação em descrever cuidadosamente os vários aspectos morfológicos mas também biológicos (posturas de ovos) e fisiológicos, dentre eles a mudança de coloração do corpo, devido ao depósito de pigmento nos tecidos após a hemólise da hemoglobina do sangue ingurgitado pelas fêmeas. Também provém de suas observações o fato de muitas espécies desse grupo instalarem seu ovos em plantas aquáticas, especialmente aquelas da família Podostemaceae evitando, portanto, as rochas fluviais (Lutz *et al.* 1918a:165).

Sobre o itinerário da expedição é necessário um aparte. Como dito anteriormente, Araújo se separou do grupo no porto de Rio Grande em 18 de março, quando

passou a explorar uma parte do sul gaúcho até Bagé. Dali retornou sozinho, aproveitando para algumas estadas (p.ex. Pelotas, Porto Alegre, Itajaí e São Francisco do Sul) durante o trajeto de volta ao Rio de Janeiro. Sua presença no Paraná se estendeu de 18 de abril a 14 de maio do mesmo ano (Lutz *et al.*, 1918a:153) quando, chegado a Paranaguá, visitou Curitiba, onde permaneceu por uma semana seguindo, então, para “... o Norte do Estado, afim de inspecionar o serviço da campanha Anti-malarica”. Na volta ainda passou alguns dias na capital e, por fim, mais três dias em Paranaguá, colecionando insetos (Araújo *in* Lutz *et al.*, 1918a:117).

É importante frisar que Araújo já estivera anteriormente no Paraná entre março e abril de 1917, quando participou de um esforço para o combate da malária na região do rio Tibagi (cidade de Tibagi, aldeamentos de São Jerônimo, Jataí, e São Pedro de Alcântara), sul (Rio Negro), Campos Gerais (p.ex. Piraí do Sul, Jaguariaíva, rios Itararé e alto Paranapanema) e também nos municípios litorâneos de “*Paranaguá, Morretes, Antonina, Guarakessaba e Guaratuba*”. Nessa região, estimou em 90% o porcentual de pessoas infectadas por vermes intestinais, chegando a 100% em Morretes e Guaratuba (Araújo *in* Lutz *et al.*, 1918a:131-132 e 153-154)¹⁰³.

Embora Araújo não tenha se detido na fauna e flora, ele fornece informações importantes sobre algumas localidades, sob contexto de época¹⁰⁴. Uma dessas é o Porto

¹⁰³ Essas informações constam do relatório publicado em março de 1917 na revista “Paraná Medico”. Em 20 de julho de 1917 Araújo também havia produzido um relatório, agora sobre a malária, intitulado: “*O impaludismo no Norte do Paraná e a sua prophylaxia*” e que foi entregue às autoridades paranaenses. Trata-se da apresentação alusiva a uma conferência que proferiu em 6 de agosto de 1917 na Universidade Federal do Paraná, a convite da Sociedade de Medicina do Paraná (“A Republica” de 6 de agosto de 1917, ano 32, n° 183, p.1).

¹⁰⁴ Também descreve *Porto Mojoli, Porto Mendes, Porto Artaza, Bella Vista* (hoje Refúgio Biológico de Bela Vista, da Itaipu) e *cidade de Iguassú*.

Xavier da Silva, localidade já abordada anteriormente (Straube, 2016) por ser sítio de coleta da terceira expedição de Chrostowski:

PORTO XAVIER. Este porto fica na margem esquerda do [rio] Paraná, entre as fôzes dos rios paranaenses Ivahy e Veado. Não é mais que uma grande area roçada, no meio da floresta; esse ponto foi fundado ahi pelo Lloyd Paranaense, para ser usado no transporte de gado de Matto Grosso para o estado do Paraná, logo que esteja terminada a estrada em construção (de cerca de 70 leguas) que vem da cidade de Guarapuava, para esse ponto, denominado Porto Xavier. A 2 kilometros daqui ha, na margem direita do rio Veado, portanto no municipio de Guarapuava, um tôlido de indios Cayuás ou Cayguás. Fomos visitar seu aldeamento. Eram eles em numero de 15, habitando a mesma chóça [...]”.

Também interessante é a citação a uma localidade visitada muitos anos depois por Andreas Mayer:

ZORORO: Zororô que significa em guarany “grande ruido” é o nome de um bairro, situado á margem esquerda do riacho do mesmo nome e a 20 kilometros de Porto Mojoli. Descendo a margem esquerda do Paraná em trem Décauville da Empreza Matte-Larangeira, é este o primeiro povoado, depois de Mojoli, levantado em terras do Governo do Paraná, pela referida empreza. Zororô é um pequeno povoado, um nucleo agricola que produz milho, mandioca, bananas, canna de assucar etc. em grande abundancia; é dependencia de Porto Mojoli. A Empreza Matte-Larangeira possui lá uma grande serraria, movida por

força hydraulica Além da serraria a empresa tem nesse logar diversos galpões para deposito de cereaes, hospedagens dos peões solteiros e cerca de 30 casitas de peças onde residem os operarios casados. Vivem em Zororô mais de 100 pessoas vassalas da referida Empresa”.

Como dito anteriormente, uma das grandes contribuições desse artigo são as documentações fotográficas obtidas durante toda a viagem e apresentadas sob a forma de 108 fotografias ao fim do volume 10 (número 2) do Memórias do Instituto Oswaldo Cruz. Tratam-se de verdadeiras relíquias flagradas por Araújo e Fonseca, retratando paisagens, cotidiano e diversos outros detalhes visualizados pelos viajantes¹⁰⁵.

As imagens atribuídas ao Paraná e seu imediato entorno aludem às fotos de número 11 a 66 e mostram o rio Paraná, a foz do rio Iguatemi, Porto Xavier da Silva e a aldeia de Caiuás, as desembocaduras dos rios do Veado (incluindo o chamado “Paredão das Araras”), Ivaí e Piquiri, além de Guaíra, Porto Mendes e Foz do Iguaçu; adiante, as imagens entre 103 a 166 expõem aspectos das Sete Quedas e do rio Paraná.

¹⁰⁵ Bechimol & Sá (2007) reproduzem todas as figuras publicadas no artigo, mas também outras, inéditas, de acervos diversos.



“13. Porto Xavier na margem esquerda do Rio Paraná” (Fonte: Lutz *et al.*, 1918a e b).



“14. Dito. Engenheiro Wilson e dr. Fonseca com um grupo de Índios Cayuás” (Fonte: Lutz *et al.*, 1918a e b).



“16. Fóz do Rio Veadó. Dr. Lutz e José Vasconcellos numa canôa de índios Cayuás voltando do aldeamento” (Fonte: Lutz et al., 1918a e b).



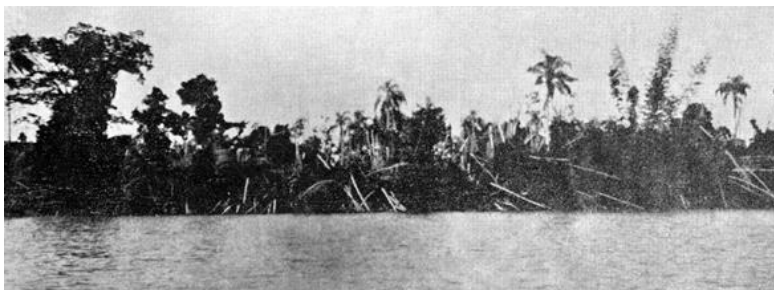
“17. Entre a foz dos Rios Ivahy e Veadó. Cabana de Índios” (Fonte: Lutz et al., 1918a e b).



O chamado Paredão das Araras, ou “Barranco alto na margem esquerda do rio Paraná” (Fonte: Lutz *et al.*, 1918a e b).



“23. Foz do rio Ivahy” (Fonte: Lutz *et al.*, 1918a e b).



“24. Taquarussú seco na margem esquerda do rio Paraná” (Fonte: Lutz *et al.*, 1918a e b).



“44. Porto do Rio Pequiri, onde mora o hespanhol Manoel Silvino” (Fonte: Lutz et al., 1918a e b).



“45. Embarque da Comissão no trem que vae de Porto Mojoli para Porto Mendes” (cf. Straube & Urben-Filho, 2010) (Fonte: Lutz et al., 1918a e b).



“46. Casa de residencia e funicular em Porto Mendes. Vê-se o transporte de uma caldeira pesando 300 kilos” (cf. Straube & Urban-Filho, 2010) (Fonte: Lutz et al., 1918a e b).



“57. Parte da Comissão na margem do Iguassú, acima dos saltos “ (Fonte: Lutz et al., 1918a e b).

Considerando uma área marginal ao território paranaense, observa-se que a paisagem retratada na figura 12 (Estampa 25) é bastante interessante. Na legenda consta: “*Marjem esquerda do Rio Iguatemy (Matto Grosso [do Sul])*” e, no texto (Lutz et al., 1918a:107), está: “*Com tempo*

muito bom fizemos uma excursão para o Rio Iguatemy, do lado do Matto Grosso¹². [...]. Do lado do Matto Grosso, nas margens do afluente, vimos banhados e campos húmidos”. Na versão inglesa, a legenda é “Left bank of the river Guatemy in Matto Grosso” mas a foto aparentemente não é indicada no texto. Em nenhum local dos dois artigos há qualquer menção à espécie de palmeira que aparece na foto, porém, na compilação de Benchimol & Sá (2007:386) a legenda é a seguinte: “Plains and ‘carnaubeiras’ (wax palms) on the Iguatemy river banks, Mato Grosso 1918. Photo originally published in Plate 25. Campos e carnaubeiras nas margens do rio Iguatemi, Mato Grosso (1918). Cópia fotográfica que corresponde à imagem originalmente publicada na Estampa 25 (Acervo MAST, Arquivo Olympio da Fonseca OF.F.0002/F.06)”.



“Margem esquerda do Rio Iguatemy (Matto Grosso)” (Fonte: Lutz et al., 1918a:107)

Naturalmente que a definição da fotografia não permite quaisquer conclusões mais precisas, porém, é realmente relevante que ali tivesse sido constatada uma

associação de carandás¹⁰⁶ *Copernicia alba*, uma espécie típica do Pantanal e Chaco do Paraguai, Bolívia e Argentina. A planta mostrada também poderia ser o buriti (*Mauritia flexuosa*) que, de fato, ocorre naquela região e, de forma tangencial, também adentra o estado do Paraná, em uma pequena área das várzeas do rio Paraná¹⁰⁷.

¹⁰⁶ E não carnaubeiras (*Copernicia prunifera*), restrita o Nordeste do Brasil.

¹⁰⁷ Essa questão de areáceas com folhas palmadas em território paranaense é historicamente controvertida, em virtude da raridade de algumas espécies (o carandaí, *Trithrinax brasiliensis*) ou de ocorrências marginais (o buriti, *Mauritia flexuosa*)¹⁰⁷. Maack, em 1948, foi provavelmente o primeiro a identificar essa questão (Maack, 1981:244). Ele atribuía a *Mauritia vinifera* (= *M. flexuosa*) a identidade das palmeiras de folhas palmadas paranaenses, inclusive os agrupamentos de *Trithrinax* observados no planalto¹⁰⁷. Segundo sua tese, “*trata-se de uma palmeira muito rara no Estado do Paraná, que testemunha a alteração climática desde o Pleistoceno*”. Hoje em dia sabe-se que o buriti é presença marcante – embora muito escassa – na região insular e das várzeas do rio Paraná e foz de seus principais afluentes até aproximadamente a latitude de 24°S (L. Tiepolo e W. M. Thomas *in litt.*, 2015). Já *Trithrinax brasiliensis* ocorria em uma vasta extensão na periferia dos planaltos, notadamente nas transições do alto curso dos rios Ivai e Piquiri e também em certos pontos isolados no meio da mata da araucária. Em se tratando de palmeiras da região noroeste, descarto já de início o carandaí, uma espécie de distribuição peculiar pelo Brasil meridional, estendendo-se até a região de falésias areníticas em Araranguá (Santa Catarina) e Torres (Rio Grande do Sul).

Cronologia

- 1919** Falecimento de HERBERT HUNTINGDON SMITH.
- 1919** É lançado o primeiro número da “*Gazeta do Povo*”, o maior jornal do Paraná. O periódico foi fundado pelos empresários Benjamin Lins (paraibano) e Oscar Joseph de Plácido e Silva (alagoano) e teve como lema, estampado no editorial da primeira edição: “a defesa dos interesses gerais da sociedade, chamando a atenção de todos e de cada um para os assuntos que, direta ou indiretamente, nos interessam”.
- 1919** COELHO JÚNIOR inicia suas viagens de exploração do interior do Paraná, que renderam material literário para a publicação da primeira edição do livro “**Pelas selvas e rios do Paraná**” (1940), narrando suas viagens de reconhecimento geográfico.
- 1919** Romário Martins publica nova versão do “**Mappa do Estado do Paraná**”, agora já sem o chamado “Terreno do Contestado” e com o contorno mais ou menos semelhante do atualmente considerado.

1919-1925

COELHO JÚNIOR

CARLOS ALBERTO TEIXEIRA COELHO JÚNIOR (n. Curitiba: 2 de novembro de 1894; f. Curitiba: 21 de junho de 1969) era filho de portugueses chegados ao Paraná em 1893. Seu pai era farmacêutico formado pela Faculdade de Medicina do Porto (Portugal) e sua tia, também vinda de Portugal, era Mariana Coelho, professora e pesquisadora da cultura e folclore, autora de vários títulos.

Formado em desenho pela Escola Nacional de Belas Artes (Coelho-Júnior, 1946:178), Coelho Júnior foi um pesquisador incansável, destacando-se além de sertanista, como escritor, poeta e jornalista, qualidades que o permitiram manter correspondência com filólogos do porte de Cândido de Figueiredo e Rui Barbosa (Romário Martins, 1946: prefácio de Coelho-Júnior, 1946:12-13); foi também o segundo ocupante da Cadeira n° 29 da Academia Paranaense de Letras.

Entre 1910 e 1918 residiu no Rio de Janeiro, onde trabalhou como redator em jornais locais e, em seguida, como topógrafo em um projeto do ramal da Baixada Fluminense. Ali encontrou-se como Edmundo “Toca” Mercer que o convidou a participar de suas empreitadas pelo oeste paranaense. Ele então não hesitou e tornou-se discípulo de Mercer, bem como companheiro de algumas de suas viagens. De acordo com os perfis biográficos da Academia Paranaense de Letras: *“Coelho Júnior tornou-se um bandeirante, percorrendo milhares de quilômetros a pé,*

*a cavalo, de canoa, com o teodolito em punho, a medir e demarcar terras. Sertanista nato, viveu na selva momentos de aventuras, narrando-as em Perfis e Panoramas, 1940*¹⁰⁸. Em 1946, ele concluiu sua obra-maior, intitulada “Pelas selvas e rios do Paraná” (Coelho-Júnior, 1946), em que descreve passagens de suas longas peregrinações pelo interior do Paraná¹⁰⁹.



Encontro de amigos: “da esquerda para a direita do observador, os pintores Estanislau Traple, Frederico Lange de Morretes e Bruno Lechowski (sentado), o escultor João Turin e o escritor Coelho Junior, em Curitiba, em 1925 no ateliê de Lange de Morretes” (Fonte: Salturi, 2007).

Livro de leitura empolgante, ilustrado por seu amigo João Turin, constam nele muitos trechos merecedores de

¹⁰⁸ Essa obra não pude analisar. Chama-se “Perfis e panoramas (o que vi e ouvi nos sertões do Paraná)” e foi editada em Curitiba, pela Empresa Gráfica Paranaense (1940).

¹⁰⁹ Ao prefácio da obra consta explicitamente o ano em que o viajante iniciou as incursões pelos “sertões do Paraná”: 1919:[7], a que se referem suas crônicas.

transcrição não apenas pelo valor poético como por certos detalhes biológicos dos locais por onde passou:

“Abrindo caminho no desconhecido, para viajar diàriamente, no máximo dois longos e penosos quilômetros, por entre a mata densa, o chão mole de ‘terra rôxa’, coberto de figueiras, Paul d’Alho, Perobas, Óleos, Caviunas, Saraguais, Cabriuvas, Canelas Monjoleiros, Massarandubas, extensos palmitais, taquarís e taquarussús, forrado de ortigueiras, e por onde as vêzes serpenteia os venenosíssimos urutús e jararacas, avançávamos...” (p.16).

O primeiro capítulo, denominado “A selva” relata o momento exato em que chega à foz do rio Ivaí, em novembro de 1921, onde havia combinado um encontro com Mercer, que vinha da região de Campo Mourão, usando o caminho que ele mesmo ajudou a abrir em 1910-1911. Coelho, por sua vez, vinha da foz do Paranapanema, após “...cortar 75 quilômetros de picadas, no alto Paraná” e “...cruzar, de noroeste a sueste, em secção transversal, o seu opulento tributário, o Ivaí, a cem quilômetros acima de sua magestosa confluência”. Não tendo encontrado o companheiro ali, estabeleceu acampamento, de onde narra detalhes que lhe pareciam interessantes, tais como várias espécies de peixes, lontras e ariranhas, antas, capivaras, jacarés e até uma sucuri.

Ali a avifauna já expressa sua presença nos trechos: “A passarada, em vôos céleres, num tataral lúgubre de asas, procura aflita, seus esconderijos” e “Pelos barrancos, nos ‘barreiros’, de águas salobas e sulfurosas, multidões barulhentas de **papagaios** multicores, fazem uma algazarra ensurdecadora” (p.20). Em seguida, nova revelação, agora

passível de destaque: “*E, no puro e diáfano céu luminoso e lindo – voam, bem alto e lentamente, como um friso de caprichoso desenho animado – as vistosas e decorativas aráras, de rica plumagem encarnada, amarela e azul, dominadoras e serenas, tagarelando de espaço a espaço*” (p.21). Essa menção permite – minimamente – uma especulação sobre a presença de duas espécies de araras, a “encarnada” ou vermelha (*Ara chloropterus*) e a “amarela e azul” ou canindé (*Ara ararauna*)¹¹⁰.



“Encontro das turmas de Edmundo Mercer e Coelho Júnior [ambos ao lado do teodolito no centro da foto], no alto Ivaí, em 1921”. (Fonte: Coelho-Júnior, 1946).

Chegados à Corredeira do Ferro, passaram no dia seguinte ao próximo destino: “Campo do Mourão” dali distante, segundo consta, “mais 120 quilômetros, agora mais

¹¹⁰ A afirmação de que esse contato com araras teria ocorrido na Corredeira do Ferro (Straube, 2010) decorre de erro de interpretação do itinerário. A narrativa de Coelho Júnior, logo nas primeiras páginas é algo confusa, o que exige repetidas leituras. A Corredeira do Ferro é, na realidade, o ponto em que deveria ter se encontrado com Mercer, o que não ocorreu pelo adiantamento desse e, ainda, pelo atraso de Coelho-Junior, por causa de “chuvas prolongadas, enchentes e doenças”.

Coelho é bastante preciso em citar elementos da fauna e flora que contatou durante suas peregrinações. Destacam-se lontras, ariranhas, antas, capivaras e até uma observação de cópula de onça-pintada. São aspectos inusitados e de grande relevância para o contexto ambiental da época, quando aquela região paranaense era quase que totalmente despovoada e com a natureza intocada.

A partir desse capítulo referente ao vale do rio Ivaí, o autor passa a apresentar crônicas dispersas, muitas delas sem datas e aleatoriamente mencionadas. No próprio prefácio consta a seguinte nota:

“Este livro, pensado e escrito través os sertões do Paraná – desde 1919 – quando lhe abrimos, no âmagô êrmo, picadões, em todos os quadrantes, até os seus confins nas lindes com Mato-Grosso e países de fala castelhana, como o traçado da Estrada por onde Manoel Mendes de Camargo pretendia trazer gado para os nossos campos despovoados; levantamos vales de rios quase ignorados no seu curso e caprichos topográficos, como o Cantú e Piquirí; e fundamos núcleos coloniais como Serra da Pitanga (hoje cidade, sede do Município do mesmo nome) Campo Mourão e Pato Branco [...]. É o sertanista que palmilhou, a selva abandonada – a pé, a cavalo, de canoa, por trilhos, abrindo picadas, enfrentando o curso de caudais desconhecidas – e que depois de muito tempo, retorna para a magnífica surpresa de encontrar estradas transitadas por frotas de caminhões, embarcações fluviais drapejando a bandeira nacional em portos estrangeiros – indústrias que enriquecem,

povoados que civilizam e escolas que educam, abrindo rumos à economia nacional” (Coelho-Júnior, 1946:[7].

Com isso, que até intercala descrições romanceadas, até pode-se encontrar citações a espécies da fauna: papagaios, jacutingas, onças-pintadas, capivaras e antas mas essas menções – devido ao estilo confuso – não podem ser atribuídas a épocas ou locais específicos. Uma exceção alude aos andorinhões (*Cypseloides senex*) encontrados nas Cataratas do Iguaçu: “*Multidões de pássaros, voam, em revoadas de milhares de asas – as **andorinhas** – a tatarar, vertiginosas, ao redor das quedas*” (Coelho-Júnior, 1946:174).

Um outro trecho aproveitável, e valioso do ponto de vista fitogeográfico, descreve a região de Campo Mourão na segunda década do Século XX:

“O testemunho eloquente dessas suas altas qualidades positivas, encontramos-lo em 1920, quando, com os saudosos sertanistas Edmundo Mercer, Manoel Mendes de Camargo e João Bento, rasgamos, partindo do marco 0 no salto Ubá, no alto Ivaí, no quadrante noroeste, com mais de cem quilômetros de picada em sertão despovoado, e fomos dar, na primeira arrancada, em Campo do Mourão, a duzentos quilômetros do nosso destino – as altas barrancas do majestoso Paraná.

Quando, após êsses 119 quilômetros de sertão, abriu-se-nos a esmeraldina clareira do campo, numa área de, mais ou menos, dez mil hectares de pastagens planas salpicadas de ‘buritis’ (pequenas e graciosas palmeiras) delimitada por dois ribeiros de águas lípidas a correr-lhe à flor das rochas e silhuetando horizonte

*por frisos de compactos pinheirais –
tivemos a impressão que havíamos
descoberto os lendários campos do
‘Paiquerê’, o paraíso dos ‘Caingangues’”
(Coelho-Junior, 1946:35).*

Com esse breve relato é possível notar não somente as enormes extensões de campos e cerrados que existiam na região centro-noroeste paranaense (Maack, 1981), tradicionalmente tida como dominada pela floresta estacional. Nota-se, ainda, a menção às palmeiras carandaís (*Trithrinax brasiliensis*), localmente chamadas de “burutis”¹¹² e que tornaram-se raríssimas em sua área de ocorrência, confinada aos planaltos da região sul do Brasil.

O capítulo dedicado a “O Território do Iguaçu” (Coelho-Júnior, 1946:177-187), afinal, embora carente de quaisquer informações biológicas, retorna ao estilo de descrição de viagens, sendo nele possível acompanhar sua versão sobre a expedição do rio Piquiri (*vide* Edmundo Alberto Mercer) de 1919, com detalhes sobre a visita, que se estendeu desde a chamada Serra da Pitanga até os saltos de Sete Quedas em Guaíra; também menciona duas outras viagens realizadas por ele, em 1921 e 1923, para essa última localidade. Mais adiante aparecem detalhes sobre sua atuação, a partir de 1925, na região sudoeste (Clevelândia e Pato Branco), onde realizou medições topográficas e manufatura de cartas geográficas sob o comando do engenheiro Francisco Gutierrez Beltrão.

Coelho Júnior, assim como muitos outros autores da época, é contraditório ao postular um desenvolvimento necessário ao mesmo tempo em que clama pela preservação da natureza. Esse primitivo esboço de “desenvolvimento

¹¹² Corruptela de buriti, palmeira (*Mauritia flexuosa*) de folha igualmente palmada, mas de maior porte e, no Paraná, confinada a algumas poucas regiões de várzeas do rio Paraná, na divisa com o Mato Grosso do Sul (*vide* acima, sobr Adolpho Lutz).

sustentável” visava, por assim dizer, a congregação da preservação dos elementos biológicos, especialmente paisagens, e o crescimento econômico das regiões, cidades e de seus habitantes. Esse antagonismo parece ser tônica constante de textos da época, inclusive em obras escritas por caçadores (vide, por exemplo, Alcides Laffranchi).

Desta forma, parece até herético, frente à opinião conservacionista moderna, que em um mesmo parágrafo, o autor mencione “*a criação do Parque Nacional [do Iguaçu]*” no mesmo trecho em que enaltece a construção da rodovia Guarapuava-Foz do Iguaçu e da ferrovia São Paulo-Paraná esta última, “*abrindo caminho nas terras virgens e ricas dos sertões dos vales do Ivaí e Piquirí, por onde se infiltra, povoando-a cultivando-a, enriquecendo-a...*” (Coelho-Júnior, 1946:187). O resumo filosófico da obra deve ser justamente esse, trazendo a dificuldade humana de se conciliar o progresso à proteção dos recursos naturais. Ainda que pareça estranho ler, lado a lado, as frases:

“Mas, felizmente, para o progresso daquela gleba, até então estanque, a dinâmica dêsse infatigável criador de prosperidades e riquezas, iniciou a batalha contra os inúmeros obstáculos e foi começada, como entusiasmo vigoroso dos fortes e a energia vencedora dos persistentes. E o maquinário para o início industrial lá chegou, como por encanto. Assim é que já se está fazendo um aproveitamento racional das madeiras, que antes iam desaparecendo pelo fogo imprevidente das roçadas, como acontece pelas zonas do Campo do Mourão, onde dói ver pinheirais inteiros queimados, como velas fantasmáticas a entristecer a paisagem, como monstruosos círios a velar a natureza morta” (Coelho-Júnior, 1946:184).

JULIO NOGUEIRA

JULIO NOGUEIRA (n. Fortaleza, Ceará, 15 de setembro de 1873) era jornalista, escritor e especialista em linguística, sendo um dos fundadores da Academia Brasileira de Filologia. Residindo em Manaus a partir de 1894, foi secretário da Biblioteca Pública local, diretor da Imprensa Oficial e professor vitalício do Ginásio Amazonense. Em 1915, transferiu-se para ao Rio de Janeiro, assumindo a docência catedrática do Colégio D. Pedro II, onde ministrava aulas de línguas portuguesa e francesa e Literatura. Autor de diversas matérias para jornais, dentre eles o Jornal do Commercio, assina pelo menos dezesseis livros sobre linguística e aspectos geográficos, dentre eles “A linguagem usual e a composição” e “Breviário da graphia official”, estudos lançados respectivamente em 1929 e 1934, tratando da língua portuguesa (Azevedo-Filho & Silva, 2002).

Em 1920 ele publicou o livro “Do Rio ao Iguassú e ao Guayra”, que narra uma série de vivências e observações colhidas durante uma viagem de férias ocorrida em novembro do ano anterior. Descompromissado, o autor inclui na obra observações sobre o potencial turístico e econômico da região oeste paranaense, ainda pouco explorado: *“As ligeiras notas que fui colhendo, de passagem, terão talvez algum interesse para os que estudam as condições de nosso paiz, aquellas para quem o Brasil não é apenas o Rio de Janeiro e encontram sabor especial*

em ler noticias das nossas cousas, das forjas latentes da nossa flora e do nosso solo; aquelles que dedicam louvavel attenção a tudo que pode conduzir á nossa maior expansão econômica, a um lugar mais significativo a que já temos direito incontestável pelo que produzimos e pelo que somos capazer de produzir”.

Em 12 de novembro de 1919 iniciou sua jornada, primeiramente em São Paulo, depois por via férrea, chega a Porto Amazonas, tomando um barco a vapor e seguindo pelo rio Iguaçu até União da Vitória. No dia 14 chega a Curitiba, de onde parte para Três Barras (Santa Catarina) em uma viagem, segundo consta, de nove horas de trem. Visita a Lumber, descrevendo a famosa serraria e sua rotina; destaca-se aí (Nogueira, 1920:29) uma foto de duas onças-pintadas (*Panthera onca*) caçadas na região que, porém, é carente de datação ou localidade¹¹³.

Dali, onde demorou-se por quase duas semanas, retorna a Curitiba, por Mafra, onde permanece até o dia 2 de dezembro, quando decide conhecer a Serra do Mar, pela estrada de ferro, visitando Roça Nova e Morretes, retornando à capital em seguida.

Todas essas visitas foram, com efeito, intercalações ao longo de sua viagem principal, sendo que o itinerário propriamente dito iniciou-se apenas no dia 4 seguinte, quando – via Ponta Grossa – retorna a Porto União, para finalmente seguir rumo ao sul¹¹⁴.

¹¹³ Mais adiante (Nogueira, 1920:127), para a região de Sete Quedas, ainda cita: “*Encontrámos rastos de onça e de capivaras: foram os unicos vestigios que se nos depararam da fauna regional tantas vezes descripta pelos meus antecessores, povoada de tigres (1) e leões (2)*”. Os números aludem às seguintes notas de rodapé: “*(1) o tigre da região é a onça vulgar*” e “*(2) = o leão, chamado ‘leão americano’, é o puma*”.

¹¹⁴ O itinerário de Nogueira, embora razoavelmente descrito, é confuso pois inclui indas e vindas para pontos que não formam uma rota retilínea.



Duas onças-pintadas (*Panthera onca*) abatidas na região de Três Barras.

Segue, então, pelo planalto meridional catarinense e gaúcho e atinge o Uruguai, visitando Montevideu e, em seguida, Buenos Aires – onde parte em viagem fluvial pelo rio Paraná acima. Passa por Corrientes, Posadas e, enfim, chega novamente ao Paraná, em Foz do Iguaçu.

Descreve com minúcias as condições locais e sua visita às cataratas, essa ocorrida em 15 de janeiro de 1920, e sobre a qual dedica um capítulo inteiro, com valiosas ilustrações fotográficas. Cinco dias depois, segue pelo rio Paraná demandando Guaíra e é ao longo do trecho entre Foz do Iguaçu e Porto Mendes que desperta para algum tipo de menção à avifauna:

“A paisagem é animada pelos bandos de garças, patos selvagens e gaivotões que cruzam o rio. Por vezes cortam o ar grupos de araras, que, numa algazarra festiva pousam nas grandes árvores, enfeitando-as de pontos multicores, que á distancia, parecem flores e frutos de estranha beleza. Por vezes tambem é um grupo irrequieto de periquitos, que vão vestir com a viveza de sua plumagem verde os galhos mortos das arvores gigantes”.

Não fosse a rápida e superficial citação acima, relevante ao menos para o caso das araras (discutido em Straube, 2010a) e pelas indicações de certos trechos de itinerários e localidade (por exemplo Zororó, localidade de Andreas Mayer), em nada mais se poderia resgatar sobre a avifauna no percurso de viagem. O livro, como dito, se trata de um esboço corográfico que enfatiza as potenciais oportunidades para o desenvolvimento da região, de forma, que o interesse pela fauna e flora dos pontos visitados é apenas tangencial e meramente episódico.

Cronologia

- 1921** CHROSTOWSKI publica o artigo “*On some rare or little known species of South American birds*”, com informações sobre algumas espécies colecionadas durante sua estada no Paraná.
- 1921** Chegam ao Paraná, o naturalistas TADEUSZ CHROSTOWSKI, TADEUSZ JACZEWSKI e STANILAW BORECKI para a longa expedição de coleta naturalística que se estendeu até 1925.

É sabido que muitos ítems de História Natural e também de outras áreas do conhecimento foram colhidos e guardados por imigrantes europeus no Paraná. Embora essas pessoas em geral não detivessem ligação direta com as ciências biológicas, tais peças acabaram sendo incorporadas a acervos diversos¹¹⁵. Em muitos casos, esses colaboradores eram meros curiosos, mas há alguns que se tornaram naturalistas diletantes e que, assim, formavam expressivas coleções de grupos animais de sua preferência.

Enquadra-se nesse padrão o polaco **ALBERTO [ou ADALBERTO] SZUKIEWICZ**, um ativista do Partido Socialista Polonês e importante militante de causas sociais, de imigração e particularmente da independência polonesa. Foi redator do periódico *Niwa* (“O Campo”) (Malczewski, 2008), que era editado por Szimon Kossobudzki (1869-1934), médico, jornalista, político e presidente da sociedade Renascença (Wachowicz & Malczewski, 2000).

Chegou ao Paraná por volta de 1911, como representante da Sociedade de Socorro aos Emigrantes e

¹¹⁵ Também brasileiros contribuíram isolada ou fortuitamente com acervos ornitológicos. Um caso emblemático, pela raridade da espécie envolvida, é a harpia (*Harpia harpyja*) mencionada por Pinto (1938:79) (MZUSP-11187) que teria sido coletada por Bueno em “XII, 1925” em “Paraná, Palmas”. O nome do coletor é Zeferino Bueno de Almeida, antigo proprietário da “Fazenda Ressaca”, que compreendia extensa região (chegou a 40 mil hectares) incluindo parte do município de Palmas, como também da porção divisória catarinense em Ponte Serrada. Dessa forma, parece mais provável que o espécime seja genuinamente paranaense onde se localizava a sede da propriedade, embora não seja impossível que seja oriundo do estado vizinho.

também dos jornais de Varsóvia *Kuryer Worszanski* e *Swiat*. Estabeleceu-se na colônia de Papagaios Novos em Palmeira, trabalhando como apicultor e, em 1917, tornou-se¹¹⁶ administrador e professor de Apicultura, Botânica e Física Experimental da “Escola Prática de Agricultura Gayerovo” de Araucária, onde funcionava também o Posto Agrônômico Gayerovo¹¹⁷. Sobre seu ofício, Szukiewicz colaborou com alguns periódicos curitibanos, ressaltando a importância da criação de abelhas na economia local¹¹⁸. Participante de grupos de defesa ao imigrante polonês no Paraná, ajudou a organizar o “Congresso Polaco”, um evento ocorrido na Sociedade Garibaldi em 16 de dezembro de 1917 e que elegeu o “Comitê Central Polonez”, do qual era secretário.

Entusiasta da História Natural, colecionava itens diversos e, segundo Wąsowska & Winiszewska-Słipińska (1996), a coleção formada por ele - atualmente guardada no *Muzeum i Instytut Zoologii* de Varsóvia - compreende cerca de 400 moluscos marinhos, 800 lepidópteros obtidos na região de Curitiba, algumas “*eagles*” (acipitrídeos) montados e também ninhos de vespas paranaenses. Esse material, somado a outros espécimes coletados por imigrantes poloneses¹¹⁹, foi levado por Tadeusz Jaczewski, quando de retorno da Terceira Expedição Polonesa ao Paraná (*vide* Józef Czaki).

A “águia” mencionada é provavelmente um gavião-pegamaco (*Spizaetus tyrannus*) (MiZ-35223) que consta

¹¹⁶ A República (ano 31, n° 50, edição de 1° de março de 1917, p.3).

¹¹⁷ Por ser de propriedade do agricultor tcheco Zdenek Gayer, daí Gayerovo.

¹¹⁸ Ver, por exemplo, “A apicultura no Paraná”, texto de sua autoria publicado no Jornal da Tarde (ano 19, n° 5685, de 22 de fevereiro de 1947, p.1-2) e também “Apicultura no Paraná: o que nos disse o adiantado apicultor Alberto Szukiewicz” (A República, ano 32, n° 121, de 25 de maio de 1917).

¹¹⁹ Meio aos registros do museu polonês, pode-se encontrar algumas outras informações enigmáticas, dentre elas duas coletas (sem data) de um certo Wierzejski (MiZ-11545) que teria coletado um *Cyclarhis gujanensis* “near *Kurytybi*” (perto de Curitiba) ou, sob outra grafia: Wrenejski (MiZ-19601: *Pardirallus nigricans*, procedente de “*Kurydyba*” = Curitiba).

como procedente do “*Parana*”. Há, além disso, pelo menos um tucano-de-bico-verde (*Ramphastos dicolorus*) colecionado em Araucária (MiIZ-33013) e uma coruja-das-torres (*Tyto furcata*) (MiIZ-40413) oriunda de “*Aramaria*” (= Araucária, por erro tipográfico).

Cronologia

- 1922** Nasce Hélio Ferraz de Almeida Camargo, por muitos anos curador da coleção ornitológica do Museu de Zoologia de São Paulo.
- 1922** É publicado o livro *“Parana: wspomnienia z podróży w roku 1914”*, contendo as memórias da primeira viagem de TADEUSZ CHROSTOWSKI ao Paraná.
- 1922** EMILIE SNETHLAGE transfere-se do Museu Paraense Emílio Goeldi, em Belém, para o Museu Nacional, no Rio de Janeiro, por indicação de Artur Neiva.
- 1922** É criada a “Academia Paranaense de Letras” em Curitiba.
- 1922** A “Semana de Arte Moderna”, realizada em São Paulo, inicia o período literário conhecido como Modernismo, despontando nomes como Cassiano Ricardo, Manuel Bandeira, Mario de Andrade, Menotti del Pichia e Oswald de Andrade. Posteriormente, na chamada Segunda Fase Modernista, aparecem Carlos Drummond de Andrade, Cecília Meirelles, Érico Veríssimo, Graciliano Ramos, Jorge Amado, José Lins do Rego, Rachel de Queiroz e muitos outros.

1922 e 1944

FRANCISCO DE BARROS JÚNIOR

FRANCISCO CARVALHO DE BARROS JÚNIOR (Campinas, SP: 14 de dezembro de 1883; Campinas, SP: 19 de setembro de 1969) foi historiador, professor do Liceu de Artes e Ofícios de Campinas e escritor, nessa qualidade indicado como patrono da Cadeira nº 16 da Academia Jundiaíense de Letras, entidade fundada um ano após o seu falecimento. Locutor esporádico, por muito tempo apresentou o programa “Caçando e Pescando por todo o Brasil” na Rádio Excelsior de São Paulo (PRG-9, fundada em 1946), descrevendo suas andanças pelo Brasil e cujos conteúdos resultaram na sua produção literária composta por livros de romances, contos, aventuras e outros textos para jornais e revistas. Os livros infantis de sua autoria eram adquiridos pelo governo estadual paulista e pelo menos vinte mil exemplares eram distribuídos nas escolas, situação que lhe favoreceu o recebimento do Prêmio Jabuti de Literatura em 1961. Segundo Pachaly *et al.* (2005) ele realizaria suas viagens “com o objetivo de divulgar e comercializar munições para armas de fogo”, sendo representante comercial da Remington (Fernandes-Ferreira, 2014), ocupação que assumira quando de retorno à sua estada na Europa (Portugal e França), para estudar.

Barros Júnior era, de fato, um viajante inveterado e um grande conhecedor de armas de caça, bem como de todos os detalhes comerciais e técnicos envolvidos na questão, os quais são amplamente tratados nos três últimos capítulos do seu primeiro livro (Barros-Júnior, s.d.:338-363).



Francisco de Barros Júnior (1883-1969)¹²⁰

De espírito aventureiro, Francisco pertencia a uma época em que as viagens para caçadas e pescarias eram temas interessantes ao leitor comum e, nesse sentido, acabou conhecido pela série literária “Caçando e pescando por todo o Brasil”, lançada em seis volumes, ou “séries” (Barros-Júnior, 1945, 1947, 1949, 1950, 1952a,b: anos das primeiras edições). Segundo Marcos Sá Corrêa¹²¹:

“Seus livros saíam quando já era nascida a maioria dos notáveis estadistas que

¹²⁰ Fonte: http://www.santohuberto.com/sh_conteudo.asp?id=1566

¹²¹ Edição do jornal online O Eco de 10 de outubro de 2007 (http://www.oeco.com.br/marcos-sa-correa/34-marcos-sa-correa/16176-oeco_24546; acessada em 11 de maio de 2009).

ultimamente nos governam. [...] Parece que foi ontem. Mas, naquela época, o Rio Paraná, o Paranapanema e um longo trecho do Tietê corriam entre barrancas selvagens. O oeste de São Paulo figurava nos mapas como um vazio demográfico, indicado genericamente como “terras desconhecidas e habitadas por índios”. Barros Júnior viu o trem invadir a região em 1915. Viajava carregado de “farta munição”, para “passar de 20 a 30 dias no sertão”. E, da janela do vagão, ia vendo “a cortina da mata” rasgada pelos “milharais verdes e viçosos, partilhando com os cafeeiros ainda nas covas o abundante humus da terra moça”. Onde “quatro anos antes era a mata solitária, silenciosa, misteriosa, é agora o movimento, o ruído dos caminhões, o sibilar das serras”. No caminho, “crepitavam as coivaras, levantando para o céu nuvens de fumaça”.

Nessa coleção relata suas incansáveis viagens pelo interior do Brasil, descrevendo a fauna, vegetação, relevo e mesmo aspectos históricos das regiões visitadas, razão pela qual sua obra possui algum interesse, embora modestamente definida por seu autor:

“O que me propus nestas páginas não foi contar sòmente caçadas e pescarias maravilhosas. O meu intento é que os meus ouvintes guardem, ouvindo as minhas narrativas, uma impressão de haverem de certo modo viajado comigo nesta vagabundagem que durou cerca de vinte

anos, por todos os recantos da nossa terra” (Barros-Júnior, s.d.).

O primeiro volume¹²², alusivo à região Sul (*sic*) do Brasil inclui descrições das mais variadas, de suas experiências em território gaúcho, catarinense, paranaense e especialmente no interior de São Paulo. A parte alusiva ao Paraná é relativamente extensa e refere-se a apenas três viagens¹²³, uma delas (não datada) pelos Campos Gerais, pela região de Ponta Grossa, Palmeira e dali até Laranjeiras do Sul e, as duas demais, para a região norte (foz do rio Laranjinha), em 1922 e 1944.

Há uma certa dificuldade para datar essas incursões, uma vez que a viagem de 1944 é narrada antes da incursão anterior, causando confusões de informações e também de períodos de permanência no Paraná. O autor é bastante prolixo e confuso nesse quesito, intercalando – em seu texto – aspectos que foram observados nas mais variadas regiões do Brasil em datas aleatoriamente dispostas.

Desta forma, na referida obra há citações a episódios e espécies que foram constatadas em outros locais que não o sul do Brasil (como seria de se esperar pelo subtítulo do livro “Brasil Sul”), incluindo diversos pontos no interior de São Paulo (p.ex. rio Tibiriçá, Buri, Ourinhos, Indiana, Presidente Pena, Bauru, Promissão, Americana e vários outros) e até de Minas Gerais. Bem da verdade, uma grande parte das informações biológicas do livro referem-se a locais paulistas e isso é tratado no início do Capítulo 35:

¹²² Tive acesso apenas à 2ª edição desta obra (publicada em São Paulo pela Edições Melhoramentos, com um total de 370 páginas) e baseio a indicação bibliográfica na extensa e profunda revisão de Fernandes-Ferreira (2014). Infelizmente, a versão não apresenta data de publicação, embora a 1ª edição deste volume seja atribuída ao ano de 1945.

¹²³ Há ainda uma indicação outra que relata o fato do autor realizar pelo menos duas caçadas por ano para a região de Ponta Grossa, em companhia de seu amigo Rodolfo Osternack (Barros-Júnior, s.d.:41).

“Começamos caçando patos e marrecões nos banhados gaúchos, quando milhões dessas aves, fugindo aos gelos da Patagônia, buscam as tigüeras de arroz e o clima mais ameno do Brasil. Contei-lhes as caçadas de perdizes em Santa Catarina e Paraná e minhas peregrinações pelos sertões do Noroeste de São Paulo, onde ainda vivia o selvagem bravio” (p.338).

Assim, o primeiro volume da coleção começa com suas viagens pelo Rio Grande do Sul, depois Santa Catarina (Blumenau, Rio do Sul, Pomerode, Ibirama) e, enfim, apenas a partir do Capítulo 7 (p.55) é que começam as aventuras pelo Paraná, quando é citada a chegada a Ponta Grossa, onde hospedara-se em um hotel de propriedade de um grande caçador de perdizes daquela região.

A partir daquela cidade, refere-se o autor sobre o percurso tomado para chegar na *“fazenda das Boiadas, à margem esquerda do [rio] Tibagi, o rio dos diamantes, e que passamos a vau numa corredeira de águas cristalinas”*; segundo José Carlos Veiga Lopes (2009, *in litt.*), essa localidade situa-se na Fazenda Santa Rita, hoje no município de Palmeira.

Deste ponto, especificamente nos arredores de *“um banhado distante do pouso uns cento e cinqüenta metros”*, Barros já cita cinco codornas (*Nothura maculosa*¹²⁴) abatidas em um período inferior a uma hora, indicando de antemão a grande abundância destes tinâmidas naquela região e que é reconfirmada em inúmeras passagens do

¹²⁴ A distinção entre codorna e perdiz, dada pelo autor em outras passagens, é suficientemente precisa para atribuímos essa identificação, reservando a identidade da segunda espécie para *Rhynchotus rufescens*.

livro¹²⁵. Na oportunidade, cita também um gavião que roubara-lhe uma perdiz recém-caçada e que acabara abatido por ele em uma ocasião posterior. A identidade desse falconiforme não é reconhecida com certeza, mas pode-se arriscar tratar-se de um *Buteo albicaudatus*, levando-se em conta a descrição comportamental feita adiante: “São grandes destruidores de codornas e perdizes, êsses rapaces. Os leitores, certamente já os têm abatido, quando os acompanham, durante o trabalho do cão. Quando ficam ‘peneirando’, é quase certo estar a caça neste ponto”.

Já rumando às margens do rio Tibagi, indica a presença de “curucacas” (*Theristicus caudatus*), sendo notável a menção ao nome popular local (ao contrário de “curicaca”, como a espécie é conhecida na maior parte do Brasil) e, desta forma, imprimindo um forte e fiel elemento regional no relato. Também refere-se a “grandes gralhas de pescoço azul e peito amarelo”, atribuíveis à espécie *Cyanocorax chrysops*, já indicando a relação destas aves com a lenda¹²⁶ sobre a disseminação de pinheiros.

Sobre o ponto particular do rio Tibagi por onde passara, refere-se ao fato de rolar “suas águas cristalinas em um espriado por onde iríamos passar” e, mais adiante, descreve-o como um leito de pedra com água acima dos joelhos, com poços de profundidade superior a 4 metros.

Do Tibagi como um todo – e não propriamente como relato de sua experiência pessoal – cita: “onças, veados, antas, macucos, inambus e urus”, mas também “grandes dourados e surubis”. Essas espécies, cabe ressaltar, são mencionadas apenas para ilustrar a riqueza faunística da região e, dessa forma, não merecem consideração como registros fidedignos de ocorrência, visto serem originárias

¹²⁵ Por exemplo: “Às onze saímos, lançando olhares saudosos para o acampamento, para os lindos campos que todos os anos davam enorme safra de perdizes e codornas”.

¹²⁶ O autor aqui confunde a espécie envolvida na lenda bem conhecida de todos os paranaenses e que se trata, de fato, da gralha-azul *Cyanocorax caeruleus*.

de indicações de terceiros, da literatura ou de outras fontes não indicadas (*vide* José Cândido Muricy). Indicação mais confiável para o local é o de seriemas (*Cariama cristata*), cuja vocalização inconfundível fôra escutada à distância nos campos daquela área.

Já de retorno a Ponta Grossa, o autor relata um hábito das “senhoras paranaenses e catarinenses” de prepararem conservas de carne de caça em vidros especiais, podendo ser consumidas até dois anos depois após um rudimentar processo de pasteurização. A mãe do seu colega de viagem Rodolfo Osternack teria mencionado essa prática e, do relato, pode-se fazer ideia da quantidade de animais, especialmente tinamídeos campestres, que eram caçados naquele tempo: “*O ano passado fiquei doente, e só pude fazer duzentos e cinquenta vidros...*”.

A partir do capítulo 11, o autor muda o cenário: rumavam de Ponta Grossa para Laranjeiras (atualmente Laranjeiras do Sul). Antes de chegar à cidade de Imbituva, consta ter parado à beira de um ribeirão, em uma vargem linda, em meio a duas encostas onde constatara duas “batuíras”¹²⁷, espécie que não pode ser positivamente identificada pela ausência de maiores detalhes de plumagem. O mesmo não acontece com um inambu, ou “guaçu”, que pode ser reconhecido como um *Crypturellus obsoletus*, abatido no local, junto a dez perdizes (*Rhynchotus rufescens*) e cinco codornas (*Nothura maculosa*). Depois de passar por Imbituva e Prudentópolis, encontra-se o viajante em uma mata densa da Serra da Esperança, onde abate um macuco (*Tinamus solitarius*), situação que o levou a comentar sobre a sua raridade: “*Que deliciosos momentos! Caçar macucos, não é para todo*

¹²⁷ Também cita um “galinhão”, denominação que, mais adiante, provou-se enquadrar-se como sinônimo jocoso da perdiz.

caçador, pois, além de estarem ficando raros, só excepcionalmente são mortos com facilidade”.

Já chegando a Guarapuava, novamente menciona perdizes caçadas nos extensos campos que caracterizam aquela região paranaense. Ali notara a reprodução da espécie, indicando a ninhada de oito a dez ovos, “só excepcionalmente em maior número”. Também menciona a predação dos filhotes por parte de gaviões chamados “pegapinto” e que, provavelmente, refere-se ao comum *Rupornis magnirostris*, também denominado de gavião-carijó.

Para Laranjeiras do Sul, sua próxima estada, cita “saracuras passeando pelo brejo”. Nas imediações da cidade, em um retiro de caça para onde se deslocou para caçar veados, encontra um “perdigão” e, no retorno para Guarapuava, menciona a abundância de perdizes daquela região. Pouco adiante, cita seu encontro com um uru (*Odontophorus capueira*), atraído por seu apito e o abate de dois “jacus”, sem informar mais detalhes sobre a espécie. Finalizando essa caçada pelo centro do Paraná, o autor relata o resultado final: 206 peças de caça, sendo que somente o autor abateu 86 perdizes, isso durante uma semana!

Essa incursão aos Campos Gerais não pôde ser datada, em virtude da completa inexistência de informações mais precisas ou sequer indicativas que permitissem qualquer tipo de especulação cronológica.

É situação diferente a parte geográfica seguinte, agora voltada para os “sertões do Norte do Paraná”, iniciada com a transposição do rio Paranapanema em um local indicado como uma fazenda próxima à foz do rio das Cinzas. Neste local, o autor descreve o silêncio notado na mata, onde nem mesmo o uso de pios servia para atrair as aves pretendidas (inambus, urus, macucos, jacus, jacutingas...), mas apontam terem encontrado uma “tovaca” (*Chamaeza* sp.) e uma “cassoroba” (*Patagioenas plumbea*)

e, depois disso, enfim localizado os inambus e urus. No mesmo trecho, informação importante sobre a escassez de macucos já naquela época: “Nunca obtivemos resposta de um macuco, apesar de serem abundantes nessas matas” (Barros-Júnior, s.d.: 154).

Nessa parte da descrição da viagem, há pistas sobre a data em que o autor estava na região e que pode facilmente ser calculada como 1944 e, particularmente, a segunda quinzena de agosto deste ano (Barros-Júnior, s.d.:153). Isso porque, em um certo momento, ele refere-se a “*Nessas mesmas paragens, há precisamente vinte e dois anos, ...*” (p.152); em seguida, no início do capítulo subsequente (Barros-Júnior, s.d.:161): “*O que lhes relatei no último capítulo sôbre a caçada que acabávamos de fazer no vale do Laranjinha e Paranapanema, despertou a saudade de outra que fiz em 1922...*”.

Essa caçada, apesar de pouco “produtiva”, obriga os viajantes a mudar de ambiente em suas próximas incursões e, graças a isso, novas informações podem ser colhidas (Barros-Júnior, s.d.:154):

*“A dificuldade de encontrar caça no mato, levou os amigos a procurá-la nas tigüeras, onde abundavam as **baitacas** e outros pássaros de bico redondo. Aí a caçada foi grande. O Zèzinho, então, gastou à vontade os cartuchos cal. 36 abatendo se me não falha a memória, 18 **baitacas**, 12 **araçaris**, 10 **tirivas**, 15 **saripocas**, 3 **juritis**, e fez várias tentativas de aproximação aos bandos de **pombas-trocal**”.*

Independente da mortandade praticada, pode-se identificar, com alguma precisão, as espécies citadas, respectivamente: *Pionus maximiliani*, *Pteroglossus sp.* (provavelmente o mais comum na região: *P. castanotis*),

Pyrrhura frontalis, *Pteroglossus bailloni*, *Leptotila* sp. e *Patagioenas picazuro*.

Depois deste relato, Barros retrocede no tempo, agora descrevendo outra viagem realizada para o “acampamento do Laranjinha” (p.166), na última quinzena de junho de 1922 (Barros-Júnior, s.d.:178). Na ocasião, menciona a cidade de Cambará e alguns detalhes interessantes de sua colonização e, em seguida, aponta o rumo a ser tomado: 42 km em direção às margens do rio Laranjinha (Barros-Júnior, s.d.:175).

Já no picadão, onde – segundo ele – havia uma “*mata colossal, matas de terra roxa onde avultavam as perobeiras, paus-d’alho e jequitibás gigantescos*”, logo de começo já cita jacus (*Penelope* sp.) e um macuco (*Tinamus solitarius*) aproximadamente no local de transposição do rio das Cinzas, por meio de uma balsa. A descrição ficou com o seguinte conteúdo: “*De perto e do funda da mata, vinham os trilos dos **guaçus**, o côro dos **urus** e, [...] podíamos ouvir o macio piar dos **macucos***” (Barros-Júnior, s.d.:177). Estavam os expedicionários, ultrapassando o rio das Cinzas, onde hoje é divisa dos municípios de Andirá e Bandeirantes; dali seguiriam em frente até o acampamento do Laranjinha que, segundo pude verificar, localizava-se nas divisas de Bandeirantes e Santa Mariana.

A partir do momento em que estabeleceu-se no acampamento do Laranjinha, seu relato passa ser mais interessante:

*“Uma névoa baixa subia da superfície das águas, parecendo que estavam a ferver. Bandos de **baitacas**, **araçaris**, **periquitos**, **tuins** e casais de **araras**, passavam em algazarra ou pousavam no arvoredo próximo, enchendo de gritos o acampamento”.*

De tais espécies, há que se destacar as últimas aves citadas, que por certo tratar-se-iam de araras-vermelhas *Ara chloropterus*; essa espécie tornou-se extremamente rara em todo o Estado do Paraná (Straube *et al.*, 2005, 2010) e por certo quase que desapareceu por completo daquela região, situação bastante diferente de tempos anteriores, quando eram abundantes ali e em todo o terço final do rio Tibagi (*vide* Franz Keller).

A partir desse trecho, as narrativas de Barros Júnior sobre os elementos biológicos da região repetem aproximadamente os mesmos padrões das descrições anteriores e, depois das repetitivas descrições de caçadas de inambus, urus e macucos, enfim aparece uma novidade ornitológica, agora alusiva à coruja suindara (*Tyto furcata*):

*“Na mata que nos cercava e se estendia por muitas centenas de quilômetros apenas se ouvia de longe em longe, o gargalhar assombrador de **suindaras**, o vento passando pela copa das árvores, e seguidamente, o ‘fiau’ dos **macucos** empoleirados, que nos faziam levantar do travesseiro a cabeça e abrir excitados os olhos já tomados de sono, na tentativa de localizar o poleiro dessas soberbas aves, as rainhas do sertão”* (Barros-Júnior, s.d.:184-185)”.

Depois disso, volta a repetitividade, sempre girando em torno de inambus (*Crypturellus sp.*, sem indicação sequer vernácula que permita uma identificação mais precisa), urus (*Odontophorus capueira*), guaçus (*Crypturellus obsoletus*) e macucos (*Tinamus solitarius*). Eventualmente, naquela mesma área, cita outros integrantes da avifauna, como “...desde o minúsculo **tuim** até a soberba

arara”, mencionam a caça a “*três jacutingas*” (*Aburria jacutinga*) e, com efeito, ainda informam sobre “*um casal de beija-flores dêsses rabudos...*” (Barros-Júnior, s.d.:190).

Alterando a temática, o autor passa agora a descrever a situação do acampamento Laranjinha e também o trabalho de seu amigo Zé Cândido junto aos índios Kaingang que, até aquele tempo, ainda eram considerados pouco amistosos. Após longa divagação, Barros fecha suas menções à avifauna paranaense, tornando a repetir a indicação de bandos de baitacas, tirivas, casais de araras e, ainda, macucos, inambus, urus e jacus.

Como um todo, a contribuição de Francisco de Barros Júnior para o conhecimento da avifauna e, por extensão da fauna, sul-brasileira é muito restrita. Não interpreto como Pachaly *et al.* (2005) o fato da obra trazer importantes relatos pormenorizados da geografia, hidrografia, botânica e populações caboclas e indígenas do sul do Brasil. O autor, como sua própria modéstia admite textualmente, restringiu-se a citar algumas espécies de aves de interesse puramente cinegético, quase todas elas desprovidas de qualquer interesse biogeográfico. Criticamente observa-se que as citações à avifauna encontrada são de uma pobreza incondizente com a sua experiência de viajante e, de uma leitura atenta, não pode-se esperar nada muito além da sua condição de caçador.

Como já tratado anteriormente, muitas informações geográficas e cronológicas, embora insuspeitas quanto à fidedignidade, são também confusas, em virtude da própria apresentação do livro, intercalando relatos colhidos em várias regiões do Sul e do Sudeste do Brasil sem uma coerência muito nítida de datas.

Ocorre que Barros tinha uma visão geográfica muito limitada dos locais por onde passou. Um dos exemplos disso aparece no Capítulo 8 (p.67) quando, referindo-se ao rio

Tibagi, assim o descreve: “*Nasce na serra do Mar, entre Ponta Grossa e Tamandaré*”. Isso não corresponde com a verdade, pois o referido rio tem suas nascentes na Serra do Purunã, entre os municípios de Palmeira, Balsa Nova e Campo Largo. A Serra do Mar está distante mais de 50 km a leste dali e o município de Almirante Tamandaré abriga apenas os afluentes dos rios Ribeira e Iguaçu.

Um outro desliz é observado no Capítulo 16 (p.139) quando o autor, entre “*Laranjeiras [do Sul] e Guarapuava*” cita indicativos da passagem de garimpeiros em “*todos êsses afluentes e subafluentes do Tibagi*”. Qualquer leitor mais esclarecido perceberá nisso um erro, visto que o rio que ali tem bacia hidrográfica é o Iguaçu, que percorre o estado do Paraná de leste a oeste, desde a região oriental de Curitiba até a cidade de Foz do Iguaçu.

Essa questão passa a ser especialmente importante na localização de registros tidos como importantes para a Zoologia paranaense (Pachaly *et al.*, 2005) e, por exemplo, no caso da ariranha (*Pteronura brasiliensis*), o local informado nada mais é do que o trecho entre Laranjeiras do Sul e Guarapuava (Barros Júnior, s.d.:144) portanto – como dissemos – na bacia do rio Iguaçu e não um afluente do rio Tibagi. Conhecendo bem toda essa região do Paraná, considero suspeita a presença deste enorme carnívoro em tal área, que conta apenas com rios de pequeno porte, situação totalmente incondizente com o ambiente utilizado pela espécie em outras regiões brasileiras. O rio que Barros atravessou por balsa (Barros-Júnior, s.d.:144) é, provavelmente, o Cavernoso (afluente do Iguaçu, que desagua na represa de Salto Santiago), linha divisória entre os municípios de Guarapuava e Cantagalo. Ali espera-se, com efeito, apenas a presença de lontras (*Lontra longicaudis*) que ali é, segundo minha experiência pessoal, relativamente comum.

O valor das crônicas de Barros Júnior, no entanto, merece crédito como um ensaio da abundância de certas espécies em algumas regiões, servindo-se desta forma como mais um testemunho do processo irreversível de antropização do interior do Paraná a partir da década de 40.

Cronologia

1923 Falece TADEUSZ CHROSTOWSKI, nas imediações do Parque Nacional do Iguaçu, vitimado por uma pneumonia decorrente de complicação pela malária, contraída em Porto Mendes.

[1923]

ANÔNIMO

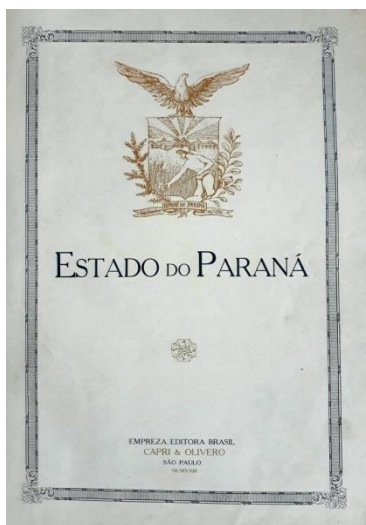
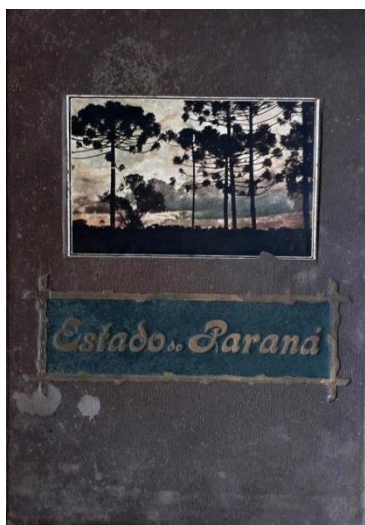
As obras da paulistana “Empreza Editora Brasil”, de Roberto Capri e Mario Filippo (Felipe) Olivero, embora celebradas pela imprensa dos anos 20 e citadas em diversos estudos revisivos, foram até o momento pouco tratadas do ponto de vista da pesquisa histórica. Compreendendo livros iconográficos com fartas ilustrações e ricas descrições, sequer são citados adequadamente em artigos técnicos e mesmo teses acadêmicas. Em geral, o que se utiliza de tais fontes tem sido apenas as reproduções de imagens, as quais aparecem sem a correta citação, muitas vezes deliberadamente copiada de outras obras.

As iniciativas desses dois empreendedores, que compreende temática variada, são razoavelmente mencionadas em periódicos locais, geralmente como noticiários sobre seus respectivos lançamentos ou convites públicos para eventuais interessados em incluir propagandas.

Em 1923, essa empresa lançou uma obra fartamente ilustrada, denominada “Estado do Paraná”, depois reeditada (Capri org., 1923)¹²⁸ com financiamento do governo estadual. O livro, também conhecido como “Álbum do

¹²⁸ Divirjo da opinião de França (2015) de que os autores dessa obra são “Capri & Olivero”, na minha opinião claramente indicados como uma pessoa jurídica que editou o livro. A obra tem uma miscelânea de apresentações e leiautes, inclusive com alguns capítulos autorados (p.ex. “História política do Paraná” de Ermelino de Leão), porém, o prefácio é explicitamente assinado por “Roberto Capri”, de onde se deduz que ele seja organizador do livro.

Paraná”¹²⁹, compõem-se de uma revisão corográfica e, a exemplo de algumas outras que surgiram desde o fim do Século XIX, trata de diversos aspectos políticos, sociais, econômicos, não faltando algumas descrições sumarizadas de características da paisagem.



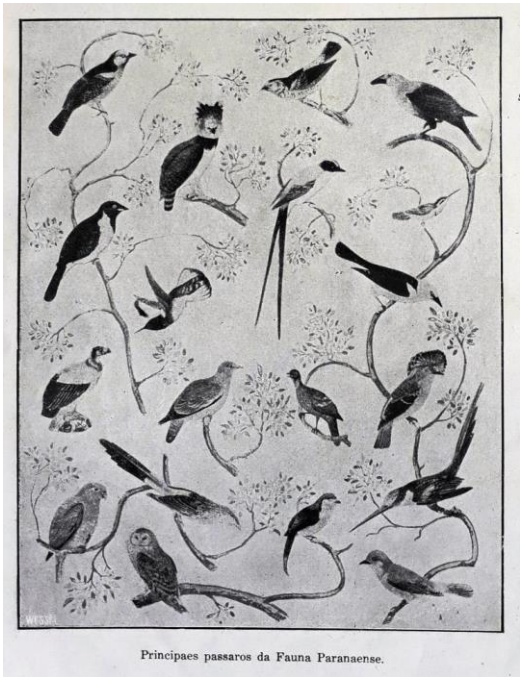
Capa e folha de rosto do livro “Estado do Paraná” (ANÔNIMO, 1923).

Nessa coletânea, obviamente sem nenhum interesse técnico e sem indicação explícita de fonte ou autoria, há um trecho referente à avifauna (p.42), no subtítulo “O Reino Animal”:

“Ha uma grande variedade de aves, como: o urubu’, o caracará e o gavião, entre as aves de rapina diurnas; e entre as aves de rapina nocturnas: o mocho, a coruja e a suindara; dos ‘trepadores’ ha papagaios, tucanos,

¹²⁹ Não confundir com título homônimo, que era um periódico curitibano que circulou entre 1919 e 1921 e tinha Nascimento Júnior como redator.

Ha muitos representantes de ordem dos passaros: melros, pintasilgos, a araponga, o João de Barro, o sabiá, o bicudo, o tico-tico, o canario; das 'pombas' ha a juryty, a parary, a rôla e a rolinha; dos 'gallinaceos' o inhambu', o jacu' e a jacutinga".



Junto ao texto há uma prancha, legendada como “*Principaes passaros da Fauna Paranaense*” que nada mais é do que uma montagem com as pranchas originalmente publicadas no livro de Emil Goeldi (1906), cujas ilustrações são de autoria de Ernesto Lohse, na época desenhista-litógrafo do Museu Goeldi. Desconhecedores da questão biogeográfica, os autores simplesmente selecionaram alguns dos desenhos ali figurados com base nos nomes populares, apresentando inclusive certas espécies que não ocorrem no Paraná.

1923 a 1967

MIGUEL WITTE

Razoavelmente se conhece da biografia do frade franciscano conhecido como “frei Miguel Witte” ou, oficialmente, **WILHELM SCHÜTTE WITTE**¹³⁰ (Meppen, Alemanha: 27 de julho de 1885; Rio Negro, Paraná: 20 de janeiro de 1967), graças ao laborioso trabalho de documentação de Gregório Johnscher (1975, 1993), seu colega de batina.

Crescido em uma pequena cidade na Baixa Saxônia, na época com pouco mais de seis mil habitantes, ingressou (a exemplo de três de seus sete irmãos) como noviço da Ordem Franciscana e, em 1906, emigrou para o Brasil, chegando primeiro em Blumenau e Rodeio, depois morando em Curitiba e, em seguida, em Petrópolis (Rio de Janeiro) onde ordenou-se em 1913. Já frade, mudou-se para Florianópolis e, após um novo período em Blumenau (1915 a 1923), transferiu-se para o Seminário Seráfico de Rio Negro¹³¹, pequena cidade na região sudeste do Paraná, onde permaneceu até seus últimos dias.

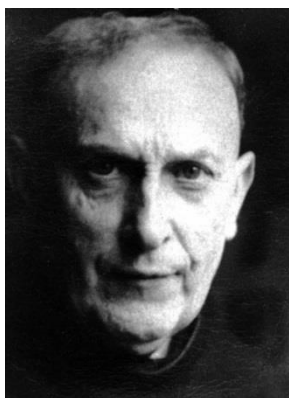
Embora não tenha se destacado tanto quanto outros dois frades – José da Costa Azevedo (primeiro diretor do Museu Nacional) e José Mariano da Conceição Velloso (primeiro grande botânico brasileiro) – de reconhecidas

¹³⁰ Em seus artigos publicados no Brasil, assinava “Frei Miguel Witte, O.F.M.”; nos publicados na Alemanha, a grafia era: “P. Michael Witte O.F.M.”. O acrônimo O.F.M. significa “Ordem dos Frades Menores”, indicando que ele pertencia à Ordem Franciscana.

¹³¹ Onde estudou, durante sete anos (1934-1940), d. Paulo Evaristo Arns (1921-2016), cardeal e arcebispo de São Paulo.

contribuições às ciências biológicas (Borgmeier, 1922), seguiu-lhes o caminho e ficou conhecido como o “frade naturalista”, graças à inclinação que demonstrava pelo estudo das variadas formas da natureza.

No início da década de 20, manteve contato com Hermann von Ihering, diretor do então Museu Paulista, trocando correspondências e avivando seu interesse pelas ciências naturais, amparado por uma das maiores autoridades em Zoologia na época¹³². Sua ligação com a natureza era manifestada enquanto professor de História Natural do Seminário (além de Desenho, Caligrafia e Língua Alemã), atividade que teve de renunciar em 1948, quando passou a se dedicar ao museu que vinha montando durante sua estada naquela cidade.



Frei Miguel Witte (1885-1967), retrato e cenário de seu ambiente de trabalho, observando a coleção de insetos do Museu Seráfico de Rio Negro (Acervo da Secretaria de Meio Ambiente de Rio Negro; cortesia Lenita Kozak).

¹³² Segundo M. A. Favretto (2009, *in litt.*), o frade tinha conhecimento e interesse pelas teorias da evolução orgânica e, em seu acervo de livros, consta um exemplar do “*Um Ídolo de Barro ou Haeckel em face da sciencia, reflexões de Henrique do Rio*”, publicado pela Vozes de Petrópolis. Nesse livro há diversos trechos assinalados, bem como algumas anotações, todas possivelmente atribuíveis a ele, durante a leitura crítica do conteúdo.

De personalidade retraída, intransigente e explosiva, chamava a atenção por ser exigente e rigoroso, bem como pelas minúcias que acompanhavam todas as suas atividades, inclusive docentes. Com o tempo, quando a obesidade acabou se tornando um fardo terrível para uma pessoa ativa como ele, passou a sofrer de várias doenças, muitas vezes de origem psicossomáticas, para a cura das quais juntava anotações e citações de tratados médicos. Ao fim da vida, já profundamente debilitado pelas tantas quedas e fraturas a que se submeteu, deixou de aceitar as medicações receitadas e faleceu no sossego de sua cela.



Dois frades do Seminário Seráfico de Rio Negro; o da esquerda é frei Miguel (Acervo da Secretaria de Meio Ambiente de Rio Negro; cortesia Lenita Kozak).

Um dos agravantes de seu falecimento, dizem terem sido as doses de DDT utilizadas para a conservação dos espécimes do museu por ele montado, ampliado e mantido sob severos cuidados. Esse veneno, novidade na época, era estocado em grandes quantidades no museu e dele, segundo consta, o frade usava e abusava para preservar as peças. Não

fosse suficiente para comprometer sua saúde, ainda usava – e inalava – muitos tipos de substâncias para a revelação das fotos que obtia e, ainda, guardava animais recém-empalhados em sua cela, enquanto não ainda estivessem prontos para serem incluídos ao acervo (Johnscher, 1975). Todo esse arsenal químico causou-lhe desvios de comportamento que acabaram por ser estopins para que fosse impossibilitado de ministrar aulas, ocupando-se deste tempo para mais e mais atividades junto à coleção e aos afazeres fotográficos. Segundo Johnscher (1975): “*Frei Miguel tornou-se uma vítima de Ciência que ele tanto amava e pela qual empenhou as melhores forças. Não é de estranhar, pois, que sofresse muitas vezes incompreensão por parte dos confrades e outras pessoas que ignoravam esta sua situação especial de saúde*”.

Segundo Johnscher (1975), “*o que certamente mais notabilizou a Frei Miguel foi a organização do belo ‘Museu Escolar dos Padres Franciscanos’ em Rio Negro*¹³³. *Este museu teve sua origem no Colégio Seráfico de Blumenau. Por falta de espaço, porém, ficou limitado a uma simples coleção de variado material, provindo das mais diversas localidades*”. Com a construção do Seminário Seráfico em Rio Negro, porém, foram destinadas duas salas para o acondicionamento e exposição deste material, tendo o museu aberto suas portas, pela primeira vez, em 29 de janeiro de 1924.

¹³³ Vide matéria alusiva no Diário do Paraná (ano 11, edição 3535 de 31 de outubro de 1965, p.9).



**Aspecto do museu, quando ainda mantido no Seminário Seráfico de Rio Negro (1937)
(Acervo da Secretaria de Meio Ambiente de Rio Negro; cortesia Lenita Kozak).**



**Alguns exemplares de aves expostos em dioramas, no atual Museu Frei Miguel em
Luzerna (Santa Catarina) (Fonte: Website da Prefeitura Municipal de Luzerna
(<http://www.luzerna.sc.gov.br/>); acessada em 20 de março de 2017).**

O acervo museológico era composto por muitos itens e, com frequência, aspectos curiosos da natureza eram enfocados. As procedências dos exemplares são muitas, principalmente oriundas de doações de localidades sul-brasileiras, mas também de diversos outros locais, como atestam as distribuições geográficas dos próprios espécimes. Uma excelente e cuidadosa revisão da coleção de aves foi publicada por Favretto (2008) e dali pode-se considerar como locais e datas de coleta: Rio Negro (1925, 1927, 1939) no Paraná; Curitiba (sem data), Porto União (1924), Canoinhas (1932), Corupá (1940) e São Francisco do Sul (1941) em Santa Catarina; Três Arroios no Rio Grande do Sul (4 de setembro de 1927) e Rio de Janeiro (1929).

Segundo Johnscher (1975), as primeiras peles de aves e mamíferos foram preparadas por Edwin Steiger (v. adiante), colecionador profissional radicado em Joinville (Santa Catarina) e, posteriormente, pelo Frei Estevão Floerkens. De acordo com esse mesmo autor (Johnscher, 1993), não era o frei Miguel que coletava os espécimes, uma vez que o museu vivia basicamente de doações que aconteciam “de vez e quando”. É provável desta forma, que os dados de localidade de coleta tenham sido alterados, ainda que consideremos que o tratamento museológico dado às peças até os dias de hoje seja impecável.

Ocorre que houve pelo menos duas mudanças de sede e, após a morte do frei Miguel, o acervo passou por várias mãos, o que fez com que muitos espécimes tivessem perdido definitivamente todo e qualquer dado de procedência¹³⁴. Mesmo quando da desativação do Seminário

¹³⁴ Essa problemática fica ainda mais clara em uma das passagens da cuidadosa descrição de Johnscher (1993:143): “...estava já traçado o meu programa de trabalho para os próximos anos, a saber: a) escrever novos rótulos e etiquetas [...]. Quanto aos novos rótulos e etiquetas, eu já tinha começado este trabalho em Rio Negro e agora só faltava completá-lo”. Sobre a curadoria do acervo, ainda destaca-se o trecho: “Depois cada número foi lançado no catálogo com todos os dados referentes à peça [...]. Foi este também um trabalho demorado e minucioso, que só deu de fazer aos poucos, mas foi de

de Rio Negro, várias possibilidades para a transferência do acervo foram cogitadas, como a Universidade Federal do Paraná ou o Museu de História Natural Capão da Imbuia (na época Instituto de História Natural). Todos os detalhes deste episódio estão minuciosamente descritos por Johnscher (1993).

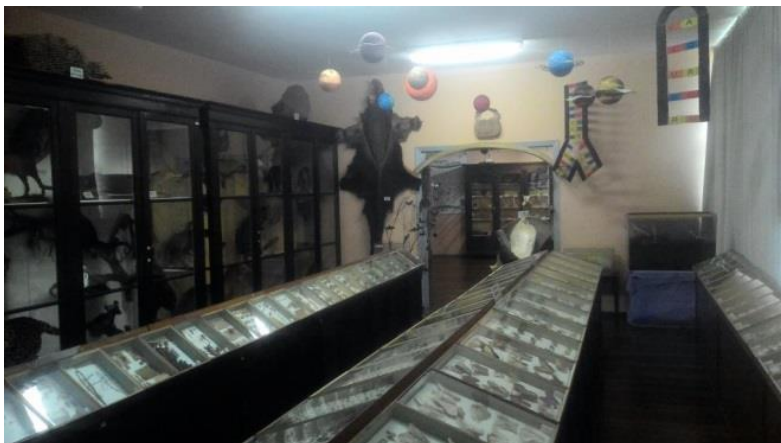
No fim das contas, o museu acabou sendo transferido (janeiro de 1971) para o Seminário São João Batista, situado na cidade catarinense de Luzerna e inaugurado em 20 de março de 1971 na presença de inúmeras autoridades e com a mudança de seu nome para “Museu Escolar Frei Miguel”¹³⁵.



Museu Frei Miguel no Seminário São João Batista de Luzerna (Santa Catarina), entrada e aspecto geral do acervo (Fotos: F. C. Straube, junho de 2016).

enorme utilidade para o museu. À base desses catálogos poderão ser feitos futuramente fichários". Essas informações indicam que houve um cuidado particular pela preservação das procedências, ainda que seja possível haver eventuais discordâncias nos dados originais, motivo pelo qual o uso científico destes espécimes deva ser realizado com certas precauções.

¹³⁵ Alguns detalhes adicionais, que inclusive levantariam suspeitas sobre a procedência dos espécimes desta coleção foram apresentados por Favretto (2008), em seu estudo revisivo. Como um todo, este autor contou 97 exemplares de 87 espécies.



Museu Frei Miguel no Seminário São João Batista de Luzerna (Santa Catarina), aspecto geral da sala principal (Foto: F. C. Straube, junho de 2016).

Johnscher (1993) destaca algumas peças que julgou interessantes como curiosidades, para duas das quais damos julgamento pelo seu valor à Ornitologia sul-brasileira:

1. “*Um gigantesco gavião-real, de asas abertas, trazendo nas garras um bugio caçado, o qual lhe lança um olhar desesperado, certo de que não escapará ao golpe fatal, que o inimigo lhe irá desferir com o bico possante*”. O espécime de *Harpia harpyja* consta ter sido coletado em Três Arroios, no Rio Grande do Sul (A. Banhos *in litt.*, 2008), estado esse que conta com pouquíssimos registros da espécie.

2. “*Um jabiru de asas abertas, trazendo no bico um peixe. Foi doado ao seminário por um senhor de São Francisco do Sul, SC, e trazido de lá no trem, anestesiado e colocado numa grande mala. Em Rio Negro, após ter comido muitos peixes e feito*

várias proezas, inclusive a de arrastar, quando ia levantar vôo, um frade que o segurava amarrado numa corda, acabou sendo empalhado pelo irmão Estêvão Floerkens (+ 1985), vindo a constituir uma bela peça do museu”. A espécie *Jabiru mycteria* é pouco conhecida em Santa Catarina, contando com apenas dois registros antigos (década de 40) de exemplares do Museu Sagrado Coração de Jesus (Corupá, SC) provenientes de Jaraguá do Sul e Pomerode (Rosário, 1996).

Sobre esse último indivíduo, cabe ressaltar que foi fotografado pelo frade durante sua estada em Rio Negro em imagens, aqui reproduzidas, que até hoje compõem o acervo da Secretaria de Meio Ambiente desse município.

Há, ainda, um guará (*Eudocimus ruber*) sem indicação de localidade de coleta, mas tratando-se, como sabido, de espécie peculiar dos manguezais do Norte e Nordeste do Brasil e também de alguns pontos do Sudeste e Sul (Sick, 1997). No mesmo lote, todos igualmente sem procedência preservada, podemos ainda selecionar: dois indivíduos, sendo um imaturo e outro adulto do gavião-de-penacho (*Spizaetus ornatus*) e exemplares únicos de *Aburria jacutinga*, *Pyroderus scutatus*, *Chondrohierax uncinatus*, *Spizaetus tyrannus*, *Eupetomena macroura*, *Chrysolampis mosquitus*, *Amazona vinacea*, *Phibalura flavirostris* e *Falco ruficularis* (vide Favretto, 2008). Uma informação especulável liga-se ao precioso espécime de uiraçu (*Morphnus guianensis*) preparado por Edwin Steiger em 1926 e que, com base nessa informação, poderia ser atribuído a Joinville (Santa Catarina), cidade onde o naturalista residia. Isso se justificaria pelo fato de existir, no *Field Museum of Natural History* (Chicago, EUA), uma

coleção de aves oriundas de Joinville, datadas de 1929 a 1930 e por ele coletadas (vide Underwood, 1933). Tal assertiva, no entanto, não passa de especulação, considerando-se a trajetória de Steiger como comerciante de naturália, aspecto mais bem discutido adiante.

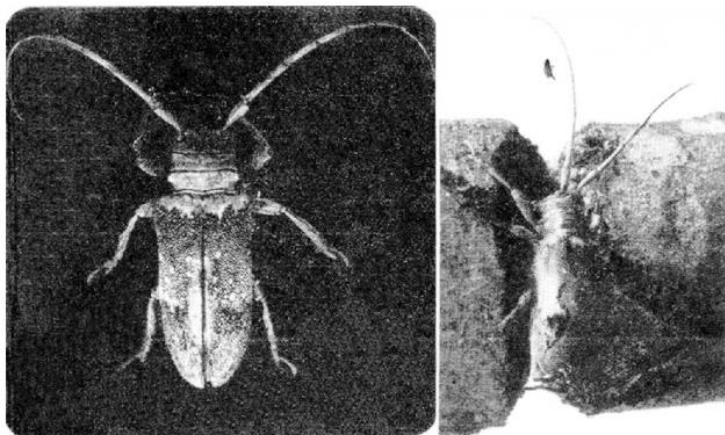


Fotos colhidas por frei Miguel de um *Jabiru mycteria* capturado em São Francisco do Sul (Santa Catarina) e mantido cativo em Rio Negro (Acervo da Secretaria de Meio Ambiente de Rio Negro; cortesia Lenita Kozak).



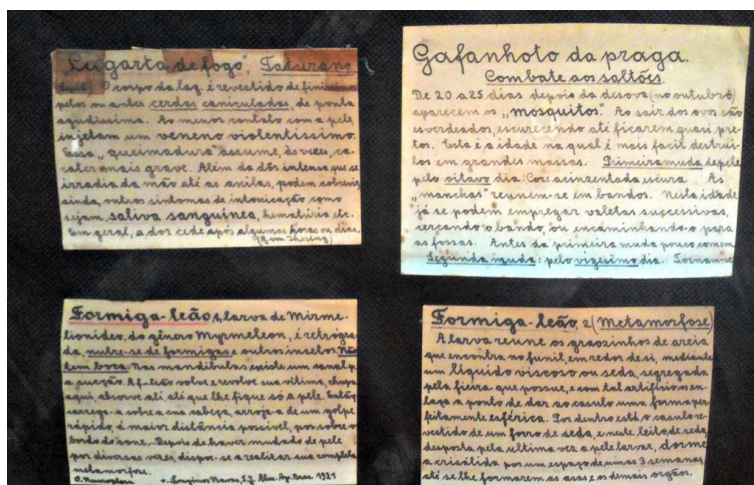
Coleção de ovos de aves no acervo do Museu Frei Miguel (Foto: F. C. Straube, junho de 2016).

Não obstante o indiscutível valor artístico das exposições organizadas pelo frade, a coleção que se destaca é a de insetos, a qual foi utilizada por inúmeros pesquisadores como o frei Thomaz Borgmeier, seu conterrâneo que igualmente radicou-se no Brasil na década de 10. Para o clássico tratado “Insetos do Brasil” de Ângelo Costa Lima (1968), frei Witte contribuiu com artigos técnicos (Witte, 1931) e fotografias, recurso pouco explorado naquela época. No capítulo de coleópteros dessa obra, há pelo menos cinco fotografias, ilustrando espécies dos besouros “serra-pau” (Cerambycidae) e seus hábitos.



Figs. 88 e 89 - *Oncideres* sp. O mesmo inseto da fig. anterior ao amputar um galho (Fotos gentilmente oferecidos por Frei Witte, do Rio Negro, Paraná).

Prancha com fotos do frei Miguel no tratado “Insetos do Brasil” de Costa Lima (1968:123).



Anotações originais de Frei Miguel, tratando de aspectos biológicos de espécies selecionadas de insetos (Foto: F. C. Strube, junho de 2016).



Um dos campos prediletos do frei Miguel Witte: Entomologia e sua diversidade (Foto: F. C. Straube, junho de 2016).

Witte se interessava pela natureza como um todo, contribuindo com vários exemplares a museus científicos da época. Para o então Museu Paranaense enviou um exemplar do gavião-pato (*Spizaetus melanoleucus*) coletado em Rio

Negro em 26 de abril de 1944¹³⁶; para a Universidade Federal do Paraná, na hoje denominada Coleção Entomológica Padre Jesus Moure (vide Caxambu & Almeida, 2003), encaminhou diversos insetos. Também coletava orquídeas, como a rara *Acyanthera hygrophila*, depositada no herbário do Instituto de Botânica de São Paulo (Barros, 2003).

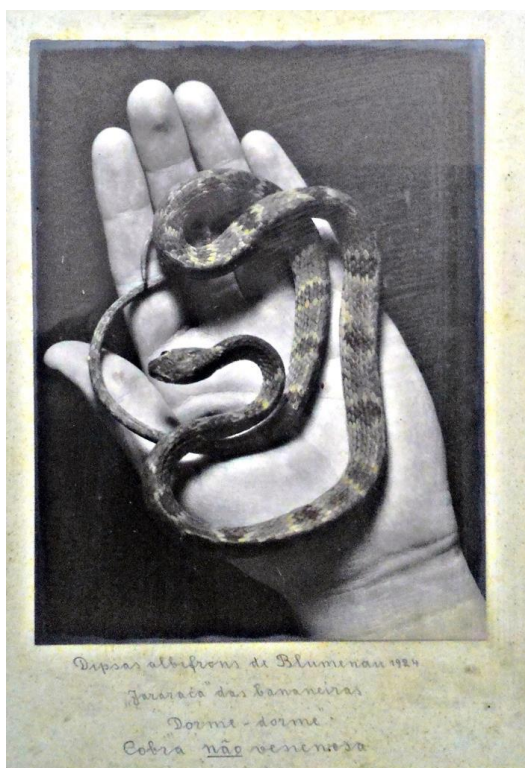


Imagem de uma *Dipsos albifrons* em exposição no Museu Frei Miguel: Na legenda: “*Dipsos albifrons* de Blumenau 1924/ “Jararaca das bananeiras/ “Dorme-dorme”/ Cobra não venenosa” (Foto: F. C. Straube, junho de 2016).

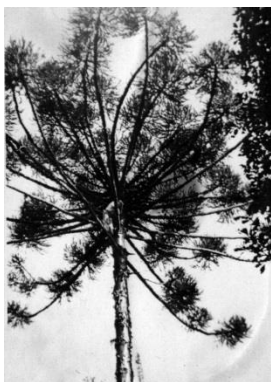
¹³⁶ Exemplar MHNCI-156; no campo de coletor do rótulo consta apenas “Seminário Seráfico de Rio Negro”, sem indicação de coletor, mas parece óbvio se tratar de aquisição do Frei Witte.



Temática de ofidismo, com exemplares e imagens de serpentes em exposição no Museu Frei Miguel (Foto: F. C. Straube, junho de 2016).

Frei Miguel também era um exímio praticante da arte fotográfica (inclusive macrofotografia), uma atividade pouco comum naquela época. Segundo Johnscher (1975): *“Com muita arte sabia apanhar paisagens, pessoas, plantas, flores, animais e o que quer que fosse, no ângulo adequado. Mesmo as miudezas microscópicas não logravam escapar à sua objetiva”*. Graças a isso montou um grande acervo de fotografias e diapositivos contendo cenários e elementos da natureza flagrados em Rio Negro.

As plantas eram motivos frequentes de suas documentações, apreciando desde as notáveis floradas de cactos até de plantas menos vistosas; fotografava também as árvores – como motivo individual ou compondo cenários.

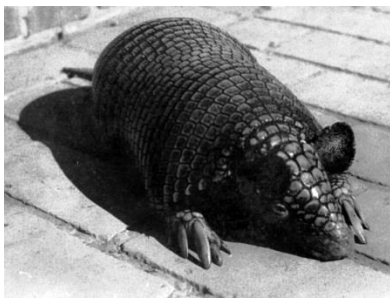


Fotos de plantas colhidas pelo frei Miguel: cacto e mimosa em flor; pinheiro e erva-mate, essa última na frente da igreja matriz de Rio Negro (Acervo da Secretaria de Meio Ambiente de Rio Negro; cortesia Lenita Kozak).

Répteis, mamíferos e outros elementos faunísticos também lhes chamavam a atenção, dos quais obteve flagrantes episódicos dos mais diversos, eventualmente com detalhes.



Espécies da herpetofauna de Rio Negro fotografadas pelo frei Miguel: cascavel (*Crotalus durissus*), boipevinha (*Xenodon newwiedii*), teiú (*Tupinambis merianae*) e cágado (*Acanthochelys spixii*) (Acervo da Secretaria de Meio Ambiente de Rio Negro; cortesia Lenita Kozak).



Fotos de mamíferos pelo frei Miguel: tatu-de-rabo-mole (*Cabassous tatouay*), gambá-de-orelha-preta (*Didelphis marsupialis*) e detalhe da sola do pé de um ouriço-cacheiro (*Coendou sp.*) (Acervo da Secretaria de Meio Ambiente de Rio Negro; cortesia Lenita Kozak).



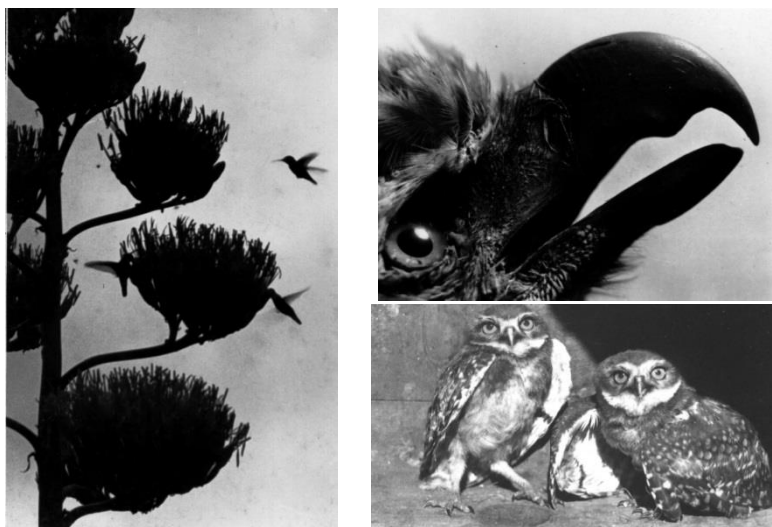
Macrofotografias de elementos da natureza (cabeça de uma mutuca, venação alar de uma libélula e aparelho estridulador de um grilo), colhidas pelo frei Miguel (Acervo da Secretaria de Meio Ambiente de Rio Negro; cortesia Lenita Kozak).

Algo bastante interessante é que o frade seria um dos precursores no uso de armadilhas fotográficas (“camera-trap”), câmeras instaladas na mata e acionadas por um sistema de fios como “gatilhos”. Tais equipamentos, já adaptados à tecnologia moderna, têm sido amplamente utilizados na atualidade para estudos de mamíferos e, sem dúvida, o frei Miguel pode ser considerado pioneiro nessa prática em todo o Brasil. O legado escrito e documental de Witte, então, mereceria um estudo profundo no que diz

respeito à contextualização histórica dos equipamentos utilizados, bem como as técnicas e resultados finais. Como se sabe, as primeiras experiências desse tipo se devem a George Shiras, nos EUA do fim do Século XIX, o que lhe granjeou diversos prêmios internacionais; no neotrópico o pioneiro é Frank Chapman, que colheu imagens de vários animais no Panamá (Kucera & Barrett, 2011).



Dois flagrantes de mamíferos de Rio Negro (acima, dois graxains *Cerdocyon thous*; abaixo uma paca *Cuniculus paca*) obtidos com armadilha fotográfica desenvolvida pelo frei Miguel (Acervo da Secretaria de Meio Ambiente de Rio Negro; cortesia Lenita Kozak).



A arte fotográfica do frei Miguel Witte. Flagrantes obtidos nos arredores do Seminário Seráfico de Rio Negro, nos anos 30: beija-flores visitando uma combretácea, detalhe do bico da harpia (*Harpia harpyja*) e corujas-buraqueiras (*Athene cunicularia*) (Acervo Secretaria Municipal de Meio Ambiente de Rio Negro; cortesia Lenita Kozak).

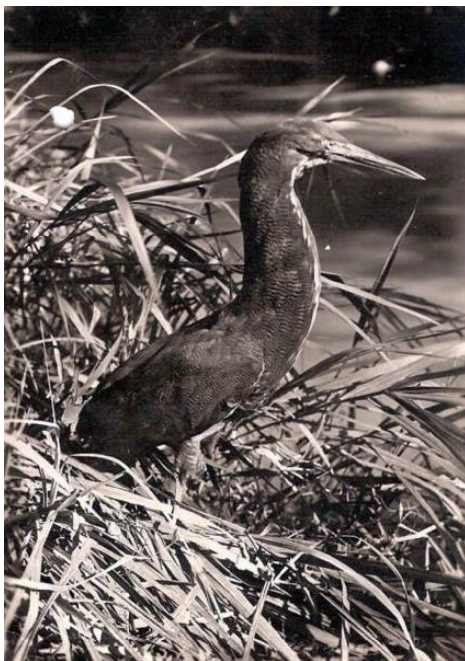
Motivado por divulgar suas descobertas, ele publicou em torno de 30 artigos¹³⁷ em periódicos ligados à missão franciscana, como a “Vozes de Petrópolis” (Petrópolis, Rio de Janeiro; entre 1930 e 1938) e *Antoniusbote: Monatsschrift der Franziskanermissionen* (Werl, Alemanha; entre 1932 e 1938), mas não existe nenhuma compilação biobibliográfica. Resumidamente, os temas abordados no campo das ciências naturais foram: o lobo-guará (*Chrysocyon brachyurus*)¹³⁸ (Witte, 1930a); remédios contra

¹³⁷ Além disso também publicava regularmente suas fotos na revista *Antoniusbote*, com legendas extensas e educativas sobre vários organismos naturais flagrados em Rio Negro.

¹³⁸ Sobre essa espécie aponta a origem do exemplar existente no museu: “a região do lobo era um triângulo, formado pelo rio Chopim, um grande banhado contingente e a fazenda ‘São Christovam’ que se acha na distancia de 13 leguas da cidade de Palmas”. Foi caçado

mordedura de cobras e aranhas (Witte, 1930b); o flagrante fotográfico de um graxaim (*Cerdocyon thous*) (Witte, 1931b); a paca (*Cuniculus paca*) (Witte, 1932a); a biologia e produção do pinheiro-do-paraná (*Araucaria angustifolia*) (Witte, 1932b); as fotos de beija-flores (Witte, 1934c, 1937b) (vide Anexo 1 e 2), o xaxim (*Dicksonia sellowiana*), seu uso e exploração (Witte, 1934d), a tangerina (Witte, 1934e), o sagui (*Callithrix jacchus*) “Chico”, cativo no Seminário (Witte, 1934b); o macaco-prego (*Cebus nigritus*) e outros primatas (Witte, 1934f); o butiazeiro (Witte, 1934g); corais verdadeiras, falsas e outras cobras (Witte, 1937a, c,d,e,f). Particularmente no caso das serpentes, procurava desmistificar o temor por esses animais, bem como certas lendas (por exemplo, de que as cobras mamam), além de apoiar a soroterapia como único tratamento para casos de ofidismo, criticando severamente outros “medicamentos” e métodos tradicionais.

por um trabalhador da dita propriedade em 16 de setembro de 1923 e encaminhado pelo “Frei Plácido” (Witte, 1930a:626-627).



O socó-boi (*Tigrisoma lineatum*) flagrado em Rio Negro, provavelmente no rio Passa Três (Acervo Secretaria Municipal de Meio Ambiente de Rio Negro; cortesia Lenita Kozak).

Não bastasse toda essa vitalidade pela busca e documentação de animais e plantas, tinha também outra inclinação: a averiguação de técnicas obscuras amplamente conhecidas na literatura oral, mas que pouco foram investigadas por pesquisadores.

Em uma dessas tantas contribuições (Witte, 1933b)¹³⁹, ele trata inicialmente do intrigante senso de orientação dos pombos-correios: “– *como podem achar o caminho de volta?*”. Ao redor desta dúvida, adiciona informações disponíveis na época sobre radiações eletromagnéticas, inclusive oriundas de grandes congressos

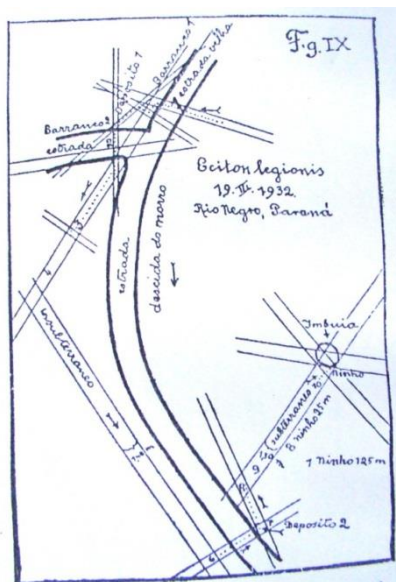
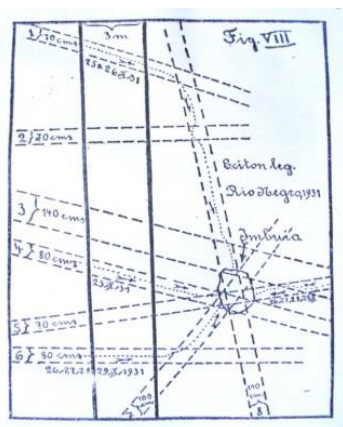
¹³⁹ Esse artigo foi reproduzido na íntegra por Straube (2008).

internacionais, onde o assunto era discutido. Alargando o tópico, passa à parte experimental: havia descoberto uma maneira de encontrar ninhos de aves apenas com uso de uma “varinha-de-condão”!

Adere, desta forma, à hidroestesia, um ramo da radiestesia (antigamente denominada rabdomancia) e que se trata de técnica secular – e obviamente obscura – até os dias de hoje utilizada em zonas rurais para a localização de lençóis freáticos por meio de uma forquilha (*virgula divina* ou *baculus divinatorius* de Ephraim Chambers, 1728)¹⁴⁰. É também esse o mesmo princípio em que se baseiam os pêndulos e suas intrigantes indicações premonitórias (Saevarius, 1973).

Só sobre esse assunto, publicou pelo menos oito artigos descrevendo ensaios ou observações, inclusive sobre o “cruzamento dos veios d’água” como indicações para localização de ninhos de formigas, orientação de percursos seguidos por formigas de correição, comportamento estranho de animais de criação (bois e cavalos), ocorrência de doenças nas pessoas, produção de ovos em galinheiros e de mel na apicultura e várias outras aplicações da radiestesia (Witte, 1932a, 1932b, 1933a, 1933b, 1938a, 1938b, 1938c, 1938d).

¹⁴⁰ Disponível *online* (fác simile) em <http://digioll.library.wisc.edu/>; acessada em 3 de abril de 2008. Os mais curiosos podem utilizar-se de ferramentas de busca da internet usando as seguintes palavras-chave: “*divining rod*”, “*water witching*” e “*dowsing*”.



Croquis publicados por Witte (1938d) indicando o caminho percorrido pelas formigas de correição e sua correspondência com os “veios d’água”, usando-se do espaço entre eles para se deslocar.

Ele, de fato, não era um neófito no assunto. Em seus artigos descreve com detalhes os instrumentos mais adequados para a prática, a forma como devem ser manuseados, a existência de pessoas mais “sensíveis” e, ainda, detalha seus experimentos pessoais, realizados no Seminário Seráfico.



Frei Miguel utilizando o *baculus divinatorius* em Rio Negro (Acervo Secretaria Municipal de Meio Ambiente de Rio Negro; cortesia Lenita Kozak).

Munido de tais fundamentos, ainda aplicou-os para a localização de ninhos de aves silvestres. Na prática, frei Miguel pediu a seus alunos para que, usando da varinha-de-condão, indicassem onde se encontravam os veios d'água que pudessem detectar. Em seguida, encontrou os pontos onde esses veios se cruzavam e exatamente nestes locais de

convergência teria localizado 27 ninhos de pássaros em um período de meia-hora, dentre os quais (Witte, 1933a:173-174):

N.º	1	de tico-tico, com 3 filhotes
	2	de tico-tico, ninho velho
	3	de tico-tico, com 1 ovo
	4	de tico-tico, com 3 ovos
	5	de tico-tico, com 2 ovos
	6	de sanhaçu-frade ou azulão (<i>Stephanophorus leucocephalus</i>)
	7	de tico-tico
	8	de beija-flôr
	9	de sabiá-branco (<i>Turdus amaurachalinus</i> Cab)
	10	de Colleira (<i>Spermophila caerulea</i>)
	11	de tico-tico
	12	de sabiá-larangeira (<i>Turdus rufiventris</i>) com 3 ovos
	13	de colleira
	14	de tico-tico
	15	de corruira (<i>Troglodytes musculus wiedi</i> (Berl.)
	16	de canário da terra (<i>Sicalis flaveola</i>)
	17	de João bobo, sucurú, dormião, em Rio Negro “pedreiro” (<i>Bucco chacuru</i>)
	18	de andorinha, na barranca, entre pedras
	19	de sabiá-branco
	20	de tico-tico
	21	de colleira
	22	de colleira
	23	de pintassilgo (<i>Spinus ictericus</i>)
	24	de colleira
	25	de tico-tico
	26	de tico-tico
	27	de pintassilgo

Qualquer pesquisador de campo em Ornitologia sabe o quão penoso é encontrar ninhos de aves, especialmente em regiões frias, onde elas procuram escondê-los minuciosamente também como proteção contra o rigor do clima. De fato, são poucos os que possuem uma habilidade especial para fazê-lo, provavelmente por utilizarem-se – até de forma inconsciente – de alguns detalhes indicativos que vão desde a aparência da vegetação até de certos comportamentos estranhos observados nas aves que estejam chocando. Fica aqui o desafio para os ornitólogos:

encontrar, no lugar que seja, uma cifra como essa, no período de metade de hora!

Não cabe aqui questionar a validade de uma pesquisa como essa, tampouco de seu valor científico (*vide* p.ex. Cieslak, 1989, 1990), ainda que tenha obedecido um método mais ou menos aceitável. Muito maior é o valor experimental da estranha descoberta que, ainda que para muitos não sirva como inspiração para comprovações futuras, consiste de narrativa de enorme significado histórico. De acordo com suas palavras (Witte, 1933a:175):

“De modo algum quero afirmar que todos os passaros brasileiros constróem seus ninhos sobre cruzamentos de veios d’agua. Para isto ainda não existem bastante observações e provas. Estou, porém, convencido de que a pesquisas acima narradas, que publicá-las tanto tempo hesitei, mais tarde por ocasião de investigações científicas hão se ser reconhecidas por justas”.

Frei Miguel foi um grande divulgador da natureza e de seus mistérios. Entretanto, é quase que totalmente desconhecido na literatura histórica paranaense e biológica como um todo. Leigo, mas um autodidata de grandes méritos intelectuais, contribuiu consideravelmente para o conhecimento da fauna e flora do Brasil meridional. Da avifauna paranaense, segundo Favretto (2008), podemos selecionar como relevantes, ou, no mínimo interessantes no contexto ornitogeográfico, os registros de *Amazona vinacea* (1925), *Ciccaba virgata* (1927) e *Glaucidium brasilianum* (sem data) para a cidade de Rio Negro.

ANEXO 1

Transcrição e tradução:
KOLIBRI AM FENSTER
(Miguel Witte)

FONTE:

Witte, M. 1934c. Kolibri am Fenster. **Antoniusbote** 42:140-141.

* * *

<i>Kolibri am Fenster</i>	<i>Colibri na janela</i>
<i>von P. Michael Witte O.F.M.</i>	por P. Miguel Witte O.F.M.
<i>Hochsommer in Brasilien! Alles grünt und blüht. Am Fenster prangen in üppiger Fülle die Blumen, und dabei ist – Weihnachtstag! In der deutschen Heimat kann man sich das schwer vorstellen: Weihnachten bei Tropenhisse! Manch frisch eingewanderter Deutscher ist auf Weihnachten schlecht gelaunt. Es fehlt hier zwar nicht das Krippchen und der Weihnachtsbaum; auch hier erschallen frohe Weihnachtslieder, aber all das befriedigt ihn nicht, ihm fehlt etwas anderes: die stimmungsvolle weisse Schneedecke! Weihnachten bei Tropenhisse – mit der Zeit gewöhnt man sich auch dran.</i>	Pleno verão no Brasil! Tudo está verde e florescendo. Pela janela se vê flores exuberantemente estampadas e é dia de Natal! Na casa alemã já se pode imaginar as dificuldades: Natal nos trópicos! Muitos alemães recém-imigrados estão irritadiços neste Natal. Apesar de tudo, não faltam a árvore de Natal e o presépio e também ressoam mensagens de Feliz Natal. Mas tudo isso não os satisfazem pois está faltando algo mais: o cobertor branco e evocativo de neve! Natal nos trópicos: ao longo do tempo, é necessário se acostumar com isso também.
<i>Während ich in Gedanken vertieft am Fenster stehe, kommt ein Kolibri</i>	Enquanto estou, de pé defronte à janela, em

herangeschwirrt. Man hört ihn schon, bevor er da ist, der kleine Saufewind. Es lautet so, als brumme der Motor eines winzigen Flugzeuges. Darum hat man diesem Tierchen den Namen "Brummvögel" gegeben. Run saust es mit rasender Geschwindigkeit vor den Fensterscheiben auf und nieder, gleich als ob es Einlass begehre. Dann wendet sich der 'Konigfauger' oder 'Blumenküssler', wie die Brasilianer zu sagen pflegen, den am Fenster stehenden Geranien zu. Wie prächtig das Vögelchen in den verschiedensten Farben schillert, je nachdem, wie das Licht fällt! "Fliegende Edelsteine" hat man die Kolibris genannt. Damit ist nicht genug gesagt. Graf von Buffon schreibt:

"Unter allen belebten Wesen ist der Kolibri das schönste der Gestalt, da prächtigste der Färbung nach. Edelsteine und Metalle, denen unsere Kunst ihren Glanz gibt, lassen sich mit diesen Kleinodien der Natur nicht vergleichen. Ihr Weisterstück ist dieser kleine Vogel. Ihn hat sie mit allen Gaben überschüttet, die den übrigen Vögeln nur vereinzelt beschieden worden sind. Leichtigkeit, Schnelle, Gewandtheit, Anmut und reicher Schmuck: alles ist diesem ihren kleinen Liebling zuteil geworden. Der Smaragd, der Rubin,

pensamentos profundos, eis que aparece um beija-flor. Pode-se ouvir a pequena aeronave, antes mesmo dela chegar. É como se fosse o motor a murmurar de um avião. É por isso que dei esta criatura o nome de "pássaro do zumbido". Segue rapidamente, deslocando-se para cima e para baixo nos vidros da janela a uma velocidade crescente, como se desejasse entrar. Em seguida, o 'Königsauger',¹⁴¹ ou beija-flor como os brasileiros gostam de dizer, volta-se para os gerânios da janela. Quão bonito é o pequeno pássaro brilhando em cores que variam dependendo a incidência da luz! De "gemas voadoras" já foram chamados os beija-flores e isso não parece suficiente; assim o conde de Buffon escreve:

"Entre todas as criaturas vivas, o beija-flor é o mais bonito e o mais magnífico na coloração. Nem o esplendor de gemas preciosas ou metais podem ser comparados a essas pedras preciosas da natureza. Uma obra-prima é esse pequeno passarinho. Das virtudes especiais ele foi agraciado com todas, as quais apenas ocasionalmente o foram para os outros pássaros. Leveza, velocidade, agilidade, graça e as jóias mais ricas: tudo isso se

¹⁴¹ Literalmente "rei dos sugadores".

der Topas schimmern aus seinem Gewande, das er nie mit dem Staube der Erde beschmusst; denn sein ganzes ätherisches Leben hindurch berührt er kaum auf Augenblicke der Boden. Er ist stets in der Luft, von Blume zu Blume gaukelnb, deren Frische und deren Glanz, ihm eigen ist, und deren Nektar er trinkt”.

Es ist nicht nur die Bracht der Farben, die mich immer wieder mit Bewunderung erfüllt, so oft ich einen Kolibri sehe. Staunen muss ich jedesmal über die Schnelligkeit, mit der dieses winzige, oft nur hummelgrosse Wesen die Flügel bewegt. Der Körper scheint ruhig in der Luft zu stehen, und dabei schwirren die Flügel derartig schnell, dass man kaum etwas von ihnen sieht. Sie scheinen tatsächlich “ätherisch” zu sein!

Könnte man das Vögelchen so photographieren! Schnell hole ich einen kleinen Apparat. Wie ich zurückkomme, ist “Brummvögelchen” verschwunden. Doch nicht lange dauert es, da ist schon wieder eins zur Stelle. Der Momentverschluss wird auf 1/100 Sekunde gestellt, ich rücke auf 85 cm an das Vögelchen heran und knipse.

Es ist geglückt, und unser lieber kleiner “Königsauger” hat sich nicht einmal stören lassen. Wir kennen uns ja schon lange, und unbeirrt fährt es sort die Blüten am Fenster genau zu

ajuntou nesse pequeno amado. A esmeralda, o rubi, o topázio brilham em sua roupa, que ele nunca suja com a poeira da terra; Por toda a sua vida etérea, dificilmente toca o chão, mesmo por alguns instantes. Está sempre no ar, de flor em flor, cujo frescor e brilho é dele e cujo néctar ele sorve”.

Não é só a multiplicidade de cores que me traz admiração sempre que vejo um beija-flor. Todas as vezes, fico impressionado com a velocidade com que esta minúscula criatura, eventualmente do tamanho de uma abelha, move suas asas. O corpo parece estar parado no ar, e as asas são tão rápidas que dificilmente se pode vê-las em movimento. Eles realmente parecem ser “etéreos”!

Será possível fotografar um passarinho assim? Rapidamente eu vou preparar um pequeno dispositivo para isso. Quando volto, o pássaro zumbidor já desapareceu. Mas não demora muito e ele já está por ali novamente. A velocidade da câmera é ajustada para um centésimo de segundo e eu posiciono o foco para 85 cm de distância do passarinho.

E, afinal consegui; e nosso querido pequeno “Königsauger” não se mostrou incomodado uma única vez. Nós nos conhecemos há muito tempo e

untersuchen. Ich hatte mir nicht eingeblendet, in 1/100 Sekunde den Flügelschlag scharf auf den Film bannen zu können. Dafür sind die Bewegungen viel zu schnekk. Man hat ja berechnet, dass unsere gewöhnliche Stubenfliege unter Umständen in einer einzigen Sekunde über 4000 Flügelschläge macht. Und der Kolibri ist uch kein schlechter Flugkünstler. auf dem Film zeigen sich kaum Suren, aber doch höchst interessante Spuren der Flügel. Ich muss beim Kopieren schon stark belichten und überentwickeln, um den Weg der "ätherischen" Flügel zum Vorschein zu bringen. Dabei erscheint das ganze Bild als Silhouette, als Schattenriss, aber wie scharf und klar hebt sich der Körper vom hellen Himmel ab! Wie schön zeigt das beigegebene Bild die Haltung des Vögelchens vor der Blume! Das Schnäbelchen ist auf eine der Geranien-Blüten gerichtet, die felten gebrauchten Füßschen sind an den Körper gezogen und die langen, schwirrenden Flügelchen scheinen allmählich im Äther sich aufzulösen. Welcher Naturfreund hätte nicht seine helle Freude an folch einem Bildchen!

ele não se preocupa em investigar as folhas na janela. Eu tinha pensado que ao regular com 1/100 segundo, poderia flagrar a asa, que é movimentada tão rapidamente. Mas os movimentos são muito mais rápidos. Calculou-se que a mosca comum produz mais de 4000 batidas de asa em um único segundo. E o beija-flor não fica atrás, enquanto artista voador. Não há surpresas no filme, além do contorno muito interessante das asas. Ao revelar o filme, tive de iluminar e superexpor para mostrara aquelas asas "etéreas". Toda a imagem aparece como uma silhueta, como um espectro, mas quão delgado e claro o corpo se destaca do céu brilhante! Tão linda a imagem em anexo mostra a atitude do pássaro na frente da flor! O bico é apontado para uma das flores do gerânio, os pés raramente usados, ficam muito perto do corpo e as asas longas e sussurantes parecem se dissolver gradualmente no éter. Qual amante da natureza não ficaria feliz com essa imagem!?



Kolibri vor einer Geranienblüte
Photo: P. Michael Witte O.F.M.

Colibri defronte a uma flor de gerânio
Foto: F. Michael Witte O.F.M.

ANEXO 2

Transcrição e tradução: **KOLIBRI IN FREIER NATUR** (Miguel Witte)

FONTE:

Witte, M. 1937b. Kolibris in freier Natur. **Antoniusbote** 45:173-174.

* * *

KOLIBRIS IN FREIER NATUR

von P. Michael Witte O.F.M.

Wie froh war ich, als es mir vor einigen Jahren gelang, mit dem Foto-Apparat einen Kolibri in freier Natur zu ehrafchen! Das im Antoniusboten von 1934 auf Seite 140 veröffentlichte Bildchen zeigt den kleinen "Blumenküssler", wie der Brasilianer sagt, schwebend vor einer Geranienblüte. Es war auf dem Hochland von Paraná, wo man zwar im Sommer genug Kolibris antrifft, während sie dort im Winter seltener sind. In São Francisco du Sul, wo ewiger Frühling oder Sommer zu herrschen scheinen, kann man die Kolibris zu jeder Jahres und Tageszeit beobachten. In der Weihnachtszeit 1936 sah ich über 3 Wochen lang täglich von 5 Uhr morgens bis 7 Uhr abends Kolibris in grosser Anzahl. Reben dem Pfarrhause and der Mauer

COLIBRIS EM VIDA LIVRE

por P. Michael Witte O.F.M.

Como fiquei feliz quando há alguns anos eu consegui, com meu aparato fotográfico, flagrar um beija-flor na natureza! Publicado no Antoniusbote de 1934, mostra na página 140 a imagem de um pequeno "Blumenküssler" [beija-flor] como dizem os brasileiros, flutuando na frente de uma flor de gerânio. Isso aconteceu nas terras altas do Paraná onde, no verão, há colibris o bastante, ao passo que no inverno são raros. Em São Francisco do Sul, onde parece prevalecer uma eterna primavera ou verão, pode-se ver colibris durante todo o ano e a todas as horas do dia. No Natal de 1936, eu vi diariamente por mais de três semanas colibris em grandes números desde as 5:00 h da manhã até as 19:00 h. Junto às videiras do seminário, há

steht eine grosse Zahl blühender "Mamão" Baume und "Chageiras", diese mit grossen Blüten, deren leuchtendes Rot das ganze Jahr hindurch nicht verschwindet – ein richtiges "El Dorado" für Kolibris. Selten vergingen 5 Minuten, in denen nicht eins dieser hübschen "Brummvögelchen", die wie winzige Motoren schnurren, vor meinem Fenster erschienen wäre. Man hörte das leise, eigenartige Brummen schon in ziemlicher Entfernung sehr gut, falls nicht der grosse Motor eines der in São Francisco auf und niedergehenden Flugzeuge, eines Autos, eines Motorrades oder sonst irgendein Lärm das Rachen des Brummvögelchens überhören liess.

In den ersten Tagen suchte ich eins dieser Tierchen im Fluge zu knipsen, doch es war mir zu schnell. Ehe ich mich verfah, war es schon an einem andern Baum. Dann stellte ich mich bereit, sobald ich in der Ferne das leise Brummen oder das eigentümliche Schnalzen des Blumenküssers vernahm. – Gerade am Weihnachtstage glückte mir das erste Bild. Aber damit war ich nicht zufrieden. Ich wollte das schnelle Tierchen für die Leser des Antoniusboten in verschiedenen Stellungen, und tatsächlich gelangen mir nach und nach nicht weniger als acht Ausnahmen.

Gerade flog das Vögelchen von Blume zu Blume, als der kleine Foto-Apparat es zum erstenmal erwischte, und zwar auf etwa 3 Meter Entfernung mit 1/100 Sekunde (Bild 1). Wer bewundert da nicht dieses elegante "ätherische" Wesen! Weniger elegant,

uma notável floração de mamoeiros e "chageiras"¹⁴², essas com grandes flores vermelho-brilhantes ao longo do ano inteiro. Esse é um verdadeiro "El Dorado" para os colibris. Raramente se passam cinco minutos sem que um desses "Brummvögelchen"¹⁴³, que zumbem como minúsculos motores, não apareça na frente da minha janela. Pode-se ouvir muito bem o peculiar e suave som já a alguma distância, desde que esse zumbido não seja interrompido por qualquer outro ruído como o de motores do estaleiro de São Francisco, de aviões pousando, um carro ou uma motocicleta.

Nos primeiros dias eu procurava por um desses animais em pleno voo para flagrá-lo, mas ele sempre era muito rápido para mim. Antes que eu me preparasse, já estava em uma árvore diferente. Então eu estava sempre preparado para o momento em que ouvisse a uma certa distância o zumbido suave ou o estranho sussurrar de asas nas flores.- Foi apenas no dia de Natal consegui a primeira imagem, mas eu não estava satisfeito. Queria mostrar essas criaturas rápidas aos leitores do Antoniosboute em posições diferentes que me permitisse obter pelo menos oito exposições.

Naquele momento, o pequeno pássaro estava voando de flor em flor quando a pequena câmera o flagrou pela primeira vez, a uma distância de cerca de 3 metros e com velocidade de 1/100 segundo (Figura 1). Quem não ficaria admirado com esse

¹⁴² Provavelmente o mesmo que chagas ou capuchinhas (*Tropaeolum majus*).

¹⁴³ A tradução literal é "aves sussurrantes".

mehr hummelartig, erscheint der nächste kleine Blumenküffer vor der Blüte (Bild 2). Aber so plump, wie er zu sein scheint, ist er noch nicht. Im nächsten Augenblick dreht er sich herum und steckt sein Lekermäulchen von oben herb in eine Blüte (Bild 3). Dann macht er eine elegante Wendung "links um" zur andern Seite des Baumes (Bild 4), wo er zeigt, dass er auch "von unten nach oben" (Bild 5), in jeder Stellung, sein Schnäbelchen in die Blüte stecken kann. Weiter geht's, steil nach oben (Bild 6): und nachdem er auch dort an einem höheren Baum die Blüten abgeküsst und die winzigen Insekten herausgeholt hat, macht er "rechts um" und schickt sich an, in die Ferne zu fliegen. Diesen Augenblick benutze ich, um nicht mehr wie bisher, mit 1/100 Sekunde, sondern mit 1/50 zu knipsen, um den Weg de unglaublich schnell bewegten Flügel festzuhalten. So entstand das nicht scharf begrenzte, aber interessante Bild 7. Gegen Abend in der Dämmerung beobachtete ich noch einen Kolibri, der nach getaner Arbeit einen Augenblick auf einem Zweige ausruhte. Schnell bei grösster Blende mit 1/25 Sekunde geknipst, und das Vögelchen ist schon verschwunden! Nur zweimal in den drei Wochen sah ich einen Kolibri sitzend, sonst nur im Fluge. Bei seinem Reste trifft man diesen Flugkünstler übrigens auch öfter sitzend an, und es ist nicht recht, zu behaupten, der Kolibri setze sich nur auf sein Rest.

Sämtliche Aufnahmen sind mit der Klein-kamera gemacht, und beim Bergrössern musste ich eine Lupe zu Hilfe nehmen, um das winzige Vögelchen auf dem Film zu finden. In mehreren Fällen musste ich eine Flächenvergrößerung von etwa 100 mal herstellen, um den kleinen Kolibri

elegante 'ente etéreo'!? Pouco menos elegante e mais parecido com uma mamangava, aparece o próximo beija-flor junto à florada (Figura 2). Mas ele não é tão desajeitado quanto parece. Em um momento ele se vira e coloca seu bico em uma flor (Figura 3) e, então, gira elegantemente para a esquerda, no outro lado da árvore (Figura 4), quando mostra que também pode colocar seu bico na flor 'de baixo para cima' (Figura 5), ou seja, em todas as posições. Em nossa direção, avançou abruptamente para cima (Figura 6): depois de beijar as flores em uma árvore mais alta e tirar os pequenos insetos, ele gira 'do jeito certo', preparando-se para voar embora. Eu uso esse momento para corrigir o centésimo de segundo como usado antes para 1/50, a fim de captar o traçado das asas em seu movimento incrivelmente rápido. O resultado foi a imagem não muito nítida, mas interessante da Figura 7. Ao anoitecer, observei um beija-flor descansando em um galho por um momento, logo depois dele terminar o seu trabalho. Agora com a abertura de 1/25 de segundo, falhei e o pássaro já foi! Apenas duas vezes em três semanas vi um beija-flor pousado; de resto sempre em movimentação. Em seu descanso encontra-se esse artista do voo também muitas vezes pousado e não é correto afirmar que ele pouse somente para descansar.

Todas as fotos foram tiradas com a câmera pequena, e durante a ampliação, tive que usar uma lupa para encontrar o passarinho no filme. Em vários casos, precisei fazer um aumento da área onde ele aparecia de cerca de 100 vezes para tornar o pequeno colibri razoavelmente

einigermassen sichtbar zu machen.

Zum Schluss möge noch die schöne Beschreibung des Graffen Buffon über den Kolibri hier Blass finden: "Unter allen belebten Wesen ist der Kolibri das schönste der Gestalt, da prächtigste der Färbung nach. Edelsteine und Metalle, denen unsere Kunst ihren Glanz gibt, lassen sich mit diesen Kleinodien der Natur nicht vergleichen. Ihr Meisterstück ist dieser kleine Vogel. Ihn hat sie mit allen Gaben überschüttet, die den übrigen Vögeln nur vereinzelt beschieden worden sind. Leichtigkeit, Schnelle, Gewandtheit, Anmut und reicher Schmuck: alles ist diesem ihren kleinen Liebling zuteil geworden. Der Smaragd, der Rubin, der Topas schimmern aus seinem Gewande, das er nie mit dem Staube der Erde beschmutzt; denn sein ganzes ätherisches Leben hindurch berührt er kaum auf Augenblicke der Boden. Er ist stets in der Luft, von Blume zu Blume gaukelnd, deren Frische und deren Glanz, ihm eigen ist, und deren Nektar er trinkt".

Am frühen Morgen schon bringt man mir einen hübschen Kolibri, der sich in einem Zimmer verfangen hat. Behutsam stecke ich ihn in einen gewöhnlichen Briefumschlag und lege ihn auf eine genau arbeitende Waage, um zu sehen, wieviel der Knirps wiegt. Es ist ein ausgewachsener Kolibri, und unter den in Brasilien vorkommenden Arten ist er sicher nicht der kleinste. Trotzdem ist er leichter als der Briefumschlag! Dieser und das Vögelchen wiegen zusammen 6 Gramm, der Briefumschlag allein 3,5 und der Kolibri nur 2,5 Gramm. – Bevor ich ihm die Freiheit gebe, muss er noch geknipft werden. Einen Augenblick wird er ja wohl auf dem

visível.

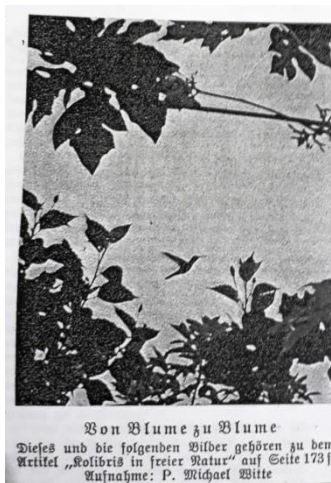
Por fim, vou apresentar a descrição do conde de Buffon sobre o beija-flor: Entre todas as criaturas vivas, o beija-flor é o mais bonito e o mais magnífico na coloração. Nem o esplendor de gemas preciosas ou metais podem ser comparados a essas pedras preciosas da natureza. Uma obra-prima é esse pequeno passarinho. Das virtudes especiais ele foi agraciado com todas, as quais apenas ocasionalmente o foram para os outros pássaros. Leveza, velocidade, agilidade, graça e as jóias mais ricas: tudo isso se juntou nesse pequeno amado. A esmeralda, o rubi, o topázio brilham em sua roupa, que ele nunca suja com a poeira da terra; Por toda a sua vida etérea, dificilmente toca o chão, mesmo por alguns instantes. Está sempre no ar, voando de flor em flor, cujo frescor e brilho é dele e cujo néctar ele sorve"

No começo da manhã, alguém me traz um bonito beija-flor que capturou em uma sala. Gentilmente, coloco-o em um envelope comum e o preparo em uma balança de precisão para ver quanto pesa o pequenino. É um colibri crescido e, entre as espécies encontradas no Brasil, certamente não é a menor. No entanto, é ainda mais leve do que o envelope de carta! Essa é o pequeno pássaro pesam 6 gramas e, considerando que o envelope sozinho tem 3.5; concluo que o beija-flor pesa apenas 2,5 gramas. - Antes de lhe dar a liberdade, ele ainda precisa ser examinado. Por um momento ele pousou calmamente no dedo

*Zeigefinger eines Mitbruders ruhig
sitzen. Das Licht am frühen Morgen
reicht zwar bei dem dunklen Tierchen
nicht zu einer gewöhnlichen
Momentaufnahme, eine
Gegenlichtaufnahme aber muss
gelingen. Und die nett hat das Vöglein
stillgehalten! Die beigegebene
Silhouette beweist es. Auch die Leser
des Abo werden ihre Freude daran
haben.*

indicador de um outro frade. Embora a luz no início da manhã não seja suficiente para uma fotografia normal daquela criatura escura, a foto iluminada por trás teve sucesso. E foi bom saber que o pássaro manteve-se vivo! A silhueta anexada prova isso. Também os leitores do A[ntonius]bo[te] irão apreciar.

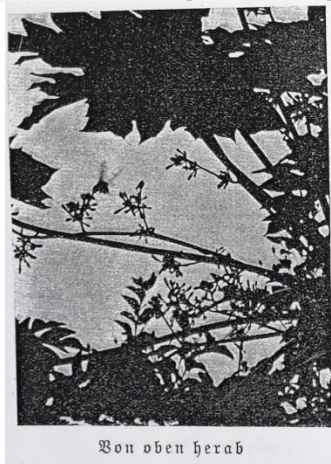
FIGURAS¹⁴⁴



Von Blume zu Blume [De flor em flor].



Vor der Blume [Defronte à flor]



Von oben herab [Por cima]



Links um [Rodeando à esquerda]

¹⁴⁴ As figuras estão encartadas junto ao corpo do artigo anterior (p. 170-173) e não têm numeração indicada na legenda, mas há o texto: “Dieses und die folgenden Bilder gehören zu dem Artikel ‘Kolibris in freier Natur’ aus Seite 173 f. Aufnahme: P. Michael Witte Esta e as seguintes imagens pertencem ao artigo ‘Colibris em vida livre’, a partir da página 173. Fotos: P. Michael Witte.”



Von unten nach oben

“Von unten nach oben” [De baixo para cima]



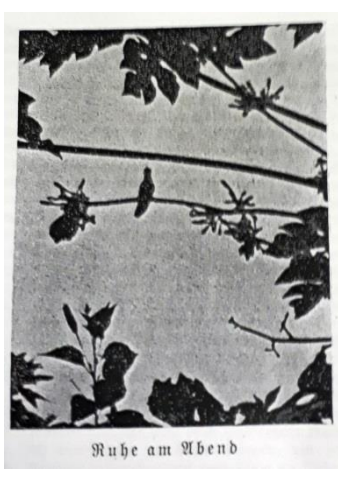
Steil nach oben

“Steil nach oben” [Vertiginoso para cima]



In die weite Ferne

“In die weite Ferne” [À distância]



Ruhe am Abend

“Ruhe am Abend” [Calma ao entardecer]



“Wie viel wiegt ein Kolibri?” [Quanto pesa um colibri?]

1923-1924

ASHMUN CLARK SALLEY

De pequena importância para a Ornitologia paranaense mas revestido de certo interesse histórico é o reverendo **ASHMUN CLARK SALLEY**¹⁴⁵ (n. Providence, Rhode Island, EUA: 23 de novembro de 1881; f. Los Angeles, California, EUA: 8 de junho de 1965), filho de Ashmun T. e Ellen Clark Salley. Ele estudou na *Bates College* (Lewiston, Maine, EUA), concluindo os estudos em 1906, quando seguiu para Nova York, onde formou-se em Teologia três anos depois pelo *Union Theologic Seminary*, fundada em 1836.

Salley é mencionado como coletor de dois exemplares de *Colaptes campestris* conservados na coleção de aves do Museu de Zoologia (São Paulo), coletados em “Castro (Paraná)”, em dezembro de 1923 e janeiro de 1924 (Pinto, 1938:336), bem como três espécimes de *Turdus subalaris* (janeiro de 1924) (Pinto, 1944:378).

Entusiasta da Ornitologia é mencionado em relatórios institucionais do antigo Museu Paulista por Hermann von Ihering e Alfredo d’ E. Taunay que indicam pelo menos duas visitas feitas por ele (em 1913 e 1916) para consulta ao acervo:

“Ainda os seguintes srs. tiveram proveito das nossas collecções, para fins scientificos – T. Christowski (sic)¹⁴⁶ (Aves), H. Maniser,

¹⁴⁵ Eventualmente Ashman e/ou Clarke, grafias essas que não pude aferir como corretas.

¹⁴⁶ Refere-se naturalmente ao patrono da Ornitologia paranaense, Tadeusz Chrostowski.

funcionario do Museu Anthropologico de S. Petersburgo, O. A. Salley (sic) ¹⁴⁷ (Biologia das aves), M. Gude (Curso nos methodos de preparação)”(Ihering, 1918:15).

“Poucos foram os cientistas estrangeiros que ao Museu vieram ter em 1916; estranhos a São Paulo, e nelle estudar. Citemos entre outros o dr. Joseph Nelson Rose, do United States National Museum, reputado botanico, especialista em phanerogamos, em geral; Frank M. Chapman do American Museum of Natural History, ornitólogo bem conhecido nas rodas scientificas e A. Salley igualmente ornitólogo, residente em Santa Catharina”. (Taunay, 1918c:22).

Salley foi – desde 1910 – um missionário da igreja presbiteriana dos EUA, compondo a *South Brazil Mission*, instituída no último quartel do Século XIX com a finalidade de disseminar essa vertente religiosa no país. Residiu e visitou diversas regiões do Brasil, desde Santa Catarina até Mato Grosso (Alto Araguaia) e Goiás (Rio Verde), sendo fundador de várias igrejas, dentre elas a de Jataí (Goiás) em 1930 junto à sua esposa Sarah Little Grant [Salley].

Ele também era um interessado em História Natural e em Ornitologia em particular, pois coletava e taxidermizava espécimes que, segundo consta, eram enviados a museus dos EUA e, pelo que se vê, também do Brasil. De acordo com o informativo da Igreja Presbiteriana de Florianópolis (volume 18 de 25 de março de 2012):

¹⁴⁷ Grafia obviamente errônea.

“O primeiro missionário a por os pés em Três Riachos foi o Rev. Ashman C. Salley, que trabalhou na Igreja de Florianópolis entre os anos de 1912 e 1914 e que construiu o primeiro templo Presbiteriano em nosso Estado (06/07/1913 Igreja Presbiteriana de Florianópolis). Esse missionário gostava de caçar pássaros e embalsamá-los para enviar para os Estados Unidos e por isso gostava de vir a Três Riachos. Aqui, hospedava-se na casa de Olívia e João José¹⁴⁸, e depois das caçadas, fazia estudos bíblicos para a família e os seus vizinhos convidados”.

Sua atuação é razoavelmente bem narrada pelo periódico escolar *“The Bates Student”* (edição de 10 de abril de 1919, volume 47, nº 12, página 4), no momento em que visitava a família, com sua esposa, durante as férias:

“ [...] For the first two or three years Mr. Salley was pastor of a church at Florianopolis, capital of the state. Later he was pastor at Lages and missionary evangelist for the surrounding district. His travel from place to place was often difficult and sometimes dangerous. About two years ago he was invited to become principal of the American School and instructor in English in McKenzie College at Sao Paulo, capital of the state of Sao Paulo, Brazil [...]”.

Uma das coleções que possui material paranaense coletado por Salley é o *American Museum of Natural*

¹⁴⁸ Olívia Anderson era filha dos primeiros colonizadores de Três Riachos, localidade hoje situada no município de Biguaçu (Santa Catarina), onde residia com seu marido João José Andrade.

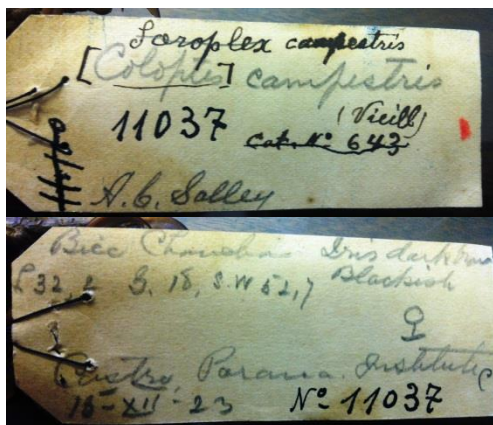
History de Nova York. Ali constam pelo menos nove espécimes, todos obtidos entre abril e maio de 1926. Oito são oriundos de “Castro” e um último do “Rio dos Patos”¹⁴⁹ que provavelmente seja perto de Prudentópolis, nas nascentes do rio Ivaí.

No Paraná, em 1922, haviam várias sedes da missão presbiteriana sul-brasileira (PCUSA, 1922). Castro¹⁵⁰ era uma delas, além de Curitiba, Ponta Grossa e Guarapuava (cujo acesso passa necessariamente pela região de Prudentópolis, na Serra da Esperança). Considerando as frequentes viagens que realizava, provavelmente Salley por ali passou quando em visita oficial, aproveitando alguns momentos para colecionar exemplares. O que parece clara, ao observar mais atentamente os exemplares do Museu de Zoologia é um certo cuidado com as informações de coleta, revelando sua simpatia com a Ornitologia. Anotava (em inglês e português) as cores de partes nuas e algumas medidas, arriscando inclusive a identificação.

Infelizmente nada mais foi possível reunir sobre a contribuição de Salley à ornitologia paranaense, assim como permanecem obscuras as informações sobre exemplares catarinenses que alegadamente teriam sido colhidos na década de 10.

¹⁴⁹ Castro: Paraná: AMNH-188859: *Turdus albicollis*; AMNH-188861-188867: *Basileuterus leucoblepharus*, *Pyrrhura frontalis*, *Poospiza cabanisi*, *Sittasomus griseicapillus*, *Trogon surrucura* (2 ex.) e *Aramides saracura*; Rio dos Patos: Paraná: AMNH-188860: *Turdus rufiventris*.

¹⁵⁰ Onde há até hoje o Instituto Cristão, da Igreja Presbiteriana, fundado em 1915 pelo reverendo Harry P. Midkiff, hoje situado no centro da cidade, à rua Major Otávio Novaes. Um dos espécimens mencionados (MZUSP-11037), de fato, conta com a seguinte inscrição no rótulo: “Castro, Parana. Instituto”, apontando para o local exato da coleta.



Os dois exemplares de *Colaptes campestris* (MZUSP-11036 e 11037) colecionados em Castro por Salley, com destaque para os rótulos originais, grafados a lápis e provavelmente rasurados a posteriori com tinta naquim (Fotos: L. F. Silveira).

Cronologia

- 1924** Participação do Paraná no Tenentismo, vários movimentos político-militares de jovens militares descontentes com a situação política do País. Em Foz do Iguaçu tem início a Coluna Prestes. No rio Paraná, as tropas da Revolução de 1924 ocupam Guaíra e outras cidades da região.
- 1924** Início da colonização do Norte Novo, culminando com a fundação de várias cidades importantes, dentre elas Londrina e Maringá.
- 1924** O Museu Paranaense recebe a coleção de objetos etnográficos obtida e organizada pelo sertanista Telêmaco Borba.
- 1924** Nascimento de Paulo Emílio Vanzolini, zoólogo especializado em répteis e um dos cientistas brasileiros mais conhecidos, inclusive pela participação na complementação da famosa “Teoria dos Refúgios Pleistocênicos”, formulada pelo geólogo alemão Jürgen Haffer. Sobrinho neto de Camillo Vanzolini, antigo professor de História Natural do Ginásio Paranaense e, assim, bisneto do médico e naturalista Giuseppe Franco Grillo, Paulo também destacou-se como compositor de sambas famosos, dentre eles “Ronda” (1951), “Volta por cima” (1959) e “Praça Clóvis”. Por mais de três décadas (a partir de 1963) foi diretor do Museu de Zoologia de São Paulo.
- 1924** ALBERTO DE CARVALHO publica o "**Manual do caçador ou Caçador brasileiro**" contendo informações sobre espécies animais ocorrentes principalmente na região de Prudentópolis (região central do Paraná), onde residia.

[1924]

ALBERTO DE CARVALHO

ALBERTO PINTO DE CARVALHO (Imbituva/PR: 18 de maio de 1883; f. Prudentópolis/PR: 25 de abril de 1968)¹⁵¹ era advogado (foi promotor público adjunto), político e funcionário do fisco federal (a partir de 1920). Durante a juventude foi tropeiro, viajando entre o Rio Grande do Sul e São Paulo e, por volta de 1907, passou a residir na cidade de Prudentópolis onde se tornou muito conhecido pelos conhecimentos adquiridos sobre a fauna local (Gomes, 1972)¹⁵². Sua popularidade e celebridade como pessoa pública ou contador de “causos” inclusive, granjearam-lhe várias homenagens, na denominação de um dos colégios locais: “Ginásio Estadual Alberto de Carvalho” e também de uma via pública. Correspondente de Monteiro Lobato¹⁵³, publicou sua obra-maior (descrita abaixo) pela editora do famoso escritor brasileiro¹⁵⁴.

O pouco conhecido – e provavelmente raro – livro de sua autoria “Manual do caçador ou Caçador brasileiro”, publicado em São Paulo no ano de 1924, é um exemplo de seu abnegado interesse pela natureza. A obra, mais calcada

¹⁵¹ Esse texto é dedicado ao saudoso Moacyr de Moura Cordeiro (1920-2008), advogado curitibano que por quase toda a vida residiu em Prudentópolis, onde elegeu-se vereador e foi homenageado como “cidadão honorário” tendo, ainda, lecionado no colégio Alberto de Carvalho.

¹⁵² Alberto casou-se em 1908 com Alice, filha do coronel José Durski, em cuja propriedade (“Fazenda Durski”) se abrigaram Chrostowski e Jaczewski durante sua expedição ao Paraná em março de 1922.

¹⁵³ Inventário do Centro de Documentação Cultural Alexandre Eulálio da Unicamp (Campinas): http://www.unicamp.br/iel/monteirolobato/outros/listagem_anexo_2.pdf, acessado em 30 de dezembro de 2017.

¹⁵⁴ A insígnia da editora é apresentada na contra-capa.

na experiência do autor nas regiões central e sul do Paraná, refere-se principalmente à caça e às características das espécies cinegéticas, incluindo ensinamentos sobre doses de pólvora e tamanho de chumbo para as recargas de munição, bem como informações sobre raças de cães mais adequadas e de como treiná-las particularizadamente. A segunda parte do livro, semelhante à primeira, dirige-se à “caça de pelo”, quer dizer, mamíferos. Por fim, a terceira, inclui crônicas sobre caçadas de onça, que o autor chama “Casos de tigre”.

Apenas com essa descrição, pode-se notar que o livro não é pretensioso, nem quer divulgar informações técnicas ou cientificamente comprovadas, como o próprio autor admite logo na apresentação. Entretanto, não é difícil reconhecer de imediato que os dados presentes na obra são fidedignos, ao menos aos olhos do conhecimento popular.

Em sua obra encontra-se apresentada uma infinidade de nomes populares genuínos da região central do Paraná, alguns deles muito antigos e esquecidos na literatura disponível sobre o vernáculo ornitológico. Também o autor se preocupa em apresentar muitos sinônimos dos nomes, muito embora não fosse afeito ao conhecimento sobre o conceito de espécie.

O conteúdo sobre avifauna contém 24 páginas, de acordo com a seguinte disposição:

Capítulo	Tema	Páginas
IV	As perdizes	24-27
V	O sabiá	27-29
VI	Rôllas	29-30
VII	Pombas	30-32
VIII	Papagaios	32-34
IX	Tocanos	34-36
X	Pavós	36-37
XI	Jacús	37-39
XII	Tovaca	39
XIII	Os urús	40-41

Capítulo	Tema	Páginas
XIV	Inambú	42
XV	Macuco	43-44
XVI	As saracuras	44
XVII	Marrécas	45-46
XVIII	Pato bravo	46-48

As primeiras espécies mencionadas são as “perdizes” (*Rhynchotus rufescens*), das quais, segundo ele há duas espécies:

“[...], sendo que uma é de maiores proporções.

A esta dá-se o nome vulgar de ‘perdiz de topéte’ ou do ‘faxinal’ e pertence bem como a outra á familia ‘Tinamidae’ (Rinchotus rufescus. Esta perdiz habita as margens dos grandes banhados e soffre uma perseguição insana da parte dos Suarás (Lobos).

É ainda esta especie que se encontra nos capinzaes de antigas ‘capuabas’ e finalmente nos terrenos de ‘faxinaes’, e não obstante ser de maior musculatura que a outra, sua carne é menos saborosa e menos tenra. A outra espécie é, como acima ficou dito, menor, ainda que bem pouco: o colorido de sua plumagem é mais carregado, sendo por assim dizer, de cor mais clara, distanciando-se por essa forma, das apparencias da perdiz europêa.

Estas são encontradas nos campos propriamente ditos, em logares onde o capim não estiver em ‘macégas’ ou seja em ‘maduro’, como vulgarmente se chama”.

Esse diferença poderia ser atribuída à outra espécie do grupo, a codorna (*Nothura maculosa*), porém, essa

também é devidamente descrita e caracterizada logo em seguida:

“A codorna (Nathura maculosa) não dá preferencia, para a sua residencia; estando no campo, está em seu elemento. Encontra-se nos banhados, nos ‘verdes’, nas queimadas, nos ‘maduros’, nos macegões e finalmente em todo o campo. Entretanto, nos faxinaes não se encontram codornas. A quantidade desta especie é muito mais consideravel do que a das perdizes, pelo que tambem é menos procurada e mais caçada, visto sua abundancia primordialmente aqui no sul do Brasil. [...] Tanto perdizes como codornas, bem como a maioria dos gallináceos, reproduzem-se por duas posturas durante o anno, sendo que, uma é de Setembro até o fim de Novembro, e a outra de meados de Janeiro ao fim de Março”.

Em seguida, Carvalho (1924:27) volta-se aos sabiás, dentre os quais avalia a diversidade, porém, sem nenhuma preocupação em distingui-las, sugerindo que talvez nem mesmo ele soubesse as diferenças¹⁵⁵. De acordo com sua concepção:

“O sabiá (familia Turdidae) comprehende quatorze especies diferentes, ainda que algumas mal sejam distinguidas, tal é a semelhança de certos subrócos; entretanto, enumeremos aqui os nomes

¹⁵⁵ Nisso parece claro, e até aceitável supor um parentesco dos verdadeiros sabiás com os Mimidae, os quais são de fato assim denominados; a situação, porém, não é aplicável ao sabiá-cica, que é um Psittacidae. Além disso, o sabiá-da-laranjeira, o piranga e o de peito-roxo são uma única e mesma espécie (*Turdus rufiventris*), tal como efetivamente a espécie é conhecida no interior do Paraná.

pelos quaes são conhecidos, que são os seguintes:

Sabiá branco, Sabiá-cica, Sabiá-colleira, S. do campo, S. da Lapa, S. da Praia, S. da Restinga, S. da Larangeira, S.-Guassú, S. Póca, S. Piranga, S. Una, S. do peito rôxo e S. preto". [...]. "O sabiá occupa assim nas mattas, os logares que seus cognomes indicam. Por exemplo: S. da praia é habitante das margens dos rios e vargedões; Sabiá da Restinga habita os capões e restingas á beira dos campos, e assim por diante".

Com relação às "rôllas", o autor provavelmente refere-se ao gênero *Leptotila*. Contudo, a descrição é muito generalista e não ajuda na identificação, mas deixando bem claro que, em sua opinião, esse grupo pertence a uma família, e as "pombas" a outra:

"...pertence á especie das pombas, das quaes differe apenas por ter os pés relativamente maiores; os seus tarsos são mais compridos, assim como tambem, em vez de, como ellas, fazerem vôos altos são justamente pelo contrario (sic). A Rôlla não anda em bandos e subdivide-se em tres especies differentes, a saber: **Rôlla propriamente dita**, que é a maior; **Jurity**, pouco menor, tendo a extremidade da cauda orlada de branco e, finalmente, a **rolinha** ou **Pombinha do Chiqueiro**, muito mais pequena que as precedentes e toda cheia de pequenas manchas pelo pescoço e peito¹⁵⁶. Estes tres grupos andm a maior parte do tmpo a pé pelos vargedos e caminhos, sendo

¹⁵⁶ É provável que o autor tenha aqui se confundido na descrição ou na incapacidade de distinguir duas espécies muito comuns na região, que seriam a rolinha (*Columbina talpacoti*) e a fogo-apagou (*Columbina squammata*).

entretanto conhecidissimoas por ladras de sementes plantadas pelos nossos lavradores em suas roças”.

Sobre a “família” das “pombas”, considera ser:

*“quasi tão numerosa como a do Sabiá, e vamos em primeiro lugar nomear as espécies mais conhecidas na nossa fauna, e que são as seguintes: **Pomba-trocaz, Picuçaróba, Pomba-dourada ou amargosa, Pomba-perdiz e P. do sertão.***

As Pombas, (columbides), como se sabe, andam em bandos, sendo por essa razão mui divertida a sua caçada, não obstante serem ellas um tanto ariscas. O seu alimento predilecto são os fructos, muito especialmente os de Jerubéba, vulgarmente conhecidos por ‘fructas de pomba’.

Passa a tratar, então, dos “papagaios”, que considera *“todas as aves pertencentes á familia – ‘Piticiadae’ – na qual se encontra uma enorme variedade de castas ou sub-espécies, attingindo assim a elevada cifra de setenta e cinco typos differentes.”.* E prossegue (p.32):

“Dividem-se, entretanto, em dois grupos distinctos, a saber: Papagaio propriamente dito (família Pioninae) de cauda curta; e os mais de cauda comprida (fam. conirunae).

Ao primeiro grupo pertencem o *Xarã*¹⁵⁷, o *Curraleiro*, o *Peito-roxo*¹⁵⁸, a *Maitaca*, a *Sabiacica*, o *Periquito*, etc. etc. E do segundo fazem parte a *Arara*¹⁵⁹, a *Maracanã*, o *Araguahy*¹⁶⁰, a *Catorra*¹⁶¹, a *Teriba*, o *Toym*, etc.”

Para os ranfastídeos, Carvalho (1924:34) também é algo minucioso ao listar os tipos por ele conhecidos:

“Depois do Papagaio vem o *Tocano*, que também é uma ave muito caçada entre nós.

Esta pertence á família ‘*Ramphastidae*’ e é divulgada por vinte e seis variedades distintas, entre as quaes destacamos como principaes as seguintes:

Tocano-assú, o maior de todos, *Tocano*, *Araçary*, *Tocano-ikira*, *Tocambirro*¹⁶², etc., etc.”.

O *Tocano-ussú* é carnívoro e, portanto, frequentador assiduo dos lugares onde existem animaes mortos, sendo que, por essa razão, não é aproveitado como caça comestível.

É no entanto uma belissima ave; dispõe de enormissimo bico, do qual alguns sertanejos se utilizam ara fazer delles polvarinhos.

A côr de sua plumagem é negra e luzidi no dorso, sendo que o ‘papo’ e até o

¹⁵⁷ Nome também usado para *Amazona pretrei*, além do mais comum “charão”. É espécie confinada aos estados de Santa Catarina e Rio Grande do Sul e, portanto, sem registros para o Paraná.

¹⁵⁸ Tanto um quanto outro nome aludem ao *Amazona vinacea*.

¹⁵⁹ De ocorrência improvável na região enfocada, conforme revisão de Straube (2010).

¹⁶⁰ Esse é o nome (araguaí) autenticamente utilizado no Paraná para *Psittacara leucophthalmus*.

¹⁶¹ Refere-se provavelmente à caturrita (*Myiopsitta monachus*), que não ocorre no Paraná.

¹⁶² Aquilo que seria grafado como “tucaniquira” e “tucambirro”, são nomes desconhecidos para mim, mas podem aludir a aparentados provavelmente ocorrentes naquela região, como *Pteroglossus bailloni* e *Selenidera maculirostris*, não necessariamente nessa ordem.

meio do peito são guarnecidos de finissimas pennugens brancas ou cremes.

Assim também, o **Tocano propriamente dito**, é de côr negra, tendo o 'papo' amarello vivo, e peito escarlata, razão essa pela qual se torna um alvo de luxo. As outras especies varia muito, tanto em tamanho como nas côres das pennas, sendo em algumas verdes, ou com mistura de outras côres, taes como os carijós, e outras muitas combinações, onde predominam sempre o preto e vermelho”.

No capítulo seguinte ele trata do pavó (*Pyroderus scutatus*):

“[...] também conhecido por '**Pavãozinho**', fica em nossa escala synegetica immediatamente superior ao Tocano. É uma ave já de certo peso (fam. Cotingidae), de côr preta, com garganta e peito de um escarlata alaranjado; bico curto e um tanto recurvo, pés largos, munidos de dedos grossos e cobertos por uma pele grossa e excessivamente escamosa, o que lhe dá uma feição grotesca e peculiar.

O pescoço do **Pavó** é muito grosso e apresenta uma musculatura escura e rija, sua voz é grossa e desharmonica, fazendo lembrar um porongo pendurado ao vento. Andam em bandos quatro a seis individuos e dão preferencia á matta virgem e vargedões, ao pé de altas collinas, onde o arvoredo é frondoso. O seu alimento principal é uma fructinha chamada vulgarmente 'grupiá' ou 'Espora de gallo'¹⁶³. Esta ave não dorme a sésa”.

¹⁶³ Refere-se à verbenácea *Duranta vestita*, também “grão-de-galo”.

E, com algum detalhamento, refere-se aos jacus e jacutinga:

“Nesta família (Cracidae – ‘genero Penelope’), encontramos sete espécies, das quaes são distinguidas perfeitamente as seguintes...”

Jacu-Velho¹⁶⁴, de côr fulva escura em todo o corpo, cauda comprida e inclinada para baixo, possui como o peru uma pequena crista e é o menor de todos que habitam o sul do Paiz.

Jacu-káca, mesmo talhe do J.-Velho, porém maior que este. Suas pernas são entremeadas por muitas penninhas esbranquiçadas, tornando-se assim quasi carijó

Jacú-guassú, maior ainda, de côr negra, pés largos e dedos muito grossos, canellas mais curtas, tocantes a verde-garrafa; quando vôa nota-se-lhe uma concavidade de azas quasi igual á das perdizes. Tem os ouvidos brancos e são em geral mais mansos que os precedentes.

Jacú-ikira ou **Arakanan**, é a menor espécie da família, contando apenas 23 a 25 centímetros de comprimento, ou seja igual ao volume de um pavó; côr negra-esfumada, cauda e pescoço longos. Esta espécie não é conhecida no sul do Paraná e Rio Grande do Sul.

¹⁶⁴ O nome vernáculo apresentado (jacu-velho) é aquele usado em maior parte do Paraná, para *Penelope obscura* (jacuguaçu ou jacuaçu), alusivo ao seu grito de alerta; o autor, no entanto, parece inclinar-se para o aracuã (gênero *Ortalis*), que não ocorre na região. Ao mesmo tempo contradiz-se, ao afirmar que o “jacú-ikira” (jacuiquirá) ou “arakanan” (aracanã) seria a “menor espécie da família”. É possível que se tenha confundido entre maior e menor; nesse caso, a identificação seria plena para *P. obscura*. Jacucaca é como se trata, em algumas regiões paranaenses, o *Penelope superciliaris*, mais conhecido como “jacupemba”. Além dessas duas, não há outras formas de jacus ocorrendo nos limites estaduais; Carvalho confunde-se com vários nomes populares utilizados para essas duas únicas espécies.

*Finalmente, **Jacú-tinga**, semelhante no talhe a uma perua, differe porém na côr, ainda que a maneira de piar seja mais ou menos identica. Côr negra, com salpicos brancos, bico verde, canellas vermelhas, crista e barbellas azuladas e olhos negros e grandes”.*

Sobre algumas dessas espécies, ainda fornece informações sobre o hábitat:

*O **Jacú-velho** é encontrado nos logares de terras incultas e anda a mior parte do tempo pelo solo, onde come a terra e fructos já apodredidos.*

Só pousa nos galhos do arvoredado quando vôa espantado, ou á noite, para dormir.

As outras especies têm mais ou menos os mesmos costumes, com a differença que se acostumam a determinados logares, onde aterram de preferencia para comerem barro salitroso, logares esses a que se dá o nome de ‘barreiros’. [...]

*O **Jacú-tinga** habita as encostas das serras nos pedregaes e peráus, onde vive sem se afastar muito das immediações donde nasceu. Tanto aquelles [refere-se ao “jacu-velho”] como estes andam em bandos, sendo que o canto dos primeiros é um grasnar desengraçado, fazendo lembrar uma gargalha de taberneiro gordo; ao passo que o Jacutinga tem o ‘pio’ afinado, ainda que muito baixo, fazendo lembrar o canto de uma perua mãe”.*

A seguir, Carvalho (1924:38) passa a descrever o que ele chama de “rasteiras”, ou seja, “aquellas que caçam

á superfície do sólo”, iniciando com “a menor e mais comum das aves rasteiras do matto”:

*“A **Tovaca** é avezinha exclusivamente terrestre – si é permittida a expressão – e pertence, como é sabido, á familia ‘Formicariidae’.*

*O seu habitat é a matta serrada, onde se alimenta exclusivamente de insectos. Esta ave é extremamente delicada e elegante, pelo que alguns caipiras lhe deram o appellido de ‘**mocinha**’. Tem alguma apparencia ao sabiá; é porém maior, suas pennas de um tom bruno-acinzentado, são entremeadas de riscos pretos em caracol; pernas finas, verde claro, com pelle macia e lustrosa; a perfeição do seu andar garboso e moderado dá a impressão exacta do epitheto que lhe deu o sertanejo. O canto da Tovaca é semelhante a uma dessas gargalhadas, meio reprimidas, que constituem o maior encanto da alegria juvenil. Tal é a Tovaca, tal qual a conhecemos e, digamos com franqueza, foi bem lembrado o titulo com que o nosso patricio do sertão mimoseou esta avezinha, que com franqueza se assemalha a mocinhas”.*

A essa ave (*Chamaeza campanisona*), usa um último parágrafo para comparar com outra, afim, o tovacuçu (*Grallaria varia*):

*“Ha tambem nesta familia a sub-especie chamada ‘**Tovaca-ussú**’, quem em tudo se assemelha á precedente; é porém um pouco maior. Alguns caçadores affirmam não ser esta uma sub-especie e sim exemplares qe se desenvolveram mais no crescimento, tornando-se por assim dizer os gigantes da*

especie, o que tambem é provavel, entretanto não affirmamos”.

Passa em seguida para o uru (*Odontophorus capueira*), descrevendo-o com grande profundidade e detalhes:

“O Urú tambem é conhecido por ‘Capoeira’ e, como é sabido, pertence á familia ‘Odontophoridae’, sendo tambem uma das mais bellas aves da fauna brasileira. O talhe do seu corpo assemelha-se um tanto ao das codornas, porém a cor da plumagem é muito mais escura; ouvidos aureolados de pennugens vermelhas; bico curto, fino e recurvo; ‘topéte’ ou ‘cocuruto’ no alto da cabeça; pernas finas com canellas esverdeadas e tarsos longos e finos. O Urú, assim como o Perú, costuma, quando faz corte a suas ‘damas’, armar as azas, fazendo rodeios e estufando-se num pedantismo deveras intensamente.

Ao entardecer, isto é, á bocca danoite, quem estiver no sertão ouvirá diariamente o canto arrulhante e cheio de mysteriosa ondulação, que traduz literalmente tudo quanto ha de paz e satisfação no viver agreste do ‘Capueira’. Este canto é produzido pelos machos, que assim cantando dão o signal de ‘empoleirar’, onde costumam dormir, e são acompanhados pelas femeas e que á proporção que vão subindo ao ‘puleiro’, soltam uns gemidinhos impregnados de melancolia, cujos pios dolentes, dados em contratempo com o canto daquelles, echoam pela matta nuns contracantos admiraveis, que acabam com o saudar o dia que termina”.

Prossegue com o grupo dos tinamídeos, referindo-se ao nome genérico “inambú” e indicando suas variações:

*“O **Inambú** é excelente caça (fam. Tinamidae), que pela sua abundancia em nossas mattas se torna uma das aves mais conhecidas.*

*Com este nome são conhecidas diversas especies, taes como: **Inambú**, propriamente dito, **Inambú-anhangá**, **Inambú-chororó**, **Inambu-chintan**, **Inambu-guassú** e finalmente **Inambu-ikira**. Em todos os recantos do Brasil, onde houver algum matto, ha de infallivelmente existir inambu, quer de uma ou de outra especie”.*

Sobre o macuco (*Tinamus solitarius*) assim escreve, adicionando uma informação curiosa:

“Este pertence á mesma familia do precedente (genero ilicineas brasiliensis) e é maior ainda que o Inambú. [...]

*Em algumas zonas do Paraná e São Paulo é esta ave também chamada **gallo do matto**. **Macuco** não anda em bando, mas sim cada um de per si, ou ainda aos casaes, e habitam as mattas virgens e sertões incultos, debaixo das serranias, onde seu piar melancolico produz um som quasi lugubre. Tem-se verificado que a Onça e a Sussuarana, nas suas caçadas, imitam tão bem a voz do Macuco, que o caçador incauto corre muitas vezes sérios perigos ao perseguir este ou dar-lhe caça com ‘pios’ de chamariz”.*

Aqui observo que, embora pareça absurdo, há inúmeros relatos informais sobre o fato de felídeos como a

onça-pintada, o puma e a jaguatirica imitam a vocalização de cutias, primatas, tinamídeos e provavelmente outros. Calleia *et al.* (2009), avaliando tais informações não somente consideram provável que isso ocorra como eles próprios observaram um *Leopardus wiedii* (gato-maracajá) imitando com perfeição a vocalização de filhotes de *Saguinus bicolor* (sagui-de-duas-cores), como estratégia de predação¹⁶⁵.

Ao concluir a preleção sobre as espécie florestais, volta-se Carvalho (1924:44) agora para as “*aves ribeirinhas e aquaticas*”. Referindo-se às saracuras afirma que:

“Com este nome são conhecidas as diversas especies de aves da familia ‘Rallidae’ (bignoniaceas brasiliensis), cujas aves se encontram em abundancia á beira d’agua. A *Saracura* propriamente dita é pernalta, provida de bico longo e verde; olhos vermelhos com pupillas negras; côr havana por cima e cinza em baixo, principalmente no peito e pescoço; cauda extremamente curta e alçada. [...]. Saracuras caçam-se a qualquer hora do dia, entretanto será mais facil a caçada nas primeiras horas do dia, horas essas em que ellas cantam muito, pelo que muitas vezes levam o caçador a penetrar em charcos devéras maçantes”.

Já sobre as “marrécas” e sobre o “pato bravo” pondera:

“Estas aves (fam. Anatinae), habitam geralmente os rios, ribeiros lagos e são encontradas também nalguns tanques. A

¹⁶⁵ Eu mesmo já observei, junto com Zig Koch e Maria Bernadete Ribas Lange, a emissão – no período noturno – de assobios por uma jaguatirica (*Leopardus pardalis*) no momento exato em que tentava capturar um indivíduo de *Aotus azarae* (macaco-da-noite) (Fazenda Acurizal, Serra do Amolar, Corumbá, MS, em 25 de junho de 2003).

Marréca selvagem é em tudo semelhante á domestica e contam-se della vinte especies diferentes. [...]

As Marrécas andam em bandos de seis para mais individuos e o seu principal alimento é o limo das margens dos rios, motivo esse pelo qual a carne destas aves se torna de mau gosto ou mesmo intragavel”.

[...]

“Pertence á mesma familia da precedente, porém é maior, de carne negra, rija e de mau sabor. [...]

O nosso Pato selvagem é de côr negra azulada, tendo como o domestico uma crista vermelha logo acima do termo do bico. É um grande voador, sendo entretanto facil de se lhe alvejar em vôo, em virtude do seu tamanho e consequente lentidão de movimentos”.

Ao longo desses capítulos temáticos, o autor ainda informa outros nomes. Um deles são as batuíras (talvez *Bartramia longicauda*) e narcejas (*Gallinago spp.*):

*“Alguns caçadores de perdizes, usam habituar seus cães a ‘amarrar’ outros passaros e aves, taes como **batuiras**, **narcejas**, etc. [...] Não contando que tanto ellas [batuíras] como as narcejas possuam carnes saborosissimas. Estas aves, bem como a **gallinhola** (‘gallinogo-delicata’ – Charadrudae) que tambem é familiar a ellas, encontra-se á beira dos lagos,*

Além disso, ainda inclui uma sentença multiversa: “...aves aquáticas, como sejam: *Biguás, Mergulhões, Locás*¹⁶⁷, *Martins-Pescadores, Frangos d’agua, etc. etc.*”.

Após essa considerável transcrição, e mesmo pela releitura dos trechos que não foram reproduzidos, quase todos os relatos, denominações e descrições apresentados são genuinamente paranaenses, tal como pode-se notar logo ao início de cada crônica pelas cidades ali citadas (Prudentópolis, Clevelândia, Palmas); apenas uma, e não relatada como se fosse experiência própria, sucedeu-se em “*uma aldeia do centro do Paiz*”. De uma forma geral, quase todo o conteúdo volta-se à caça das espécies mencionadas, para a qual inclui dados sobre onde e quando encontrá-las e alguns detalhes específicos que facilitem a prática.

Também observa-se que em várias passagens do texto, o autor tenta citar nomes científicos mas quase todos têm erros de grafia e que provavelmente foram oriundos de consulta à literatura. No entanto, não é na tentativa de dar um respaldo técnico que está o valor deste livro e sim, pelas mais ou menos ricas descrições das aves comumente caçadas no interior do Paraná e, especialmente, pelas denominações populares utilizadas regionalmente.

Além do “Manual”, foi-nos possível obter outro documento, esse ainda mais raro, que alude a uma entrevista por ele concedida a alunas da “escola normal” de Prudentópolis, publicada em impresso de distribuição

¹⁶⁶ Aqui considero conveniente supor que Carvalho distinguiria a espécie maior do gênero (*Gallinago undulata*), em oposição à galinhola, assumida como *G. paraguaiæ*.

¹⁶⁷ Ao contrário dos demais, todos eles identificáveis ao menos no nível de gênero ou família, dessa denominação não encontrei paralelos, sequer por semelhança com outros nomes alterados por corruptela.

restrita (Maria de Lurdes *et al.*, 1951), porém, de interesse como fonte histórica e por essa razão transcrito na íntegra.

Nossa fauna

(entrevista concedida pelo snr. Alberto Pinto de Carvalho)

MARIA DE LURDES, MARIA HELENA E VIESSIA

Um dos pontos de nosso programa de Geografia é sôbre a fauna de nossa região. Como não encontrámos um livro mais ou menos completo sôbre o assunto, nossa Professora sugeriu a ideia de procurarmos uma pessoa capaz de informar-nos a respeito. A escolha recaiu ao Snr. Alberto Pinto de Carvalho, Presidente da Associação de Caça e Pesca, homem conhecedor de todos os nossos campos e matas, e que já tem demonstrado grande interêsse em apoiar as nossas iniciativas.

Eis o que nos disse o Snr. Alberto Pinto de Carvalho:

Quanto às aves, temos dêside o menor que é o colibri até as aves de rapina.

Dos galináceos temos: o **nambú**, **urús**, também denominados "**capoeira**", **macuco**, **chororó**, e o menor que é o **tovaca**. Na ordem dos columbiformes temos sete espécies, a começar pela menor que é a **rolinha**, também chamada de **rolinha de chiqueiro**, daí a escala ascendente em tamanho vem as **parurú**, **fogo-apagou**, **juritís**, **apicurussaba** e finalmente a **roxa**, que é também chamada a **pomba de arribação**, pelo motivo simples de não suportar o frio, sendo certo que na época atual, elas arribam em bando, para o Norte do País, especialmente para o Ceará.

As aves aquáticas são aqui abundantes, contando-se entre elas a **jaçanã**, **batuíra**, **saracura**, **irerê**, **marreco selvagem**, **biguá**, **frango-dagua** e finalmente o **pato-selvagem** o maior de todos.

Existem também alguns exemplares das diversas pernaltas, tais como **socós**, **garça**, **colhereiro** e outros mais.

Os rapináceos ou gaviões são representados em nossa fauna pelos seguintes: **quiri-quiri**, **carijó**, **chimango**, **sorví**, **penacho** e finalmente o **alpí**, cuja espécie já vai se extinguindo.

Das aves trepadoras, temoa o **pica-páu**, com cinco sub-espécies no Município, a saber: **pica-páu anão**, **arapaçu**, **carijó**, **joão velho** e

meleiro; neste gênero ainda existem os impropriamente chamados trepadores, entre os quais podemos contar nove espécies de **papagaios**. Quanto aos animais, entre os roedores temos o camandongo, o cucharro, o ratão, o preá, a lebre, a cotia, a paca e a capivara.

Na parte cervidia contamos com cinco espécies de veado: o camocêca, também conhecido por cambuto, o catroroca, o viráu, o pardo e o guatá-pará.

Os suínos selvagens apresentam-se em duas espécies: o caitetú e o porco do mato, também chamado de queixada.

Felinos: o gato do mato, a maracajá, a jaguatirica, parda e sussuarana e ainda por acaso alguma onça pintada.

Quanto à caça ribeirinha, temos as raposinhas daguas, lontras, tariranhas, e finalmente a anta, a maior de todas.

Dentre os anfíbios, possuímos somente o lagarto, e dos quelônios, apenas o cágado.

Dos réptis, entre as serpentes não venenosas, a nossa fauna municipal só tem a caninana, a mussurana e a coral. Entre as venenosas, temos a jararaca, a urutú, a jararacussú, a cascavel e a cruzeiro ou coatiara.

O “Manual do Caçador Brasileiro”, provavelmente consultado por centenas de simpatizantes das práticas cinegéticas, serviu-se – por fim – como base para a rápida preleção sobre a fauna do município de Prudentópolis, produzida por Gomes (1972:72):

“Na falta de estudos tangentes à zoologia prudentopolitana – com exceção do ‘Manual do Caçador Brasileiro’ de Alberto de Carvalho, muito difícil é escrever de modo completo sobre a fauna prudentopolitana. Sabemos que ela é bastante rica e variada. Para uma melhor compreensão do assunto vamos realizar estes estudo, agrupando os animais de acôrdo com as semelhanças por eles apresentadas [...]

Aves – Columbídeos: pomba, rolinha ou pombinha de chiqueiro, rola, juruti.

Galináceos: galinha, peru, perdiz, codorna, pavó ou pavãozinho, uru, jacu, tovaca, inhambu, macuco.

Pernaltas: saracura.

Palmípedes: pato, ganso, marreco, pato bravo.

Rapaces: coruja, gavião-carrancho, urubu.

Passeriformes: sabiá, canário, tico-tico, pintassilgo, João-de-barro, bem-te-vi, andorinha, pardal.

Trepadores: papagaio, periquitos, arara, tucano, pica-pau, beija-flor.”

Alberto era uma personalidade importante da intelectualidade local. Tinha grande interesse pela fauna (como curioso e caçador) e praticava a taxidermia, ofício transmitido a seu filho Cosme Pinto de Carvalho que, segundo consta, a praticava com excelência (A. A. Moura Cordeiro, com. pess. 2010). Não se sabe ao certo qual o destino das peças coletadas e preparadas por ambos. No entanto, uma grande parte do acervo de crânios de mamíferos do acervo expositivo do Museu de História Natural Capão da Imbuia foram colecionados por ele, segundo consta correspondência trocada com a administração¹⁶⁸ do Museu Paranaense no ano de 1935.

¹⁶⁸ Se refiro-me a “administração”, trato do momento em que o Museu Paranaense não tinha um diretor, cargo que foi extinto com a saída de Sebastião Paraná em 1931, quando a instituição ficou sob a tutela da Prefeitura de Curitiba (Abilhoa *et al.*, 2013). Seu “encarregado” era João Tenius, um museólogo leigo que viveu em União da Vitória e depois radicado em Curitiba.

[carimbo: Alberto Pinto de Carvalho]

Prudentópolis, 21 de Agosto de 1935

Ilm^o Sn^r Director do Museu Paranaense
Curitiba

Presado Senhor

Tenho por objectivo ao dirigir-me a VS^a,
offerecer ao Museu Paranaense uma collecção de caveiras (crâneos) de
animaes de nossa fauna.

São em numero de 60 ou pouco mais, sendo de antas, onças, queixadas,
caetetús, veados, paccas, jaguatiricas, sussuaranas, gatos selvagens,
lontras etc, e que offereço gratuitamente a essa casa de curiosidades, no
intuito de cooperar dessa maneira para formar-se mais ampla a
quantidade da collecção que por ventura já exista ahi nesse genero.

Outrosim, V.S. terá a bondade de providenciar para o devido
acondicionamento e transporte de minha referida offerta que aqui fica a
s/ dispor.

Certo de que V.S. me responderá brevemente, me subscrevo com a
maxima consideração e apreço s/ Am.^o e Co.^o

[assina]

Alberto Pinto de Carvalho

A troca de cartas com o Museu, iria revelar ainda um
detalhe praticamente desconhecido na História do Paraná,
como se vê na transcrição abaixo.

Prudentópolis 30 Setembro de 1935

Ilmo. Snr. João Tenius, M D. encarregado do Museu Paranaense em

Prezado Senhor

Tenho em mãos s/ carta de 5 do corrente, cujos elogiosos dizeres, á m/ pessoa muito me desvaneceram, pelo que agradeço penhoradamente. Desde ha muito, era minha firma intenção, offerecer esse começo de collecção de craneos, ao Museu de m/ Estado, - tanto que – quando por esta cidade passou a ‘Missão Japoneza de Campanha contra a Lepra’ (1927), já o seu chefe tendo me visitado, por instancias de pessoas gradas desta localidade, apaixonou-se tanto pela collecção de caveiras que chegou a offerecer-me por ella um preço bastante elevado, ao que regeitei declarando que não aceitaria proposta alguma, sendo para transladal-a para o estrangeiro.

Isto fiz em prezença de diversas pessoas de destaque e, entre ellas o notavel medico e meu particular amigo e conterraneo, o Dr. Heraclides C. de Souza Araujo, nome conhecido e acatado em todo o Brazil.

Não relato isto com o fim de valorizar a minha dadiva e menos ainda, com escopo de fazer ostentação de m/ patriotismo, - o que seria uma imperdoavel falta de modestia, - mas tão somente para demonstrar que de ha muito eu venho me interessando por isso, e muito me dou por feliz em poder levar a effeito um desejo que desde tempos eu acalentava.

Em face disso ora remetto-lhe 1 caixão com o que me foi possivel aproveitar do que possuia no genero. Esse volume, remetto daqui, para Ponta Grossa, á consignação dos Snrs. Darcy Portella & Comp^a, (caixa postal 8) os quais Snrs., lhes farão remessa por Estr. de Ferro como bagagem conforme s/ solicitação.

Junto uma continha da despesa de embalagem e frete ate Ponta Grossa, cuja importancia VS poderá me enviar sob registro por via postal ou vale.

Aliás, além de pedir-lhe o obzequio de accuzar a recepção do volume logo que lhe chegue ás mãos solicito inda a finez de VS^a communicar a imprensa dessa Capital para que com a nota de publicidade incentivar á exemplo disso a idéa de e ampliar o nosso museu.

Certo de que V. S. me dispensará ainda a s/ valiosa attencção me subscrevo com toda a consideração e estima [ilegível]

[assina]

Heráclides Araújo, a que Carvalho se refere, era o médico paranaense que acompanhou Adolpho Lutz em sua viagem ao Paraná em 1918 (vide acima). Autoridade mundial no estudo da hanseníase, a que se dedicou desde 1915, ele é autor da obra “História da lepra no Brasil” (3 volumes, 1946-1956: Imprensa Nacional do Rio de Janeiro) que se tornou obra sedimentar para o assunto.

A referida “*Missão Científica Japonesa*” ocorreu entre abril e julho de 1927 por meio da Comissão de Higiene da Liga das Nações, sob a coordenação de Akira Fujinami (1870-1934), professor catedrático de patologia da Universidade Imperial de Kyoto ¹⁶⁹. O objetivo da expedição, segundo consta, seria estudar os parasitas da ancilostomose, bem como a presença da hanseníase “*do ponto de vista patho-ethnographico os colonos europeu e japones no Brasil*” ¹⁷⁰. Para isso foram visitados vários estados brasileiros, desde a Bahia até o Sudeste e Sul. Segundo Kodama (2009): “*No Paraná, o grupo do qual Souza Araújo fez parte visitou as cidades de Ponta Grossa, Prudentópolis, Ivaí, Antonina, Cacatu e Curitiba. Estiveram no Leprosário Estadual e no Sanatório Estadual de Tuberculosos, ambos na capital paranaense, e nos núcleos coloniais japoneses em Antonina e Cacatu*”.

¹⁶⁹ Devem-se a ele as mais importantes pesquisas sobre a “Doença de Katayama”, um tipo de esquistossomose causada pelo *Schistosoma japonicum*. A expedição encontra-se melhor descrita no periódico “*Sciencia Medica*” (v.6, n.6; p.349; 1927); Fujinami teria chegado ao Brasil em 11 de abril de 1927 (Rio de Janeiro; partindo em julho do mesmo ano) em companhia dos médicos Mikinosuke Miyajima, Yempei Kikuchi, Tsutomu Watanabe, Sunao Nakarai e Hideo Eguchi (Sá, 2009; Kodama, 2009).

¹⁷⁰ Nessa mesma fonte (O Dia, n° 1264, edição da manhã de 17 de junho de 1927, p.1) consta também uma entrevista com o estudioso japonês, incluindo algumas de suas impressões sobre o Paraná citando, inclusive a sua estada em Prudentópolis.

Cronologia

- 1925** Falecimento de ERNST GARBE.
- 1925** Com o lançamento do livro “*À sombra dos pinheirais*”, EURICO BRANCO RIBEIRO inicia a divulgação, pelo meio literário, da lenda da gralha-azul, espécie que posteriormente foi oficializada ave-símbolo do Paraná.

[1925] e [1965]

EURICO BRANCO RIBEIRO
E
INAMI CUSTÓDIO PINTO

Poucos são os estados brasileiros que designaram oficialmente a sua ave-símbolo, ainda que esses animais sejam secularmente considerados instrumentos simbólicos valiosos, devido à grande aceitação popular e fácil reconhecimento (Oliveira, 2003). O Rio Grande do Sul é um exemplo, tendo como emblema o quero-quero (*Vanellus chilensis*)¹⁷¹.

No Paraná, a gralha-azul (*Cyanocorax caeruleus*) é um símbolo homologado desde 1984, pela Lei nº 7.957 de 22 de novembro de 1984, assinada pelo então governador José Richa. Graças a isso, o pássaro conquistou a fixação como emblema oficial, assumindo inclusive valor conservacionista, já que associa a preservação de uma espécie de ave e também de todas as outras, por meio da manutenção e recomposição dos ecossistemas, aspecto explicitamente citado no texto da lei.

Muito antes desse processo de oficialização, a gralha-azul já era considerada como um símbolo paranaense, em decorrência de vários aspectos culturais perpetuados pelo povo, especialmente agricultores, que acreditavam nos atributos da espécie como plantadora de

¹⁷¹ Lei nº 7418, 1º dezembro 1980 (Oliveira & Rech, 1988).

pinhões¹⁷². Como consequência dessa crença, surgiram inevitáveis abstrações amplamente divulgadas e disseminadas pela literatura oral, como um pretenso caráter de providência da ave contra as épocas frias quando há pouco alimento disponível e até mesmo sua valoração como participante na recomposição das matas. Essa relação fictícia ressaltou uma imaginária (e consolidante) ligação entre a gralha e o pinheiro-do-paraná, esse também considerado, ainda informalmente, um símbolo estadual.

A **EURICO BRANCO RIBEIRO** (Guarapuava, PR: 29 de março de 1902; São Paulo, SP: 1978), médico, romancista e membro da Academia Paulista de Letras, coube a primeira publicação literária da lenda (Anjos, 1995), no capítulo “O plantador de pinheiro” do livro “A sombra dos pinheirais” de 1925. Esse poema sedimentou o mito, posteriormente disseminado em inúmeras edições de divulgação (p.ex. Schneider, 1934; Pereira, 1942; Loyola-e-Silva, 1969; Santos, 1979b; Nomura, 1996e)¹⁷³, servindo-se inclusive como fonte para outros resultados artísticos, sejam literários, sejam musicais (França, 1965; Camargo, 1966; Roderjan, 1969; Anjos, 1995)¹⁷⁴ e também nas artes plásticas, em obras expostas em vias públicas, como os murais de Poty Lazzarotto (Travessa Nestor de Castro), Ida Hannemann de Campos (defronte ao Asilo São Vicente de Paulo) e vários outros. Em Curitiba, por volta de 1941, cogitou-se a criação de um monumento público à gralha-azul que, protegido por um parque, acolhesse apenas pinheiros plantados por estudantes. Essa iniciativa, retomada em 1965 pelo Centro Paranaense Feminino de Cultura,

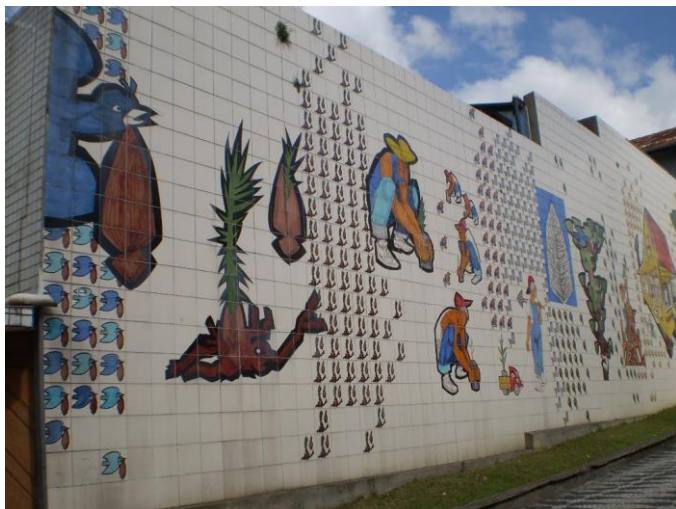
¹⁷² Assim com são, há décadas, conhecidas como disseminadoras de outra árvore, quase símbolo mas com importância econômica comparável, a erva-mate (*Ilex paraguariensis*).

¹⁷³ E homologado pelo folclorista Luis da Câmara Cascudo (Cascudo, 1945, 1954, 1978).

¹⁷⁴ Uma delas é “Gralha-azul”, um xote interpretado pelos cantores e compositores paranaenses Nhô Belarmino e Nhá Gabriela.

chegou a contar com decreto municipal, porém, jamais saiu do papel¹⁷⁵.

O que é importante frisar é que a lenda da gralha-azul, embora de datação e origem desconhecidas, é muito mais antiga e certamente se estende por todos os estados sulinos, nos quais os pinheirais constituem-se de parcela importante na fisionomia da vegetação nativa. Todos os indicativos sugerem que tenha se originado paralelamente à colonização europeia do Planalto Meridional do Brasil, notadamente associada aos hábitos de armazenamento de alimentos durante o inverno, prática que era considerada vital pelos imigrantes daquele continente (Straube, 1999).



¹⁷⁵ “Parque Infantil da Gralha Azul”, pelo Decreto Municipal nº 904 de 12 de junho de 1965, durante a gestão de Ivo Arzua Pereira.



Murais em vias públicas aludindo à lenda da gralha-azul: Poty Lazzarotto, na Travessa Nestor de Castro (acima) e Ida Hannemann de Campos, defronte ao Asilo São Vicente de Paulo (abaixo)¹⁷⁶.

Dessa forma, germinava uma consciência ambientalista popular, até então restrita aos mais letrados (*vide* Romário Martins) e que teria sido introduzida na região por pessoas que já dispunham de experiência milenar quanto às consequências do desmatamento em seus países (Maack, 1963). Concorda também com a enorme facilidade, durante os primórdios da colonização europeia do Brasil meridional, de absorção de crenças, mitos e mesmo língua de outros países pelo nativo brasileiro e vice-versa (Deeke, 1950).

De fato, no início da década de 20, a paisagem natural das regiões central e sul do Paraná já se encontrava bastante descaracterizada, com a predominância de extensas áreas agrícolas, capoeiras e faxinais. Paralelamente a esse panorama, começava a declinar o pinheiro-do-paraná,

¹⁷⁶ Fontes: fotografia não indicado, <http://www.vinicolaaraucaria.com.br/> (acima) e Flávio Antonio Ortolan: <http://www.fotografandocuritiba.com.br/>; acessadas em 31 de dezembro de 2017.

recurso de enorme significado econômico para os madeireiros e mesmo de subsistência, como matéria-prima de primeira linha para a construção de casas coloniais e uma infinidade de outros produtos (Martins, 1944; Koch & Corrêa, 2002; Corrêa & Koch, 2007).

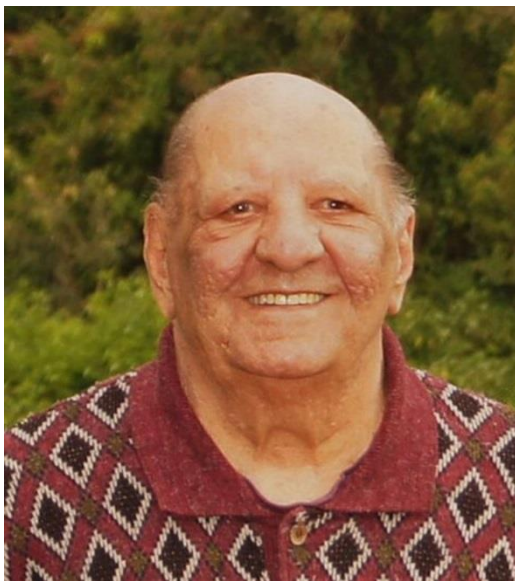
Foi sob essas condições que, durante suas pesquisas iniciadas em 1946, o professor **INAMI CUSTÓDIO PINTO** (Curitiba, PR: 29 de outubro de 1930; Curitiba/PR, 27 de maio de 2014)¹⁷⁷ considerou a espécie, tão conhecida nos ciclos culturais, como um instrumento valioso para o fortalecimento do patriotismo, associado à causa ambiental. Ele se influenciara pela leitura do livro de Eurico e desde então se dedicou à divulgação da belíssima lenda, utilizando-se de sua experiência como poeta, compositor, escritor e folclorista (I. C. Pinto, 2012, *verb.*).

Inami, que nos anos 50 era escrivão de polícia¹⁷⁸, sempre foi um valoroso pesquisador da música e da cultura paranaense, dedicando-se como ninguém ao estudo sociológico de manifestações típicas, como a Congada e o Fandango do litoral, sempre baseado em informações que colhia nas suas próprias viagens. Pioneiro nos estudos das raízes culturais paranaenses, estudou música e línguas indígenas, colhendo vasta documentação que repassava aos

¹⁷⁷ Eu tinha uma grande estima pelo Inami, que conheci ainda em minha infância. Nos seus últimos anos de vida pude visitá-lo diversas vezes em seu gabinete (decorado com rabeças de fandango) no Conservatório de Música de Curitiba. Ali me recebia carinhosamente e ensinava-me sobre o folclore do Paraná e logo convergíamos para as aves e sua importância na cultura estadual.

¹⁷⁸ Segundo ele me relatou, essa sua experiência em nada lhe agradava, razão pela qual dirigiu-se, por volta de 1967, ao diretor do Colégio Estadual do Paraná (Ernani C. Straube) onde foi acolhido para organizar uma série de atividades culturais realizadas pela instituição de ensino, inclusive o programa televisivo “Pingos do Saber”. Posteriormente, Inami desempenhou muitas outras atividades, inclusive produtor musical (era representante em Curitiba da Universal e, depois, da Continental), organizador de eventos e festividades ligadas ao folclore e conselheiro de grupos de assessoramento, dentre eles o Conselho Estadual de Cultura (do qual também participavam Newton Freire-Maia, João J Bigarella e outros). Como ambientalista, era um ferrenho defensor do fechamento definitivo da “Estrada do Colono” tendo participado de reuniões oficiais para definir a questão.

seus alunos do ensino médio e da Faculdade de Educação Musical do Paraná (depois Faculdade de Artes do Paraná). Nesse tempo pôde conhecer pessoalmente o sertanista Orlando Villas-Bôas, com quem manteve correspondência e laços de amizade. Depois disso, um dos outros sonhos de Inami acabou concretizado, com a apresentação do balé “A gralha-azul do Paraná”, pela escola de dança do Teatro Guaíra de Curitiba. Consta em seu currículo um total de mais de 300 composições, quase todas ligadas ao folclore e outras manifestações culturais paranaenses.



Inami Custódio Pinto (1930-2014)¹⁷⁹.

Em 1966, Inami teve a oportunidade de divulgar¹⁸⁰ algumas músicas do folclore do Paraná, destacando-se sua

¹⁷⁹ Fonte Gazeta do Povo, obituário de autoria de Sandro Moser na edição de 27 de maio de 2014.

composição, denominada “Gralha Azul”, em um disco de vinil (“Gralha Azul: Folclore do Paraná”). Essa obra fonográfica acabou largamente distribuída e conhecida pelo país, contribuindo com a disseminação da lenda também no âmbito nacional. Ocorre que o trabalho encontrou uma perfeita conexão entre o fundamento histórico e a arte, graças à interpretação da cantora Ely Camargo (Goiás, GO: 12 de fevereiro de 1930; Goiânia, GO: 3 de novembro de 2014), que, aliás, também era folclorista, além de professora e farmacêutica.

Letra da música “gralha-azul” de autoria de Inami Custódio Pinto, que consagrou a gralha-azul como símbolo paranaense.

GRALHA AZUL

Vem ver; vem conhecer
Minha cidade sorriso
Terra dos pinheirais
Vem ver nossas riquezas
As mil e uma belezas
Um paraíso no sul
Onde nasceu
A gralha azul (refrão, 3x)
Pinheiro dá a pinha
Pinha dá o pinhão
Gralha-azul leva no bico
Vai fazer a plantação
Voa, gralha-azul, gralha-azul (2x)
Gralha-azul, tu és pequenina
Mas é grande o teu valor
És paranaense, bichinho
És bom trabalhador

¹⁸⁰ A melhor palavra seria resgatar do limiar da extinção. Para o trabalho, Inami contou com a colaboração de Fernando Corrêa de Azevedo, Roselys Vellozo Roderjan, Theresa Ercília e Silvia Soffiati. O disco foi produzido nos estúdios da Chantecler em São Paulo e teve a direção musical de George Kaszás. Foi reeditado em 1988 pela Coordenadoria de Ação Cultural da Secretaria de Estado da Cultura.



Capa do disco “Gralha Azul: folclore do Paraná” produzido em 1965 (reprodução de acervo do autor).

Desta forma, a ligação entre Eurico Ribeiro e Inami Custódio Pinto fica indissociável da Ornitologia paranaense, unida que foi – pelo destino – graças à gralha-azul. São do folclorista curitibano, ainda, outras menções à avifauna, coletadas em seus estudos de campo realizados nos anos 50 e 60 no interior do Paraná. Referem-se a cantigas, cirandas, brincadeiras e jogos infantis, marcas de fandango (p.ex. anu, andorinha), músicas, danças, festas, narrativas, lendas etc. Esse material foi cuidadosamente organizado em sua obra-maior, intitulada “Folclore no Paraná” (Pinto, 2006).

Cronologia

- 1926** ROMÁRIO MARTINS passa a destacar-se como ativista pela preservação do meio-ambiente paranaense. Em 1940 publica o **“Esforços pela defesa florestal no Paraná”** ressaltando a necessidade de conservação dos ambientes naturais.
- 1926** Jan Sztolcman publica o **“Ptaki zebrane w Paranie”**, uma revisão dos espécimes colecionados pela terceira expedição de CHROSTOWSKI ao Paraná. Com as 113 adições, o Paraná passa a ter 331 espécies registradas em seu território.
- 1926** Nasce José Hidasi, coletor, taxidermista e ornitólogo húngaro radicado em Goiânia (Goiás). Fundador do Museu Ornitológico de Goiânia, hoje sob a guarda da prefeitura desta cidade, é autor da lista de aves do Estado de Goiás, inclusive no tempo em que incluía Tocantins.
- 1926** Tangenciando o Paraná, a **“Captain Marshall Field Brazilian Expedition”**, da qual participou George K. Cherrie, visita as Cataratas do Iguaçu, Posadas (Misiones, Argentina) e Puerto Bertoni (Paraguai). Participam dessa estada o curador assistente do *Field Museum of Natural History*, Karl P. Schmidt, e seu auxiliar Colin C. Sanborn¹⁸¹.
- 1926** A exploradora, colecionadora de insetos e escritora Michalina Isaakowa (1880-1937) visita Cândido de Abreu e imediações até 1928, quando retorna à Polônia. Publica em 1936 seu relato de viagem, na obra **“Polska w puszczach Parany”**.
- 1926** O naturalista EMIL KAEMPFER chega ao Brasil para longa expedição de coleta de aves, permanecendo no País até 1931.

¹⁸¹ Alguns meios de imprensa noticiaram equivocadamente que essa missão se destinava à “exploração das florestas e regiões do Paraná” (O Estado do Paraná, ano 2, n° 457, edição de 2 de julho de 1926, p.1)

1926 Depois de um curto período em Minas Gerais, chega ao Paraná o geógrafo alemão REINHARD ROBERT RICHARD MAACK, contratado originalmente pela Companhia de Mineração e Colonização Paranaense.

1926-1969

REINHARD MAACK

REINHARD ROBERT RICHARD [KLINGE] MAACK (n. Herford, Alemanha: 2 de outubro de 1892; f. Curitiba/PR: 26 de agosto de 1969¹⁸²) é certamente o pioneiro dos estudos sobre a geografia e geologia no Paraná contemporâneo e autor de centenas de títulos, dentre livros, artigos técnicos e de divulgação, mapas e outras obras cartográficas (para uma biografia, *vide* U. M. Kurowsky¹⁸³ *in*: Maack, 1981:ix-xvii e Casagrande, 2009). Tornou-se um verdadeiro ícone da pesquisa de campo e conservação ambiental paranaense.

Antes de residir no Paraná, Reinhard visitou toda a Europa e inúmeras regiões da África, em especial a Namíbia (antiga colônia alemã, na época chamada de África do Sudoeste), onde colheu informações sobre o continente gonduânico e sobre as pinturas rupestres pré-históricas da “Dama Branca”. Depois de se perder no Deserto do Namibe, ser perseguido por nativos rudes e passar as piores privações de sede, fome e ferimentos, retorna para casa pronto para seguir seu novo destino: o Brasil, onde aporta em 1923¹⁸⁴. Poucos meses depois, trabalha em um levantamento

¹⁸² Maack faleceu de enfarto do miocárdio mas, durante grande parte de sua vida, sofreu de úlcera do duodeno e reumatismo, doença essa agravada por uma fratura do íliaco sofrida durante uma excursão para a Islândia em 1959.

¹⁸³ É nessa biografia, profunda e detalhada sobre Maack, que baseamos o presente estudo, associado às seguras informações divulgadas pelo seu maior biógrafo (Casagrande, 2009) sobre sua presença no rio Tibagi.

¹⁸⁴ Segundo Casagrande (2009), Maack teria vindo ao Brasil em decorrência do caos político e socio-econômico da Alemanha no pós-guerra, a convite de seu irmão Franz Maack, que estava envolvido em um projeto cinematográfico no Rio de Janeiro.

cartográfico sobre jazidas auríferas em Minas Gerais, viajando pelos rios Paraopeba e São Francisco.



Reinhard Maack (1892-1969) (Fonte: Wikipedia)

Três anos depois (1926), é surpreendido com um convite para atuar como engenheiro de minas da Companhia de Mineração e Colonização Paranaense, a fim de estudar a geologia das áreas diamantíferas do rio Tibagi. Estava selada definitivamente a sua relação com o Paraná, mas não sem percalços. Sua primeira viagem foi realizada entre a localidade de Conchas (atualmente Uvaia, no município de Ponta Grossa) e o Salto Mauá, entre abril e novembro de

1926. Ali defronta-se com garimpeiros nada sociáveis e, para piorar, acaba “sequestrado por revolucionários remanescentes da Revolução de 1924 que o aprisionaram junto com seus equipamentos e cadernetas contendo os dados deste último trabalho” (Casagrande, 2009); solto algum tempo depois em Três Barras (Santa Catarina, na época pertencente ao Paraná), resolve voltar ao Rio de Janeiro, pensando em nunca mais retornar ao Paraná.

Passando um período em viagens de exploração geológica em Minas Gerais, resolve fazer as análises de laboratório na Alemanha, no Instituto Geográfico de Berlim, quando adentra o curso de Filosofia da *Friedrich-Wilhelm Universität*¹⁸⁵. Na ocasião recebe um convite para supervisionar a exploração de diamantes, bem como fazer o levantamento topográfico da imensa Fazenda Monte Alegre e, ainda, mapear o percurso do rio Tibagi, desde suas nascentes até a foz, no rio Paranapanema. Para isso, a sede parisiense da empresa Companhia de Mineração, Agrícola e Estrada de Ferro Monte Alegre pagou-lhe os valores pendentes com o contrato anterior e concedeu-lhe uma remuneração mensal como garantia (Casagrande, 2009).

No fim de 1929 chega Maack ao Tibagi, com o objetivo de estudá-lo. Graças aos salários e demais valores adicionais que lhe foram entregues, adquiriu equipamentos para a viagem, dentre microscópio, um caiaque desmontável, barracas, tralha de montaria e uma filmadora 16 mm. Ali realiza intensa atividade de pesquisa geográfica, fazendo anotações e medidas e registrando por fotos e imagens de vídeo os acontecimentos e as paisagens pitorescas de matas e rios. Com o início da Revolução Constitucionalista, em 1932, obrigou-se a suspender seu

¹⁸⁵ Foi apenas em 1937, com 45 anos de idade, que Maack concluiu seus estudos em Berlim (Casagrande, 2009).

trabalho, ameaçado pela população que o julgava um “usurpador alemão” (Casagrande, 2009).

Nesse ínterim, já retornado a Curitiba, ele passa a realizar viagens de reconhecimento pelo Paraná, quando concluiu um levantamento topográfico do rio Ivaí, sob auxílio da Associação Alemã de Pesquisas (Kurowski *in* Maack, 1981). Em 1937 retorna à Alemanha para concluir seus estudos de graduação e é surpreendido pela Segunda Grande Guerra quando, mesmo assim, volta ao Brasil para investigar a geologia da Serra do Mar. É nesse momento de sua carreira, precisamente em 13 de julho de 1941, que escala o pico culminante do sul do Brasil, por ele denominado “Pico Paraná”.

Pouco tempo depois, acaba preso durante dois anos – entre sua detenção em Curitiba e internamento na Ilha Grande (Rio de Janeiro) – por ser considerado um espião nazista, tal como ocorrido com diversos cientistas alemães radicados no Brasil¹⁸⁶.

Quase no fim da Guerra (1944), Maack foi liberado por iniciativa do interventor federal Manuel Ribas, em troca de “colocar seus conhecimentos à disposição do Estado” (Kurowski, 1981). A partir de então, Reinhard passa a figurar entre o grupo de pesquisadores de várias instituições técnicas e científicas da capital paranaense, primeiramente como geólogo do Museu Paranaense, depois no Instituto de Biologia e Pesquisas Tecnológicas (IBPT, atualmente Tecpar) e, por fim, em 1946 como professor de Geologia, Paleontologia e Geografia Física da Universidade Federal do Paraná.

¹⁸⁶ Sob mesma circunstância e acusação foi detido o ornitólogo Helmut Sick nos anos 40 no Espírito Santo. Segundo descoberta documental de Alessandro Casagrande (2009, *in litt.*), Maack teria negociado parte de sua pena, quando na Ilha Grande, em troca do levantamento cartográfico da região, em colaboração com outros alemães também ali reclusos.

Avaliado como um intelectual superdotado (Casagrande, 2009), concentrou suas pesquisas na glaciação gondiânica do Carbonífero Superior (sua tese de doutorado, qualificada como *Eximia*), viajando por toda a América do Sul meridional, enfatizando os Andes e a Patagônia e, ainda, pela África (Tunísia e Deserto do Saara). Depois disso visitou várias partes do mundo, atendendo congressos e simpósios, proferindo conferências, palestras e também investigando detalhes e padrões geográficos.

Foi a partir de 1949, já professor de Geologia e Paleontologia, que iniciou sua cruzada pela preservação do meio-ambiente paranaense. Em uma reunião realizada em 15 de dezembro daquele ano no Rotary Club de Curitiba, apresentou a palestra: “O problema da destruição das matas no Paraná”, conteúdo publicado em seguida e cuja temática acompanhou-o em inúmeras outras publicações. A questão era assunto bem conhecido de Maack, um estudioso competente, que acompanhara *in situ* todo o processo de colonização do interior do Paraná, desde a existência de imensas áreas virgens e totalmente desconhecidas até a sua derrocada para um cenário desolador de áreas agrícolas. Sua preocupação fortemente embasada em dados científicos e publicados nas melhores revistas internacionais estendeu-se às pesquisas sobre o ciclo hídrico dos grandes rios paranaenses, na alteração climática ocorrente desde o Pleistoceno e nos perigos da erosão dos solos que, nos anos 50, já tomavam dimensões quase irreversíveis.

Embora de interesses muitíssimos variados, todos relacionados à natureza, Maack não teve participação ativa na Ornitologia mas, como dito, foi uma autoridade destacada na defesa do meio-ambiente, demonstrando, segundo Casagrande (2009), uma notável capacidade interpretativa das relações naturais e humanas. Quando de suas expedições para pesquisas geológicas, realizou

observações, obteve imagens de valor incalculável (algumas delas publicadas, mas a grande parte ainda inédita) retratando os ambientes naturais paranaenses e seus componentes faunísticos, muitos anos antes e também durante a grande febre de colonização.

Tangenciando a Ornitologia como fontes das mais básicas e fundamentais, são dignos de destaque seus estudos comprovando a Teoria do Gondwana, premiados pela Unesco, os mapas Fitogeográfico e Geológico do Paraná e, especialmente, a obra clássica: “*Geografia física do Estado do Paraná*” (1968, 1981), consulta indispensável para quaisquer pesquisas que se façam sobre a natureza paranaense.

Em 1933 e 1934, Maack fez duas viagens ao rio Ivaí, que resultou em um artigo (Maack, 1941), destacando a riqueza de fauna da região noroeste do estado, particularmente os setores assentados sobre o Arenito Caiuá, camadas grossas de arenito suprabasáltico situadas no terço final dos principais rios afluentes do rio Paraná. Para conhecer profundamente todo o percurso fluvial, teria percorrido 2.052 km em canoas e a pé (A. Casagrande 2009, *in litt.*). Na ocasião, Maack fez perfis geológicos e geográficos, estudos de estratificação, estrutura e espessura e, por fim, conclui que a região contém um tipo de vegetação diferente daquela das matas estacionais, que crescem sobre solos oriundos da decomposição de rochas eruptivas (terra roxa). Nesse estudo, adiciona informações importantes sobre o estado de preservação das florestas do rio Paraná, ainda intactas, mas adverte sobre a necessidade urgente de se criar uma reserva, a fim de proteger os remanescentes de vegetação e a riquíssima fauna ali estabelecida.

Essa seria apenas uma de suas tantas intervenções indiretamente aproveitáveis para a Ornitologia

paranaense ¹⁸⁷. Estando pessoalmente em centenas de localidades no momento exato em que a flora ainda estava virgem, ele permitiu que o conhecimento de fitogeografia do Estado fosse conhecida e reconhecida, o que foi representado e descrito em suas milhares de páginas publicadas ou anotadas em diário de campo.

Infelizmente as informações por ele acumuladas pouco referem-se à fauna, ainda que sejam espetaculares as descrições sobre as espécies de plantas, suas distribuições e áreas de ocorrência, permitindo, inclusive, especulações sobre distribuições potenciais de animais no contexto estadual.

Uma das áreas visitadas por Maack, a já citada zona onde se deposita o Arenito Caiuá, pôde ser identificada como especial no sentido fitogeográfico, visto se diferenciar do padrão de floresta estacional semidecidual predominante na maior parte da diagonal ocidental do Paraná (Straube, 1998). Ali, como já mencionado por autores mais antigos (*vide* Jaczewski, 1925), a paisagem muda drasticamente quando a mata úmida passa a ser substituída por uma formação mais seca e mais caducifólia e, em certos trechos, entremeadas por fragmentos relictuais de cerrado. É exatamente nesses pontos, e somente ali, que ocorrem espécies de aves peculiares como o mutum (*Crax fasciolata*) e o jaó (*Crypturellus undulatus*). Também sua descrição sobre a condição especialíssima das várzeas do Rio Paraná incluindo o complexo insular que ali está, favoreceu a compreensão ornitogeográfica acerca de pontos específicos de ocorrência de certas aves características dos buritizais do Brasil Central, como o soldadinho (*Antilophia galeata*) e a maracanã-do-buriti (*Diopsittaca nobilis*), mas também de

¹⁸⁷ Que seja lembrada a informação, por ele prestada a Sick (1959:10) sobre a presença do pardal (*Passer domesticus*): “*Informa o dr. R. Maack que hoje a ave ocorre, também em Guarapuava e em Londrina*”.

outros elementos centro-brasileiros como o formigueiro-bicudo (*Herpsilochmus longirostris*), formigueiro-cinzeno (*H. atricapillus*), limpa-folhas-castanho (*Syndactyla dimidiata*), o corruiruçu (*Cantorchilus leucotis*), o barranqueiro (*Hylocryptus rectirostris*), o gralhão (*Ibycter americanus*) e vários outros (Straube, 1998; Straube & Di Giácomo, 2007).

Graças a Maack também dispomos de uma noção mais profunda sobre a localização e distribuição dos fragmentos de cerrado (savana) da região de Jaguariaíva e ao longo da bacia do rio das Cinzas. O mesmo pode-se dizer sobre os manguezais e as restingas litorâneas; da gradação ecológica em decorrência da altitude, influenciando nos limites da vegetação da Serra do Mar e também na presença dos pinheiros-do-paraná (*Araucaria angustifolia*); da ocorrência dos campos (estepes) isolados nos planaltos e no alto das montanhas serranas e, por fim, da configuração orográfica e florística das várzeas dos rios Iguazu, Ivaí, Piquiri e Tibagi.

Como um todo, suas descobertas – e principalmente a divulgação que fez delas – transformaram-se em algo muito maior do que simples apanhados descritivos. Foram, e para sempre serão, fontes inestimáveis à compreensão dos fenômenos naturais de distribuição das espécies animais e de todos os processos bióticos e abióticos envolvidos.

Ainda que poucos governantes ou tomadores de decisão tenham lhe dado ouvidos no passado (e no presente!), suas citações e previsões sobre o destino da natureza no Paraná ficaram célebres:

“Aqui o homem de nosso tempo tem que ajudar. Fato é que, no próximo futuro, a imbuia, o cedro, a peroba e outras madeiras de lei, constituir-se-ão raridades botânicas, sendo

representados, os pinheiros, apenas por agrupamentos raquíticos” (Maack, 1938).

Nesse sentido, também no âmbito da prática em conservação da natureza, Maack foi muito além da profecia. Ele criou as primeiras bases robustas para a necessidade de preservar os ambientes naturais paranaenses e não à toa é citado até os dias de hoje como fonte segura para o manejo de nossos últimos recursos naturais ainda existentes.

Cronologia

- 1927** Nascimento de Fernando da Costa Novaes, pioneiro das pesquisas contemporâneas com avifauna amazônica e por muitos anos o pesquisador de referência no acervo do Museu Paraense Emílio Goeldi.
- 1927** O empresário Simon Fraser (Lord Lovat) visita o norte do Paraná, adquirindo 500 mil alqueires de terra fertilíssima entre os rios Paranapanema, Tibagi e Ivaí. Estava criada a *Parana Plantations Limited* que, em consórcio com a Companhia de Terras Norte do Paraná e a Companhia Ferroviária São Paulo-Paraná executou o plano de colonização da região.
- 1928** Devido a uma onda de baixas temperaturas em todo o Paraná, registra-se a precipitação de neve em Curitiba, bem como em outras cidades paranaenses.
- 1928** Fundação de Cascavel, pela convergência de colonizadores no local chamado “Encruzilhada dos Gomes”, que nada mais era do que um entroncamento de trilhas utilizadas por ervateiros, tropeiros e militares.
- 1928** Nasce Rolf Karl Heinz Grantsau, naturalista e desenhista, autor de obra iconográfica e científica, em especial sobre beija-flores brasileiros.
- 1928** Ernst Holt publica os resultados de sua viagem à região do Itatiaia: *“An ornithological survey of the Serra do Itatiaia, Brazil”*.
- 1928** Apenas um ano antes de seu falecimento, a naturalista alemã EMILIE SNETHLAGE visita o Paraná, a serviço do Museu Nacional.
- 1928** O naturalista e explorador polonês ARKADY FIEDLER chega ao Paraná, onde permanece até o ano seguinte.

EMILIE SNETHLAGE

HENRIETTE MATHILDE MARIA ELIZABETH EMILIE [ROSENFELD] SNETHLAGE (Kraatz, Alemanha: 13 de abril de 1868; Porto Velho, Brasil: 25 de novembro de 1929) era o nome completo de uma das mais completas cientistas que o Brasil já conheceu, aqui tratada simplesmente por Emilie Snethlage, ou Emilia, como ela própria assinava.

Nascida e criada sob rígida educação de seu pai, o reverendo Emil Snethlage, aos quatro anos perdeu a mãe Elisabeth, o que resultou – junto ao irmão mais velho¹⁸⁸ – em uma condição particular de ambos para a manutenção do núcleo familiar. Ao tempo em que crescia, sendo educada em casa pelo pai, lia e relia atentamente as obras sobre história natural de que dispunha e fazia coletas de plantas dos arredores de sua casa, ocasião e que chegou a montar um pequeno herbário. Trabalhou, na juventude, como governanta (Junghans, 2008) e professora familiar, profissão que exerceu na Alemanha, Inglaterra e Irlanda (Hellmayr, 1931). Foi apenas às portas do Século XX e contando já com 30 anos de idade é que, graças a uma pequena herança, iniciou-se na História Natural, frequentando as universidades de Berlim, Freiburg e Jena, nessa última concluindo (1904) sua tese de doutorado¹⁸⁹, versando sobre aspectos da musculatura de alguns artrópodos.

¹⁸⁸ Victor, depois casado com Anna Hedde (Snethlage), pais de Emil Heinrich Snethlage, ornitólogo e etnólogo do *Museum für Völkerkunde* em Berlim. Esse último é autor da belíssima biografia da tia (E-H. Snethlage, 1930), traduzida por Sanjad *et al.* (2013) e que – com Cunha (1989) – fundamenta grande parte deste capítulo.

¹⁸⁹ Foi uma das primeiras mulheres a se doutorar na Europa.

Ao Brasil chegou na primeira década do Século XX e, no ano seguinte (1906), já lançou seu primeiro artigo científico no periódico *Ornithologische Monatsberichte*, estudo de apenas duas páginas (“*Über brasilianische Vögel*”), com a descrição original de *Isleria hauxwelli hellmayri*. Até o ano de sua morte, já havia publicado cerca de 50 títulos, não somente sobre Ornitologia, seu principal campo de pesquisas, mas também sobre geografia, etnografia, linguística, sociologia e zoologia geral.

Ocorre que, ao longo de sua formação na História Natural junto às universidades de Berlim, Jena e Freiburg, teve convivência com estudiosos como Ernst Haeckel, considerado precursor da Ecologia e que, desta forma, teve influência sobre seu caráter e visão de relações entre os seres vivos. Seu maior biógrafo, Osvaldo R. Cunha (1989:87-88), assim a descreve:

“Emília não era pesquisadora de gabinete. Não gostava de viver enclausurada entre livros e elucubrações insípidas, porque possuía o espírito da aventura, aliada à vocação pela vida livre no seio da natureza, em contacto com as plantas, com os animais e com o tempo. Começou assim a reunir boas coleções para conhecer melhor as espécies, ao mesmo tempo em que anotava informações diversas sobre a taxonomia e ecologia das aves que capturava”.

Destacando-se por seu senso apurado de observação, mas também pelas contribuições científicas que preparou na Alemanha, foi logo notada por Emil Goeldi, por intermédio do ornitólogo Anton Reichenow, curador de aves do Museu de Berlim. Graças o entendimento decorrente desse contato, chegou – em 15 de agosto de 1905 – a Belém, onde por

quase 20 anos investigou a avifauna amazônica e de zonas adjacentes (Maranhão e Ceará). Essa sua primeira fase foi decisiva para a preparação de sua obra-maior, o “*Catálogo das aves amazonicas, contendo todas as especies decriptas e mencionadas até 1913*”. Esse livro (de generosas 530 páginas), embora já estivesse pronto em 1910, custou a ser distribuído, em virtude de ter sido impresso na Alemanha em plena Primeira Grande Guerra. Não obstante, consta ser até os dias de hoje uma fonte essencial para quaisquer estudos ornitológicos que se façam a respeito de Amazônia e, de certa forma, de toda a avifauna brasileira. Isso porque, mesmo desatualizado por mais de um século de progressos científicos, contém a sinopse contemporânea de tudo o que se sabia sobre as aves de uma das regiões menos conhecidas no mundo, situação de certa forma extensiva até os dias de hoje.

Em toda sua trajetória científica, Emilie sempre é lembrada pelo contato que mantinha com pesquisadores de vários países, em especial das nações emergentes no contexto científico da época. Alguns deles, explicitamente mencionados em seu catálogo, são Anton Reichenow, Richard Bowdler Sharpe, Auguste Ménégaux, Walter Rotschild, Ernst Hartert e o inigualável Carl E. Hellmayr. Não à toa adentrou, em outubro de 1926, aos quadros da Academia Brasileira de Ciências, onde foi a segunda mulher a ser imortalizada neste posto (Melo & Casemiro, 2003), sendo recebida por Alípio de Miranda Ribeiro¹⁹⁰.

¹⁹⁰ Foi nomeada pouco depois da madame Curie, em 26 de outubro de 1926; apenas em 1937 uma outra mulher passou a fazer parte do grupo de acadêmicos, a paleontóloga Carlota Joaquina de Paiva Maury. As três, porém, foram admitidas como “membros correspondentes”, portanto, em uma categoria de importância intermediária (Melo & Casimiro, 2003).



E. Snethlage.

Emilie Snethlage (1868-1929) (Fontes: esquerda, Miranda-Ribeiro, 1936; direita, E-H. Snethlage, 1930).

Snethlage não teve existência marcante apenas para a Ornitologia e ciências afins, mas também participou de atividades patrióticas e de defesa de classe. A exemplo da química polaca Marie Skłodowska Curie e da matemática russa Sofia Vasilyevna Kovalevskaya, expoentes da ciência europeia em meados do século passado, impôs-se bravamente no movimento feminista, surgindo como uma das primeiras mulheres (ao lado da também naturalista Bertha Lutz, embora essa muito anos depois) a ter participação ativa na política e administração pública no Brasil (Melo & Casemiro, 2003). Um exemplo disso foi sua contratação para um cargo de nível superior no Museu Paraense Emílio Goeldi (1905), instituição na qual,

posteriormente, assumiu a posição de diretora (1914), em substituição ao botânico Jacques Hüber, recém-falecido (Cunha, 1989); em ambos foi a primeira mulher a receber tal status em toda a América do Sul. Essa nova conduta administrativa teve participação importante de outros naturalistas pesquisadores da época como o próprio Emil Goeldi e seu colega botânico Hüber. No entanto, durante a Primeira Grande Guerra, Snethlage foi afastada de toda e qualquer função pública, perdendo o posto provisoriamente (assumido pelo técnico Rodolfo Siqueira Rodrigues), o qual reassumiria apenas em 1919.

Suas longas peregrinações a lugares absolutamente inóspitos da Amazônia eram consideradas, naquela época, uma tarefa extremamente árdua para uma mulher e, na realidade, tinha convicção de que estava fazendo “trabalho de um homem” (*vide* Sick, 1997). De fato, em um cartão postal por ela enviado em 1920 ao naturalista curitibano Guido Straube (*vide* adiante) que selava um intercâmbio de publicações, teria assinado no fim da missiva “Dr. E. Snethlage, diretor interino [do Museu Goeldi]”.

De comportamento singular, Snethlage chamava atenção pela individualidade e rudeza, paradoxalmente dividida com a amabilidade e sua vestimenta: os longos vestidos que eram usados mesmo quando em campanha, em perseguição aos pássaros para seus estudos. Seu perfil foi mais ou menos sintetizado por R. Moraes, em 1938 (Cunha, 1989):

“Quanto à naturalista, valia por um atestado de altas qualidades germânicas. Se não era formosa, possuía no entanto uma graça e uma simpatia que a tornavam envolvente, além de fina inteligência, do trato ameno e da coragem que a sobrepunha, em qualquer momento, ao tipo

comum da mulher. Possuía além disso um golpe de vista psicológico seguro sobre as pessoas, de maneira a surpreender pela máscara humana, os reflexos da alma”.

De acordo com Emil Heinrich Snethlage (1930:128):

“Wir sehen also, daß die Verstorbene als Forscherin auf verschiedenen Gebieten Bedeutung erlangte. Im Wesen aber blieb sie stets bescheiden. Trotzdem bewegte sie sich in den höchsten Kreisen der Gesellschaft, in der sie wegen ihrer Klugheit und Erfahrung gern gesehen war, ebenso sicher wie in der Hütte des brasilianischen Ansiedlers oder bei den Söhnen und Töchtern der Wildnis. Zurückhaltend und kühl mochte sie wohl immer dem Fremden erscheinen, den Freunden aber offenbarte sich die Wärme ihres Gefühls und seine Tiefe.”

Vemos, assim, que a falecida tornou-se importante como pesquisadora em vários campos. Na sua essência, porém, ela se manteve modesta. Foi respeitada nos mais altos círculos da sociedade, que apreciavam sua sabedoria e experiência, assim como o foi nos barracos dos caboclos e dos filhos e filhas do sertão. Embora parecesse reservada e fria para os estranhos, o calor e profundidade de seus sentimentos sempre era revelado a seus amigos.

Embora tenha trabalhado intensamente nas atividades de pesquisa de campo e curadoria das coleções do Museu Goeldi e na administração da instituição, em abril de 1921 houve uma denúncia de desvio de alimentos destinados ao zoológico que funcionava junto ao Museu, como narrado por Cunha (1989). No mês seguinte, o governador do Pará a exonerou do cargo de direção, nomeando como substituto um médico de família tradicional paraense que, segundo consta, nada conhecia da rotina de uma instituição como aquela e que tão-somente gastava seu

tempo fazendo política. No fim de 1921 Snethlage envia – para o Museu Nacional – um grande lote de espécimes de aves e mamíferos que sedimentou o seu intercâmbio com a grande entidade carioca, ainda pobre em exemplares amazônicos. Com isso, o diretor do Museu Goeldi desencadeou uma série de ações que culminaram com o seu desligamento dos quadros funcionais da instituição, o que ocorreu em julho de 1922, depois de 17 anos de serviços prestados à casa.

Em 1922, Emilia encerrou o “ciclo amazônico de sua vida científica”, nas palavras de Bertha Lutz (Lopes, 2008). Adentra definitivamente à equipe do Museu Nacional, onde passa a trabalhar com obstinação, graças a contratos de três anos renovados sucessivamente (Cunha, 1989). Uma de suas primeiras decisões foi planejar viagens para coleta de espécimes, considerando-se as regiões brasileiras ainda deficitárias no acervo. A partir de 1923 percorre a transição entre a Amazônia e o cerrado no Maranhão, bem como outros locais do Nordeste.

Em 1925 viaja pela Europa, visitando os museus mais importantes e fazendo os estudos para a publicação de seu planejado “Catálogo das aves brasileiras”. Depois disso ainda esteve no Espírito Santo, ao longo do rio Doce, mas também as serras de Minas Gerais e parte do curso do rio São Francisco, na Bahia.

No ano de 1927 ela decide empreender uma longa viagem pelo Brasil. Segundo o relato apresentado no Relatório Anual do Museu Nacional, transcrito por Cunha (1989:95-96):

“Naquele ano a Dra. Emília Snethlage foi a pioneira das naturalistas, que emavas sucessivas e crescentes viajaram pelo rio Araguaia. A sua viagem teve início no Estado de S.Paulo e abrangeu grande

parte do Território de Goiás e longo trecho do rio Araguaia, sendo cheia de aventuras e peripécias, que narra com a maior simplicidade no seu Relatório. Antes disto estivera no Itatiaia, aumentando a órnis conhecida de lá, com mais um terço. No ano seguinte (1928), visitou o Sul, desde o Paraná até o Rio Grande, demorando-se no vale do rio Uruguai, indo a Posadas, na Argentina, e às célebres cataratas do Iguaçu, de onde passou para Mato Grosso. Em 1929 foi ao ponto culminante da República, mas essa viagem ao Caparaó foi fatídica. O guia perdeu-se e a Dra. Emília passou noite e dia ao relento, debaixo da chuva e da neblina frias que nessas alturas zombam de nossa posição subtropical”.

Cumprindo sua laboriosa expedição, chega ao Paraná onde, por pouco menos de dois meses (entre abril e maio de 1928; vide adiante sob Emil Kaempfer), estabeleceu-se na localidade chamada “Corvo, Serra da Graciosa”¹⁹¹.

Ali não tenho dúvidas de que se hospedou na chamada “Casa de Pedra” (também “Casa das Pedras”, “Casa do Taquari” ou, ainda, “Casa Garbers”), que era o único ponto habitado em toda aquela região. Essa casa, hoje em ruínas, era uma edificação notável, construída em uma elevação de terreno à margem do Caminho dos Jesuítas e cercada por ciprestes que, nos frequentes momentos de

¹⁹¹ Aqui é relevante mencionar que em vários dos rótulos dos espécimes ali colecionados, há uma outra localidade indicada mas que, sem dúvida, alude ao mesmo sítio de coleta. A grafia nos rótulos original, errônea, é “Serra da Mãe da Batirra”, tal como eu observei pessoalmente. Alude à “Serra Mãe Catira”, um grupo de elevações bem próximo da casa do Corvo, em que estão os morros Mãe Catira, Caranguejeira e Sete. A Serra da Mãe Catira é sinônimo da “Serra da Graciosa”, que encontra logo adiante a sudoeste outro conjunto montanhoso, a Serra da Farinha Seca – sendo as duas muitas vezes tratadas como sinônimo.

densa neblina, adquiria uma aparência algo soturna e pouco convidativa, pelo frio típico do alto da Serra, além da excessiva umidade.

Pertencia desde 1907 ao imigrante alemão Johannes (João) Garbers (1886-1942) e fazia parte de uma propriedade de 700 alqueires, cuja vegetação original foi preservada por seu proprietário e herdeiros, durante várias décadas. Garbers foi um comerciante hamburguês que chegou ao Brasil em 1898 como representante da empresa Hurlenmann e Cia. Posteriormente, essa empresa – já sob seu comando – passou a ser denominada Garbers e Cia., com atuação na importação e comércio atacadista de tecidos. Garbers também se destacou por seu interesse nas causas da imigração alemã, promovendo eventos diversos e tendo sido um dos fundadores do Clube Concórdia, de Curitiba, além de cônsul honorário da Alemanha na capital paranaense.

A casa foi mantida por muitos anos por seus filhos Hans Klaus e Diether Hanning Garbers, inclusive com parte da estrutura interna (corrimões, mesas, canto alemão, almofadas e alguma porcelana) preservada. Essa condição, que observei pessoalmente em maio de 1987 durou até o fim desse mesmo ano, quando encontramos sinais de deterioração: o local passou a ser usado como destino de oferendas religiosas, o madeirame foi depredado e usado como lenha, as paredes pixadas e, no porão, uma escavação de buscadores de tesouros! Em julho de 2003 pouco do que restava da construção resumia-se à belíssima sustentação de pedra e uma ou outra parede em vias de desabar. A avifauna do local foi brevemente estudada por Straube (2003b) e atualmente é um dos pontos mais visitados por observadores de aves e fotógrafos no Paraná, em virtude da presença de espécies interessantes das zonas montanhosas da Serra do Mar.

Seguindo viagem, Snethlage ainda esteve no oeste de Santa Catarina (“Porto Feliz”, na margem direita do Rio Uruguai, hoje Mondaí) e em Posadas, na Argentina, para então, após cinco meses, chegar à outra localidade paranaense da peregrinação: Foz do Iguaçu (outubro a novembro de 1928); de lá rumou para o Mato Grosso do Sul, dando continuidade à extensa peregrinação (Cunha, 1989).

No Paraná, Snethlage buscava por espécies com pouca representação em coleções. Naquela época, a avifauna do estado era conhecida ainda superficialmente, graças a exemplares obtidos em algumas expedições ocorridas no Século XIX e início do século seguinte, com destaque para Natterer, Lima, Garbe, Hempel, Chrostowski e alguns outros, cujos espécimes encontravam-se guardados no Museu Paulista ou em outros países, em especial da Europa. Ao contrário de muitos outros locais por onde Snethlage viajou, o Paraná situava-se em região estratégica sob o ponto de vista ornitológico, pois consistia do limite meridional de várias distribuições geográficas e apresentava-se como uma verdadeira transição entre as paisagens mais quentes e as matas subtropicais de pinheiro-do-paraná.

Maior parte do material obtido por essa excursão encontra-se depositada no Museu Nacional do Rio de Janeiro e, em pequena parte, catalogada por ela própria em uma edição *post mortem* (Snethlage, 1936). Nessa coleção, constam 75 exemplares paranaenses, representando principalmente espécies pequenas de Passeriformes (66 espécimes de 27 espécies) e uns poucos não passeriformes (nove espécimes de sete espécies: Picidae, Columbidae, Trochilidae, Cuculidae e Psittacidae).

Resumo da coleção paranaense de Snethlage no Museu Nacional, de acordo com a localidade de coleta (Fonte: a partir de informações fornecidas por Marco A. Crozariol, *in litt.*, 2017).

Localidade	Nº de exemplares	Nº de espécies
Corvo	66	33
Foz do Iguaçu	8	5

Snethlage deve ter tido uma boa surpresa com a avifauna serrana paranaense, encontrando no Corvo alguns táxons que também são comuns no planalto das araucárias, porém, até então pouco representados em coleções. Dentre eles, podem ser selecionados *Stephanoxis loddigesii*, *Picumnus nebulosus*, *Lepidocolaptes falcinellus*, *Campylorhamphus falcularius*, *Cichlocolaptes leucophrus*, *Onychorhynchus swainsoni* e *Hemitriccus obsoletus*, alguns desses até então considerados desideratas daquele acervo e, ainda, chama a atenção à pequena série de *Carpornis cucullatus*, espécie bastante comum naquela região. Dentre o material colecionado no Corvo também está *Dysithamnus xanthopterus* e *Anabacerthia amaurotis*, que – desconhecendo os espécimes por ela capturados – fomos descobrir como ocorrentes no Paraná muito tempo depois (Scherer-Neto & Straube, 1995). Salienta-se no conjunto, *Merulaxis ater*, rinocriptídeo difícil de ser coletado e raro em coleções que, por sinal, parece ser uma espécie nova, ainda não descrita.



O exemplar de *Merulaxis ater* coletado por E. Snethlage na localidade de "Corvo, Serra Graciosa, Est. do Paraná" (MN-14207) e os rótulos (Foto: A. Urben-Filho).

É curioso que em sua estada em Foz do Iguaçu tenha coletado apenas oito exemplares, uma vez que a visita ocorreu em pleno período reprodutivo das aves. No entanto, ali ela se demorou apenas quatro dias (31 de outubro a 3 de novembro) o que justificaria a pequena produtividade e, ainda, considerando que esse tempo poderia ter sido gasto na preparação para o avanço rumo ao Mato Grosso do Sul. De Foz do Iguaçu ela trouxe não somente algumas aves novas para sua coleção, mas também exemplares de *Dysithamnus mentalis* e *Thamnophilus caerulescens*, espécies que já havia coletado no Corvo e, nesse último caso, referente a uma subespécie distinta.

Durante essa viagem para o Sul do Brasil, acredito que Snethlage estivesse sendo algo seletiva, tentando obter vários indivíduos de algumas espécies ainda pouco representadas em acervos. Em Santa Catarina, por exemplo, ela fez uma pequena série de *Leptasthenura setaria*, espécie endêmica das matas de araucária onde poucos naturalistas estiveram e que faltava nas coleções do Museu Nacional.

Chama a atenção, ao manusear-se a coleção Snethlage, que ela não somente tinha interesse pela documentação da avifauna em todos os lugares por onde passou, mas também carregava uma característica que se destacava dentre os outros ornitólogos contemporâneos: a observação do animal vivo e coleta de informações adicionais de grande importância no conhecimento ecológico e também de parentesco. Seus rótulos contêm descrições valiosas a respeito da história natural das aves abatidas nos quais redigia, com letra miúda, as informações que julgava relevantes sobre cor das partes nuas, conteúdo estomacal, hábitat, detalhes e comportamento e, eventualmente, participação em bandos mistos. Em suas anotações, por exemplo, pode-se encontrar os seguintes dizeres: “*Íris cinzenta clara, ped. cinzentos oliváceos, rostr. preto, mand. cinzento clara; cont. estom. pequenos insetos; obs: capoeirão, bando de pássaros*” (MN-15206 a 15212, *Leptasthenura setaria* provenientes de Santa Catarina e Rio Grande do Sul)¹⁹².

Um tópico interessante a respeito das suas viagens é a coincidência de várias localidades de coleta visitadas por ela e Emil Kaempfer (*vide*). Isso pode ser claramente verificado em alguns pontos do Sudeste (*e.g.* Baixo Guandu, afluente do Rio Doce, ao norte de Vitória, Espírito Santo) e também do Sul (*e.g.* Corvo e Foz do Iguaçu no Paraná e Uruguiana no Rio Grande do Sul).

Ocorre que, como dito acima, Snethlage estava na Serra do Caparaó entre agosto e setembro de 1929. E encontrou-se de fato com Kaempfer e sua esposa tendo, segundo consta, com eles escalado o Pico da Bandeira (Hellmayr, 1931; Sanjad *et al.*, 2013). Assim, é muito provável que desse encontro tenha partido de Snethlage

¹⁹² Seu interesse multidisciplinar, profundo e obstinado, é bem exemplificado pela fração de um conjunto de anotações resgatado por Sanjad *et al.*, 2013).

algumas sugestões de localidades a serem visitadas no Sul do Brasil, pois já havia estado ali há pouco mais de um ano. Tal situação vem também explicar a razão pela qual Kaempfer teria visitado por duas ocasiões o Rio Grande do Sul, ficando para a segunda estada (talvez por sugestão da naturalista, oferecida em bom e fluente alemão...) os trabalhos de coleta no extremo sudoeste daquele estado, onde ocorre a típica vegetação do espinilho (sudoeste de Uruguaiana), com várias espécies de aves que, no Brasil, ocorrem apenas ali.

Apesar dessas coincidências, o percurso geral de ambos é diferente. No sul do Brasil, Snethlage preferiu descrever um caminho em “V” com vértice no centro sul-riograndense e extremidades no Corvo (a leste) e Guaíra (a oeste). Já Kaempfer teria transpassado todo o Paraná, de leste a oeste e dali seguiu para o Mato Grosso do Sul e Paraguai para então adentrar o litoral do Rio Grande do Sul, de quando é sua última data de coleta, em 1931. Com tais argumentos pode-se explicar o porquê de não ter visitado o estado de Santa Catarina novamente, visto já tê-lo estudado desde o oeste (margem do rio Uruguai) até o leste: Colônia Hansa-Humboldt (hoje Corupá) e depois a cidade portuária de São Francisco, pouco antes de seu encontro com Snethlage.

Outra curiosa conexão, embora de contexto diferente, ocorreu com o cronista, poeta e naturalista polonês Arkady Fiedler (*vide*), que esteve coletando aves no território paranaense entre novembro de 1928 e maio de 1929, portanto coincidindo com a estada de Emilie na mesma região. Embora tenha visitado a região litorânea e os arredores de Curitiba, a permanência de Fiedler no Paraná ficou mais concentrada nos arredores da então colônia de Cândido de Abreu (região central do Paraná).

Levando-se em consideração o confronto entre o percurso e as datas de ambas as viagens, surge um aspecto curioso: a cidade de Prudentópolis (centro-leste do Paraná), para cujo prefeito a direção do Museu Nacional (via Secretaria de Estado dos Negócios do Interior, Justiça e Instrução Pública) solicitou apoio logístico à expedição de Snethlage. A naturalista alemã, porém, jamais visitou aquele local, que também não tem nenhuma relação de proximidade geográfica nenhum dos seus pontos de coleta.

Declaração redigida pelo Secretário de Estado dos Negócios do Paraná (assinatura ilegível) ao prefeito de Prudentópolis, endossando as atividades realizadas por Emilie Snethlage no Paraná.

Secretaria de Estado dos Negocios do Interior, Justiça
e Instrucção Publica

Nº 1041

Curityba, 8 de maio de 1928

CIRCULAR

Sr.Prefeito Municipal de

__PRUDENTOPOLIS__

Devendo percorrer o interior do Estado a DOUTORA EMILIE SNETHLAGE, naturalista do Museu Nacional do Rio de Janeiro, do desempenho de sua missão scientifica, peço-vos que as auxilieis em tudo quanto se tornar necessario ao cabal desempenho de sua missão, com o que prestareis um relevante serviço ao nosso Estado, desde que se tenha em vista o fim visado por tão illustre cientista.

Saude e Fraternidade.

Secretario d'Estado.

Fica, portanto, a dúvida de que suas pretensões de viagem poderiam ter sido outras, por algum motivo abandonadas. Uma análise dos percursos prováveis que poderia ter planejado, leva-nos a supor que pretendia dirigir-se ao interior do Estado, naquela época sem qualquer tipo de intervenção humana ou, em suma, um verdadeiro “sertão”, tal como descrito por vários cronistas viajantes. Então o que teria feito Snethlage desistir de uma visita àquela tão interessante região, do ponto de vista biológico? A resposta, até o momento não encontrei.

Além de sua contribuição escrita, Emilie deixou um expressivo acervo de espécimes coletados em vários cantos do Brasil, o qual constitui parte fundamental das coleções de Ornitologia dos museus Paraense Emílio Goeldi e Nacional. Descreveu cerca de 60 espécies e subespécies de aves (Sanjad *et al.*, 2013) e, dentre os táxons atualmente considerados válidos (Piacentini *et al.*, 2015), lista-se 25 subespécies, com destaque particular ao jacu-de-estalo (*Neomorphus goffroyi dulcis*) raríssimo endemismo da Mata Atlântica do Sudeste, além de dezoito espécies: *Picumnus varzeae*, *Picumnus limae*, *Piculus paraensis*, *Myrmotherula sclateri*, *Myrmotherula iheringi*, *Akletos goeldii*, *Cercomacra ferdinandi*, *Rhegmatorhina berlepschi*, *Hylopezus paraensis*, *Sclerurus cearensis*, *Campylorhamphus multostriatus*, *Hylexetastes stresemanni*, *Phylloscartes roquettei*, *Hemitriccus minor*, *Hemitriccus griseipectus*, *Hemitriccus iohannis*, *Hemitriccus mirandae* e *Knipolegus franciscanus*.

Dos nomes científicos criados por ela, quatorze aludem a aspectos distintivos de coloração de plumagem e treze a locais de ocorrência (incluindo habitat especial: *Picumnus varzeae*); outros dezesseis são epônimos. As pessoas lembradas por ela nesses nomes são quase todas pesquisadores de outros países (Anton Reichenow, Philip L.

Sclater, Erwin Stresemann, Johann Natterer, além de Hans von Berlespch e Charles E. Hellmayr esses com três e dois nomes, respectivamente), estrangeiros naturalizados brasileiros (Hermann von Ihering e Emil A. Goeldi) e pesquisadores nascidos no Brasil (Artur Neiva, João Leonardo Lima, Alípio de Miranda Ribeiro e Edgar Roquette Pinto), além de um monarca (imperador Ferdinand I: *Cercomacra ferdinandi*).

Emilie foi, ainda, homenageada¹⁹³ em outros seis nomes, espécies e subespécies que ela costumava chamar de “afilhadas” (E-H. Snethlage, 1930): *Pyrrhura snethlageae*, *Conopophaga aurita snethlageae*, *Campylorhamphus trochilirostris snethlageae*, *Hemitriccus minor snethlageae*, *Microrhopis quixensis emiliae* e *Dysithamnus mentalis emiliae* (Piacentini *et al.*, 2015).

Observa-se que ela acabou mais lembrada por suas intervenções na Ornitologia. Entretanto, sabe-se que aproveitava suas viagens para obter espécimes de vários grupos biológicos, visando o engrandecimento das coleções de Belém e, posteriormente do Rio de Janeiro: coletava também mamíferos, répteis, peixes e vários outros grupos zoológicos, mas também amostras de plantas. É lembrada, por exemplo, no lagarto *Leposoma snethlageae*, na serpente *Atractus snethlageae*, na rã *Pipa snethlageae*, no loricarídeo *Hemiancistrus snethlageae*, no macaco *Mico emiliae*, nos marsupiais *Gracilinanus emiliae* e *Monodelphis emiliae*, nos ratos-das-árvores *Rhipidomys emiliae* e *Lonchothryx emiliae* até em uma planta (*Swartzia brachyrachis* var. *snethlageae*: Fabaceae).

Além disso, não se restringia à fauna e flora, mas também a outros campos conectados, como a geografia e

¹⁹³ *Myiobius atricaudus snethlagei* é alusão ao seu sobrinho Emil Heinrich Snethlage, de relevantes préstimos à Ornitologia do Maranhão, Piauí e Ceará (Snethlage, 1908, 1914; Mere, 2003).

etnografia, para os quais esboçava mapas, desvendava material cartográfico e colecionava elementos da cultura material indígena, bem como costumes e línguas (p.ex. Snethlage, 1917; Correa, 1995). O mapa apresentado como excerto de seu “Catálogo das aves amazônicas” (1914) é um verdadeiro primor, além de constituir-se de material fundamental para a biogeografia amazônica, visto indicar com precisão as localidades de coleta deste complexo sistema de paisagens. Essa característica multifacetada de sua personalidade é notável nos seus primeiros encargos, logo ao ser contratada pelo Museu Goeldi: A Seção de Zoologia, o Parque Zoológico e o gabinete do Serviço Meteorológico eram os setores onde trabalhava e era constantemente vista.

Segundo Sanjad *et al.* (2013): “*A vida e a obra de Emília Snethlage podem ser estudadas de acordo com as mais diversas vertentes da historiografia, dos estudos de gênero às pesquisas sobre tradições e estilos científicos, passando pelas relações internacionais, viagens e fronteiras. Também é possível contextualizar sua obra tanto no meio social e político em que floresceu quanto no ambiente científico mais amplo, incluindo o conhecimento de seus interlocutores e influências teóricas*”.

Até o presente, a ciência aguarda um catálogo pormenorizado de sua contribuição como naturalista a vários acervos científicos brasileiros, particularmente no Museu Nacional do Rio de Janeiro. Parte desses espécimes foram relatados em um pequeno e incompleto artigo *post mortem* (Snethlage, 1936). Sua pretensão de publicar uma obra ampla e geral sobre a reprodução das aves do Brasil (“*Brasilianische Oologie*”), talvez nos moldes de seu clássico tratando das aves amazônicas (Snethlage, 1914), acabou abortado por sua morte prematura, em 1929 (Cunha, 1989). Segundo Hellmayr (1931); “*It is a great pity that she*

*was not spared to write the account of the breeding habits of the birds of her adopted country, a work she had had in mind for many years and which she hoped to publish after retiring to her native land. Science would have greatly profited from the results of her long experiences and studies of that subject.*¹⁹⁴,

Sobre seu falecimento, parece pertinente ressaltar que até o momento nada se conseguiu no sentido de localizar seus restos mortais (Mark Snethlage, *in litt.*, 2013) que, segundo consta, estariam em Porto Velho (Rondônia) cujo túmulo era sinalizado “por uma cruz simples de madeira” (Sanjad *et al.*, 2013:216). Essa é uma situação absolutamente incômoda para a Ornitologia brasileira, considerando o seu impressionante legado para a ciência, no ponto de vista de sua projeção mundial no estudo científico das aves brasileiras.

¹⁹⁴ “É uma grande pena que ela não tenha sido poupada para escrever uma revisão dos hábitos de reprodução dos pássaros de seu país adotivo, um trabalho que ela tinha em mente por muitos anos e que esperava publicar depois de se aposentar em sua terra natal. A ciência teria muito lucrado com os resultados de suas longas experiências e estudos sobre esse assunto”.

1928 a 1929

ARKADY FIEDLER E ANTONI WIŚNIEWSKI

O cronista, poeta e naturalista polaco **ARKADIUSZ [ARKADY] ADAM FIEDLER** (Poznań, Polônia: 28 de novembro de 1894; Puszczykowo, Polônia: 7 de março de 1985) foi uma figura lendária e multifacetária, sendo amplamente conhecido na Polônia. Era filho de Antoni Fiedler, conhecido proprietário de uma casa editorial em Poznań, tendo estudado as primeiras letras na *Miejska Szkoła Realnaja* da mesma cidade. Em seguida entrou na Faculdade de Filosofia e Ciências Naturais da Universidade Jagelônica de Cracóvia não conseguindo, porém, concluir os estudos em razão da Primeira Grande Guerra. Nessa época foi forçado a lutar pelo exército alemão, visto que naquele tempo ainda havia a dominação germânica do território polaco. De fato, foi apenas em 1923 que se formou na Academia de Artes Gráficas de Leipzig (Alemanha), fazendo inclusive uma especialização em Química.

Militar, serviu o exército polonês como tenente, durante a Quinta Insurreição Polonesa (1918-1920), liderando a conhecida “Organização Militar Polonesa”¹⁹⁵ (Wachowski & Malczewski, 2000). Depois disso fez parte, como piloto aviador, do chamado Esquadrão 303 (*Warszawski Dywizjon im. Tadeusza Kosciuszky*) que atuou

¹⁹⁵ É a esse mesmo grupo militar que Chrostowski tentou juntar-se pouco antes de sua terceira viagem ao Paraná, plano malogrado com sua prisão na Suécia (vide Straube, 2016).

junto à Força Aérea Britânica (RAF)¹⁹⁶ durante a Segunda Grande Guerra, entre 1940 e 1946, contribuindo decisivamente para a capitulação das tropas alemãs durante a chamada “Batalha Aérea da Grã-Bretanha”.

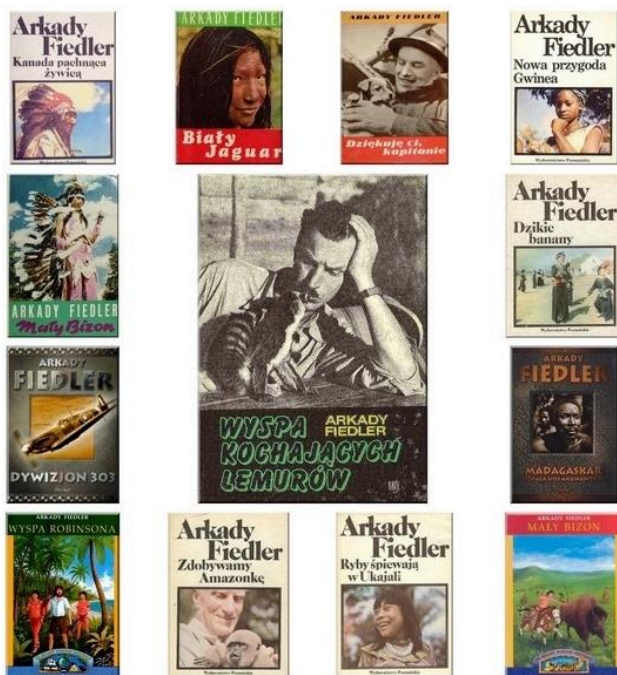


Arkady Fiedler, naturalista, observa animais capturados em suas tantas expedições pelo mundo (Fonte: MPLAF, 2006, esq.; www.alchetron.com, dir.).

Nesse ínterim, por volta de 1927 e com pouco mais de 30 anos de idade, passou a viajar pelo mundo, colhendo impressões dos locais visitados e também espécimes de História Natural dos mais variados campos do conhecimento. Toda essa experiência serviu de base para suas narrativas, divulgadas em 32 livros (e quase 300 artigos de divulgação), traduzidos para 23 línguas e que venderam

¹⁹⁶ Um de seus mais conhecidos escritos, aliás, é o livro “*Squadron 303*” ou “*The story of the Polish Fighter Squadron with the R.A.F.*”, cuja edição (publicada pela Roy Publishers de Nova York, com 182 páginas) em inglês data de 1943 (Fiedler, 1943).

mais de dez milhões de exemplares; esse legado tornou-o um dos autores poloneses mais conhecidos e destacados em todo o mundo (Bzdawka, 1984).



Alguns dos 32 livros publicados por Fiedler, narrando suas viagens pelo mundo. (Fonte: <http://www.edukacja.kleczew.pl>).

Visitou, dentre muitos outros locais da Europa (Noruega, França e Inglaterra), o sudeste asiático, o Peru ocidental e adjacências da Amazônia, México, Brasil, Madagascar, oeste da África (Nigéria), Taiti, Canadá e EUA. Nestas viagens obteve - dentre outros objetos - espécimes de aves, aracnídeos, borboletas e outros insetos que destinou ao Museu de História Natural de Varsóvia,

Jardim Zoológico de Poznań e principalmente ao Museu de História Natural de Poznań.

Anos depois, em 1º de janeiro de 1974, graças ao incentivo de seus admiradores e leitores fundou seu próprio museu que atualmente leva o seu nome: *Muzeum - Pracownia literacka Arkadego Fiedlera*, ou Museu e Oficina Literária de Arkady Fiedler (Wachowicz & Malczewski, 2000) e que desde a origem funcionou na propriedade da família, adquirida em 1946. Não se trata de uma coleção científica propriamente dita, e sim de um variado acervo contendo fotos, obras de arte, elementos de cultura material e etnográfica, instrumentos, armas. Há também alguns animais secos ou empalhados, com finalidade expositiva. Desde seu falecimento, os filhos Arkady e Marek prosseguem a organização do museu, ampliando-o e tendo, inclusive, utilizado o espaço externo para uma mostra de cópias de esculturas de culturas antigas em dimensões originais (Marek Fiedler, *in litt.* 2001).



Fachada do *Muzeum - Pracownia literacka Arkadego Fiedlera* (foto cedida por Marek Fiedler).



Aspecto interno da exposição do Muzeum - Pracownia literacka Arkadego Fiedlera (Fonte: MPLAF, 2006).

Entre novembro de 1928 e maio de 1929, Fiedler veio ao Brasil com o propósito de explorar parte do centro e leste do Paraná, quando visitou a região de Cândido de Abreu e, em seguida, dois pontos isolados no litoral e na Serra do Mar paranaense. Segundo Hinkelmann & Fiebig (2001), ele tinha como propósito “...to continue the investigations made by Tadeusz Chrostowski”. Essa afirmação, no meu ponto de vista, não é propriamente correta. Embora fosse um explorador nato, o perfil de Fiedler em nada se assemelhava ao de Chrostowski, um cientista especializado em Ornitologia e que dedicou sua vida inteira ao estudo das aves silvestres (Straube, 2016). Há algumas passagens na literatura que informam sobre sua

admiração por Chrostowski particularmente após ter lido o livro “*Parana*” (ver Fiołka, 2011) e, mesmo em sua obra “*Rio de Oro*” (Fiedler, 1950), faz uma breve menção ao naturalista polaco (Straube, 2016); mas a conexão entre eles terminava aí.

Fiedler, como aliás se observa claramente pela qualidade bastante rudimentar das peles que trouxe de sua viagem, não era um coletor experimentado, tampouco preparador e muito menos cientista. Era sim um explorador que, em determinado momento da vida, passou a também incluir a coleta de exemplares faunísticos em suas viagens. Esse interesse pela documentação surgiu pouco antes de sua viagem ao Paraná, por influência de Edward Niezabitowski¹⁹⁷ que a ele teria enfatizado a necessidade de “[...] *follow my two predecessors [Chrostowski e Jaczewski] and collect there, in the jungle, specimens of the Brazilian fauna for some Polish museums*” (Tańczuk, 2012)¹⁹⁸.

Vários exemplares colecionados por ele, especialmente no Peru (Cumaría, Loreto) em 1934, foram designados por Dunajewski (1938, 1939, 1948) como tipos de táxons novos – quatro ao total – mas nenhum é atualmente é válido, sendo um deles um epônimo em sua homenagem (*Myiozetetes similis fiedleri* = *M. s. similis*) (Mlíkovský, 2009a).

É importante mencionar que seu material, embora robusto e representativo, foi colhido sob constante autocritica e exames pessoais de consciência, o que confirma inclusive o seu despreparo para aquela atividade. Em um trecho que narra a estada no rio Ivaí no livro “*Zwierzeta lasu dziewczego*”, assim Tańczuk (2012) destaca a situação:

¹⁹⁷ Edward Feliks Lubicz-Niezabitowski (1875-1946), médico e biólogo especializado em paleontologia de mamíferos do Pleistoceno e Holoceno da Polônia (Pawłowska, 2015).

¹⁹⁸ Informação extraída do livro “*Wiek męski zwycięski*” de autoria de Fiedler.

Yet, it was by no means easy. Killing one-hundred Brazilian birds was a mere trifle. Acquiring the five-hundredth bird in the eight week was a deserved reward for one's steadfast efforts. The one-thousandth bird, though shot out of necessity for scientific purposes, became a problem of conscience, heart and nerves. Something began to malfunction inside oneself. At the same time, after coming into closer contact with the primeval forest, we came to the conclusion that the grotesque lines and brilliant colours were just a tiring as a nightmare, that the luxuriant life of nature, knowing no respite, breathed as if it were in delirium, that the entire exotic forest was a horrible cauldron of cruelty. It devoured itself, constantly, with terrifying passion. There came a moment when deep down my soul there emerged a sight feeling of doubt and loneliness. I wanted to quench it, but to no avail. This hot landlacked food for the heart, which had nothing to lean on. A simple thing: for far too long we did nothing except poisoning our collections with arsenic and potassium cyanide, and putting them into cold cans; far too often we looked at the animals through the bead of the deadly gun".

No entanto, não era fácil. Matar cem pássaros brasileiros era uma mera trivialidade. Obter cinco centenas de aves nas oito semanas foi uma recompensa merecida pelos cansativos esforços despendidos. O milésimo pássaro, embora abatido sem necessidade para fins científicos, tornou-se um problema de consciência, coração e nervos. Algo começou a criar um mal-estar dentro de mim. Nesse momento, depois de entrar em contato mais próximo com a floresta primária, chegávamos à conclusão de que aquelas linhas grosseiras e cores brilhantes eram algo extenuante como um pesadelo, e a vida luxuriante da natureza, sem ter consciência disso, respirava como se estivesse em delírio, de forma que toda a floresta exótica parecia um horrível caldeirão de crueldade. Ela se devorava constantemente, com uma intensidade aterradora. Chegou um momento que minha alma adormeceu, fazendo surgir uma visão de dúvida e solidão. Eu queria me acalmar, mas não tive sucesso. Não havia nada que me acalentasse o coração. Um lenitivo simples: durante muito tempo não fizemos nada além de envenenar nossas coleções com arsênico e cianeto de potássio, colocando-as em latas frias; Muitas vezes, olhávamos para os animais através do vidro da arma mortal



Florestas de Cândido de Abreu (1928): Wiśniewski e Fiedler, preparados para as coletas (esquerda). Fiedler (de pé, à direita) acende o cigarro, ao lado dos colegas brasileiros em uma típica “roda de chimarrão” (direita) (Fonte: <http://www.fiedler.pl>).

Fiedler tinha interesse primário em Antropologia e particularmente em povos indígenas mas, a princípio, nem mesmo nessa área tinha noções de procedimentos para tal tipo de pesquisa. Como cronista e escritor, publicou pelo menos três livros narrativos sobre sua viagem ao Paraná: *“Bichos, moi brazylijscy przyjaciele”* (“Bichos: meus amigos brasileiros”, 1931), *“Wśród indian Koroadów”* (“Entre os índios Coroados”, 1932) e especialmente *“Rio de oro: Na scieżkach Indian brazylijskich”* (“Rio do Ouro: nas trilhas dos índios brasileiros”, 1950)¹⁹⁹. Nesse último

¹⁹⁹ Tive acesso apenas a esse último (nas edições polonesa e russa), que descreve o momento em que está em Cândido de Abreu e arredores. Também foi útil a releitura da sua autobiografia (*Wiek męski – zwycięski*, publicada em Poznań em 1983) por Tańczuk (2012). Aqui é o local mais adequado para lastimar o desinteresse pela tradução de obras descritivas valiosas produzidas sobre o Paraná (e indiretamente com menções sobre a

(Fiedler, 1950)²⁰⁰, descreve as inúmeras tentativas de acesso e as experiências vividas em dois aldeamentos Kaingang na bacia do rio Ivaí em fevereiro de 1929, quando – sediado em Cândido de Abreu – organizou uma expedição para explorar a região e colher informações para o livro.

Há pouco ali de aproveitável sobre a avifauna mas, graças à obra, foi possível desvendar uma série de detalhes sobre seu trabalho. Fiedler veio da Polônia em companhia de **ANTONI WIŚNIEWSKI** (e não Wisniewski, segundo Hinkelmann & Fiebig, 2001) (n. Starołęka, Poznań, 13 de janeiro de 1905; f. Puszczykowa, Poznań, 1989), engenheiro florestal, naturalista, coletor e preparador – além de fotógrafo, desenhista e pintor – de Puszczykowo (cidade próxima de Poznań).

Formado pela Escola de Florestas (*Szkoły dla Leśniczych*) de Margonin em 1927, Wiśniewski era um naturalista nato, dedicado à observação das aves e mamíferos dos arredores de sua residência desde a infância, quando iniciou a desenhar e pintar as formas de vida por ele encontradas. Também escrevia notas curtas, que foram publicadas em diversos jornais locais e periódicos poloneses²⁰¹, assim com mantinha firme intercâmbio com pesquisadores do país.

Aprendendo a arte da taxidermia, estagiou no Museu de História Natural de Poznań, mas planejava construir seu próprio museu, com exposições condizentes com as condições naturais dos organismos vivos; para isso,

fauna, flora, vegetação, orografia etc.) e que foram produzidas por autores poloneses. A extensa lista organizada por Krawczyk (1971) dá uma breve idéia sobre isso.

²⁰⁰ O livro tem traduções para o alemão, russo, letão e lituano, sendo a primeira dessas versões (1955) a mais conhecida e provavelmente de maior tiragem, visto ser amplamente comercializada por antiquários pela rede mundial de computadores (*internet*). Usei aqui a versão original polonesa, confrontada com a edição russa (“Тайна Рю де Оро”), traduzida em 1958 por Y.O. Nemchinskogo (editora Geografiz de Moscou).

²⁰¹ Chegou a escrever o livro “*W dziewiczych lasach Parany*” [Nas florestas virgens do Paraná] cujos manuscritos foram destruídos pelas tropas alemãs em 1939, quando da ocupação nazista (Zwolska, 1990).

começou a acumular animais de todos os tipos, em seu próprio quarto.

Em 1939, quando da ocupação nazista, foi preso – assim como seu irmão Jozéf que foi morto – pela Gestapo, mas conseguiu fugir, escondendo-se em Poznań e Kutno²⁰².



Antoni Wiśniewski (1905-1989) em sua velhice (Zwolska, 1990).

Com o fim da guerra, passou a trabalhar com silvicultura em Kościan e, em seguida, foi transferido para Puszczykowo, onde iniciou seu grande projeto de vida. Junto com outros dois engenheiros florestais: Gustav Splawa-Neyman (da Inspetoria Florestal de Ludwikowo) e Józef Kostyrko (chefe do Departamento de Bioecologia e Instituto de Pesquisa Silvicultura em Varsóvia) construiu o acervo expositivo do hoje *Muzeum Przyrodnicze Wielkopolskiego Parku Narodowego* [Museu de História Natural do Parque Nacional de Wielkopolski]²⁰³ do qual foi fundador, curador-chefe e conselheiro.

²⁰² Assim como também foi preso, por quase dois anos, durante o domínio stalinista, por levantar-se combativamente contra a derrubada de florestas e a caça predatória.

²⁰³ Antigo *Muzeum Przyrodniczego WPN* (em Puszczykowo), iniciado em 1949 e fundado em agosto de 1952, portanto cinco anos antes da criação do parque nacional que posteriormente passou a abrigá-lo.

Durante toda a sua vida dedicou-se ao Parque Nacional de Wielkopolski, onde estudou sistematicamente a fenologia de plantas e animais e com grande dedicação à migração das aves. É um dos precursores do método de anilhamento de aves na Polônia e também da coleta de elementos de bioacústica, para a qual obteve milhares de gravações. Também era artista, especializando-se em fotografia, da qual tinha um acervo com mais de 20 mil fotos e foi considerado o mais importante fotógrafo de aves em voo na Polônia (Zwolska, 1990).

Fiedler, em companhia de Wiśniewski (na época com 23 anos de idade), chegaram ao Brasil e se estabeleceram em Cândido de Abreu. Logo em seguida forçaram-se a obter auxílio remunerado de moradores da região²⁰⁴. Um desses nativos era **TOMASZ PAZIO**, imigrante polonês residente na colônia de Rio Baile²⁰⁵, além de Michael Budash, filho de colonos poloneses de Cândido de Abreu e que teria com aprendido com eles o ofício da taxidermia, colaborando – então – na preparação dos espécimes. Esse aspecto é decisivo se considerarmos que as aves atualmente guardadas no Museu de Berlim foram considerados como “*poor skill of preparation*” (Hinkelmann & Fiebig, 2001)²⁰⁶, o que seria mais do que esperado visto a participação de um novato na arte da taxidermia.

²⁰⁴ É importante mencionar que, quando da estada de Fiedler ali, já residia na cidade o naturalista e preparador Stanisław Borecki que abandonou a expedição Chrostowski-Jaczewski em agosto de 1922. Em nenhum local das fontes consultadas, encontrei a menção a Borecki, o que chega a ser curioso e até surpreendente, haja vista que ele tornou-se muito popular em toda a região pelo seu interesse pela história natural (vide Straube, 2016).

²⁰⁵ Vide adiante sob Edwin Steiger.

²⁰⁶ Como ilustrado adiante, essa característica não é observada em todas as peles e, talvez, seja notada somente nas que foram preparadas por Pazio e Budash. Exemplares do litoral e Serra do Mar, que foram taxidermizados por Wiśniewski têm uma aparência indiscutivelmente melhor.



Exemplares de *Calliphlox amethystina* e *Aratinga auricapillus* da coleção Fiedler (*Museum für Naturkunde, Berlin*), obtidos no Paraná, mostrando o estilo de preparação (Fotos: Vítor de Q. Piacentini).

É interessante notar que, particularmente sobre Pazio, Fiedler (1950) faz comentários bastante elogiosos: “Alegre, pioneiro desbravador e ousado, é um homem de coração aberto que conhece todos os chefes indígenas, com os quais fez amizade²⁰⁷”. O “Polaco Bugre”, como era conhecido, mereceu diversas menções no livro “*Rio de Oro*”, não somente contemplando seu conhecimento inigualável da geografia daquela região, como também na

²⁰⁷ Uma opinião um tanto diferente daquela de Tadeusz Chrostowski quando cogitou a possibilidade de contratá-lo para a sua expedição pelo rio Ivaí (vide Straube, 2016).

socialização com os índios, aspectos fundamentais para as incursões nas terras indígenas que foram visitadas.

De acordo com Hinkelmann & Fiebig (2001), durante sua estada no Paraná, consta terem Fiedler e Wiśniewski colecionado espécimes de aves em quatro localidades. Esses autores, os únicos revisores da coleção – hoje guardada no *Museum für Naturkunde Berlin* (Berlim, Alemanha) – incluem alguns detalhes adicionais sobre o trabalho de Fiedler que, segundo eles, foram obtidos de “...unpublished expedition records preserved at Museum of Natural History, Berlin”. Infelizmente não há indicação de quais seriam suas fontes²⁰⁸ e tampouco se essas datas e topônimos estariam explicitamente informadas em tais documentos ou seriam simples deduções a partir dos dados dos rótulos.

Dessa forma, merece discussão mais profunda a descrição de localidades de coleta indicadas (ou supostas?) com base no mesmo estudo (Hinkelmann & Fiebig, 2001), abaixo discutidas oportunamente.

1. Cândido de Abreu. *A settlement indicated by Fiedler as the westernmost point of (European Brazilian) civilization at the time, as the border line between culturally initiated habitat shift and primary forest inhabited only by Indians. Located 40 km NW of Teresa Cristina (Fiedler: Teresina), Fiedler and Wisniewski established their expedition's base there in December 1928, and stayed until March 1929. The*

1. Cândido de Abreu. Um lugarejo indicado por Fiedler como o ponto extremo ocidental da civilização euro-brasileira naquele tempo, o limite entre a frente de culturas e a floresta primária habitada somente por indígenas. Localizada a 40 km a noroeste de Teresa Cristina (Fiedler: Teresina), Fiedler e Wiśniewski estabeleceram ali a base de sua expedição em dezembro de 1928, permanecendo até março de 1929. A população

²⁰⁸ Poderiam ser os diários originais de Fiedler sugerindo que a apropriação, por parte das tropas alemãs, não teria se resumido aos exemplares e, portanto, também a material manuscrito ainda inédito.

settlement's population comprised c. 900 Poles, 600 Germans and 200 Brazilians. The mixed forest consisted of a natural composition of deciduous trees and conifers. Several collecting localities in the very close vicinity used by Fiedler and Wisniewski were situated between 400 and 800 m a.s.l."

local compreendia cerca de 900 polacos, 600 alemães e 200 brasileiros. A floresta mista consistia de uma composição natural de árvores decíduas e coníferas. Várias localidades de coleta nas imediatas vizinhanças usadas por Fiedler e Wiśniewski situam-se entre 400 e 800 metros s.n.m.

Uma releitura da descrição do local mostra que Fiedler não se deteve apenas no núcleo colonial de Cândido de Abreu, tendo feito visitas a vários outros pontos das imediações. É sabido, como nos relatam Tadeusz Chrostowski e Tadeusz Jaczewski (Straube, 2016), que tanto Apucarana (depois chamada de Therezina e, em seguida, Teresa Cristina), quanto Cândido de Abreu já se encontravam desde a década de 10 profundamente modificadas por um padrão de extrativismo e agricultura agressivos e, assim, as duas cidades já estavam algo urbanizadas. Dessa forma, presumo que malogravam os anseios de Fiedler em explorar uma área intocada de florestas primevas habitadas por índios, restando a busca por outros pontos mais favoráveis das imediações.

No livro “*Rio de Oro*”, Fiedler (1950, 1958) narra pelo menos dois locais contíguos que teriam sido visitados por ele. Esses pontos são tratados cada qual em uma das respectivas duas partes em que a obra é subdividida: “*Nad Marequinha*” (“No Marrequinha”) e “*Nad Ivaí*” (“No Ivaí”).

Inicialmente, cabe divagar sobre as terras indígenas do vale do rio Ivaí, atualmente em número de três: Faxinal (2.043 ha no município de Cândido de Abreu), Ivaí (7.306 ha em Manoel Ribas e Pitanga) e Marrecas (16.838 ha em Turvo e Guarapuava) (Mota & Novak, 2008). Essas TIs,

todas ocupadas pela etnia Kaingang, contam com um histórico absolutamente dramático, resultado de homologações parciais, retrações, permutas, apropriações, intervenções culturais e mesmo episódios de verdadeiros massacres²⁰⁹, ocorridos desde o Século XVI e intensificados entre os anos 10 e 30 (Laroque, 2006; Novak, 2014). Por esse motivo, é importante um exame cuidadoso de seus respectivos perímetros e do nomes das localidades ali existentes que, como visto, se alteraram substancialmente ao longo dos tempos. A própria região onde hoje está a cidade de Cândido de Abreu fazia parte dessas terras indígenas, depois permutada com o governo para dar origem ao núcleo colonial, planejado já desde 1913.

A fonte mais precisa para o reconhecimento das localidades visitadas por Fiedler, é seu livro “*Rio de Oro*”²¹⁰ que, embora carente das devidas minúcias, oferece pistas definitivas sobre os topônimos, tal como eram denominados na época de sua viagem. Além dele, há alguma documentação em outras obras, as quais – respeitadas as variações cronológicas – fornecem informações complementares de grande importância.

Não tenho dúvidas que ocorreram coletas em Cândido de Abreu como o próprio Fiedler (1958) informa²¹¹:

“Вот уже несколько месяцев наша зоологическая экспедиция охотится в	Já há alguns meses nossa expedição zoológica encontra-se nas florestas grandiosas em torno
---	--

²⁰⁹ A chacina étnica ocorrida na Serra da Pitanga em 1923 contra os “Guayanazes” (Kaingangues) é apenas o mais relevante dentre diversos outros episódios semelhantes ali ocorridos.

²¹⁰ Conteí com as versões polonesa e russa, sobre as quais foram realizadas as respectivas traduções (artesanalmente – tal como em Straube, 2016), com auxílio de Jeremy Minns, neófito na língua russa.

²¹¹ E também quando Fiedler em retorno da aldeia do rio Marrequinha, convencido por Pazio, resolve conhecer outra aldeia (Rocinha), ocasião em que Wiśniewski retorna a Cândido de Abreu, com a finalidade explícita de colecionar mais espécimes.

величественных лесных дебрях вокруг Кандидо де Абреу и добывает для польских музеев различные экспонаты местной фауны. Теперь пришла пора отправиться еще на несколько десятков километров дальше на юго-запад: посетить лагеря индейцев на Марекуинье и организовать там, в лесах, охоту на крупного зверя”.

de Cândido de Abreu, coletando para os museus poloneses exemplares variados da fauna local. Agora chegou o momento de dirigirmo-nos a algumas dezenas de quilômetros mais ao sudoeste: visitar as aldeias dos índios no Marrequinha e organizar naquelas florestas a caça de animais grandes.

Estou, porém, convencido que elas foram realizadas também no topônimo denominado “Rio Marrequinha”, embora não no local visitado em seguida (“Toldo Rocinha”)²¹², bem como em sítios particulares ao longo de alguns trajetos²¹³.

Quando se refere a “Rio Marrequinha”, Fiedler (1950, 1958) alude à enorme terra indígena que era composta pelo polígono formado entre toda a bacia do rio Barra Preta e toda a margem esquerda da bacia do rio Marrequinha, incluindo a hoje cidade de Pitanga e os arredores da atual sede de Manoel Ribas²¹⁴. A foz do rio Marrequinha está, de fato, a cerca de 16 km a sudoeste de Cândido de Abreu e isso concorda com o diálogo entre Fiedler e Pazio (Fiedler, 1958):

- А где, собственно, находится лагерь индейцев на

- E onde, na verdade, é o campo dos índios em

²¹² Como se lê adiante na mesma obra (Fiedler, 1958), quando seguia para Rocinha, Fiedler não mais portava armas (exceto sua Browning usada para defesa pessoal), sentindo-se como um “turista em caminhada despreocupada”.

²¹³ Como se observa em algumas fotos aqui reproduzidas, nos rótulos novos do Museu de Berlim há detalhamentos de localidades (p.ex. “Rio Ubasinho (river)” e “Rio Baile (river)”) que não constam nas etiquetas originais de Fiedler. Não se sabe qual a fonte dessas adições; são inclusões deliberadas inseridas *a posteriori* por algum curador ou baseadas em documentos paralelos?

²¹⁴ Hoje “Terra Indígena Ivaí” reduzida, desde 1924, a um polígono de apenas 7 mil hectares entre o terço-médio dos rios Barra Preta e Borboleta.

Марекуинье? - спрашиваю Пазио.

Он вытягивает обе руки в юго-западном направлении:

- Кажется, не ошибаюсь. На две ладони влево от солнца. Там - за той самой большой горой.

- Далеко ли это отсюда?

Вопрос застаёт Пазио врасплох. Он откровенно признаётся:

- Черт его знает! Километров двадцать, возможно и все тридцать...

Пазио был там уже несколько раз, но точно определить расстояние не может: шел туда по очень извилистой тропе вдоль берега Марекуиньи.

Marrequinha? - pergunto a Pazio.

Ele estica ambas as mãos na direção sudoeste:

- Eu acho que não estou enganado. Duas palmeiras à esquerda do sol. Lá - além dessa montanha muito grande.

- Está longe daqui?

A questão leva Pazio de surpresa. Ele admite francamente:

- Só o diabo sabe! Em quilômetros são vinte, talvez todos os trinta ...

Pazio estivera lá várias vezes, mas é impossível determinar a distância: ele andou por um caminho muito sinuoso ao longo da margem do Marrequinha.

Para chegar à reserva indígena (estavam no mês de fevereiro), Fiedler e sua equipe se estabeleceram na fazenda de um morador local chamado Francisco Gonzales (ou Gonçalves?) onde montaram um acampamento. De lá, se dividiram em dois grupos, sendo um deles composto por Fiedler, Wiśniewski e Pazio que seguiram pelo interior da floresta e outro, com o restante das pessoas, mais auxiliares indígenas, bagagens e cães que subiram o rio Marrequinha. A reserva situava-se aproximadamente a 30 km a montante da foz desse rio, estabelecida em sua margem esquerda, aproximadamente onde hoje está o lugarejo de Terra Santa (município de Boa Ventura de São Roque); isso se deduz pelo afirmado por Fiedler (1958):

“К сожалению, тридцатикилометровый путь,

Infelizmente, o caminho de 30 quilômetros, que pode ser mais

который может оказаться длиннее, если учесть повороты, займет еще два или три дня.”

longo se você levar em consideração os meandros, demorará dois ou três dias²¹⁵.

Uma vez concluída a aventura ao aldeamento do rio Marrequinha, Pazio sugere a Fiedler que prolongassem sua viagem para outro local: o “Toldo Rocinha”, situado à beira do rio Ivaí.

“Сообщение Пазео звучит соблазнительно. Я обдумываю, не попытаться ли счастья еще раз. Задержаться на неделю - потеря невелика, тем более что Вишневский тем временем вернется в колонию Кандидо де Абреу и сам проведет работу по сбору зоологических образцов”.

O convite de Pazio parecia tentador. Estou pensando se deveria tentar novamente. Atrasaria mais uma semana mas a perda não seria muito grande, especialmente porque Wiśniewski retornará à colônia de Cândido de Abreu, e ele mesmo realizará a coleta de amostras zoológicas.

Essa aldeia situava-se, segundo meus cálculos, entre as desembocaduras dos rios Borboleta e Barra Preta²¹⁶, o que corresponde o indicado por Fiedler (1958):

“К ним же относится и резервация, в которой мы находимся сейчас на реке Иваи, между Марекуйней и Сальто Уба.”

A mesma condição se aplica a essa em que estamos agora no rio Ivaí, entre Marrequinha e o Salto de Ubá.

Hinkelmann & Fiebig (2001) não fazem menção a nenhum desses dois lugares, informando apenas um segundo topônimo denominado “Faxinal da Boa Vista”²¹⁷ e que consistiria do seguinte:

²¹⁵ Para a chegada do grupo que veio pelo rio.

²¹⁶ Coordenadas aproximadas de 24°35'17"S e 51°27'30"W.

²¹⁷ O termo “faxinal”, no Paraná, refere-se a uma área devoluta que foi explorada (extrativismo de pinhões, erva-mate, invasão pelo gado e vários outros motivos) por seus

2. Faxinal da Boa Vista (Fiedler: *Fachinal de Pedrão*). Located S of Cândido de Abreu and c. 30 km SW of Teresa Cristina at c. 600 m a.s.l. The expedition visited the site in early 1929, probably in February. Due to the proximity to Cândido de Abreu, Fiedler and Wisniewski spent only a short time at Faxinal and returned to their expedition's base. Fiedler gave no indication on vegetation, habitats or habitat shift due to human exploitation at this collecting site.

2. Faxinal da Boa Vista (Fiedler: *Fachinal de Pedrão*). Localizado a sul de Cândido de Abreu e cerca de 30 km a sudoeste de Teresa Cristina a 600 metros de altitude. A expedição visitou esse local no início de 1929, provavelmente em fevereiro. Devido à proximidade de Cândido de Abreu, Fiedler e Wiśniewski permaneceram somente um curto período em Faxinal e retornaram à base da expedição. Fiedler não apresenta indicação sobre a vegetação, hábitat ou sobre as mudanças de hábitat frente à exploração humana nessa localidade de coleta.

Esse ponto, pela descrição geográfica e denominação corresponderia à atual sede da Ibema (empresa especializada na industrialização de celulose) no município do Turvo. A localidade²¹⁸, que é banhada pelo rio Marrecas, está a quase 900 metros de altitude, com vegetação tipicamente de mata de araucária (floresta ombrófila mista) (cf. Straube & Urben-Filho, 2006). Observa-se, porém, que Hinkelmann & Fiebig (2001), talvez para fins de uma mera localização canônica, atribuíram um nome pretensamente atualizado para a denominação original de Fiedler: “Fachinal de Pedrão”²¹⁹. Isso levou a um erro geográfico considerável, conforme discutido abaixo. A lista de aves coletadas também não ajuda, embora se possa selecionar *Cissopis*

proprietários vizinhos, resultando em capoeiras, capoeirões ou florestas, geralmente desprovidas de sub-bosque.

²¹⁸ Visitada por mim e Michel Miretzki em janeiro de 1997.

²¹⁹ Não mencionado em Fiedler (1950, 1958).

leveriana, que é uma espécie de regiões mais quentes de menor altitude do oeste paranaense, mas que invade o planalto, ocorrendo em toda a borda oeste do Planalto Meridional, especialmente no verão.

Prefiro optar por um caminho mais óbvio, um ponto que está a 35 km a norte dessa localização sugerida por Hinkelmann & Fiebig (2001). Baseio-me não somente na semelhança de grafia, mas também na contiguidade e documentação histórica. Perto de Cândido de Abreu há de fato uma localidade chamada “Fazenda Pedrão” (hoje no bairro “Gleba Serra Paulista”) situada perto de um rápido conhecido como “Cachoeira do Pedrão” (no rio Ivaí) que foi inclusive visitada (e mapeada) por Murici em 1896 (Muricy, 1975; Straube, 2014). Esse lugar está entre as desembocaduras dos rio Marrequinha e Belo²²⁰, porém, a quase 40 km a noroeste de Teresa Cristina. Dessa forma, está a cerca de 3 km (5 km para Fiedler) a montante da foz do rio Marrequinha e muito provavelmente seja a propriedade do sr. Francisco Gonzales, onde o grupo montou acampamento e de onde partiria em direção ao núcleo habitado da reserva indígena. Note-se que ali perto, havia realmente um posto indígena do Serviço de Proteção ao Índio e que era denominado “Posto Faxinal” (Laroque, 2006).

Единственная трудность состоит в том, что ни бразильцы, ни даже Пазио не знают опасных и многочисленных быстрин реки Маррекуиньи. Продвижение против ее стремительного течения будет нелегким. Поэтому мы решаем: четверо

O único problema é que nem os brasileiros nem Pazio conhecem as perigosas e numerosas corredeiras do rio Marrequinha. A progressão contra a sua rápida correnteza não será fácil. Portanto, decidimos: quatro brasileiros e Bolek vão amanhã de manhã com toda a comida e

²²⁰ Coordenadas: 24°39'23"S e 51°27'12"W, a 470 metros de altitude.

бразильцев и Боек отправляются завтра утром со всем провиантом и багажом на двух лодках, проплывут 5 километров по Иваи до устья Марекуиньи, а затем по этой реке будут постепенно подниматься вверх. Тем временем Пазио, Вишневский и я пойдем как можно скорее по тропинкам прямо через лес к лагерю индейцев. В лагере мы найдем нескольких индейцев, которых немедленно пошлем вниз по Марекуинье навстречу бразильцам, чтобы помочь последним грести и перебраться через быстрины. Таким образом, все мы сможем через два-три дня встретиться в индейском лагере.

bagagem em dois barcos, navegam 5 km ao longo o Ivaí até a foz do Marrequinha e, então, ao longo deste rio, vão gradualmente subindo. Enquanto isso, Pazio, Wiśniewski e eu iremos o mais rápido possível pelos caminhos diretamente através da floresta para o campo dos índios. Na aldeia encontraremos vários índios que imediatamente enviaremos ao Marrequinha para ajudar os brasileiros no último trecho e a atravessar as corredeiras. Assim, todos nós podemos nos encontrar na aldeia, dentro de dois ou três dias.

Com relação ao terceiro topônimo (“Barra Branca”), assim o descrevem Hinkelmann & Fiebig (2001):

3. Barra Branca. *An area located 2 km from Morretes, E of the Serra do Mar mountain ridge. Fiedler and Wisniewski collected here from 24 March to 27 April 1929. They experienced the locality (c. 20 m a.s.l.) as the warmest region of Paraná, and described the landscape as swampy with a few dry hills, stocked with forest, whereas the lowlands were characterised by only solitary trees.*

3. Barra Branca. Uma área localizada a 2 km de Morretes a leste da cadeia montanhosa da Serra do Mar. Fiedler e Wiśniewski coletaram ali entre 24 de março e 27 de abril de 1929. Eles consideraram a localidade (cerca de 20 metros s.n.m.) como a região mais quente do Paraná e descreveram a paisagem como paludosa com algumas colinas secas, abastecidas com florestas, enquanto as planícies eram caracterizadas apenas por árvores solitárias.

Julgamos inicialmente se tratar da “foz do Rio do Pinto (no Rio Nhundiaquara), situada nas proximidades da cidade de Morretes” (Straube & Urben-Filho, 2006). No entanto, há um bairro do município de Morretes denominado “Barro Branco” que, distante poucos quilômetros do centro daquela cidade, situa-se na margem da Rodovia PR-408, que faz ligação com Antonina; localiza-se nas coordenadas de 25°28’06’’S e 48°49’36’’W a 20 metros de altitude. Essa denominação tem raízes antigas e nos anos 20 já contava com essa denominação. Segundo Leão (1924-1928) é um vilarejo assim descrito: “**Barro Branco**. Bairro do mun. de Morretes. Em 1920 contava com 21 creanças com idade escolar”.



Exemplar de *Tangara cyanocephala* da coleção Fiedler no Museum für Naturkunde, Berlim; a grafia original da localidade é “Bara Branca” (Foto: V. de Q. Piacentini).

Ressalto que a grafia usada originalmente por Fiedler é “*Bara Branca*”, inadvertidamente alterada para “Barra Branca” nos rótulos novos do museu de Berlim. Considerando a dificuldade fonética por falantes do polonês para alguns vocábulos da língua portuguesa ²²¹, esse entendimento parece bem aceitável, a julgar que o referido nome não foi anotado com base na escrita e sim na verbalização do topônimo.

Por fim, a quarta localidade (“Campininha”) é descrita por Hinkelmann & Fiebig (2001) como:

4. Campininha. *Located c. 30 km SE of Curitiba and c. 1,000 a.s.l. in the Serra do Mar mountain ridge, Fiedler indicated the vicinity as belonging to the savannah region S of Piraquara, a grassland landscape interrupted by swampy areas and gallery forests. He spent 2 weeks there from 29 April to 14 May 1929.*

4. Campininha. Situada cerca de 30 km a sudeste de Curitiba e cerca de 1.000 metros s.n.m. na cadeia montanhosa da Serra do Mar, Fiedler indicou as cercanias como pertencentes à região de savanas ²²² a sul de Piraquara, uma paisagem de gramíneas interrompida por áreas de banhados e florestas de galeria. Ele gastou duas semanas ali, entre 29 de abril e 14 de maio de 1929.

Essa é uma questão um pouco mais complexa e que obriga uma avaliação mais ampla. Primeiramente é importante lembrar que toda a região situada no planalto de Curitiba contíguo à Serra do Mar, contava com extensões apreciáveis de campos naturais sendo, portanto, comuns os topônimos alusivos a essas áreas campestres (por exemplo, Borda do Campo, Campinas, etc). Com base na distância e

²²¹ Por exemplo, no caso do toldo “Rocinha”, grafado como “*Rosinho*” na versão polaca e Росиньо ([“Rocinho”]) na russa (Fiedler, 1950, 1958).

²²² Uma descrição obviamente errônea se considerar que savana é o equivalente brasileiro dos cerrados, sendo que a vegetação campestre ali existente se trata de uma estepe.

posicionamento de Hinkelmann & Fiebig (2001), Straube & Urben-Filho (2006), assim a definiram:

“nascentes dos rios Botiatuva, Itaquí e Pequeno, ao sul da chamada Serra da Baitaca. A paisagem indicada é a floresta ombrófila mista aluvial, que apresenta trechos rebaixados com as chamadas matas ciliares e campos de inundação, vegetação típica da maior parte da porção superior da Bacia Hidrográfica do Rio Iguaçu. Segundo Leão (1924-1928) trata-se dos “*campos, mattos, cahivas e hervaes banhados pelo rio Itaqui, reg.[istrado] na parochia de S.José dos Pinhais...*”.

A julgar pelos mapas contemporâneos, essa poderia ser uma localização razoável frente as informações disponíveis. No entanto, há que se considerar um outro detalhe que é a tentativa de compreensão do itinerário percorrido, bem como os recursos viários disponíveis na época.

O trabalho de campo teria se iniciado na então colônia de Cândido de Abreu. O acesso para lá, deve ter sido feito pelo trajeto tradicional da época, a partir de Ponta Grossa²²³, transpassando as nascentes do rio Tibagi e passando em Periquitos, depois Conchas, Ipiranga, Enxovia, Apucarana e Therezina.

Em seguida, ao retornar de Cândido de Abreu, o exploradores se dirigiram à Serra do Mar, porém, antes indo ao litoral (Barro Branco) e, na volta, a Campininha (onde trabalharam até 14 de maio). Note-se que Fiedler, em 15 de maio de 1929 já estava em Curitiba pois, com essa data,

²²³ Para essa cidade, a dupla pode ter vindo pela estrada de ferro, a partir do estado de São Paulo (depois Jaguariáva, Piraí do Sul e Castro) ou vindo de Curitiba, caso tenha desembarcado no porto de Paranaguá.

portava um documento assinado pelo então diretor do Museu Paranaense, Rubens Assumpção, endossando o apoio institucional ao viajante, bem como solicitando auxílio às autoridades quando de sua estada em solo paranaense.

Declaração redigida por Rubens Assumpção, endossando as atividades realizadas por Arkady Fiedler no Paraná.

**SECRETARIA D'ESTADO DOS NEGOCIOS DO INTERIOR, JUSTIÇA E
INSTRUÇÃO PUBLICA
MUSEU PARANAENSE**

Curitiba, 15 de maio de 1929

Attesto, para os fins de direito, que o sr. Adam Fiedler, naturalista polonez, esteve ultimamente em visita às regiões oestes do Paraná, em estudos da nossa fauna, tendo reunido as seguintes colleções destinadas ao Museu de Historia Natural de Poznań:

- (a) couros de passaros e mamíferos - em 5 caixas.
- (b) passaros e pequenos mamíferos vivos, 12 passaros, 6 mamíferos, 8 serpentes e 1 lagarto - em 6 caixas.

As autoridades federaes e estadoaes do paiz, ás quais fôr apresentado o presente certificado, tenho a honra de solicitar todo o auxilio possivel ao bom desempenho da missão de que se acha investido o sr. Adam Fiedler.

Rubens Assumpção

Director



Destaque da coleção Fiedler: *Pteroglossus bailloni* (ZMB-2000/14004: “Cândido de Abreu, rio Ubasinho (river), Estado do Parana” e ZMB-2000/14001: “Faxinal da Boa Vista, Estado do Parana, Brasilien, South America” – 02.1929)”²²⁴ (Fotos: Vítor de Q. Piacentini).

Acredito, com base nesse arrazoado, que Fiedler e Wiśniewski se utilizaram da Estrada da Graciosa, primeiro para chegar a Morretes e, depois, para subir a Serra do Mar em direção à capital. Nesse sentido, a localização de “Campininha” concorda plenamente com a chamada Campininha da Graciosa, um lugarejo situado à margem do trecho antigo da Estrada da Graciosa e que já em 1915 contava com escola pública (Leão, 1924-1928). Esse lugar é

²²⁴ Nota: as localidades dos rótulos modernos aparentemente não são as originais (vide texto).

um bairro de Quatro Barras, conhecido por uma igreja histórica ali existente (Igreja Bom Jesus da Campininha) e, portanto, perfeitamente condizente com o que havia contemporaneamente para deslocamento terrestre. Está localizado a 25°21'30"S e 49°01'25", a uma altitude de 970 metros.

Com relação à coleção de Fiedler e Wiśniewski, estima-se que seja composta por oito mil exemplares da fauna paranaense, dos quais 1.150 aves, 100 mamíferos, répteis e anfíbios, 4.000 lepidópteros e 2.000 coleópteros, além de volumoso material etnográfico que acabou destinado ao Museu de História Natural de Poznań (Wachowicz & Malczewski, 2000; Hinkelmann & Fiebig, 2001).



Destaque da coleção Fiedler: *Percnohierax leucorrhous* (ZMB-43/649) coletado em “Paraná: Campininha” em 6 de maio de 1929 (Foto: Vítor de Q. Piacentini).

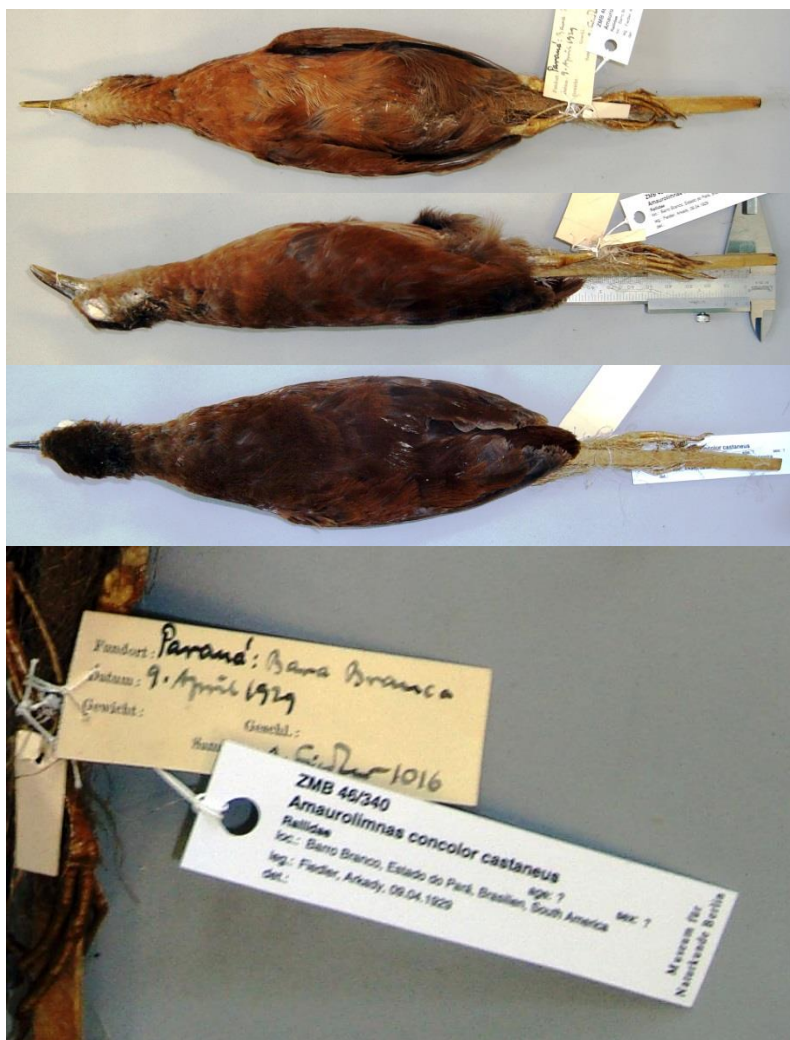
Maior parte da coleção de aves obtida por Fiedler no Paraná foi confiscada pelos alemães, provavelmente durante a Segunda Grande Guerra e pelo menos 90% dela encontra-se no *Museum für Naturkunde* de Berlim (1.014 exemplares). O estudo detalhado do acervo, que constitui-se da única revisão existente (Hinkelmann & Fiebig, 2001) é a única fonte atualmente disponível que permite julgar a envergadura da contribuição dessa expedição à Ornitologia paranaense.

De acordo com esses autores, são dignos de destaque os registros de *Amaurolimnas concolor*, *Patagioenas speciosa*, *Aratinga auricapillus*, *Amazona vinacea*, *Picumnus temminckii*, *Thamnophilus caerulescens* e *Sporophila nigricollis*, mas há outros tópicos – de importância regional – a serem averiguados com a profundidade necessária. Algumas espécies ali citadas são também importantes registros adicionais para o Estado do Paraná, por se tratarem de primeiras informações no âmbito estadual ou pela raridade regional: *Percnophierax leucorrhous*, *Primolius maracana*, *Strix virgata*, *Celeus*, *Heteroxolmis dominicana*, *Phibalura flavirostris* e *Sporophila angolensis*. Em alguns casos há relevância no contexto da distribuição regional, como a confirmação da presença de *Myrmeciza squamosa* em áreas de floresta estacional do interior do Estado e também de *Mackenziaena leachii* em setores litorâneos.

Chama também a atenção a coleta de três exemplares de *Phylloscartes kronei*, espécie que foi descrita 63 anos depois de Fiedler tê-la obtido.



Destaque da coleção Fiedler: *Celeus galeatus* (ZMB-46/428) coletado em “Paraná, Cândido de Abreu” em 19 de dezembro de 1928; a etiqueta moderna traz outras informações, talvez adicionadas *a posteriori*: “Cândia de Abreu, Rio Baile (river), Estado do Parana, Brasilien, South America” (Foto: Vítor de Q. Piacentini).



Destaque da coleção Fiedler: *Amaurolimnas concolor* (ZMB-46/340) em vistas ventral, lateral e dorsal, bem como as etiquetas: “Paraná: Bara Branca”, datada de 9 de abril de 1929. No rótulo recente: “Barro Branco, Estado do Pará (sic), Brasilien, South America” (Fotos: Vítor de Q. Piacentini).



Lophornis magnificus (ZMB 2000/14154) da coleção Fiedler, em vista dorsal e ventral (Foto: Vítor de Q. Piacentini).

De acordo com o número de exemplares obtido, pode-se dizer que o naturalista estava preocupado em obter séries; em alguns casos há quantidades apreciáveis de exemplares, como de *Ramphastos dicolorus* (32 espécimes), *Picumnus temminckii* (22), *Pionus maximiliani* (18 espécimes), *Chiroxiphia caudata* e *Tachyphonus coronatus* (17), *Athene cunicularia* e *Pyrrhuloxia leucoptera* (16).

Nesse sentido, salienta-se os troquilídeos, geralmente pouco amostrados por sua fragilidade corporal e dificuldade para se colecionar: foram computados 50 indivíduos de *Amazilia versicolor* e 22 de *Anthracothorax nigricollis*, dentre o total de 134 beija-flores colecionados no total.

Arkady Fiedler que, a partir de sua viagem ao Paraná iniciou inúmeras explorações a diversas partes do mundo,

ainda visitou novamente no Paraná em março de 1964, quando foi recebido pela equipe do Departamento de Cultura da Secretaria de Educação e Cultura em Curitiba. Segundo consta, estava de retorno de uma viagem às Guianas e aqui sondava a possibilidade de uma visita aos índios de Campo Novo em Laranjeiras do Sul, planejada para outubro do mesmo ano²²⁵. Não se sabe mais detalhes sobre a alegada visita e tampouco se de fato ocorreu, embora conste na mídia local que, para a ocasião, teria obtido autorização oficial para visitar também a Ilha do Bananal e os rios Xingu e Amazonas²²⁶.



Arkady Fiedler (centro) em visita ao Rio de Janeiro, quando foi entrevistado pelo jornal A Manhã (edição n° 429, de 31 de dezembro de 1942, p.3).

²²⁵ “Diário do Paraná, ano 9, n° 3030, edição de 11 de março de 1964, primeiro caderno, p.7. Segundo, ainda, o “A Última Hora” (ano 3, n° 805, edição de 10 de janeiro de 1964, p.2), essa seria a quarta vez que Fiedler visitava Curitiba, embora o jornal “Diário da Tarde” (ano 65, n° 20122, edição de 13 de março de 1964, p.2), afirme que quatro foram as ocasiões em que visitou o Brasil. Acertou o último: Fiedler esteve no Brasil em 1928-1929 (Paraná), 1933 (Amazônia brasileira e Peru), 1942 (EUA, Trinidad, Guianas e Amazônia do Brasil) em 1963-1964 (Amazônia e Guianas) (A Manhã, edição n° 429, de 31 de dezembro de 1942, p.3) e, depois da matéria, também em 1967 (rio Xingu e Rondônia) (Correio da Manhã, n° 22686, edição de 21 de março de 1967, p.8).

²²⁶ Diário da Noite (n° 12008, edição de 6 de março de 1964, segundo caderno p. 6)

Cronologia

- 1929** Fundação de Londrina, cujo nome – alusivo a Londres – deve-se aos impulsos de colonização oriundos de iniciativas britânicas. Outrora uma simples gleba chamada Três Bocas, sob jurisdição do município de Jataizinho, tornou-se uma das maiores cidades no Sul do Brasil.
- 1929** Artur Neiva publica o livreto **“Esboço histórico sobre a Botânica e Zoologia no Brasil”** em comemoração ao primeiro centenário da independência do Brasil.
- 1912** Publicado o primeiro número dos “Annaes da Academia Brasileira de Sciencias”, periódico que é editado até os dias de hoje.
- 1929** É criado o “Círculo de Estudos Bandeirantes”, em Curitiba.
- 1929** Antes desenhista do Instituto Butantan, Olivério Mário de Oliveira Pinto assume o cargo de assistente-interino da Sub-Seção de Zoologia do Museu Paulista.
- 1929** GUIDO STRAUBE publica a crônica **“Natura paranista”**, onde relata observações naturalísticas obtidas na Ilha do Mel.
- 1929** Falecimento de EMILIE SNETHLAGE.

1929

EDWIN STEIGER e/ou TOMASZ PAZIO

Em nossa “História da Ornitologia no Paraná” (Straube & Scherer-Neto, 2001) atribuímos a Edwin Steiger uma pequena coleção de aves coletadas nos arredores de Cândido de Abreu (mas outros poucos de “Rio Baile”, “Apucarana”²²⁷ e “Ponta Grossa”) entre 27 de outubro a 30 de novembro de 1929. Esse material encontra-se no *Field Museum of Natural History* de Chicago (EUA), tendo efetivamente a indicação de Steiger como coletor nos rótulos e livros de registro (D. Willard, *in litt.*, 2001).

Nada se sabe sobre sua biografia, além de que se tratava de um comerciante de peles de aves e mamíferos, que aparentemente residia em Joinville (Santa Catarina). A ele se tem atribuído o abastecimento de coleções científicas e expositivas, brasileiras e estrangeiras nas primeiras décadas do Século 20 (ou talvez a partir de 1929: *vide* Paynter & Traylor, 1991). Sua conexão com a História Natural do sul do Brasil se estendeu por diversos acervos, desde – como dito – coleções de grande porte como as de Chicago e Cambridge, até mesmo pequenos museus regionais.

Segundo Johnscher (1993:134), referindo-se ao museu expositivo do antigo Seminário Seráfico de Rio

²²⁷ Leia-se “Apucarana”; de acordo com Straube & Urban-Filho (2006): “Atualmente é um pequeno lugarejo situado entre os distritos de Três Bicos e Teresa Cristina (antiga Therezina), no município de Cândido de Abreu (Maack, 1953). Não deve ser confundido com a cidade homônima, localizada no norte do Paraná, nas vizinhanças de Londrina”.

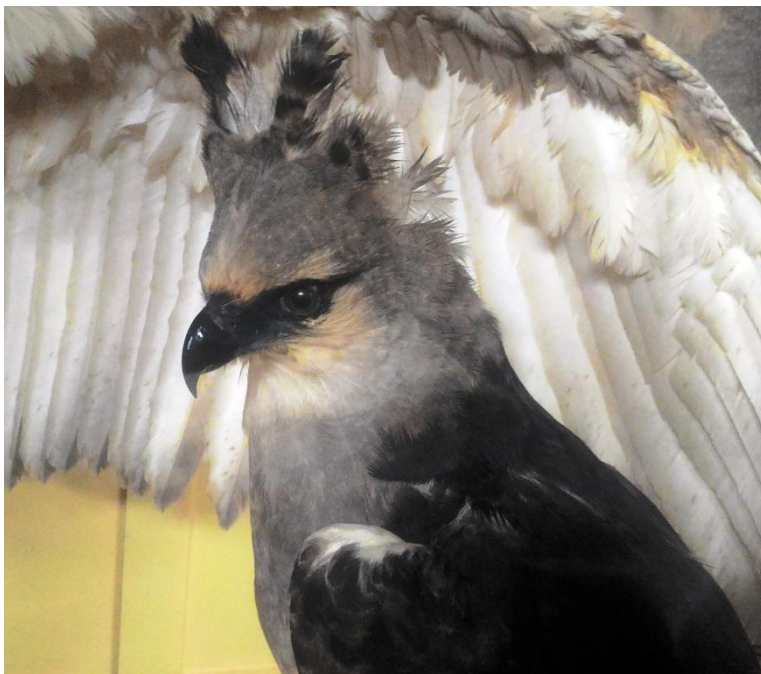
Negro (Paraná): “...certas peças de Rio Negro, [foram] empalhadas com muita arte pelo habilidoso taxidermista [Steiger] que lhes soube dar as posições características que assumem na natureza, quando caçam, voam pelo ar ou pousam de um vôo depredativo, trazendo a presa nas garras...”. Favretto (2008) fez uma excelente revisão desses espécimes, hoje em grande parte mantidos pela Prefeitura Municipal de Luzerna, em Santa Catarina. Na coletânea preparada com base nos registros originais, esse autor menciona diversas vezes o fato das aves terem sido preparadas por ele entre 1925 e 1927 e não há nenhum indício de seu nome como coletor.

O caso mais emblemático é o de um *Morphnus guianensis*, sem dados de procedência e “preparado por Edwin Steiger. [em] Joinville, SC. 1926”²²⁸. Isso sugere que a referida espécie foi coletada ou em Joinville ou em outro lugar qualquer e, nesse último caso, o couro remetido a Steiger para a preparação. Essa última situação parece ser a mais consistente, pois há pelo menos dois exemplares (*Milvago chimachima* e *Cyanocorax caeruleus*) que foram coletados em Rio Negro, ambos em 1925 e que, de alguma forma, chegaram às suas mãos para a taxidermia. Tal detalhe nos obriga a admitir que, caçados nessa cidade, teriam retornado ao museu constituindo, assim, parte do acervo daquele museu.

Suponho, embora apenas por especulação, que Steiger teria como protocolo o recebimento de couros de aves já evisceradas, para em seguida empalhá-las. Tal questão explicaria muitas discordâncias existentes em vários

²²⁸ Esse material, que conheci pessoalmente nos anos 70 no Seminário de Rio Negro, é de fato primorosamente preparado e se manteve por décadas em excelente estado de conservação, graças ao empenho da comunidade religiosa local e, em particular, de seu principal curador, o frei Miguel Witte. A preparação, por exemplo, do referido *Morphnus guianensis*, remete-me vividamente à minha infância, pela excelência de apresentação e porte altaneiro do animal, postado em um poleiro de destaque e com olhar “atento”.

espécimes de alguma forma associados a Steiger, no que diz respeito às procedências, datas de coleta e aos próprios coletores²²⁹. Ele próprio, talvez, não tivesse muito critério em anotar esses dados que, ao serem recebidos pelas respectivas coleções, acabavam recebendo seu nome como coletor (vide, por exemplo sob Hermann von Ihering em Straube, 2014).



Exemplar de *Morphnus guianensis* no acervo do Museu Frei Miguel em Luzerna, Santa Catarina (Foto: F. C. Straube, junho de 2016).

Com relação à pequena série de Cândido de Abreu, anteriormente afirmamos (Straube & Scherer-Neto, 2001): “A julgar por sua coleção, pode-se supor que Steiger não era dedicado à Ornitologia, tendo-se em vista o pequeno

²²⁹ Assim como uma pequena série proveniente da “Bahia” e atualmente depositada no Naturhistorisches Museum Wien (Áustria) (V. de Q. Piacentini, *in litt.*, 2017).

número de espécimes obtidos, cujas espécies parecem ter sido colecionadas mais por um caráter ilustrativo do que abrangente da comunidade ornitológica local". Essa suposição, embora correta no que diz respeito ao tipo de material, agora encontra argumentos para a suspeição da presença de Steiger como coletor de aves no Paraná.

Embora fosse esse o raciocínio mais óbvio com base no acervo paranaense, não é propriamente o que se conclui sobre sua grande coleção feita nos arredores de Joinville (Santa Catarina), onde residia. Esse material, com pelo menos 500 exemplares, atualmente no *Field Museum of Natural History de Chicago* (EUA), contém uma grande e significativa amostra de todos os grupos de aves, inclusive as de pequeno porte e mesmo algumas séries²³⁰. Essas aves foram ali obtidas entre 20 de julho de 1929 e 20 de agosto de 1930, sendo que os destaques foram divulgados por Underdown (1933)²³¹, em um dos primeiros artigos conhecidos sobre a avifauna catarinense: "*All were collected by Edwin Steiger at, or in the immediate vicinity of, the city of Joinville, in the northeastern corner of the State of Santa Catharina*"²³².

Com efeito, o material paranaense atribuído a Steiger presente no *Field Museum* inclui apenas quatro dezenas de espécimes, o que me levou a questionar sobre a viabilidade de um coletor ter se deslocado a um local de tão difícil acesso para tão pequenos resultados.

Aqui também é relevante mencionar que Steiger consta como coletor na Colônia Hansa-Humboldt (hoje

²³⁰ Paynter & Traylor (1991) dão como intervalo para coletas de Joinville: julho a outubro de 1929 e maio a agosto de 1930 para o acervo do FMNH e, ainda, diversas datas entre 26 de setembro de 1929 e 7 de maio de 1930 para uma também grande série depositada no *Museum of Comparative Zoology* e obtidas por Steiger nesse mesmo local.

²³¹ Esse autor não informa os respectivos anos de coleta, o que sugeriria que fossem todas atribuídas ao ano de 1930.

²³² "Todos foram coletados por Edwin Steiger em, ou nas imediatas vizinhanças, de Joinville, no canto nordeste do Estado de Santa Catarina".

Corupá). Nesse sentido, ele provavelmente manteve laços com Wilhelm Ehrhardt, o mais conhecido coletor dessa localidade (vide Straube, 2015). As coletas de Ehrhardt em Colônia Hansa (onde ele comprovadamente residia desde 1897) estendem-se de 1901 a 1904 e, a partir de 1914, ele passou a viajar constantemente para a Alemanha onde finalmente se estabeleceu (Hamburgo) a partir de 1920. No entanto, entre 1927 e 1933 ele voltou a fazer viagens a Santa Catarina, a fim de obter espécimes para fins comerciais (Gutsche *et al.*, 2007).

Se pesquisado o *Ornithological Gazetteer of Brazil* de Paynter & Traylor (1991) obtemos ainda outras questões a serem elucidadas, no que diz respeito a Steiger:

Apucarana, Paraná	novembro de 1929	FMNH
Rio Campanha, Mato Grosso do Sul [erro!]	outubro a novembro de 1929	FMNH (“ <u>as</u> <u>Rio</u> <u>Baile,</u> <u>Mato</u> <u>Grosso</u> ”)
Cândido de Abreu, Paraná	outubro a novembro de 1929	FMNH
Corupá (= Hansa-Humboldt), Santa Catarina	novembro de 1929	FMNH
Joinville, Santa Catarina	26 de setembro de 1929	FMNH
	julho a outubro de 1929	FMNH
	8 de outubro de 1929	FMNH
	15-23, 25-26, 28-30 de março de 1930 [etc]	MCZ
	maio a agosto de 1930	FMNH
Ponta Grossa, Paraná	novembro de 1929	FMNH

É justamente aqui que encontramos um detalhe incômodo: em 15 de novembro de 1929 – portanto em um momento em que, pela indicação das datas de coleta, estaria alegadamente em Cândido de Abreu – consta que Steiger teria coletado um exemplar de *Cacicus haemorrhous* (FMNH-69233) na Colônia Hansa. Poderia ser esse (mais um!) equívoco de rotulagem em espécimes comercializados com Steiger. Esse erro parece razoável se observarmos que os exemplares atribuídos a Steiger como coletor no Paraná e

que deram entrada no *Field Museum* aparecem em uma sequência mais ou menos lógica quanto a localidades e números de registro (com exceção de dois deles, marcados na tabela abaixo). Suponho com isso, que ele enviou um certo lote de exemplares para aquele museu, que foi tombado em conjunto, logo que deu entrada na instituição²³³:

69225	<i>Pseudoleistes guirahuro</i> ²³⁴	sem localidade	20 nov 1929
69226	<i>Pseudoleistes guirahuro</i>	sem localidade	20 nov 1929
69227	<i>Colaptes melanochloros</i>	Rio Baile	27 out 1929
69228	<i>Colaptes campestris</i>	Rio Baile	20 nov 1929
69229	<i>Ictinia plumbea</i>	Rio Baile	26 nov 1929
69230	<i>Dryocopus lineatus</i>	Apucarana	3 nov 1929
69231	<i>Athene cunicularia</i>	Ponta Grossa	20 nov 1929
69232	<i>Knipolegus lophotes</i>	Ponta Grossa	18 nov 1929
69233	<i>Cacicus haemorrhous</i>	Colônia Hansa	15 nov 1929
69234	<i>Ramphocelus bresilius</i>	Joinville	21 set 1929
69235	<i>Amazona vinacea</i>	Candido de Abreu	2 nov 1929
69236	<i>Aratinga auricapillus</i>	Candido de Abreu	2 nov 1929
69237	<i>Aratinga auricapillus</i>	Candido de Abreu	1 nov 1929
69238	<i>Psittacara leucophthalma</i>	Candido de Abreu	1 nov 1929
69239	<i>Psittacara leucophthalma</i>	Candido de Abreu	13 nov 1929
69240	<i>Primolius maracana</i>	Candido de Abreu	13 nov 1929
69241	<i>Primolius maracana</i>	Candido de Abreu	13 nov 1929
69242	<i>Pionus maximiliani</i>	Candido de Abreu	1 nov 1929
69243	<i>Pionus maximiliani</i>	Candido de Abreu	1 nov 1929
69244	<i>Cyanocorax chrysops</i>	Candido de Abreu	1 nov 1929
69245	<i>Cyanocorax chrysops</i>	Candido de Abreu	10 nov 1929
69246	<i>Ictinia plumbea</i>	Candido de Abreu	25 nov 1929
69247	<i>Pteroglossus bailloni</i>	Candido de Abreu	30 nov 1929
69248	<i>Ramphastos dicolorus</i>	Candido de Abreu	2 nov 1929
69249	<i>Ramphastos dicolorus</i>	Candido de Abreu	28 out 1929
69250	<i>Celeus flavescens</i>	Candido de Abreu	28 out 1929
69251	<i>Celeus galeatus</i>	Candido de Abreu	11 mai 1929
69252	<i>Colaptes melanochloros</i>	Candido de Abreu	3 nov 1929

²³³ Fonte: *Birds Collection Database* (www.fieldmuseum.org), acessado em 27 de dezembro de 2017.

²³⁴ Antes desse, dois espécimes do Paraguai (1927), sem relação com Steiger. Pela data de coleta e compatibilidade biogeográfica (é especialmente comum nos campos de Ponta Grossa), acredito que (sendo do “Paraná”, como atesta Hellmayr, 1937:195) ambos são provenientes de “Ponta Grossa”. De fato, a equipe de Arkady Fiedler não coletou essa espécie nos arredores de Cândido de Abreu no mesmo ano (Hinkelmann & Fiebig, 2001).

69253	<i>Campephilus robustus</i>	Candido de Abreu	3 nov 1929
69254	<i>Campephilus robustus</i>	Candido de Abreu	5 nov 1929
69255	<i>Campephilus robustus</i>	Candido de Abreu	4 nov 1929
69256	<i>Tityra inquisitor</i>	Candido de Abreu	4 nov 1929
69257	<i>Tityra cayana</i>	Candido de Abreu	5 nov 1929
69258	<i>Tityra cayana</i>	Candido de Abreu	10 nov 1929
69259	<i>Passerina brissonii</i>	Candido de Abreu	9 nov 1929
69260	<i>Aramides saracura</i>	Candido de Abreu	28 out 1929
69261	<i>Psarocolius decumanus</i>	Candido de Abreu	1 nov 1929
69262	<i>Cacicus haemorrhous</i>	Candido de Abreu	27 out 1929
69263	<i>Cissopis leveriana</i>	Candido de Abreu	9 nov 1929
69264	<i>Gnorimopsar chopi</i> ²³⁵	Candido de Abreu	5 nov 1929
<i>Sequência numérica subsequente: peles obtidas em Joinville, a partir de FMNH-69265.</i>			
<i>Sequência numérica precedente: peles obtidas em Joinville, até FMNH-73657.</i>			
73658	<i>Pionus maximiliani</i>	Rio Baile	1 nov 1929
73659	<i>Pionus maximiliani</i>	Rio Baile	1 nov 1929
73660	<i>Pionus maximiliani</i>	Rio Baile	1 nov 1929
73661	<i>Amazona vinacea</i>	Rio Baile	1 nov 1929
73662	<i>Aratinga auricapillus</i>	Rio Baile	1 nov 1929
<i>Sequência numérica subsequente: peles obtidas em Joinville, a partir de FMNH-73663.</i>			

Como visto, essa enigmática coleção contém 43 espécimes, com datas de coleta que vão de 27 de outubro a 30 de novembro de 1929, mas que encontram alguns problemas ao serem pareadas as datas e locais de coleta e que, possivelmente, são decorrentes de erros de digitação, rotulagem ou, ainda, outro por motivo desconhecido²³⁶.

Um aspecto importante alude ao topônimo “Rio Baile” que aparece recorrentemente na literatura atribuído ao “Mato Grosso” do Sul (cf. Hellmayr & Conover, 1949:41 e Collar *et al.*, 1992:416 *contra* Paynter & Traylor, 1991:48 e 110²³⁷), mas que se trata indiscutivelmente de um lugarejo no interior do município de Cândido de Abreu, a cerca de 10

²³⁵ A partir do número subsequente, há uma série proveniente de Joinville.

²³⁶ Há, por exemplo, um espécime (FMNH-69251: *Dryocopus lineatus*), cuja data é 11 de maio de 1929 e, portanto, um provável erro de rotulagem, visto que a notação “5.11.1929” poderia ter sido equivocadamente atribuída a 11 de maio.

²³⁷ Paynter & Traylor (1991) consideram como sinônimo do “Rio Campanha”, no Mato Grosso do Sul e citam inclusive Pinto (1964:58 – e não p.48 com informado por esses autores), embora esse último inclua o topônimo como situado no Paraná.

km a sul-sudoeste dessa cidade²³⁸. É coincidentemente nesse lugar, como dito anteriormente, que residia Tomasz Pazio²³⁹, o experiente mateiro que acompanhou Arkady Fiedler durante sua viagem ao Paraná, entre novembro de 1928 e maio de 1929. Segundo consta, esse imigrante polonês conhecia todos os rincões daquela região e teria aprendido taxidermia com Antoni Wiśniewski, o zoólogo de Fiedler, com a finalidade de auxiliá-lo nos trabalhos de campo.

Em Straube & Scherer-Neto (2001) fornecemos, por acaso, uma pista a esse respeito: *“Não descartamos, ainda, que [Steiger] tenha tido alguma relação com o naturalista polonês Arkady Fiedler, haja vista a incrível coincidência cronológica e de locais amostrados”*. Esse detalhe, aliás, sempre foi incômodo em virtude do porte pequeno da coleção, atribuída a um profissional reconhecido internacionalmente pela representatividade e excelência de suas preparações. E, convenhamos, Fiedler deixou o Paraná em maio de 1929 (vide também Hinkelmann & Fiebig, 2001), portanto apenas cinco meses antes das primeiras peles daquela série.

De acordo com os mesmos autores, observou-se que as espécies figuradas são, em sua maioria, aves de médio porte todas conhecidas pelo “couro grosso e de taxidermia mais fácil e garantida”, como psitacídeos, picídeos e ranfastídeos. A preparação, por outro lado, é de ótima qualidade o que – de fato – era uma característica de Steiger.

²³⁸ É o mesmo local de onde provêm as coletas de insetos atribuídas a Breslau Śrzednicki (outubro e novembro de 1923) (Tenenbaum, 1927).

²³⁹ Pouco encontrei sobre Pazio, além de ter sido rejeitado pela Expedição Chrostowski (Straube, 2016) e de sua participação voluntária na viagem de Fiedler (vide acima). Em 1945, parece que residia no lugarejo de Capinzal (em Cândido de Abreu), conforme anunciado em periódico local, informando sua residência como posto de alistamento eleitoral (Jornal O Dia, 11 de agosto de 1945, p.4).



Dois exemplares de *Colaptes melanochloros* atribuídos a Edwin Steiger coletados no Paraná (Cândido de Abreu e Rio Baile) e depositados no Field Museum (Fotos: V. de Q. Piacentini).

Com base nesses argumentos, acho possível que toda essa coleção, surgida logo depois da estada de Arkady Fiedler no Paraná, foi obtida por seu ex-auxiliar Tomasz Pazio que enviou os couros eviscerados a Steiger que, por sua vez, deu-lhe a destinação subsequente, encaminhando em um grande lote ao *Field Museum*.

Por outro lado, a citação das localidades de Ponta Grossa e Apucarana alertam para uma outra possibilidade. Ambos os locais são pontos clássicos na rota para Cândido de Abreu, cidade essa que contava na época apenas com uma estrada, cujo percorrimto obrigava a passagem pelos dois locais mencionados. Essas informações levam a uma presunção de que houve um deslocamento que seria decorrente da viagem de Pazio para encaminhar os exemplares via Ponta Grossa ou – contrariando todo o raciocínio anterior – do próprio Steiger e aí sim, um argumento factível sobre sua presença no Paraná. Isso justificaria, por exemplo, algumas das discordâncias de

datas, uma vez que ali teriam atuado não um, mas dois coletores²⁴⁰.

Com relação à representatividade desses espécimes há pouco que acresça ao conhecimento da avifauna no Paraná, uma vez que a maior parte das espécie já haviam sido coletadas e mesmo divulgadas pela Expedição Chrostowski (Sztolcman, 1926; Straube, 2016), algumas delas na mesma localidade de Cândido de Abreu (p.ex. *Dyocopus lineatus*, *Celeus flavescens*, *Campephilus robustus*, *Ictinia plumbea*, *Aratinga auricapillus*, *Pionus maximiliani*). No entanto, são valiosos os registros de *Amazona vinacea*²⁴¹, *Primolius maracana*, *Celeus galeatus*, *Psarocolius decumanus* e *Pteroglossus bailloni*, espécies como escassos registros no território paranaense ou de relevante interesse conservacionista.

²⁴⁰ Essas hipóteses foram, por vários anos, amplamente discutidas com Vítor de Q. Piacentini, que examinou pessoalmente os exemplares de Steiger em museus dos EUA e Europa. Remeto ao grande amigo parte dos créditos dessa complexa investigação.

²⁴¹ Portanto excluída da lista das aves do Mato Grosso do Sul, pelo registro desavisado em “Rio Baile” (Nunes *et al.* 2016).

[1929]

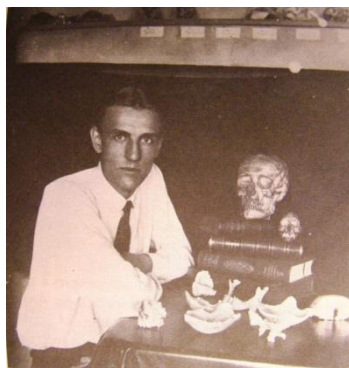
GUIDO STRAUBE

GUIDO [NEITZKE] STRAUBE (Curitiba, PR: 30 de junho de 1890; Curitiba, PR: 21 de janeiro de 1937) foi um dos primeiros naturalistas paranaenses, ainda que – na sua época – a História Natural fosse apenas uma ocupação secundária e não propriamente um ofício remunerado. Era neto de Franz Gustav Straube²⁴², naturalista alemão que emigrou para o Brasil em 1851, estabelecendo-se em Joinville, onde faleceu.

Guido exerceu o ofício de professor de várias disciplinas, dentre as quais História Natural e Língua Inglesa (Ginásio Paranaense) e também do curso de Odontologia (Universidade Federal do Paraná). Como autônomo, era dentista, com consultório próprio nas proximidades do centro histórico de Curitiba. Antes disso, trabalhou no ramo do comércio, primeiramente como empregado da Casa Schmidt (comércio de ferragens, louças e outros utensílios) em Curitiba e, depois, no armazém de

²⁴² Era comerciante de insetos nascido em Altenburg (2 de fevereiro de 1802) e estabelecido em Dresden (Alemanha). Ficou conhecido nos meios entomológicos pela lista revisiva de lepidópteros da Europa (1846a,b) e também pela viagem que empreendeu para a Anatólia (Turquia) em 1847. Na ocasião acompanhou o ciclo biológico de um tipo de bicho-da-seda, publicando seus resultados no *Stettiner entomologische Zeitung* (1849) e obteve vários outros grupos de insetos, dos quais os ortópteros *Paranocarodes straubei* e *Isophya straubei*, descritos em sua homenagem pelo entomólogo Franz Xavier Fieber em 1853. Em julho de 1851 emigrou para o Brasil, com a finalidade de coletar e comercializar itens de História Natural para museus da Europa. Não pode levar adiante seu objetivo, por ter chegado ao Brasil doente, cuja enfermidade o levou à morte em 8 de dezembro de 1853. Sua biografia, parcialmente divulgada (Straube, 2010c), está em preparação (Straube & Straube, em prep.).

seu pai, em Tranqueira (Almirante Tamandaré). Nos anos 10 (precisamente entre março de 1912 e maio de 1914)²⁴³ foi contratado pela *Southern Brazil Lumber and Colonization Company*, empresa do estadunidense Percival Farquhar situada em Três Barras (Santa Catarina), onde desempenhava as funções de guarda-livros (contador) e tradutor de inglês e alemão. Desde aquele tempo já aproveitava os momentos de lazer para observar e fotografar a natureza às margens do rio Iguaçu, naquele tempo ainda selvagem.



Guido Straube (1890-1937) (Fotos: acervo Ernani C. Straube)

De interesses múltiplos, dedicava-se ao estudo de línguas como o alemão, inglês, francês e latim. Foi editor, revisor e colaborador de periódicos de sociedades científicas ligadas à saúde e autor de inúmeros estudos, dentre artigos técnico-científicos, livros e teses de concursos. Deixou

²⁴³ Pouco antes, portanto, de William Cameron Forbes (*vide*) assumir o controle das empresas de Farquhar.

inédita a obra “Da História Natural” com 162 páginas ilustrada por centenas de desenhos a bico de pena e nanquim mostrando estruturas celulares, tecidos orgânicos, órgãos, etc.

Tinha, de fato, uma forte inclinação artística, compondo belíssimas ilustrações oriundas de suas observações da natureza, em especial paisagens e detalhes de plantas por ele colecionadas, mas também de anatomia humana. Apreciava música erudita, que estudava e praticava com seu violino e, além disso, era filatelista e numismata, tendo seus acervos expostos pela Sociedade Paranaense de Arqueologia em 1931 e merecendo medalha comemorativa.

Praticante dedicado de xadrez, obteve vários títulos da modalidade, em disputadas partidas simultâneas, de memória (sem olhar para a disposição das peças no tabuleiro) e realizadas por telégrafo ou telefone. Seu interesse por este esporte fê-lo o primeiro autor de livro alusivo no Brasil: “Promptuario de xadrez”, publicado em 1928 e contendo, em 276 páginas, a história do jogo, explanações gerais, lances principais e históricos e estratégias. Participou da Maçonaria (Loja Luz Invisível) e do Instituto Neo-Pitagórico, neste último adotando o cognome de Aristóteles II e para o qual, contribuiu financeiramente para a construção do “Templo das Musas”, no bairro Vila Isabel (Curitiba).

Desconsiderados os artigos sobre Odontologia, a sua contribuição às ciências, notadamente a História Natural, liga-se a textos biográficos (“*Fritz Müller, the first of the observers*”, de 1917), teóricos (“Biogenese e synthese organica”, de 1919), de compilação (“Anatomia e physiologia humanas: synopse de historia natural”, de 1929) ou sobre fisiologia vegetal (“Da sensibilidade vegetal”, de 1922) (F. C. Straube, 1992a,b).

Em reconhecimento aos seus préstimos como estudioso, educador e dentista, foi homenageado pelo governo do Paraná com a denominação de um colégio estadual na capital, onde também a prefeitura emprestou seu nome para uma rua, no bairro Água Verde. É igualmente lembrado pelo Centro Acadêmico de Odontologia Guido Straube, grêmio de estudantes da Universidade Federal do Paraná.

Com relação à avifauna paranaense, pode-se resgatar informações colhidas em suas viagens de férias para a Ilha do Mel. Este santuário ele visitava periodicamente desde 1921, sendo que em 1932 mandou construir uma casa de veraneio, nas imediações da Fortaleza. Usada como sede física, era ali que ajuntava espécimes de animais e plantas, tendo em seu quarto de dormir várias prateleiras contendo insetos, aranhas e crustáceos guardados em álcool, enquanto ramos e flores secavam em prensa e estufa por ele mesmo construídas.

Tratava-se, portanto, de lugar perfeito para realizar observações sobre a natureza intocada do litoral do Paraná. Graças aos vários momentos que lhe propiciaram tais contatos, resolveu publicar um resumo do panorama tantas vezes disponível e que saiu com o título de “*Natura Paranista*” (1929), em que relata várias espécies animais e vegetais ali encontradas (F. C. Straube, 1992a). Seu conteúdo, com grande riqueza de detalhes, é notável porque a descrição apresentada serve, até os dias de hoje, para caracterizar exatamente o que um observador descompromissado pode observar em algumas poucas horas de contemplação da natureza local. Cita, por exemplo, tesoureiros (*Fregata magnificens*, identificados como *Tachypetes aquilus*), atobás (*Sula leucogaster*, por ele denominados “mergulhões”), gaivotões (*Larus dominicanus* tratados como *Larus macullipennis*), batuíras (*Charadrius*

collaris, como “*Arenaria Alba*”), urubu-de-cabeça-vermelha (*Cathartes aura*: “*Cathartes aurea*”), trinta-réis (*Thalasseus acuflavidus*, como “*Sterna argentea*”), “naufragado” (*Spheniscus magellanicus*) e várias outras.

A menção mais importante, contudo, é o papagaio que ele chamou de *Androglossa aestiva* (atualmente *Amazona aestiva*, espécie que não ocorre no litoral do Paraná), mas que – por sua descrição – refere-se indiscutivelmente ao papagaio-de-cara-roxa (*Amazona brasiliensis*), psitacídeo endêmico da pequena faixa litorânea entre o sul de São Paulo e o norte de Santa Catarina. No texto refere-se a tê-los visto “*em symbiose sexual e vocalmente diferenciados por seu incessante biphonema ‘qui-qui, quá-quá’ aos pares, celeremente batiam suas azas em busca de repouso*”.

Conhecendo pessoalmente a biblioteca de Guido Straube²⁴⁴, pode-se afirmar – sem hesitação – que ele usou, para suas identificações ornitológicas, de algumas dentre as pouquíssimas obras existentes na época sobre avifauna brasileira. Dentre elas, é possível citar o “Catálogo das aves amazônicas” (Snethlage, 1914), o livreto “Aves do Brasil” (Goeldi, 1896) e o “Álbum das aves amazônicas” (Goeldi, 1906), obras que recebeu, por envio postal, da própria Snethlage²⁴⁵, bem como algumas publicações contemporâneas do Museu Nacional a ele enviadas por

²⁴⁴ Sua biblioteca, diga-se de passagem, era uma das mais ricas e diversificadas em toda a Curitiba do início do Século XX, ocupando cinco enormes armários de imbuia na sala de visitas. Ali haviam obras (muitas delas em alemão gótico) de história natural, odontologia, medicina, viagens e expedições, grandes descobertas e biografias de cientistas, que misturavam-se aos clássicos da língua portuguesa.

²⁴⁵ Em cartão postal (aqui reproduzido), tendo uma foto em preto-e-branco da “Jaula das Onças” no Museu Goeldi, assim Snethlage dirige-se ao naturalista paranaense: “*Exm. Sr./Dr. Guido Straube/ Curitiba/ Rua 15 de Novembro 103/ Pará, 26 de janeiro de 1920/ Agradecendo a remessa do seu interessante trabalho Biogenese e synthese organica tenho a honra de comunicar-lhe que procurei já enviar os numeros ainda disponiveis do nosso Boletim ao seu endereço. Vol. VIII vae ser distribuido em breve/ Os meus cumprimentos!/ Dr. E.Snethlage/ Diretor [sic] interino do Museu Goeldi*”

Roquete Pinto, como permuta a espécimes de plantas enviadas àquela instituição.



Cartão postal enviado por Emilie Snethlage a Guido Straube, acompanhando a remessa de material bibliográfico.

Straube foi reconhecido como dedicado professor, fundamentado pelas obras mais completas da época. Visando o enriquecimento de suas aulas, adquiria e mantinha em sua residência dezenas de animais empalhados, cuidadosamente expostos em armários. Além deles, conservava coleções de minerais e rochas, fósseis, crânios e, ainda, vários outros organismos (p.ex. répteis e aracnídeos) guardados em álcool. Em armário especialmente construído com gavetas cobertas com vidro, dispunha exemplares de besouros e borboletas, presos com alfinetes de aço importados da Alemanha, conservados com produtos químicos e todos devidamente identificados. Grande parte desse material foi comprada no Rio de Janeiro²⁴⁶ ou obtida

²⁴⁶ Segundo consta (E. C. Straube, 1992:91) oriundo da empresa francesa “Les fils d’Emile Deyrolle”, especializada em materiais didáticos.

durante suas viagens pelo interior do Paraná, muitas das quais resultantes de excursões em que levava os alunos para conhecer locais de interesse como a Serra do Mar, a Gruta da Bacaetava (Colombo) e outros.

Quando de seu falecimento, a viúva (Myriam da Costa Straube, pertencente à primeira turma de dentistas mulheres do Paraná) doou todo o acervo, de grande valor didático, ao Museu Paranaense (E.C.Straube, 1992:84):

“O Conselho Administrativo do Museu Paranaense, em agosto de 1939, aprova por unanimidade, criar naquela entidade uma sala, da seção de zoologia, com o seu nome, prestando assim ‘uma justa homenagem ao professor emérito que em nosso meio consagrou grande interesse ao estudo das ciências naturais’. A ‘Sala Professor Guido Straube’, recebe o número 2, e foi dedicada às coleções de invertebrados. Foram encaminhados, pela família, diversos exemplares de animais e espécimes botânicos, preparados e classificados pelo homenageado. Anos mais tarde, o Museu passou por reforma, e as sete salas criadas foram desativadas, ficando aquela entidade somente com características históricas”.

Também era de sua responsabilidade um razoável acervo de História Natural que figurava em uma sala especial do antigo Ginásio Paranaense, citada em 15 de abril de 1932 pelo jornal “A Tarde” (E. C. Straube, 1992:56):

“Penetramos na sala de História Natural, e ficamos verdadeiramente encantados com o espírito dinâmico e organizador de Guido Straube. Os

armários de cristalografia, mineralogia e paleontologia nos surpreenderam. E mais foi nossa surpresa quando soubemos que todo aquele material é levado e doado ao estabelecimento pelo dr. Guido, catedrático de História Natural e pelos seus alunos. O governo não dispendeu um só real para aquela belíssima e valiosa aquisição. Os espécimes zoológicos são os mais variados. A gente sente, dentro daquela sala, a grandeza e a riqueza do Brasil”.



Sala Guido Straube, quando da reinauguração do Museu Paranaense em 1939 (Fonte: Maranhão, 2006).

Esse acervo, iniciado por ele em 1919, encontra-se atualmente guardado no Museu Guido Straube, criado em 1979 e inaugurado em 1985, nas dependências do Colégio Estadual do Paraná, instituição de ensino curitibana da qual fôra diretor entre o ano de 1932 e o dia seu falecimento.

A sua dedicação incondicional ao magistério e às observações da natureza, acumulados com uma malária adquirida na Ilha do Mel, foram minando a sua saúde, forçando-o a vários períodos de licença para tratamento. Mesmo assim, prosseguiu com seu trabalho, apesar das grandes dificuldades.

Às 9 horas de manhã do dia 21 de janeiro de 1937 falece o grande sábio, pouco depois de tentar escrever para seus amigos Algacyr Mäder e Altamirano Nunes Pereira (*vide*). Durante o seu velório, realizado em sua residência no casarão centenário até hoje existente, consta que – nas primeiras hora do dia 22 – um beija-flor adentrou o recinto, dando um voo sobre os presentes e retirando-se em seguida pela janela entreaberta (E. C. Straube, com.pess.). Era uma manifestação de luto, expressada pela natureza viva que ele tanto amou e tanto tempo dedicou ao seu estudo e compreensão.

Seu retrato encontra-se na galeria de ex-professores do Colégio Estadual do Paraná, sendo ali instalado em cerimônia realizada em 20 de fevereiro de 1937, pelo então diretor Francisco Villanueva que, em discurso, assim se manifestou:

“Como se vê, era o espírito do dr. Guido dado às investigações científicas com uma dedicação, com um amor, com uma perseverança, que poderão ser igualados, mas não superados. Entre as suas conquistas no terreno do saber, avulta o fato pouco vulgar de ele manejar, com

perfeição, quatro idiomas: português, francês, alemão e inglês.

Compreendia o dr. Guido ser a atividade intelectual uma das mais nobres a que se possa o homem entregar e, porque assim compreendia, buscava em suas infatigáveis lucubrações o conhecimento da verdade, ávido em possuí-la. Obedecia nessa faina incessante a um dos mais categóricos imperativos da condição humana. Na sua ânsia incontida pelo saber, embrenhava-se pelas matas a dentro, percorria as infindas campinas, procurando surpreender os misteriosos arcanos. E quantas maravilhas não lhe foi dado contemplar aos esplendores do magnífico sol que banha a linda terra dos pinheirais!

A propósito, vejo em espírito o dr. Guido, o grande amigo da natureza, quedar-se pensativo a contemplar o gracioso vôo de formosa borboleta, impressionado com os delicadíssimos desenhos e matizes das simétricas asas. E a que conclusão não terá então chegado lá no seu íntimo, a arguta inteligência, a meditar sobre a inteligência plasmadora daquela maravilha de arte inigualável e fascinante beleza?...Que responda a última visita das suas amiguinhas, as borboletas.” (E. C. Straube, 1992:77).

Cronologia

- 1930** Paraná adere à Revolução de 30, quando membros da Aliança Liberal (de Getúlio Vargas) manifestaram-se contrariamente ao situacionismo do Partido Republicano (de Júlio Prestes) e às oligarquias que dominavam o poder. Forma-se um grupo enorme de revolucionários, dos quais uma coluna avança até a Fazenda Morungaba (local visitado por vários naturalistas desde o Século XIX) onde trava-se combate que culmina com a derrota dos legalistas. As tropas do governo tomaram posição no ponto estratégico formado pelos cânions do rio Itararé (o mesmo local descrito por Saint Hilaire em sua viagem de 1820), usando-se vantajosamente deste atributo orográfico.
- 1930** Falecimento de Hermann von Ihering.
- 1930** Primeiro número da revista "*Journal of Field Ornithology*", lançado pela *Association of Field Ornithologists*.
- 1930** EMIL KAEMPFER chega ao Paraná.

O general **JOSÉ DE LIMA FIGUEIREDO** (n. Rio de Janeiro: 2 de junho de 1902; f. Rio de Janeiro: 4 de julho de 1956) foi engenheiro, jornalista, astrônomo amador e escritor. Com 15 livros publicados, dentre eles “Limites do Brasil”, “Índios do Brasil”, “A Noroeste do Brasil e a Brasil-Bolívia”, “Grandes soldados do Brasil” e “Cidades e Sertões”, assina também diversos artigos técnicos ligados à geografia, história e sociologia, divulgados pela Revista Brasileira de Geografia, Boletim Geográfico e órgãos de divulgação do Exército (RBG, 1956).

Figueiredo ocupou cargos de destaque no Exército e na administração civil: foi oficial de gabinete e *ghost writer* do presidente Eurico Gaspar Dutra, além de comandante da Escola de Educação Física do Exército (1941-1942). Junto ao marechal Rondon, participou da fundação do Instituto de Geografia e História Militar do Brasil em 1936. Entre 1946 e 1950 foi diretor da Estrada de Ferro Noroeste do Brasil e, logo depois, elegeu-se deputado federal (PSD: Partido Social Democrático) pelo estado de São Paulo em 1950, nesse cargo realizando ampla obra política, dentre elas o parecer que fundamentou a criação de Petrobrás.



José de Lima Figueiredo (1902-1956) (Fonte: editorial Revista Brasileira de Geografia 20(1):109, 1958).

Começou sua carreira militar como ajudante de ordens de Rondon, designado em 1928 para inspecionar as fronteiras brasileiras com o Peru e Bolívia e, já ingresso na Comissão Rondon, investigou o estado do Acre, publicando farto material alusivo. Na mesma época, percorreu quase toda a fronteira do Brasil em contato com a Venezuela, Guianas, Guiana Francesa, Colômbia, Paraguai e Argentina (Corrêa-Filho, 1958).

Nessas condições é que, no ano de 1930, realizou uma viagem pelo interior do Paraná, que acabou relatada no

livro “Oéste Paranaense” (Lima-Figueiredo, 1937)²⁴⁷. Essa obra é valiosa pois informa detalhadamente as várias vias de acesso disponíveis na época, bem como descrições sumarizadas das cidades visitadas e algumas indicações sobre paisagens, vegetação e outros componentes. Da avifauna há algumas menções isoladas, com certo valor, dispersas ao longo da leitura.

Para a região entre as colônias de Virmond e Amola Faca (hoje, respectivamente, sede de município com mesmo nome e a atual Colônia Queiroz Filho), o autor cita (Lima-Figueiredo, 1937:40-41) o que seriam papagaios-de-peito-roxo (*Amazona vinacea*) e maracanãs²⁴⁸:

*“Em bandos barulhentos, os **papagaios e maracanãs** procuram os laranjais, esvoaçando com grande alarido, quando alguém se aproxima deles. Experimentei meu ‘colt’, fazendo um disparo. Tiro feliz: caiu o **papagaio** praguejando. Ordenei que o cozinhassem. Meu motorista, que é excelente cozinheiro, respondeu-me que a sua carne era muito dura. Retruquei-lhe que na mata havia muita lenha e o serviço foi feito. Após duas horas de fogo intenso, consegui mastigar as duras fibras do pobre trepador, porém tive que desistir do intento, porque o gosto amargo da sua carne era...de laranja amarga”.*

Em data precisamente indicada, surge menção a jacutinga (*Aburria jacutinga*) e uru (*Odontophorus*

²⁴⁷ Uma versão bem resumida deste livro (e ilustrada com fotografias) consta em “Paraná-oeste” (Lima-Figueiredo, 1944), artigo publicado pela Revista Brasileira de Geografia.

²⁴⁸ Mais provável se tratarem de periquitões (*Aratinga leucophthalma*) do que os legítimos maracanãs (*Primolius maracana*), raros naquela região.

capueira) às margens do rio Floriano, hoje zona intangível do Parque Nacional do Iguaçu (p.54-55):

“17 de Junho [de 1930]: [...]

*Pudemos hoje, durante a nossa viagem, caçar algumas **jacutingas**, que pelo seu tamanho e qualidade da carne constituem excelente caça. Achei encantador o bando de **urús**. O **urú** é um passaro cinzento, mais ou menos do tamanho de um pombo comum e costuma andar aos bandos, formando uma verdadeira orquestra, tendo por maestro o seu chefe. É interessante o concerto. Depois de uma revoada, pousam todos em altos galhos; o chefe canta em primeiro lugar e em seguida seus companheiros fazem o estribilho”.*

Na foz desse importante rio, onde o autor mediu a largura do rio Iguaçu (533 metros), ainda relata “...a cajarâna, onde aos bandos os **papagaios** veem saborear seus frutos” (p.57).

Para a região de Guaíra, exatamente nos saltos das Sete Quedas, o autor informa sobre a presença bem conhecida de andorinhões (*Cypseloides senex*) abrigados nas entranhas rochosas protegidas pelo enorme volume de água (p.116):

*“De repente, pareceu-me que um sêr estranho havia furado a quêda dagua para penetrar na rocha. Concentrei meu olhar e vi varias **andorinhas** furarem a caudal para penetrar nas tocas existentes na pedra, onde tinham os ninhos. O inteligente passaro sabia que ali estava*

resguardado contra qualquer intervenção de outro animal. A gaiata avezinha esvoaçava em torno da quêda, como si estivesse procurando o lugar do ninho, depois como uma flecha, célere atravessava a massa líquida...”

Depois dessa visita para os saltos, Figueiredo resolve inspecionar os marcos de fronteira na Serra de Maracajú. Para isso, cita o momento em que tomou a “*lancha a gazolina*” e quando passou o canal do Pacu, situado entre a ilha do mesmo nome e a Ilha Grande (p.118):

“Neste belo trecho vimos muitos passaros grandes, como a iuma e o manguarí e bandos interessantes de biguás que, sem o minimo temor, esperavam que nossa lancha passasse para serem embalçados no banzeiro”

Essa informação é de fato relevante pois, além da presença dos biguás (*Phalacrocorax brasilianus*) e do maguari (*Ardea cocoi*), aparece como registro de grande importância a “iuma” (ou melhor, anhuma) (*Anhima cornuta*). A espécie, que já foi considerada extinta no Paraná, é atualmente ameaçada nesse Estado; recentemente foi contactada em duas localidades sob direta influência do rio Paraná, mas sua raridade é evidente, em decorrência desta unidade da federação constituir-se de limite meridional de distribuição, bem como pela constante destruição de seu hábitat preferencial, ou seja, ambientes aquáticos de grandes extensões associados a extensas áreas de mata (Straube *et al.*, 2004; Patrial, 2008). Conta com visualizações na Reserva Biologica de Mbaracayú, no Paraguai e, eventualmente, em áreas limítrofes do Mato

Grosso do Sul (Pérez & Colmán, 1995; Straube *et al.*, 1996) mas, em geral, seus pontos extra-amazônicos de contatos recentes são pouquíssimos.

Logo após essa indicação, surge outro detalhe de grande interesse, agora no campo historiográfico. Figueiredo cita ter sido acompanhado, nesse percurso fluvial, por uma certa personalidade (p.120-121):

“Acompanhou-me nesta visita o ornitólogo alemão Dr. EMIL KEMPFER, que com sua esposa trabalhavam para o Museu de New-York. O Dr. EMIL, quando encontrava um passaro, tomava o seu caderno e anotava as atitudes da ave. Muitas vezes demorava tanto no estudo do animalzinho que êste, cansado de esperar pelo tiro, fugia. O Dr. EMIL não descansava enquanto não achasse novamente a ave cubiçada. Desde que a topasse, atirava com firmeza, matando-a. Sua senhora abria o pássaro, empalhando-o, de sorte que no final ficasse na mesma atitude em que fôra observado. O ornitólogo examinava cuidadosamente o bico, os olhos, os pés, a cauda e a cor para, finalmente, com etiqueta, classificá-lo. O dr. KEMPFER já possuía daquela região sessenta especimens diferentes.”

Embora pareça uma citação corriqueira de pequeno interesse, cabe lembrar que a expedição Kaempfer, tratada com mais minúcias abaixo, dispõe de raríssimas informações adicionais que não resumidas às poucas contribuições de Elsie Naumburg, a ornitóloga que o contratou para a longa peregrinação ao Brasil. Nesse sentido, o pequeno trecho oferecido por Lima Figueiredo pode ser considerado um dos poucos, senão o único, relatos independentes sobre a presença daquele naturalista alemão

em terras paranaenses. O fato de ambos terem dividido espaço e tempo na região das Sete Quedas reforça inclusive a nossa hipótese sobre o itinerário de Kaempfer ao Paraguai, dedicando parte de seu cronograma para um certo desvio de rota para sul, a fim de incluir Puerto Bertoni em sua rota de investigação²⁴⁹.

Ao longo de sua obra, Lima-Figueiredo (1937) também faz menção a vários aspectos interessantes sobre outros elementos da fauna e especialmente da flora nos locais visitados. Uma delas é alusiva às abelhas europeias (“*oropas*”), encontradas em grande abundância ao longo do rio Floriano. Essa mesma situação foi-nos possível constatar *in situ*, quase 60 anos depois (Straube *et al.*, 2004) e traz à tona a discussão sobre o fato dessa invasão ser consideravelmente antiga.

Os relatos de Figueiredo, alguns pontuais, outros generalistas, são também importantes no contexto da história ambiental do Paraná, haja vista seu cuidado descritivo, o que os torna utilíssimos para tecer comparações entre a vegetação encontrada nos anos 30 e o estado atual de conservação daquelas matas. Nesse sentido, merece destaque o detalhamento dado por ele às condições observadas quanto às inúmeras companhias colonizadoras atuantes no oeste paranaense que, com efeito, foram as grandes responsáveis pela completa destruição das paisagens naturais da região em pouco mais de quatro décadas.

Outra intervenção importante refere-se à localidade de Puerto Bertoni (p.99):

*“Á jusante dêste porto (Gibaja) se
acha o denominado Bertoni, no qual ha uma*

²⁴⁹ Também o *modus operandi* de Kaempfer como coletor, auxiliado por sua esposa na tarefa de taxidermia, aliás já colhido em entrevistas (Straube & Scherer-Neto, 2001) parece definitivamente confirmado.

estação meteorologica, uma escola de agronomia e um parque botanico, organizados pelo Dr. MOISÉS BERTONI, de nacionalidade suissa e falecido ha quatro anos. Êste grande sabio, tão pranteado pelo pôvo paraguaio, fundou em 1905 uma estação agronomica que se foi desenvolvendo de acôrdo com o projeto de estudo da flora regional, que muito preocupava o grande naturalista.

Nos arredores do porto que tem seu nome, reuniu 7.500 especies de floricultura, 33.000 exemplares da região e 6.000 novidade do país.

Aclimatou o café e o plátano com otimos resultados.

Entre as novidades conseguidas por D.MOISÉS, há uma erva cujas folhas contêm açúcar. Basta colocar uma ou duas folhas no chá ou no café, para que êles se tornem adocicados.

Informaram-me que BERTONI conseguira êste precioso especimen da flora paraguaia, depois de muito tempo em contacto com os indios”.

Essas informações, talvez intercambiadas com Emil Kaempfer, podem ter sido o motivo para uma pequena alteração no itinerário do naturalista alemão (vide sob Emil Kaempfer). A erva citada por Figueiredo é *Stevia rebaudiana*, um arbusto da família Asteraceae, descoberto e descrito cientificamente por Bertoni e de ampla exploração comercial na atualidade.

Provavelmente nenhum dos grandes naturalistas coletores que estiveram no Brasil é tão desconhecido, no tocante a detalhes biográficos, quanto EMIL KAEMPFER²⁵⁰. Embora seja o responsável por uma das maiores coleções de aves brasileiras de todos os tempos, obtida entre 1926 e 1931 desde o Nordeste do país até o extremo Sul (além do Paraguai e Uruguai), inexistem biografias publicadas e mesmo as poucas informações, dispersas na literatura, são absurdamente escassas²⁵¹.

É possível que parte da história perdida se deva às variações de grafia de seu sobrenome, também aceito como Kämpfer ou, ainda, sob outras variantes²⁵². Naumburg (1928:60), para complicar a questão, escreve, logo na abertura do seu artigo: “*Mr. Ernst Kaempfer and his wife have been in Brazil...*”; Ridgely & Tudor (1989), por sua vez, grafam “*Emil B. Kaempfer*”.

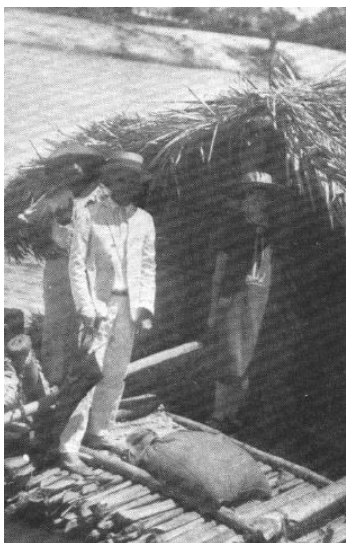
Sick (1985, 1997) diz ser coletor alemão, enquanto Oliveira (2003) refere-se a ele como naturalista austríaco. Camargo (1962) informa que ele teria falecido em Nova York em 1953, o que se trata de uma óbvia confusão com

²⁵⁰ Lembro que há um médico, linguista, desenhista, entomólogo e botânico chamado Engelbert Kaempfer (1651-1716), nascido em Lemgo (Westfália, Alemanha) que, entre 1683 e 1689, realizou uma grande peregrinação pela Rússia, Pérsia, Índia e Japão. Destacou-se como botânico, formando grande herbário e existem alguns táxons descritos em sua homenagem (*kaempferi* e *Kaempferia*), mas não foi possível estabelecer algum tipo de conexão genealógica com o naturalista aqui biografado.

²⁵¹ Até mesmo minhas tentativas de encontrar documentos junto aos arquivistas do *American Museum of Natural History* foram infrutíferas.

²⁵² Como Kemper, Kempfer, Kempffer e mesmo Kämpfer, tal como apontado em alusão a Engelbert Kaempfer, no editorial da Revista *The Linnean*, 2001; volume 17, páginas 18 a 26.

Elsie Naumburg, revisora de seu material que de fato faleceu em 1953 nessa mesma cidade.



Recorte das duas únicas fotos conhecidas de Emil Kaempfer: à esquerda, em traje de gala junto a sua esposa, no rio Uruçuí (Piauí) e, à direita, em algum ponto entre São João dos Patos (Maranhão) e Uruçuí (Piauí) (Fonte: Naumburg, 1935: prancha 12, figura 2 e prancha 8).

Por sua vez, Erwin Stresemann (*in*: Haffer, 1997:202) afirma: “*Emil Kaempfer sammelte später in Brasilien (1926-1931) für Frau Elsie Naumburg (American Museum of Natural History, New York) und lebte anschließend in São Paulo*”²⁵³. Essa informação, sem mais detalhes adicionais, é curiosa visto que nenhum outro autor cogitou a possibilidade de Kaempfer ter residido no Brasil após sua viagem.

²⁵³ “Emil Kaempfer colecionou mais tarde no Brasil (1926-1931) para a senhora Elsie Naumburg (*American Museum of Natural History* em Nova York), em seguida viveu em São Paulo”.

Isso, porém, está rigorosamente correto com base em diversos documentos obtidos nos últimos anos e aqui apresentados com ineditismo. Já de antemão cito uma nota presente no jornal “Correio Paulistano”²⁵⁴ que traz a informação de uma viagem aérea (novembro de 1940) pelo noturno da empresa Cruzeiro do Sul: “*Pelo ‘Cruzeiro do Sul’ seguiram hontem, para o Rio de Janeiro, os srs: [...] Emil Kaempfer e senhora [...]*”, portanto quase uma década depois daquela que seria considerada a data da conclusão de seus trabalhos no Brasil.

Seu nome também aparece mencionado no *Foreign Commerce Weekly* para o ano de 1947: “8. Brazil – *Emil Kaempfer, 561 Rua Libero Badaro, Sao Paulo, is interested in acquiring additional agencies for metalworking tools and other hardware lines. Scheduled to arrive early in May, via New York City, for a visit of 6 weeks. U.S. address: c/c Richard Nathan Corp., 29 Broadway, New York, N.Y. Itinerary: New York, New Haven, New Britain, Buffalo, Detroit, Chicago, and Cleveland*”. Note-se que o *Foreign Commerce Weekly* era um veículo de informação do *United States Department of Commerce*, por meio do *Bureau of Foreign and Domestic Commerce*, com a finalidade de acolher, promover e desenvolver o comércio interno dos EUA. O nome de Emil Kaempfer é mencionado (Volume 27, nº 8 da edição de 24 de maio de 1947, p.11) no subtítulo “*Foreign Visitors*”. Como se vê no texto, sua presença naquele país é noticiada por um período de seis semanas a partir de maio de 1947, quando manteve relações comerciais ao longo das cidades visitadas.

Essa viagem ocorreu de fato em 8 de maio de 1947, conforme lista de passageiros de um voo saído de Buenos Aires, como escala no Rio de Janeiro e destinado a Nova York. Ali Kaempfer informa sua nacionalidade brasileira,

²⁵⁴ Edição de 15 de novembro de 1940, p. 4: “Vida Social”.

profissão (*Merchant*) e uma série de outras informações²⁵⁵. Sobre a mesma viagem, os registros do Serviço de Imigração e Naturalização dos EUA incluem e confirmam alguns outros dados pessoais ou episódicos: Kaempfer estava em viagem de negócios para Nova York, na qualidade de representante da *Richard Nathan Corporation* e, além disso, informa sua cidade natal e alguns outros detalhes²⁵⁶.

Eis que, com base nesse documento, se descobre finalmente a cidade natal de Kaempfer, até então desconhecida: “*Posen*”, ou seja, Poznań, hoje na Polônia. Cabe ressaltar que, durante o domínio germânico do território polaco, a cidade pertencia ao Estado que hoje se conhece como Alemanha, mas ao território atual da Polônia. Essa dominação se estendeu por vários séculos (desde 1791) até o reestabelecimento do estado polonês em 1918. Durante todo esse tempo havia intenso processo de germanização da região, ainda que – ao fim do Século XIX – Poznań contasse com apenas um terço de seu efetivo composto por etnias germânicas.

O que parece bastante interessante é a coincidência, no período de apenas três anos (1928-1930) de dois nativos dessa cidade coletando espécimes de aves no Paraná: Kaempfer e Fiedler, sendo ambos mais ou menos contemporâneos²⁵⁷. Essa conexão, se curiosa no que diz

²⁵⁵ Por exemplo, o endereço: “*51, Itajaçu Str[ee]t., S[ão]. Paulo*” e o passaporte brasileiro de nº 006781 expedido em 13 de fevereiro de 1946 (Fonte: Passengers and crew lists of vessels arriving at New York, 1944-1957; arquivo www.familysearch.org).

²⁵⁶ “*Race: GN [German]; Height Ft. 5; in 9 [5 feet and 9 inches = 5’9” = 1,75 m]; Complexion: Fair; color of hair: Brown; [color] of eyes: Brown; Married; Occupation: Executive; Able to read: Portuguese, English*”. Também menciona uma visita anterior aos EUA, para Miami em 1946 e o tempo que intencionava permanecer em Nova York: 3 meses, para o qual portava apenas US\$ 200,00! (Fonte: Passengers and crew lists of vessels arriving at New York, 1944-1957; arquivo www.familysearch.org).

²⁵⁷ Repetimos: Kaempfer nasceu em 1889, Fiedler em 1894. Ainda assim, parece lícito admitir ao primeiro a naturalidade germânica e, ao segundo, a polaca – também por ser o que eles próprios assumiam para si. Como visto adiante, desde pelo menos 1906 Kaempfer

respeito às datas, faz todo o sentido se considerarmos que Poznań é historicamente uma cidade fortalecida por atividades científicas, algumas delas inclusive com relações com o Paraná. Desconsiderado Fiedler, é de lá a família de naturalistas famosos como Władysław Taczanowski e foi lá impresso o livro “*Parana*” de Tadeusz Chrostowski (Chrostowski, 1922; Straube, 2016).

Voltando-nos a Kaempfer, observa-se que ele, já estabelecido no Brasil, assumira a profissão de representante comercial de equipamentos. De fato são numerosas as menções a Kaempfer nos diários oficiais da União²⁵⁸ entre 1943 e 1950, em informes alfandegários de uma infinidade de itens (máquinas retíficas, limeiras, folhas de serra, furadeiras elétricas, perfiladeiras, compressores de ar, acessórios para ônibus e caminhões) importados dos EUA .

Além disso, outros dois documentos informam a participação de Kaempfer como cliente estrangeiro em São Paulo da “*Anton Smit & Company, Inc.*”, uma empresa de Nova York relacionada com o comércio internacional de diamantes para uso industrial²⁵⁹. Tudo indica que ele, findada a sua tarefa de coletar espécimes, abandonou totalmente esse trabalho, passando a sobreviver de um ramo totalmente diferente²⁶⁰.

já residia em Berlim, capital alemã, distante de Poznań por cerca de 250 quilômetros a oeste.

²⁵⁸ Vide [https://www.jusbrasil.com.br/diarios/ sob Emil Kaempfer](https://www.jusbrasil.com.br/diarios/sob%20Emil%20Kaempfer).

²⁵⁹ Nessa condição ele foi, junto com Harry Rice (supervisor tesoureiro da *Anton Smit & Co.*) e diversos outros agentes comerciais da América do Sul, investigado pelo *Foreign Funds Control* do governo americano, durante essas transações, algumas delas realizadas sem as licenças necessárias (Arquivos da *Clinton Presidential Library & Museum*: <https://clinton.presidentiallibraries.us>, caixas 20123/6 (830030) e 20127/6 (830030)). Parece tentador supor que ele tivesse adquirido pedras preciosas de vários tipos durante sua viagem pelo Brasil tendo aos poucos as vendido desavisadamente.

²⁶⁰ Conforme salientado por Vitor de Q. Piacentini (2017, *in litt.*): “Parece inacreditável que alguém que tenha coletado 13 mil aves em locais ornitologicamente desconhecidos tivesse simplesmente abandonado por completo todas as suas ligações com o ofício de coletor e explorador. E, ainda mais surpreendente, morando em uma cidade com uma bem representada coleção zoológica sem que sequer tenha visitado o acervo ou mantido contato com os responsáveis”.

Ocorre que Kaempfer não somente permaneceu no Brasil após o fim de sua jornada como naturalizou-se brasileiro já no fim da Segunda Grande Guerra, conforme consta no Diário Oficial da União de 8 de fevereiro de 1945 (Seção I, p. 2167):

“CONCEDER A NATURALIZAÇÃO QUE PEDIRAM A FIM DE QUE POSSAM GOZAR DOS DIREITOS OUTORGADOS PELA CONSTITUIÇÃO E LEIS DO BRASIL [...]”

Na conformidade do art. 1.º, letra “1”, do Decreto-lei n.º 389, de 25 de abril de 1938:²⁶¹

“Emil Kaempfer, natural da Alemanha, nascido a 7 de fevereiro de 1889, filho de Louis Kaempfer e de Ana Kaempfer, residente no Estado de São Paulo.”

Adicionalmente, segundo o Registro de Estrangeiros (Delegacia de Fiscalização de Entrada, Permanência e Saída de Estrangeiros), passou a ter residência fixa na Praça Oswaldo Cruz, n.º 34, no bairro Paraíso, em São Paulo²⁶².

²⁶¹ Esse decreto-lei é o que regula a nacionalidade brasileira.

²⁶² Segundo o mesmo documento, o “Registro Nacional de Estrangeiros (RNE)” que, a partir de 1938 passou a ser denominado “Carteira Modelo 19”, foi revalidado em duas ocasiões (1941 e 1944), teria se transferido nesse último ano para a Rua Itajassú, n.º 51 no bairro Pacaembu. Neste mesmo documento há, no verso, a indicação de duas revalidações: 12 de agosto de 1941 e 22 de novembro de 1944 quando informou estar residindo na “rua Itajassú”. Também constam os seguintes dizeres: “Recebi Pront[uário]. em 08/08/1985 – Claudio. Devolvido [rubrica] 08/08/1985”. Se essa data corresponde à baixa do documento, parece sugestivo que também aluda ao período de seu falecimento. Isso seria absolutamente formidável e, uma vez confirmado, indicaria que Kaempfer teria falecido em São Paulo aos 97 anos de idade sendo, portanto, contemporâneo de vários ornitólogos que se encontram em plena atividade no Brasil!

N.º 32693
A.M.F.

REGISTRO DE ESTRANGEIROS

DELEGACIA DE FISCALIZAÇÃO DE ENTRADA,
PERMANENCIA E SAÍDA DE ESTRANGEIROS

NOME EMIL KAEMPFER

Admitido em território nacional em caráter PERMANENTE

Nacionalidade ALEMA

Pai LUIZ Mãe ANNA

Profissão ZOOLOGO

Carteira de identidade n.º 553.294 Registro n.º 32693 - EXP. EM 10/11/39

Residência PRAÇA OSWALDO CRUZ n.º 34

Emprego Local

DELEGADO DE FISCALIZAÇÃO DE ENTRADA,
PERMANENCIA E SAÍDA DE ESTRANGEIROS

Embora sem a confirmação necessária, acredito que sua esposa seria KATHE SINGER (KAEMPFER), naturalizada brasileira apenas três anos depois, segundo comunicação oficial do DOU: “*Kathe Kaempfer, natural da Alemanha, nascido [sic] a 12 de novembro de 1892 filho de Aron Singer e de Henrietta Singer residente no estado de São Paulo*”²⁶³. Note-se que o nome completo da “senhora Kaempfer” é omitido em todas as obras conhecidas, sendo esse um detalhe incômodo em virtude de sua valiosa contribuição para o sucesso da expedição, como tratado adiante.

Aqui é importante lembrar que o último ano em que ambos trabalharam como coletores no Brasil inclui-se em um momento icônico na economia mundial. Faz, então, algum sentido que não tivessem retornado à Alemanha devido à situação de instabilidade econômica, política e

²⁶³ Diário Oficial da União de 22 de outubro de 1948, Seção I, p. 15383. Também no Jornal do Brasil (ano 58, nº249), edição de 22 de outubro de 1948, p.5. Minhas tentativas de obter a confirmação para esse nome, além de informações complementares via ministérios da Justiça e das Relações Exteriores (março de 2017) e sede da Polícia Federal em Curitiba (dezembro de 2017), contudo, foram infrutíferas.

social do país, como decorrência da chamada “Grande Depressão”, situação que se repercutiu por toda a Europa e América do Norte, causando uma enorme recessão já desde 1929.

Também suspeito que Kaempfer fosse membro da comunidade judaica, assim como era judia a patrocinadora de sua viagem ao Brasil, Elsie Naumburg²⁶⁴ (Le Croy, 1997). Indicações mais recuadas, que antecedem sua viagem ao Brasil, apontam que teria morado em Berlim, ao menos em 1906, conforme notificação de sua adesão como membro da *Internationalen Entomologischen Verein*²⁶⁵ publicada no periódico *Entomologische Zeitschrift* onde informa o endereço “No. 3955. – Herr Emil Kaempfer, Charlottenburg, Pestalozzistr[asse]. 92a.”. Esse mesmo local é indicado em sete anúncios na revista, nos quais demonstra interesse na compra e venda de espécimes de insetos. Também é de Berlim outro endereço (“57 Kaiser Friedrichstrasse, Charlottenburg, Berlin, Germany”)²⁶⁶, para onde seguiram as correspondências do barão de Rothschild²⁶⁷, entre 2 e 7 de novembro de 1911.

Note-se que *Pestalozzistrasse* é um dos mais importantes centros da comunidade judaica de Berlim, situada no antigo distrito de *Charlottenburg* onde, inclusive, se localiza a sinagoga Pestalozzi (construída em

²⁶⁴ Vide portal da *Jewish Women's Archive*: <http://jwa.org/encyclopedia/article/naumburg-elsie-margaret-binger>.

²⁶⁵ Anunciada na *Entomologische Zeitschrift* (ano 13, n°19, p.78; edição de 1° de julho de 1905).

²⁶⁶ Esse era o endereço de seus pais, de acordo com o catálogo de endereços de Max Haberlandt para 1911 (*Haberlandts Bauten-Nachweis für Berlin und Umgegend*, p.1310): “[KÄMPFER] LOUIS, Bürsten u[nd]. Scheuertücher Engr[os]. Charlottenbg. Kaiser Friedrich. Str[asse]. 57.”; ou seja, seu pai era atacadista de escovas e panos de limpeza [http://digital.zlb.de/viewer/image/10089470_1911/2/]

²⁶⁷ Fonte: Arquivos do *Natural History Museum* (Tring, Inglaterra): URL: <http://www.nhm.ac.uk/our-science/departments-and-staff/library-and-archives.html>; acessada em 20 de janeiro de 2016.

1911-1912)²⁶⁸. Assim, embora puramente especulativa, a possibilidade de Kaempfer ter se radicado no Brasil poderia ter outro motivo em especial: a grande ascensão de Adolf Hitler e suas ideias antissemitas, iniciadas já no começo dos anos 30.

Do início do Século XX dispõe-se também de um anúncio²⁶⁹ datado de julho de 1907, no editorial da revista *Societas Entomologica* (volume 22, nº 8 de 15 de julho de 1907:62) e com endereço em Hamburgo:

“Cylindrische Pappdosen (5 1/2 cm X 7 1/2 cm) mit Ringschieber zum getrennten Einsammeln von Raupen, 1 Dtzd. franko 1 Mk. Kleine Dosen zum Mitnehmen lebender Falter zwecks Eiablage 1 Dutzend franko 60 Pf. Nachnahme (20 Pf. mehr) oder Voreinsendung. In nächster Zeit erhalte ich eine Faltersendung aus Haiti, die ich en bloc verkaufe und erbitte deshalb Offerten.

Emil Kaempfer, Altona-Ottensen”²⁷⁰

Essa nota remete ao seu interesse pelos insetos, ao menos no ponto de vista comercial, uma vez que a revista *Societas Entomologica* (editada entre 1886 e 1930) era um órgão de divulgação da “*internationalen Entomologen-*

²⁶⁸ Charlottenburg é uma antiga cidade berlinense, hoje um bairro do distrito de Charlottenburg-Wilmersdorf. Vide site:

<http://www.jg-berlin.org/en/judaism/synagogues/pestalozzistrasse.html>

²⁶⁹ Ali oferece para venda, uma série de equipamentos para coleta e criação de insetos (incluindo valores postais para a remessa), mas também uma coleção de borboletas do Haiti, para a qual solicita ofertas antecipadas. A oferta aparece na página 62 deste volume, mas é repetida na página 95 do mesmo volume (nº 12 de 15 de setembro de 1907), com o mesmo conteúdo.

²⁷⁰ “Frasco cilíndrico para coleta individual de lagartas (5,5 x 7,5 cm) [por] 1 D[utzen] franko 1 Mk. Frascos pequenos para manter mariposas vivas para oviposição [por] 1 Dutzend franko 60 Pf[ennig]. Pagamento em pronta-entrega (mais 20 Pf[ennig]) mais o valor do envio postal. Em breve receberei remessa de lepidópteros do Haiti, o qual venderei em lotes e, para isso, aceito propostas”.

Verein”, entidade sediada em Stuttgart. Impresso em Zurich, o periódico publicava pequenas notas técnicas sobre insetos, mas também tinha uma seção de “Anúncios” (*Anzeigen*), na qual espécimes eram oferecidos ou solicitados, cumprindo um intercâmbio entre colecionadores e cientistas.

Kaempfer realmente colecionou vários lotes de insetos, notadamente lepidópteros, quando de suas estadas na América Central (Clark, 1922) e também na América do Sul (p.ex. Caaguazu, Paraguay), de forma que ele também acabou algo conhecido pelos entomólogos.

Algo de que não se tem nenhuma dúvida é sua participação, antes de vir ao Brasil, como coletor de aves no Haiti e República Dominicana. De lá trouxe um acervo com pouco mais de meio milhar de exemplares de aves²⁷¹, hoje guardados no *American Museum of Natural History*. Segundo Wetmore & Swales (1931), Kaempfer encontrava-se ali engajado em diversas coleções zoológicas, tendo devotado um tempo considerável às aves. Estabelecido em *Puerto Plata* (região norte da República Dominicana) desde o fim do outono de 1921, explorou o litoral e as regiões montanhosas do país, sediando-se em *Sánchez* (Província de Samaná). A convite do editor do *Journal für Ornithologie* chegou inclusive a publicar os resultados de sua viagem ornitológica (Kaempfer, 1924:178):

“*Der freundlichen Einladung ds Herausgebers dieser Zeitschrift, etwas über meine ornithologischen Erfahrungen in Santo Domingo zu veröffentlichen, komme ich gern nach und gebe meine*

²⁷¹ Em San Domingo, Kaempfer também coletou dois ovos de tartaruga, enviados ao *Field Museum of Natural History* de Chicago, mencionados em relatório institucional (página 340 do “*Annual report of the Director to the Board of Trustees for the year 1924*”. Chicago, EUA, Publications of the Field Museum of Natural History, Report Series volume 6, numero 4, 1925.

*Schilderungen in Form einer Reise von der Küste in die Gebirge des Innern*²⁷².

É provável que Kaempfer tenha trabalhado na República Dominicana por intervenção de George Kruck Cherrie (1865-1946), famoso ornitólogo do *Field Museum of Natural History*, muito conhecido por suas contribuições sobre a avifauna brasileira durante a Expedição Rondon-Roosevelt, divulgadas por Naumburg (1930). Duas décadas antes, Cherrie (1896) havia publicado os resultados ornitológicos de sua viagem, realizada o ano anterior, para as Índias Ocidentais e é possível que tenha se interessado pelos serviços de Kaempfer para dar continuidade ao seu estudo.

Tratar de Kaempfer, de ornitologia e de Brasil, obriga uma menção a Elsie Margareth Binger Naumburg (n. Nova York, EUA: 1880; f. Nova York, EUA: 25 de novembro de 1953). Essa grande pesquisadora, embora estadunidense, estudou em Frankfurt e depois Munique (Alemanha) sendo que, nesta última cidade, acompanhou por vários anos o trabalho de Carl E. Hellmayr no Museu de História Natural. Retornando à terra natal, adentrou a equipe de Ornitologia do *American Museum of Natural History*, sob a supervisão do ornitólogo Frank Michler Chapman e, em 1924, atingiu o posto de *Associate Researcher*. Sempre teve interesse pela avifauna da América do Sul, certamente por influência de seu primeiro mestre, um dos mais conhecidos especialistas em avifauna neotropical de todos os tempos. Sua obra mais relevante é a revisão “*The birds of Matto Grosso, Brazil*” (Naumburg, 1930), um enorme artigo revisivo com 430 páginas, com todas as informações

²⁷² “Com a finalidade de publicar as minhas experiências ornitológicas em Santo Domingo, atendi o amável convite do editor deste revista, orgulhosamente oferecendo-lhe as descrições das viagens que fiz ao longo da costa e no interior do país”.

disponíveis até então sobre a avifauna daquela região, tendo como base fundamental a coleção feita pelo mesmo Cherrie, enquanto participante da Expedição Rondon-Roosevelt.



Elsie Margareth Binger Naumburg (1880-1953), revisora do material da Expedição Kaempfer (Fonte: Zimmer, 1955).

Em 1923 ela se casou ²⁷³ com Walter Wehle Naumburg (1867-1959), músico (era exímio violoncelista),

²⁷³ Segundo Zimmer (1955), ela era viúva de Victor Reichenberger, falecido em 1913, e suas publicações até esse tempo levavam o sobrenome do marido.

banqueiro de origem tcheca²⁷⁴ e mecenas de inúmeras iniciativas musicais, além de fundador (em 1925), da *Walter E. Naumburg Foundation*, criada com finalidade de financiar e acolher compositores e músicos que se encontravam em dificuldades.

Tanto Walter quanto Elsie tinham grande interesse pela música e, juntos, organizaram apresentações, competições e criaram várias entidades e linhas de financiamento para a causa. Em razão do interesse de Elsie pela ornitologia, é provável que a própria *Foundation* tenha destinado o patrocínio necessário para a viagem de Kaempfer ao Brasil, embora toda a literatura seja unânime em afirmar que esses recursos teriam vindo de iniciativa pessoal dela. Note-se que, quando seu orientador Frank Chapman faleceu, em 1945, ela criou, sob gerenciamento do *American Museum*, o famoso “*Frank M. Chapman Memorial Fund*”, com objetivo de patrocinar projetos de pesquisa em Ornitologia desenvolvidos por pesquisadores em início de carreira; e os primeiros a destinar verbas para essa iniciativa foram exatamente Elsie e Walter (Zimmer, 1955; Vuilleumier, 2006).

Elsie era profunda conhecedora da geografia sulamericana e conhecia muito bem a importância de certos aspectos de relevo, clima e vegetação como definidores da distribuição geográfica dos organismos vivos. Foi membro da várias entidades estadunidenses, como a *American Geographical Society*, a *National Audubon Society* (da qual foi diretora entre 1942 e 1948), a *Linnean Society* de Nova York e várias outras.

Elsie tinha planos de publicar um catálogo completo da coleção Kaempfer. No entanto, ao fim da Segunda

²⁷⁴ Seu pai, Elkan Naumburg (iniciador da E. Naumburg & Company), era também patrocinador do *American Museum of Natural History*, assim como ele próprio e seu irmão George.

Grande Guerra, dedicou-se com mais ênfase a causas humanitárias ligadas ao conflito e, desde então, fez frente a inúmeras iniciativas filantrópicas. A literatura em geral sugere que a partir de então ela tivesse abandonado seu interesse pela Ornitologia. No entanto, prosseguiu suas pesquisas até o fim de sua vida como pesquisadora associada do *American Museum* (Vuilleumier, 2006), tendo inclusive visitado o Brasil em agosto de 1949, em companhia de seu marido²⁷⁵. De acordo com Zimmer (1955): *“This left her no time to pursue active study of her Brazilian birds, but she continued to sponsor certain field work and at one time made a brief visit with her husband to Brazil to see the terrain and establish personal contacts with ornithologists in that country”*.

Como afirmado anteriormente, foi com recursos do casal Naumburg que, em meados da década de 20, ocorreu a contratação do naturalista Emil Kaempfer para colecionar espécimes ornitológicos no leste do Brasil. Segundo Zimmer (1955), desde 1926 “...até 1931, Kaempfer prosseguiu o envio de excelentes exemplares oriundos de localidades totalmente desconhecidas, incluindo muitas redescobertas, bem como raridades há muito esquecidas pela ciência”. Tais características qualificam a expedição Kaempfer como a mais produtiva viagem de colecionamento de aves no Brasil e, se o número de espécimes é bem próximo ao colhido por Natterer, o tempo para obtê-los foi muito mais restrito.

Infelizmente há pouco na literatura e mesmo em arquivos oficiais sobre essa excepcional viagem. A expedição foi noticiada em alguns periódicos brasileiros e

²⁷⁵ O casal esteve no Brasil oficialmente como turistas (hospedaram-se no Copacabana Palace) procedentes da Argentina, conforme atestam os respectivos vistos temporários da Ficha Consular de Qualificação, disponíveis on line em <https://familysearch.org/ark:/61903/3:1:S7WF-SSC7-99?mode=g&cc=1932363> e <https://familysearch.org/ark:/61903/3:1:S7WF-SSC8-59?mode=g&i=125&cc=1932363>. Teria Elsie visitado Kaempfer em São Paulo?

do exterior, mas não recebeu a atenção merecida, considerando-se a envergadura do projeto e do legado conquistado em prol das ciências naturais.

Também há menções variadas nos relatórios anuais do *American Museum of Natural History*²⁷⁶, mas pouco ali se pode colher de detalhes mais específicos sobre a viagem. Via de regra, essas notícias são superficiais e, a partir de 1936, tratam apenas do fato de Naumburg estar estudando o material, bem como das respectivas publicações.

No relatório para 1931 do Ministério das Relações Exteriores (BRASIL, 1934:48), além de outros indicados no item “Missões Científicas Estrangeiras” consta: “[...] a missão norte-americana, chefiada pelo Senhor Emil Kaempfer, do Museu Nacional de Historia Natural de Nova York, destinada ao Rio Grande do Sul”. Em 20 de abril de 1930, o jornal maranhense “O Imparcial²⁷⁷” notificou: “AS PLANTAS [sic] DO BRASIL. Rio, 19 – O Museu de História Natural, de New York, incumbiu o dr. Emil Kaempfer de vir ao Brasil, em missão especial, a fim de completar a collecção de pássaros brasileiros daquelle estabelecimento”.

Foi pouco o que consegui colher com relação a suas estadas, mesmo nos periódicos locais das unidades da federação que visitou. Parece que, a fim de conseguir apoio logístico e as devidas licenças, ele chegou a visitar autoridades locais – inclusive de alto escalão – como no caso do Paraná, quando esteve no gabinete do presidente da Província, Afonso Camargo, em 4 de fevereiro de 1930²⁷⁸. Quando em Salvador, consta isenção de impostos na barreira alfandegária, concedida pelo Ministério de Fazenda,

²⁷⁶ Por exemplo: AMNH, 1927:8, 68; 1928:21; 1929:21, 50; 1930:11, 68, 107; 1931:23, 177; 1932:21, 176; 1933:40; 1936:28; 1937:24; 1938:29, 45; 1939:14; 1940:12.

²⁷⁷ “O Imparcial”, ano 3, n° 60, edição de 20 de abril de 1928, p. 3.

²⁷⁸ “A Republica”, ano 45, n° 30, edição de 5 de fevereiro de 1930, p. 3.

em virtude do trabalho a ser realizado²⁷⁹. Sobre isso, o jornal “O Imparcial”²⁸⁰ noticiou:

O Museu de Nova York vae completar sua collecção de passaros do Brasil

Pelo Museu de Historia Natural de Nova York acaba de ser encarregado o Dr. Emil Kempfer, em missão especial, para completar a sua collecção de passaros do nosso paiz.

Em desempenho dessa incumbencia aquelle naturalista se dirigirá em primeiro logar para a Bahia, onde se demorará por algum tempo, afim de obter os bellos espécimes de passaro peculiares á região.

Em seguida seguirá para o Rio Grande do Sul, devendo ahi colleccionar exemplares dos passaros do Sul do Brasil, visitando, posteriormente, outros pontos de nossa terra.

O Sr. ministro da Fazenda, atendendo ao que solicitou a Embaixada Americana por intermedio do Ministerio do Exterior, mandou autorizar a Alfandega da Bahia a conceder os favores aduaneros ao enviado do Museu de Nova York, que traz, para o desempenho de sua missão, todo o equipamento necessario.

O destino da coleção foi quase que totalmente o *American Museum of Natural History* que, com algumas exceções decorrentes de permutas com outros museus, encontra-se em perfeito estado de conservação nessa

²⁷⁹ “Gazeta de Notícias”, ano 52, n° 93, edição de 21 de abril de 1928, p. 10

²⁸⁰ “O Imparcial”, ano 16, edição de 10 de abril de 1928, p. 8

instituição. Aqui mais um mérito a Kathe Kaempfer, pelo caprichoso trabalho de preparação dos espécimes.

A viagem dos Kaempfer ao Brasil, ao longo de quase seis anos de trabalho (portanto um terço do tempo gasto por Natterer), percorreu vários milhares de quilômetros que abrangeram, segundo a literatura oficial (Naumburg, 1935), grande parte da metade leste do Brasil, além de adjacências da República do Paraguai, inclusive o Chaco.

Sobre isso é importante esclarecer um fato que permanece adormecido na literatura²⁸¹. Kaempfer esteve de fato no Uruguai por três dias (11 a 13 de novembro de 1931), quando trabalhou na margem direita da desembocadura do rio Jaguarão (hoje cidade de Rio Branco, província de Cerro Largo) e de onde trouxe um pouco mais de uma dezena de espécimes. Ele também colecionou na margem brasileira (entre 16 e 21 do mesmo mês), portanto na atual cidade de Jaguarão (Rio Grande do Sul). Em ambos os casos ele menciona “*Mouth of Jaguarao*” (foz do rio Jaguarão, no meio da Lagoa Mirim) mas discrimina claramente, nos rótulos, se os exemplares foram colecionados no Brasil ou Uruguai²⁸². Naumburg (1935:467; cf. Naumburg, 1932:1) sequer informa o fato dele ter visitado o Uruguai e apenas inclui a localidade de “*Uruguay border (Dept. Santa Victoria – Alt. (not given); August 9-16, 1931*” junto aos sítios gaúchos. Esse ponto de fato está no Rio Grande do Sul, a sul da Santa Vitória do Palmar (talvez Chuí), mas é localidade diferente da anteriormente citada; está na extremidade sul da Lagoa Mirim e foi amostrada entre 9 e 14 de agosto de 1931.

No Brasil, ele esteve nos estados do Maranhão, Piauí, Ceará, Pernambuco, Bahia, Minas Gerais, Espírito

²⁸¹ Inclusive por Paynter (1994) e Cuello & Gerzenstein (1962).

²⁸² Apenas nos casos AMNH-321787 e 321788 informa “*M[ou]th. of Jaguarao, N[orth]*.” como “*Uruguay*” mas a data de coleta é 11 de novembro de 1931.

Santo, Paraná, Santa Catarina, Rio Grande do Sul e Mato Grosso do Sul. Com exceção da Amazônia, amostrou todos os biomas do país, com destaque particular para a Caatinga e Mata Atlântica. Sua primeira coleta data de 25 de janeiro de 1926 (São José [de Ribamar], ilha de São Luiz/MA) e a última é do dia 30 de dezembro de 1931 ([praia do] Cassino, Rio Grande/RS).

Em 8 de janeiro de 1926, a afamada revista de divulgação científica *Science* noticiou (p.43):

“EMIL KAEMPFER, accompanied by his wife, sailed this week for Para, Brazil, where they will start on an expedition into the coastal regions to collect seabirds and other forms of life and then proceed to the remote sections of the country to collect specimens of bird and animal life for the American Museum of Natural History. From the seacoast Mr. and Mrs. Kaempfer will travel by mule pack train to Nova York on the Parnahyba River, a district which has not been entered by collectors for fifteen years. Their final explorations will be made in the State of Bahia”.

Com base nisso suponho que chegou a Belém e, logo em seguida, já se dirigiu para o litoral do Maranhão. Surpreende o fato de não ter permanecido algum tempo na capital paraense, com o propósito de amostrar a avifauna amazônica. Isso, no entanto, é compreensível se considerarmos que esse setor já era razoavelmente bem conhecido na época, graças aos esforços de Emilie Snethlage sobre os quais já havia inúmeras publicações e mesmo um catálogo (Snethlage, 1914).

Mesmo assim, ao chegarem ao Brasil, os Kaempfer permaneceram, nessa primeira fase de viagem, cerca de

quatro meses no Maranhão²⁸³. Primeiramente trabalharam em São José do Ribamar, na ilha de São Luís (além de Anil, Estiva, Bonfim, Itapari) e também na orla, em formações insulares daquela região, assim como na Baixada Maranhense (campos de Perizes). Em seguida, passou por Rosário, Codó, Santa Filomena do Maranhão e, por fim, Teresina, a partir de 28 de abril de 1926.

Parece que o trabalho de coleta, ao longo desses seis anos, não foi ininterrupto. Em alguns momentos seus itinerários tornam-se confusos porque adentrava, saía e voltava a entrar nos territórios estaduais, certamente em virtude das vias de acesso disponíveis ou de outros detalhes obtidos ao longo do tempo em que permaneceu no Brasil. Na realidade, sua expedição pode ser subdividida em cinco viagens:

- 1º **Viagem:** Nordeste do Brasil (Maranhão, Piauí, Ceará, Pernambuco e Bahia), entre 25 de janeiro de 1926 e 6 de julho de 1928.
- 2º **Viagem:** Sul do Brasil (Rio Grande do Sul e Santa Catarina), entre 26 de julho de 1928 e 7 de julho de 1929.
- 3º **Viagem:** Sudeste do Brasil (Minas Gerais e Espírito Santo), entre 23 de julho de 1929 e 22 de janeiro de 1930.
- 4º **Viagem:** Paraná (com algumas incursões em Santa Catarina), Mato Grosso do Sul e Paraguai²⁸⁴, entre 7 de fevereiro e 30 de junho de 1930.
- 5º **Viagem:** Extremo sul do Brasil (Rio Grande do Sul) e Uruguai, entre 3 de julho e 14 de agosto de 1931.

²⁸³ Oren (1991:5) informa que teriam sido “oito meses”, com a coleta de aproximadamente 1200 exemplares. Isso se deve a seu retorno ao Maranhão (após ter trabalhado no Piauí) e ocorreu entre 4 de maio (Serra do Valentim) e 7 de novembro (delta do Parnaíba). De lá, ainda teria voltado do Piauí (Frecheiras) para, então, seguir ao Ceará, Pernambuco e, por fim, Bahia.

²⁸⁴ Sobre o itinerário no oeste do Paraná, Mato Grosso do Sul e adjacências do Paraguai, vide Straube & Urben-Filho (2002).

No estado do Paraná, Emil dedicou-se a atividades de coleta ornitológica por pouco mais de cinco meses, entre 7 de fevereiro e 10 de junho de 1930, visitando as matas de encosta e de altitude da Serra do Mar até os planaltos com matas de araucária através do vale do rio Iguaçu e, ainda, as florestas estacionais da região de Foz do Iguaçu e Guaíra. Naumburg (1935:462-463) apresentou as localidades visitadas no Paraná como²⁸⁵:

***AGUA CLARA.** - Alt. 800 meters.

CORVO (Serra da Graciosa). Alt. 2700 ft.; February 7-16, 18-22, 1930.

***CURITYBA.** Alt. 908 meters.

FAZENDA MONTE ALEGRE¹ (See Tibagy).

FOZ DO IGUAÇÚ (and Rio Iguassú).-Alt. 300 ft.; May 16-29, 1930, and June 2, 1930.

GUAYRA (Rio Paraná).-Alt. 600 ft.; April 14-26, June 9-11, 1930.

IGUAÇÚ, RIO (See Foz do Iguassú).

***IVAHY, RIO.**

***PARANAPANEMA, RIO.**

Forms part of boundary between Paraná and São Paulo.

***PEQUIRY, RIO.**²

***PIRAHY.** Alt. 1008 meters.

POÇO PRETO (See Santa Catharina).

***PONTA GROSSA.**-Alt. 940 meters.

On the way from here to Tibagy.

PORTO ALMEIDA (Rio Iguassú).-Alt. 2000 ft.; March 20-30, and April 1-3, 1930.

PORTO BRITANIA (Rio Paraná).-Alt. 400 ft.; May 5-9, 1930.

PORTO MENDES (Rio Paraná).-Alt. 400 ft.; May 1, 2, 1930.

SERRA DA GRACIOSA (See Corvo).

TIBAGY³ (Fazenda Monte Alegre) .-Alt. 1804 ft.; March 1-13, 1930.

The road from Ponta Grossa to Tibagy leads over open campo country with occasional patches of small forest,⁴ mostly pine.

¹ Not located.

² On map.

³ Rio Tibagy on map also.

⁴ Capão in Portuguese.

²⁸⁵ Asteriscos indicam localidades visitadas, porém, sem ter ocorrido coletas.

Com relação à sua presença no Paraná, embora incluía topônimos facilmente localizáveis em cartas geográficas, o itinerário não é dos mais fáceis de serem reconstituídos. A indicação das localidades de coleta e de referência apresentada por Naumburg (1935), suscita algumas dúvidas sobre o trajeto e tempo gasto para percorrê-lo. Salienta-se que Naumburg construiu o “*Gazetteer*” com base nas indicações dos rótulos dos espécimes²⁸⁶, na correspondência trocada com Kaempfer, em esboços de mapas feitos pelo viajante²⁸⁷ e também na “*Carte Internationale du Monde*” (escala 1:1.000.000), do Clube de Engenharia do Rio de Janeiro (Naumburg, 1935:44). Os próprios mapas, encartados em seu *gazetteer* são cópias simplificadas do referido atlas (CLUBE DE ENGENHARIA, 1922), para os quais Naumburg sobrepôs as respectivas folhas para montá-los²⁸⁸, indicando os principais acidentes geográficos (rios e serras) e as localidades de coleta de Kaempfer, com suas respectivas altitudes.

Apesar desse bom fundamento cartográfico, a sequência em que os sítios amostrados foram visitados não é indicada, ainda que trate de informação importante para esclarecer certos detalhes de trajetos. Refiro-me particularmente à estada na região oeste que compreende um período entre 29 de maio e 9 de junho de 1930 quando, a partir de Foz do Iguaçu, ocorreu uma visita a Puerto Bertoni (Paraguai)²⁸⁹ e à Fazenda Campanário (Mato Grosso do

²⁸⁶ Em se tratando de uma coleção que excede os 13 mil exemplares, é natural ainda que houvesse alguns equívocos de rotulagem, ou mesmo para a transcrição dos dados ao *database* do AMNH.

²⁸⁷ O mapa que consta como “*Map of Eastern Brazil showing localities where birds were collected by Emil Kaempfer*” (Naumburg, 1935), foi compilado e desenhado por William A. Briesemeister, sob coordenação da própria Naumburg.

²⁸⁸ O Paraná está quase que completamente inserido na folha “*Curityba*” (América do Sul SG-22).

²⁸⁹ É por esse motivo que a data dessa visita destoa de todas as coletas realizadas no Paraguai, entre julho de 1930 e janeiro de 1931.

Sul), depois Guaíra (9 a 11 de junho) e novamente à Fazenda Campanário, a partir de 16 do mesmo mês. Essa interrupção daquilo que se esperaria para um itinerário linear se deve a uma “ramificação” de sua presença em Guaíra, quando visitou, talvez por um único dia, aquela que seria sua próxima localidade de visita. A racionalia dessa ocasião encontra-se em Straube & Urben-Filho (2010:67):

“Não há dúvida, pelo exposto, que há algo de estranho no confronto entre trajeto e datação informados por Naumburg (1935), uma vez que intercalam pontos paranaenses, sul-mato-grossenses e paraguaios, sem uma lógica aparente.

O percurso percorrido entre 14 e 29 de maio, ou seja, entre Guaíra e Foz do Iguaçu parece mais do que óbvio: primeiro Kaempfer saiu de Guaíra pela estrada de ferro até Porto Mendes e, de lá, seguiu pelo Rio Paraná até a cidade de Foz do Iguaçu. Em algum momento decidiu visitar “Puerto Bertoni” o que poderia ter sido realizado, sem nenhuma dificuldade pelo Rio Paraná. [...].

Parece sugestivo imaginar, desta forma, que Kaempfer ao chegar em Guaíra, tomou conhecimento da presença deste ponto relevante e, por motivos vários, decidiu visitá-lo. Já amplamente amostrado o local, no tocante à sua avifauna, pouco se interessou Kaempfer em despendar seu tempo com essa atividade, o que explica a inexistência de material documental dali procedente.

Essa estada na região fronteira brasileira é apenas indicada discretamente no mapa apresentado por Naumburg (1935) e, pela contingência política, aparece no item “Paraguay”, cujas demais localidades destoam bastante quanto às datas. De fato, todas as localidades paraguaias, com exceção de “Puerto Bertoni”, foram visitadas entre julho de 1930 e

janeiro de 1931, portanto, depois de sua estada no Mato Grosso do Sul (junho a julho de 1930).

Parece que Kaempfer, durante suas viagens, fazia verdadeiras pesquisas sobre locais interessantes para trabalhar. Em alguns casos, acreditamos que ele chegava a fazer vistorias prévias nessas regiões, para depois – com melhor logística – dirigir-se definitivamente a eles. Isso explicaria a próxima datação: 29 de maio em Foz do Iguaçu (incluindo uma visita a Puerto Bertoni), 7 de junho na Fazenda Campanário, depois 9 a 11 de julho novamente em Guaíra e, enfim, 16 de junho de retorno a Campanário.

Dessa forma, parece lícito imaginar que Kaempfer, ao chegar em Guaíra e inevitavelmente ser informado sobre essa “moderna condição”,²⁹⁰ teria realizado uma visita rápida, de apenas um dia ou dois, à sede da Fazenda Campanário, seguindo pela rodovia da *Matte Larangeira*! Atravessara o Rio Paraná por balsa e, a partir do Porto Dom Carlos, estaria já na estrada. Decidida a logística, retornaria a Guaíra, ali permanecendo mais alguns dias (9-11 de junho) para, então, seguir viagem pelo interior do Mato Grosso do Sul. Essa é uma hipótese bastante convincente do que, *a priori*, poderia ser interpretado como erro de rotulagem ou mesmo tipográfico”.

Além disso, alguns topônimos paranaenses mencionados por Naumburg (1935) provavelmente baseiam-se em meros apontamentos colhidos dos diários de Kaempfer. A localidade de “Agua Clara” e os rios Ivaí e Paranapanema, por exemplo, constam de fato na *Carte*, mas é improvável que tenham sido visitados pelo naturalista. O

²⁹⁰ Referem-se os autores às modernas instalações da propriedade, considerada um ponto importante, urbanizado, no sul do Mato Grosso do Sul, propiciadas pela “*Companhia Matte Larangeira*” (vide também Magalhães, 2013).

mesmo não se pode dizer de lugares como Curitiba, Ponta Grossa e Piraí do Sul que, àquela época, se tratavam se paradas obrigatórias nos roteiros clássicos de viagem pelo interior do Paraná.

De acordo com os registros do AMNH (que em parte diferem daqueles oferecidos por Naumburg, 1935), os pontos onde houve coleta de espécimes por Kaempfer no Paraná são apenas sete, cujas datas de estada presumidas são as seguintes:

Progressão cronológica da expedição Kaempfer ao Paraná, com base nos rótulos dos exemplares (Fonte: arquivos do AMNH).

Localidade de coleta	1930	
	<i>Primeira data</i>	<i>Última data</i>
<i>Corvo</i>	7 de fevereiro	22 de fevereiro
<i>Fazenda Monte Alegre</i>	1 de março	13 de março
<i>Porto Almeida</i>	20 de março	3 de abril
<i>Guayra (1° visita)</i>	14 de abril	26 de abril
<i>Porto Mendes</i>	1° de maio	2 de maio
<i>Porto Britania</i>	5 de maio	9 de maio
<i>Foz do Iguassú</i>	16 de maio	29 de maio
<i>Guayra (2° visita)</i>	9 de junho	11 de junho

O seu modo de trabalho era incrivelmente produtivo. Se pensamos em uma coleção de 12 mil exemplares colhida em cerca de 1800 dias, calculamos 6,6 espécimes coletados a cada dia, sendo eles preparados e embalados para o transporte²⁹¹. Note-se que esse valor, que desconsidera os óbvios intervalos entre o deslocamento, é uma cifra muito superior àquela estimada para Natterer (dois exemplares por dia). Por outro lado, essa comparação cabe apenas ao campo da Ornitologia, haja vista que o naturalista austríaco colecionou uma diversidade de itens grandemente superior à

²⁹¹ O mais próximo que consegui chegar a esse valor foi em 1991, durante uma expedição à região de Porto Rico (noroeste do Paraná) junto com Marcos R. Bornschein, Sergio D. Arruda e o taxidermista Luiz Fernando Franco de Macedo. De lá trouxemos 200 exemplares taxidermizados, obtidos em um período de dez dias, o que permite uma comparação com os resultados impressionantes da viagem de Kaempfer.

de Kaempfer (vide Straube, 2012)²⁹². A produtividade em território paranaense é muito superior (cerca de 14 espécimes por dia): obteve 1.123 em 81 dias de trabalho de coleta. Segundo relatos de moradores antigos da região do Salto Pirai em Santa Catarina (onde esteve em maio e junho de 1929), Kaempfer e sua esposa costumavam remunerar moradores locais (especialmente crianças e jovens) para abater pássaros, enquanto encarregavam-se do penoso trabalho de taxidermia (M. A. da-Ré, 1991 com.pess.; vide acima sob Lima Figueiredo)²⁹³.

Se o itinerário percorrido no Paraná parece bem esclarecido, convém comentar que algumas progressões da viagem são quase enigmáticas. Uma delas é que, já se encontrando no Sul do Brasil (litoral de Santa Catarina), os Kaempfer preferiram retornar ao Sudeste (Minas Gerais e Espírito Santo), em vez de adentrar o planalto do Rio Grande do Sul, interior catarinense e o Paraná, para atingir o Mato Grosso do Sul e Paraguai, como seria mais lógico e natural.

Isso concorda com a ideia de que tenham ocorrido várias “viagens” e não apenas uma pretensamente linear que obedecesse certa lógica geográfica. Suspeito inclusive, que a visita ao Paraná tenha sido um plano posterior, definido após seu encontro com Emilie Snethlage na Serra do Caparaó (vide acima).

Note-se que grande parte dos naturalistas coletores do século XX basearam suas viagens sob a rota percorrida por Natterer, coincidindo locais ou, ainda, complementando-a por visitas em regiões ainda descobertas. As duas últimas

²⁹² Essa é uma questão ainda pendente, uma vez que pouco se sabe sobre outros elementos de natália coletados por Kaempfer e não há dúvida de que colecionou também mamíferos (AMNH, 1928:129).

²⁹³ Vitor de Q. Piacentini (2017, verb.) alertou-me que essa informação não necessariamente aludiria a Kaempfer, podendo se tratar de outros coletores contemporâneos como Edwin Steiger que, de fato, residia em Joinville.

viagens de Kaempfer incluem locais em que o naturalista austríaco pretendia visitar mas que, por razões diversas, ficou impossibilitado de fazê-lo. Penso que a possibilidade de encontrar grandes novidades era o motivo principal para investigar os planaltos sulinos e o extremo meridião brasileiro. A ornitóloga Snethlage, convenhamos, seria a pessoa certa para inspirá-lo nesse novo flanco de abrangência geográfica!

Considerando que sua última data de coleta antes de chegar ao Paraná seja 22 de janeiro de 1930, quando coletou em “São Benedito, Rio Manhuassi”, Kaempfer chegou ao Paraná (certamente por navio, proveniente de Vitória, Espírito Santo) em Paranaguá (fevereiro de 1930). Dali, o cruzou de leste a oeste, desde a Serra do Mar até o vale do rio Paraná de onde seguiu para as adjacências sulmatogrossenses (junho de 1930). Uma vez desembarcado no Porto de Paranaguá, subiu a serra pela centenária Estrada da Graciosa, até chegar ao ponto de maior altitude dessa rodovia, na Serra da Graciosa. Hospedou-se então na localidade do “Corvo”, sua primeira estação de coleta em solo paranaense, no mesmo local em que Snethlage havia se alojado dois anos antes.

Ali teria, por certo, aproveitado para coletar espécimes nos mais variados gradientes altitudinais, uma vez que a localização desse topônimo está estrategicamente no divisor de águas entre as bacias hidrográficas do Atlântico, e dos rios Iguaçu e Ribeira, permitindo também o acesso a regiões altas com florestas alto-montanas e campos de altitude das montanhas denominadas Morro Sete e Caranguejeira.

Nesse trecho do trajeto, cabe uma correção ao mapa e às descrições geográficas apresentadas por Naumburg (1935). Há, aproximadamente na região de onde localiza-se o município de Guaratuba, a menção a um topônimo

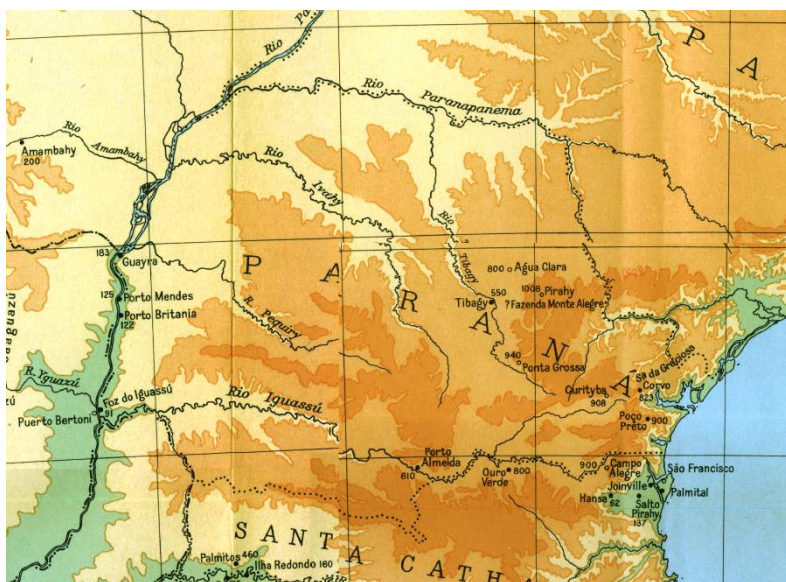
denominado “Poço Preto” inclusive com indicação de altitude (900 m). No texto respectivo, a localidade aparece no Paraná mas com a remissão: “(See Santa Catharina)”; no item alusivo, então, assim aparece grafado: “*Poço Preto – Alt. 2500 ft.; April 21,23, 1929*” com nota de rodapé de seguinte conteúdo: “*Over the boundary in Paraná, put here on account of date*”. Talvez influenciada pelas anotações de Kaempfer, Naumburg estimara a localização do ponto de coleta como situado entre “Palmitos” e “Salto Piraí” mas o ponto onde Kaempfer trabalhara nada mais era do que uma colônia catarinense (hoje pertencente ao município de Irineópolis)²⁹⁴ e servida pela estação ferroviária homônima, instalada em 1921. O sítio de coleta situa-se, de fato, às margens do rio Iguaçu (cerca de 20 km a leste de Porto União) e anos antes tornara-se conhecido como um dos palcos da Guerra do Contestado (Queiroz, 1966; Straube *et al.*, 2005; Straube, 2016).

Pouco mais de duas semanas Kaempfer permaneceu na região montanhosa da Serra do Mar paranaense, rumando então para o próximo local: Fazenda Monte Alegre, hoje no município de Telêmaco Borba e, de sua sede, distanciada aproximadamente 40 km. Tratava-se de um tradicional ponto de parada (*vide* também John H. Elliott, T. Bigg-Wither), visitado inclusive por Ernst Garbe, 16 anos antes (Straube, 2014, 2015). Para lá chegou, ao que parece, primeiro por via rodoviária a partir de Curitiba até Castro, Piraí do Sul e Tibagi, depois seguindo por estradas secundárias até a citada fazenda.

Essa propriedade, bastante antiga, pertencia originalmente a José Félix da Silva, que dela tomou posse em 1812 e, desde muito, servida por diversos acessos que se

²⁹⁴ Em Naumburg (1935: prancha 25, figura 1) há uma foto da paisagem de uma região próxima como “Serra de Lucindo (Santa Catharina)” (leia-se Serra do Lucindo, perto de Timbó Grande) e que corresponde à localidade de “Ouro Verde”, tal como mais comumente mencionada na literatura.

constituíam de ramificações do Caminho do Viamão. Nesse sentido, embora fosse tentador imaginar que Kaempfer ali tivesse chegado por trem, visto que o transporte ferroviário encontrava-se em franco desenvolvimento no Paraná da época, essa hipótese é inadmissível, haja vista que o ramal que faz o acesso a Harmonia (atual denominação de uma das vilas residenciais da Fazenda Monte Alegre) foi concluído apenas em 1957 (RFFSA, 1985).



Trecho paranaense do itinerário de Emil Kaempfer, segundo mapa encartado em Naumburg (1935).

Por outro lado é aceitável prever que o naturalista tenha usado as ferrovias para a continuidade da expedição, que chegou a Porto Almeida (situado a poucos quilômetros a noroeste da cidade de União da Vitória, no Rio Iguaçu), seguindo por Castro, Ponta Grossa, Irati, Mallet (um

importante entroncamento ferroviário da época) e, finalmente, União da Vitória²⁹⁵.

A partir de Porto Almeida (onde permaneceu coletando por outras duas semanas: 20 de março a 3 de abril de 1930), consta ter o naturalista seguido viagem para a cidade de Guaíra, no extremo oeste do Estado. Dali, onde permaneceu entre 14 e 26 de abril, desceu o rio Paraná até Porto Mendes (1-2 de maio), então Porto Britânia (5-9 de maio) e daí Foz do Iguaçu²⁹⁶ (16-29 de maio e 2 de junho). Até esse momento, tudo parece perfeitamente aceitável pela lógica contemporânea e pelas condições de acesso disponíveis. O problema surge então com a nova citação à localidade de Guaíra, entre 9 e 11 de junho e que causa estranheza: afinal por quê visitar Guaíra, rumar para sul e retornar à primeira localidade para, de lá, rumar para o Mato Grosso do Sul (Amambahy), conforme consta em seu itinerário (Naumburg, 1935)?

A explicação está na zona fronteira paraguaia e, com efeito, na confusa sequência apresentada por Naumburg em seu *gazetteer*. No mapa de Naumburg (1935) aparece discretamente uma localidade onde não houve colecionamento de material (e, portanto, não há data de visita indicada), chamada *Puerto Bertoni*, topônimo esse que foi arrolado no item “Paraguay” do *gazetteer* (Naumburg, 1935:469)²⁹⁷. Trata-se da sede de uma fazenda, na margem direita do rio Paraná, defronte à fronteira com a Argentina e que era propriedade da família do naturalista

²⁹⁵ Essa discussão, apesar de parecer desconectada do assunto em pauta, é bastante útil no sentido de corrigir datas e localidades visitadas, visto que vias de acesso – por motivos óbvios – são elementos fundamentais para a reconstrução de itinerários.

²⁹⁶ Há que se corrigir uma questão de grafia com relação a topônimo “Fazenda do Iguaçu”, o qual refere-se não a uma fazenda e sim a uma interpretação equivocada do que Naumburg (1937 e 1940) julgou se tratar de uma abreviatura (“Faz.” ao invés de Foz).

²⁹⁷ De fato, todas as localidades paraguaias, com exceção de *Puerto Bertoni*, foram visitadas entre julho de 1930 e janeiro de 1931, portanto, depois de sua estada no Mato Grosso do Sul (junho a julho de 1930).

suíço Moisés Santiago Bertoni (1857-1929), um dos mais expressivos intelectuais de todos os tempos (para biografia vide Baratti & Candolfi, 1999). Ali o cientista dedicava parte do seu tempo realizando pesquisas de grande valor nos campos da biologia (especialmente botânica), linguística e meteorologia, bem como ao cultivo de espécies nativas ou exóticas e manutenção de uma pequena biblioteca e museu de animais colecionados nas redondezas. A localidade é clássica pelos inúmeros exemplares lá obtidos e depositados em várias coleções de todo o mundo, especialmente por iniciativa de seu filho Arnolfo de Winkelried Bertoni (1878-1973), autor das famosas obras "*Aves nuevas del Paraguay: continuación a Azara*" e "*Fauna Paraguaya*" (Bertoni, 1901, 1913). Parece sugestivo imaginar, desta forma, que Kaempfer ao chegar em Guaíra, tomara conhecimento da presença deste ponto relevante²⁹⁸ e, por motivos vários, resolvera visitá-lo. Já amplamente amostrado o local, no tocante à sua avifauna, pouco interessou-se Kaempfer em despender seu tempo com essa atividade, o que explicaria a inexistência de material documental dali procedente.

De qualquer forma, não resta dúvida nenhuma sobre o itinerário percorrido pelo naturalista entre Guaíra e Puerto Bertoni. Como o rio Paraná não é navegável entre aquela cidade e Porto Mendes, ele tomou o trem privado da "Companhia Matte Larangeira" até o lugarejo, clássico entreposto da erva-mate proveniente do Mato Grosso do Sul (Fazenda Campanário). Depois disso, seguiu por via fluvial, passando por Porto Britânia e, em seguida, Foz do Iguaçu. De lá ou manteve-se navegando pelo rio Paraná até *Puerto Bertoni* ou visitou Hernandarias (Paraguai), seguindo por via rodoviária até o porto. Esse trajeto, com nenhuma outra

²⁹⁸ Não é descartável a possibilidade de que Kaempfer tenha tomado conhecimento de *Puerto Bertoni* por meio de Lima Figueiredo (1937; vide acima) que lá estivera quando a caminho de Guaíra, ponto de encontro dos dois viajantes.

alternativa, é muito bem conhecido e bem descrito na literatura historiográfica paranaense (vide p.ex. Nogueira, 1920; Lima-Figueiredo, 1937).

De volta a Guaíra, passa agora o explorador a dedicar-se à outra parte de sua longa viagem: o interior do Mato Grosso do Sul, estado esse adentrado em meados de junho de 1930.

Alguns detalhes interessantes sobre a estada de Kaempfer no Paraná, bem como dos percursos seguidos, podem ser colhidos na obra de Lima-Figueiredo (1937; vide análise acima). Sabe-se, por exemplo, que fizera uma pequena incursão para a região sul-matogrossense fronteira com o Paraguai, na Serra de Maracaju. Com isso parece possível, embora impraticável de resgatar com precisão, que alguns exemplares rotulados como procedentes de Guaíra, tivessem sido – de fato – colhidos no estado vizinho. Apesar deste meandro biogeográfico parecer pouco importante, a discussão deve ser enriquecida pela problemática de certos registros obtidos exatamente nessa região, cujos limites políticos coincidem com alguns limites ecológicos (Anjos & Seger, 1988; Straube, 2003a).

Sobre o material de Kaempfer, manteve-se anteriormente sob a guarda da própria Elsie Naumburg, sendo depois doado ao *American Museum of Natural History* de Nova York, consistindo um acervo separado, chamado “Coleção Kaempfer” (Naumburg, 1935). Logo após a morte de Naumburg, todos os espécimes foram realocados à coleção geral daquele museu, dificultando ainda mais a consulta, acesso e estudo geograficamente setorizado (Belton, 1984). O único estado que conta com lista de espécimes, regionalmente discriminados é o Rio Grande do Sul, graças à iniciativa de William Belton que dessa procedência contou 2.813 peles (Belton, 1984 e 1985).

Informações sobre vários exemplares que poderiam ser atribuídos a Kaempfer (inclusive alguns coletados no Paraná) constam na monumental obra de Zimmer, publicada com enfoque taxonômico em vários artigos do *American Museum Novitates* (Zimmer, 1931 e subsequentes). Entretanto, nesses trabalhos seriados não há discriminação de coletor ou data nem museu onde se encontra o material, havendo inclusive localidades exclusivas de A. Hempel (*vide*) como a “Fazenda Cayoá” e de A. Robert (*vide*) como “Roça Nova”, todas também sem quaisquer indicações mais detalhadas.

Embora a maior parte do material estudado por Zimmer seja do *American Museum*, é sabido que ele tinha contato com vários pesquisadores da época, que remetiam-lhe informações sobre outros museus²⁹⁹. O exaustivo trabalho de Zimmer era voltado às aves do Peru, daí o nome da série: *Studies on Peruvian Birds*. Ele teria usado material de outros países apenas para comparar subespécies (nunca espécies) afins. Assim, a maior parte dos táxons da Mata Atlântica, em grande quantidade endêmicas, ficou mesmo fora das suas abordagens.

Recentemente, com a informatização prévia das coleções ornitológicas do *American Museum of Natural History* é que deu-se um grande passo no resgate das informações obtidas por Kaempfer³⁰⁰. Ficou possível saber, por exemplo, que são cerca de doze mil espécimes o total obtido pelo naturalista no Brasil, portanto pouco mais do

²⁹⁹ É o caso do *Academy of Natural Sciences* (J. Bond e R. Meyer de Schauensee), *Museum of Comparative Zoology* (J. L. Peters), *Field Museum of Natural History* (C. E. Hellmayr), *Carnegie Museum* (W. C. Todd), *United States National Museum* (H. Friedmann), bem como de vários museus da Europa (C. E. Hellmayr), inclusive do quase privativo *Zoological Museum* de Berlim (E. Stresemann) e do *Royal Natural History Museum* de Estocolmo e mesmo um sul-americano, a Coleção Phelps (William Phelps-Jr.).

³⁰⁰ Em novembro de 2008, Thomas J. Trombone enviou uma planilha com o acervo Kaempfer que já encontrava-se digitalizado naquela instituição. A esse pesquisador, expresse minha gratidão pela gentileza o que contribuiu sobremaneira para a formação do texto aqui redigido.

que os 10.000 citados por Naumburg (1935:449). Do Paraná, constam aproximadamente 1.120 espécimes (numeração sequencial entre AMNH-318237 a 319359), havendo na série alguns números repetidos e muitos espécimes sem indicação de localidade e que poderiam ser atribuídos ao Paraná.

Localidades de coleta de Emil Kaempfer no Paraná e total aproximado de espécimes obtidos em cada uma.

Localidade	Nº de exemplares coletados
Corvo, Serra da Graciosa	194
Tibagy, Fazenda Monte Alegre	186
Porto Almeida, Rio Iguassú	163
Guayra, Rio Parana	260
Porto Mendes, Rio Paraná	39
Porto Britânia, Rio Parana	60
Foz do Iguassú	221
TOTAL	1123

A coleção Kampfer, ressalta-se, é ainda maior se considerados os espécimes armazenados em via alcoólica, os quais ainda não receberam atenção e catalogação devida desde que deram entrada no *American Museum*. É sabido que, por volta de 1938, Charles E. O'Brien, então curador para coleções do Novo Mundo, trabalhou na organização desse material (AMNH, 1938:45) que pode conter ainda mais surpresas e novidades aguardando estudos.

Kaempfer fazia séries consideráveis de algumas espécies e, muitas vezes, todas capturadas na mesma localidade, como pode-se notar em uma visão geral de seu legado. Há, por exemplo, quinze exemplares de *Chlorophonia cyanea*, espécie rara, todos obtidos apenas em Guaíra e sete amostras de *Phylloscartes difficilis*, todos do

Corvo³⁰¹; também salientam-se os 32 espécimes de *Dysithamnus mentalis*, 22 de *Trichothraupis melanops*, 21 de *Hemithraupis guira* e 16 de *Chiroxiphia caudata* paranaenses.

Algumas espécies foram colecionadas apenas no Paraná, considerando-se todo o itinerário de sua expedição. Sob esse critério pode-se enumerar *Molothrus oryzivorus*, *Dysithamnus xanthopterus*, *Polioptila lactea* e uma fração expressiva dos *Stephanoxis loddigesi*, *Eleoscytalopus indigoticus*, *Clibanornis dendrocolaptoides*, *Cranioleuca obsoleta*, *Leptasthenura setaria*, *Lepidocolaptes falcinellus*, *Phyllomyias virescens* e *Poospiza cabanisi*. Pode-se, desta forma, afirmar que Kaempfer foi o primeiro a obter grandes séries de aves grandemente restritas aos planaltos sulinos (Straube & Di Giácomo, 2007), raras em outras regiões de maior altitude mas comuns ou até abundantes no Paraná. Cumpriu, por assim dizer, a missão que Ihering e Hellmayr delegaram, respectivamente, a Garbe e Chrostowski nas décadas de 10 e 20 do Século XX, visando a coleta de espécies que – até então – haviam sido apenas colecionadas por Natterer em 1820.

Há décadas a comunidade ornitológica espera por um catálogo final dos espécimes colecionados por Kaempfer, particularmente com revisões de identificação e, tratando-se de pesquisa não só importante como prioritária para a Ornitologia local, levando-se em conta a sua envergadura. Como dito, Naumburg pretendia estudar com cuidado o acervo mas acabou por adiar tal projeto (Zimmer, 1955; Camargo, 1962). Não obstante, ela própria publicou alguns casos ornitológicos selecionados, enriquecidos com o material de Kaempfer, como as subespécies de *Zenaida auriculata* (Naumburg, 1933) e três táxons tido como novos da região nordeste do Brasil, dentre eles o raro *Megaxenops*

³⁰¹ Esse é realmente um dos poucos locais no Paraná, onde a espécie é bastante comum.

parnaguae (Naumburg, 1932). O próprio Zimmer usou alguns espécimes paranaenses de Kaempfer para subsidiar formas tidas como novas, como no caso de *Vireo olivaceus diversus* e sua enorme série paratípica (sendo dezesseis provenientes do Paraná: Porto Almeida, Guaíra e Corvo) (Le Croy, 2013).



Rótulos originais, com traço de Kaempfer, de dois espécimes de *Clibanornis dendrocolaptoides* colecionados no Paraná (Foto: Vitor de Q. Piacentini, a partir do acervo do AMNH).

Uma descrição mais detalhada sobre o itinerário da expedição foi apresentada em duas ocasiões, sendo a primeira, baseada nas anotações de Kaempfer, dedicada às características geográficas e vegetacionais dos locais visitados no Nordeste brasileiro (Naumburg, 1928); a segunda, baseada nos rótulos de espécimes, concluiu-se como um dicionário geográfico dos topônimos, contendo altitude aproximada e intervalo de permanência em cada um deles (Naumburg, 1935). Como sua tentativa de publicar um

catálogo da coleção acabou interrompida, ficaram disponíveis, na literatura, apenas as informações sobre Formicariidae (*sensu lato*) e Rhinocryptidae (Naumburg, 1937 e 1940).

Com base no acervo geral, pode-se também selecionar para os interesses ornitológicos do Paraná um grande número de espécies que, associadas à procedência informada, contribuem para o conhecimento da biogeografia local. Dessa forma, não há como deixar de mencionar a obtenção de registros, na localidade de Guaíra, para os congêneros *Mackenziaena severa* e *M. leachii* que, na maior parte de suas distribuições, são substitutos ecológicos, esse nas porções mais altas dos planaltos e serras da floresta atlântica e aquele nas planícies e planaltos de pequena altitude. Algo semelhante também ocorre com *Thamnophilus caerulescens caerulescens* e o co-específico *T. c. gilviger*, ambos também obtidos copiosamente por Kaempfer no Paraná. Informações complementares ao acervo paranaense, ainda, referem-se a *Dysithamnus xanthopterus*, *Trogon rufus* (Zimmer, 1948) e, ainda, *Sporophila beltoni*, recentemente descrita e cujo espécime paranaense foi originalmente tratado como *S. falcirostris* por Collar *et al.* (1992). Sem falar, naturalmente, em *Hylopezus "nattereri"*, cujas populações meridionais constituem-se de um táxon ainda não descrito.

Como se vê, a contribuição de Emil Kaempfer à Ornitologia brasileira permanece ainda adormecida e deverá trazer outras notáveis surpresas, ao tempo em que seu legado venha a ser melhor conhecido. Seu nome, ao menos, é lembrado na denominação vernácula em inglês de *Celeus obrieni* (*Kaempfer's Woodpecker*) e, obviamente, no epônimo *Hemitriccus kaempferi*, descrito por John T. Zimmer (1953) como subespécie de *Idioptilon mirandae*. Esse raro pássaro, cujo holótipo (AMNH-315108) foi

coletado por ele em Salto Pirai (perto de Joinville, Santa Catarina), tem distribuição restritíssima, confinada à região dos litorais sul do Paraná e centro-norte de Santa Catarina. Foi, dessa forma, descoberto pelo cuidado e atenção do coletor em buscar amostras em locais pouco estudados e que, assim, resultaram em uma homenagem mais do que merecida ao seu monumental trabalho.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

E

LITERATURA CONSULTADA

- Abilhoa, V.; Straube, F. C. & Cordeiro, A. A. de M. 2013. **Museu de História Natural Capão da Imbuia: sinopse histórica**. Curitiba, Comfauna Conservação e Manejo da Fauna Silvestre Ltda. 80 p.
- Amaral-Calvão, A. M. R. do & Maia-Herzog, M. 2003. Coleção de simuliídeos (Diptera – Simuliidae) de Adolpho Lutz, sua história e importância. **História, Ciências, Saúde-Manguinhos** 10(1):259-271.
- AMN (1914a). Theodore Roosevelt, patron of the American Museum's field work in South America. [Editorial] **The American Museum News** 14(4):145-146. Edição de abril de 1914.
- AMN (1914b). Portraits – Eminent Men and the Museum. [Editorial] **The American Museum News** 14(5):171. Edição de maio de 1914.
- AMNH. 1927. **The American Museum School Service. Fifty-eighth Annual Report of the Trustees for the year 1926**. Nova York, The American Museum of Natural History. 300 pp.
- AMNH. 1928. **Building the American Museum: The American Museum of Natural History: fifty-ninth Annual Report for the year 1927**. Nova York, The American Museum of Natural History. 308 pp.
- AMNH. 1929. **The sixtieth anniversary endowment of the American Museum: sixtieth annual report of the**

- trustees for the year 1928.** Nova York, The American Museum of Natural History. 180 pp.
- AMNH. 1930. **The endowment of the American Museum: sixty-first Annual Report of the Trustees for the year 1929.** Nova York, The American Museum of Natural History. 217 pp.
- AMNH. 1931. **The American Museum and the university: sixty-second Annual Report of the Trustees.** Nova York, The American Museum of Natural History. 208 pp.
- AMNH. 1932. **American Museum exploration and research: sixty-third Annual Report of the Trustees.** Nova York, The American Museum of Natural History. 205 pp.
- AMNH. 1933. **The American Museum and the defeatism: Sixty-fourth Annual Report of the Trustees for the year of 1932.** Nova York, American Museum of Natural History. 130 pp.
- AMNH. 1936. **The American Museum of Natural History: 67th. Annual Report for the year 1935.** Nova York, The American Museum of Natural History. 103 pp.
- AMNH. 1937. **The American Museum of Natural History: sixty-eighth Annual Report for the year 1936.** Nova York, The American Museum of Natural History. 113 pp.
- AMNH. 1938. **The American Museum of Natural History: sixty-ninth Annual Report for the year 1937.** Nova York, The American Museum of Natural History. 131 pp.
- AMNH. 1939. **The American Museum of Natural History: seventieth Annual Report for the year 1938.** Nova York, The American Museum of Natural History. 58 pp.

- AMNH. 1940. **The American Museum of Natural History: seventy-first Annual Report for the year 1939**. Nova York, The American Museum of Natural History. 50 pp.
- Anibelli, M. B. 2009. **Contestado: um território socioambiental**. Curitiba, Programa de Pós-graduação, Pesquisa e Extensão em Direito, Pontifícia Universidade Católica do Paraná. Dissertação de mestrado, 129 pp.
- Anjos, L. dos & Seger, C. D. 1988. Análise da distribuição das aves em um trecho do Rio Paraná, divisa entre os estados do Paraná e Mato Grosso do Sul. **Arquivos de Biologia e Tecnologia** 31(4):603-612.
- Anjos, L. dos. 1995. **Gralha-azul: biologia e conservação**. Curitiba, Seguradora Gralha Azul. 70 pp.
- ANÔNIMO. 1928. **Guarapuava**. Curitiba, Empresa Editora Olivero, 2ª edição. 427 pp.
- Ardigó, F. (org.). 2011. **Histórias de uma ciência regional: cientistas e suas instituições no Paraná (1940-1960)**. São Paulo, Editora Contexto. 363 pp.
- Azevedo-Filho, L. A. de & Silva, J. P. da (orgs.). 2002. **Dicionário biobibliográfico da Academia Brasileira de Filologia**. Rio de Janeiro, Abrafil. 525 pp.
- Bangs, O. 1914. The Bahamas Swallow in Cuba. **Auk** 31:401.
- Bangs, O. 1922. Notes on Philippine birds collected by Governor W. Cameron Forbes. **Bulletin of the Museum of Comparative Zoology** 65(4):77-84.
- Baratti, D. & Candolfi, P. 1999. **Vida y obra del sabio Bertoni: Moisés Santiago Bertoni (1857-1929), un naturalista suizo en Paraguay**. Assunção, Helvetas. 334 pp.

- Barros, F. de. 2003. Notas taxonômicas para espécies brasileiras dos gêneros *Acyanthera*, *Anathallis*, *Specklinia* e *Heterotaxis* (Orchidaceae). **Hoehnea** 32(3):421-428.
- Barros-Júnior, F. de [s.d.]. **Caçando e pescando por todo o Brasil**. 1^a. Série, Brasil Sul. 2^a. Edição. São Paulo, Edições Melhoramentos. 370 pp.
- Barros-Júnior, F. de 1945. **Caçando e pescando por todo o Brasil**. Série Região Sul. São Paulo, Editora Troféu.
- Barros-Júnior, F. de 1947. **Caçando e pescando por todo o Brasil**. Série Mato Grosso e Goiás. São Paulo, Editora Troféu.
- Barros-Júnior, F. de 1949. **Caçando e pescando por todo o Brasil**. Série Planalto Mineiro; São Francisco; Bahia. São Paulo, Editora Troféu.
- Barros-Júnior, F. de 1950. **Caçando e pescando por todo o Brasil**. Série Norte; Nordeste; Marajó; Grandes Lagos; o Madeira; o Mamoré. São Paulo, Editora Troféu.
- Barros-Júnior, F. de 1952a. **Caçando e pescando por todo o Brasil**. Série Purus e Acre. São Paulo, Editora Troféu.
- Barros-Júnior, F. de 1952b. **Caçando e pescando por todo o Brasil**. Série Araguaia e Tocantins. São Paulo, Editora Troféu.
- Barros-Júnior, F. de & Fabichak, F. 1967. **Aprenda a caçar e pescar**. Porto Alegre, Edart.
- Belton, W. 1984. Birds of Rio Grande do Sul, Brazil. I. Rheidae through Furnariidae. **Bulletin of the American Museum of Natural History** 178(4):371-631.
- Belton, W. 1985. Birds of Rio Grande do Sul, Brazil. I. Formicariidae through Corvidae. **Bulletin of the**

- American Museum of Natural History 180(1):1-241.**
- Benchimol, J. L. & Sá, M. R. de. (eds. e orgs.). 2007. **Adolpho Lutz: viagens por terra de bichos e homens.** Rio de Janeiro, Editora Fiocruz. Adolpho Lutz Obra Completa, volume 3, livro 3. 776 pp.
- Bergman, G.; Donner, K. O. & Haartman L. von (ed.) 1960. Proceedings of the XIIth International Ornithological Congress, Helsinki, 5. – 12. VI. 1958. Helsinki: Tilgmannin Kirjapaino, 820 pp. in 2 vols.
- Berlepsch, H. von. 1873. Zur Ornithologie der Provinz Santa Catarina, Süd-Brasilien. **Journal für Ornithologie 21(123):225-293.**
- Berlepsch, H. von. 1874. Zur Ornithologie der Provinz Santa Catarina, Süd-Brasilien. **Journal für Ornithologie 22(127):241-284.**
- Berlepsch, H.von e Ihering, H. von. 1885. **Die Vögel der umgegend von Taquara do Mundo Novo, Prov.Rio Grande do Sul.** Budapeste, Buchdruckerei des Franklin-Verein.
- Bertoni, A. de W. 1901. **Aves nuevas del Paraguay.** Assunção, H.Kraus. 213 pp.
- Bertoni, A. de W. 1913. **Fauna paraguaya:** catálogos sistemáticos de los vertebrados del Paraguay. Assunção, M.Brossa. 86 pp.
- Bethell, L. 1990. **The Cambridge History of Latin America: Mexico, Central America and the Caribbean.** Cambridge, Cambridge university Press. 970 p.
- Blake, A. V. A. S. 1883-1902. **Diccionario bibliographico brasileiro.** 7 volumes. Rio de Janeiro, Imprensa Nacional.
- Borgmeier, T. 1922. Dois frades naturalistas. **Vozes de Petrópolis 1922:260-272.**

- BPAU (1914). Sao Paulo: an old city that is carving new ways. [Editorial] **Bulletin of the Pan American Union** 38(3):399-404. Edição de março de 1914; Seção *Pan America in the Magazines*.
- BRASIL. 1934. **Relatorio apresentado do chefe do governo provisório da Republica dos Estados Unidos do Brasil pelo ministro de estado das Relações Exteriores: anno de 1931**. 1º volume: Introdução, Exposição e Anexo A. Rio de Janeiro, Imprensa Nacional.
- Bzdawka, U. 1984. **Arkady Fiedler: poradnik bibliograficzny**. Poznań, Wojewódzka Biblioteka Publiczna w Poznaniu. 45 pp.
- C. G. M. de W. 1967. Obituary: William James Kaye (1875-1967). **Entomologist's Record** 79:266.
- Calleia, F. de O. ; Rohe, F. & Gordo, M. 2009. Hunting strategy of the Margay (*Leopardus wiedii*) to attract the wild Pied Tamarin (*Saguinus bicolor*). **Neotropical Primates** 16(1):32-34.
- Camargo, E. 1966. **Gralha Azul: folclore do Paraná**. Rio de Janeiro, Chantecler. Pesquisa de folclore realizada por F. C. de Azevêdo, I. C. Pinto, R. V. Roderjan, T. Ercília e S. Soffiatti. Reprodução fonográfica em vinil, LP.
- Camargo, H. F. de A. 1962. Sobre a viagem de Emil Kaempfer ao Brasil. **Papéis Avulsos do Departamento de Zoologia de São Paulo** 15(8):79-80.
- Capri, R. (org.). 1923. **Estado do Paraná**. São Paulo, Empreza Editora Brasil: Capri & Olivero.
- Carollo, C. L. L. 1991b. [verbete] SANTOS, Nestor Victor dos. Crítico literário, escritor [p.430-437]. *In*: PARANÁ. **Dicionário histórico-biográfico do**

- Estado do Paraná.** Curitiba, Editora Livraria do Chain e Banco do Estado do Paraná. 654 p.
- Carvalho, A. [P.] de. 1924. **Manual do caçador ou caçador brasileiro.** São Paulo, [Editora Monteiro Lobato & Cia]³⁰². 164 pp.
- Carvalho, F. S. de. 1914. **Mappa do theatro de operações das forças federaes no Contestado.** S.ed., mapa em Escala 1:500 000.
- Carvalho, M. M. X. de. 2010. **Uma grande empresa em meio à floresta: a História da devastação da floresta com araucária e a *Southern Brazil Lumber and Colonization* (1870-1970).** Florianópolis, Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós-graduação em História. Tese de doutorado. 313 p.
- Casagrande, A. 2009. As expedições de Reinhard Maack ao Rio Tibagi (1926-1930). **Boletim do Instituto Histórico e Geográfico do Paraná** 60:37-53.
- Casagrande, A. 2011. O incansável explorador Reinhard Maack. In [p.267-326]: F. Ardigó (org.). **Histórias de uma ciência regional: cientistas e suas instituições no Paraná (1940-1960).** São Paulo, Editora Contexto.
- Cascudo, L. da C. 1945. **Lendas brasileiras:** 21 histórias criadas pela imaginação do nosso povo. Rio de Janeiro, Confraria Bibliófilo-Brasileira Cattleya alba.
- Cascudo, L. da C. 1954 (1993). **Dicionário do folclore brasileiro:** Rio de Janeiro, Instituto Nacional do Livro. Re-edição pela Editora Itatiaia, 811 pp.
- Cascudo, L. da C. 1978. **Literatura oral no Brasil.** Belo Horizonte, Itatiaia. Coleção Reconquista do Brasil, vol.84. 435 pp.

³⁰² Deduzida pela insígnia dessa casa editorial, apresentada na contra-capa.

- Caxambu, M. G. & Almeida, L. M. de. 2003. *Lamprosoma* W.Kirby (Coleoptera, Chrysomelidae): descrição de nova espécie, redescrições e chaves para algumas espécies sulamericanas. **Revista Brasileira de Zoologia** 20(2):329-337.
- Cherrie, G. K. 1896. **Contribution to the Ornithology of San Domingo**. Chicago, EUA, Field Columbian Museum. Field Columbian Museum Publication n° 10, Ornithological Series, volume 1, n° 1, p. 1-26.
- Cherrie, G.K. 1917. The South America for bird study: a story of travel and of strange habits of birds, preliminary report by the Cherrie-Roosevelt expedition of the American Museum. **The American Museum News** 17(4):268-273.
- Chrostowski, T. 1912a. Kolekcya ornitologiczna ptaków paranskich (Collection ornithologique faite à Paraná en 1910 et 1911). **Sprawozdan z Posiedzen Towarzystwa Naukowego Warszawskiego** 5:452-500.
- Chrostowski, T. 1922. **Parana: wspomnienia z podróży w roku 1914**. Poznan/Varsóvia, Nakladem Ksiegarnia Sw. Wojciecha. Biblioteka Podrozy, Przygod i Odkryc, vol. 1. 237 pp.
- Cid, M. R. L. & Waizbort, R. 2006. Alípio de Miranda Ribeiro e as lições da Comissão Rondon para o Museu Nacional. **Filosofia e História da Biologia** 1:215-227.
- Cid, M. R. L. 2009. **Miranda Ribeiro: um zoólogo evolucionista nos primeiros anos de República (1894-1938)**. Rio de Janeiro, Casa de Oswaldo Cruz-Fiocruz, Programa de pós-graduação em História das Ciências e da Saúde. Tese de doutorado. 230 pp.

- Cieslak, M. 1989. The radiesthetic aspects of nest localization of some species of birds. **Notatki Ornitologiczne** 30(3-4):39-45.
- Cieslak, M. 1990. The radiesthetic aspects of nesting box use by hoel nesters. **Notatki Ornitologiczne** 31(1-4):61-66.
- Clark, B. P. 1922. Twenty-five new Sphingidae. **Proceedings of the New England Zoological Club** 8:1-23.
- CLUBE DE ENGENHARIA. 1922. **Carte internationale du monde : tableau d'assemblage des feuilles brésiliennes**. Rio de Janeiro, Clube de Engenharia. Atlas em escala 1:1.000.000; 51 mapas de 66x75 cm.
- Cock, M. & Robbins, R. K. 2016. Annotated checklist and biogeographic composition of the Lycaenidae (Lepidoptera) of Trinidad, West Indies. **Insecta Mundi** 0503:1-33.
- Coelho-Júnior, [C. A. T.]. 1946. **Pelas selvas e rios do Paraná**. Curitiba, Editora Guaíra Limitada. 188 pp.
- Cole, L.J. 1910. The tagging of wild birds: report of progress in 1909. **Auk** 27:153-168.
- Collar, N. J., L. P. Gonzaga, N. Krabbe, A. Madroño-Nieto, L. G. Naranjo, T. A. Parker III & D. C. Wege (1992) **Threatened birds of the Americas: The ICBP/IUCN Red Data Book**. Cambridge: International Council for Bird Preservation.
- Hellmayr, C. E. & Conover, B. 1949. **Catalogue of the birds of the Americas** [...]: Cathartidae, Accipitridae, Pandionidae, Falconidae. Chicago, EUA, Field Museum of Natural History, Zoological Series, Volume 13, Parte I, nº4, Publicação 634. 358 p.
- Correa M. 1995. A doutora Emília e a tradição naturalista. **Horizontes Antropológicos** 1(1):37-46.

- Corrêa, M. C. & Koch, Z. 2007. **Museu vivo: guia ilustrado da História do Paraná**. Curitiba, Olhar Brasileiro Editora. 111 pp.
- Corrêa-Filho, V. 1958. José de Lima Figueiredo. **Revista Brasileira de Geografia** 20(1):107-112.
- Crozariol, M. A. 2017. As aves citadas por Adolpho Lutz & Astrogildo Machado (1915) no “Viagem pelo rio São Francisco e por alguns de seus afluentes entre Pirapora e Juazeiro”, com comentários sobre um possível exemplar de *Cyanopsitta spixi* (Aves: Psittacidae), proveniente dessa expedição, no Museu Nacional/UFRJ. **Atualidades Ornitológicas** 200:41-52.
- Cuello, J. P. & Gerzenstein, E. 1962. Las aves del Uruguay: lista sistemática, distribución y notas. **Comunicaciones Zoológicas de Museo de Historia Natural de Montevideo** 6:1-191.
- Cunha, O. R. da. 1989. **Talento e atitude: estudos biográficos do Museu Emílio Goeldi**, I. Belém, Museu Paraense Emílio Goeldi. Coleção Alexandre Rodrigues Ferreira. 159 pp.
- Davatz, T. [1972]. **Memórias de um colono no Brasil**. São Paulo, Revista dos Tribunais, 240 pp. [Originalmente de 1850: “*Memoires of a swiss settlers in Brazil*”]
- Deeke, R. 1950. Folclore em Blumenau...? In: Blumenau, Comissão de Festejos, **Centenário de Blumenau**, p.369-372.
- Diacon, T.A. 2006. **Rondon: o marechal da floresta**. São Paulo, Companhia das Letras.
- Dunajewski A. 1938. Über einige interessanten Vögel aus Peru (non Passeriformes). **Acta Ornithologica Musei Zoologici Polonici** 2:319-325.

- Dunajewski A., 1939: Über einige interessanten Vögel aus Peru (Passeriformes). **Acta Ornithologica Musei Zoologici Polonici** 3:7-15.
- Dunajewski A., 1948: New races of the Brown Owl, Hedge-Sparrow and a new species of Attila; also a new genus of Cotingidae. **Bulletin of the British Ornithologists' Club** 68:130-132.
- Enders, A. 2005. **Theodore Roosevelt explorateur: Positivisme et mythe de la frontière dans l'expedição científica Roosevelt-Rondon au Mato Grosso et en Amazonie (1913-1914)**. E-book, disponível em <http://nuevomundo.revues.org/607> ; acessado em 3 de novembro de 2010.
- Fanning, P.J. 2002. **Norwood: a history**. Boston, Arcadia Publishing. 160 p.
- Favretto, M. A. 2008. As aves do Museu Frei Miguel, Luzerna, Santa Catarina. **Atualidades Ornitológicas** 146:43-44.
- Fernandes-Ferreira, H. 2014. **A caça no Brasil: panorama histórico e atual**. João Pessoa, Universidade Federal da Paraíba, Programa de Pós-graduação em Zoologia. Tese de doutorado. 2 volumes, 466 p.
- Fiedler, A. 1950. *Rio de oro: Na sciezkach Indian brazyljskich*". Varsóvia, NK. 2 volumes. 206 p.
- Fiedler, A. 1958. **Тайна Рио де Оро**. Moscou, Rússia, [Editora] Geografiz.
- Forbes, W. C. 1911. **As to polo**. Manila, Dedham Polo e Country Club-Manila Polo Club. 154 p.
- Forbes, W. C. 1921. **The romance of business**. Boston, Houghton Mifflin Company. 258 p.
- Forbes, W. C. 1928. **The Philippine Islands**. Boston, Houghton Mifflin company. 2 vols., 424 p.

- Forbes, W. C. 1935. **Fuddlehead by fuddlehead**: an autobiography. Peiping, China, edição do autor. [n.c.].
- França, S. 1965. **Minha terra tem pinheiros...** Curitiba, Academia Paranaense de Letras. 106 pp.
- França, I. da S. 2015. **Do ginásio para as escolas normais: as mudanças na formação matemática de professores do Paraná (1920-1936)**. Curitiba, Pontifícia Universidade Católica do Paraná, Curso de Pós-Graduação em Educação. Tese de doutorado.
- Galvão, C. (org.) 2014. **Vetores da doença de Chagas no Brasil**. Curitiba, Sociedade Brasileira de Zoologia. Série Zoologia: Guias e Manuais de Identificação. 289 pp.
- Gauld, C.A. 1964. *The last titan: Percival Farquhar, American entrepreneur in Latin America*. Stanford, Stanford University. 427 pp.
- Giesbrecht, R. M. (s.d.). **Estações ferroviárias do Brasil**. Disponível online em <http://www.estacoesferroviarias.com.br/>; acessada em 13 de maio de 2012.
- Goeldi, E. A. 1906. **Album de aves amazonicas** (suplemento ilustrativo á obra ‘Aves do Brasil’). Rio de Janeiro, Livraria Classica de Alves & Cie. 48 pp. [Inclui o capítulo “*Die Vogelwelt des Amazonenstromes*”, 10 pp.].
- [Gomes, N. D.]. [1972]. **Prudentópolis, sua terra e sua gente**. Prudentópolis, s.ed. 175 pp.
- Grinnell, J. 1938. *In memoriam*: Richard C. McGregor ornithologist of the Philippines. **Auk** 55(2):163-175.
- Grola, D. A. 2012. O comércio de espécimes na formação das coleções de História Natural do Museu Paulista, 1894-1916. **Anais do 13º Seminário Nacional de**

- História da Ciência e Tecnologia**, São Paulo, p.1-16.
- Grola, D. A. 2014. **Coleções de história natural no Museu Paulista: 1894-1916**. Universidade de São Paulo, Departamento de História, Pós-graduação em História Social. Dissertação de mestrado. 190 p.
- Gutsche, A.; Kwet, A.; Kucharzewski, C.; Lingnau, R. & Günther, R. 2007. Wilhelm Ehrhardt and an evaluation of his amphibians and reptiles held in the Herpetological Collection of the Museum für Naturkunde, Berlin. **Mitteilungen Museum für Naturkunde, Berlin, Zoologische Reihe** 83(1):80-93.
- Haffer, J. (ed.). 1997. **Ornithologen-Briefe des 20-Jahrhunderts**. Ludwigsburg, Verlag das Berglandbuch. 980 pp.
- Hart, A.B. & Ferleger, H.R. (Eds.). 1988. **Theodore Roosevelt Cyclopedia**. 2^o edição. Nova York, Theodore Roosevelt Association e Meckler Corporation.
- [Hellmayr, C. E.]. 1931. [Miss Emilie Snethlage]. **Auk** (Obituaries) 48:161-162.
- Hellmayr, C. E. 1937. **Catalogue of the birds of the Americas** [...]: Icteridae. Chicago, EUA, Field Museum of Natural History, Zoological Series, Volume 13, Parte X, Publicação 381. 228 p.
- Hinkelmann, C. & Fiebig, J. 2001. An early contribution to the avifauna of Paraná, Brazil. The Arkady Fiedler expedition of 1928/29. **Bulletin of the British Ornithologists' Club** 121(2):116-127.
- Hoehne, F. C. 1930. **Araucarilândia: observações geras e contribuições ao estudo da flora e phytophysionomia do Brasil**. São Paulo, Companhia Melhoramentos.

- [Ihering, H. von]. 1918. O Museu em 1913 – Excerptos do relatório do então director Dr. Hermann von Ihering. **Revista do Museu Paulista** 10:1-16. [Publicado com base em material inédito, por Alfredo d'E. Taunay]
- IHGB. 1914. [Editorial]. **Revista do Instituto Historico e Geographico Brasileiro** 76(2):1-711.
- Isaakowa, M. 1936. **Polka w puszczach Parany**. Poznań, Księgarnia świętego Wojciecha n° 12, 232 pp.
- Jaczewski, T. 1925. The Polish Zoological Expedition to Brazil in the years 1921-1924. Itinerary and brief reports. **Annales Zoologici Musei Polonici Historiae Naturalis** 4(4):326-351.
- Jaczewski, T. 1927. Corixidae from the State of Paraná. **Annales Zoologici Musei Polonici Historiae Naturalis** 6(1):39-59.
- Joerg, W.L.G. (1915). The geographical results of the Roosevelt-Rondon Expedition. **The American Museum Journal** 15(3):129-132.
- Johnscher, G. 1975. Frei Miguel Witte, O.F.M. **Vida Franciscana** 52(48):135-144.
- Johnscher, G. 1993. O Museu Frei Miguel do Seminário de Luzerna. **Vida Franciscana** 1993:125-148.
- Junghans, M. 2008. Emilia Snethlage (1868-1929): uma naturalista alemã na Amazônia. **História, Saúde, Ciências – Manguinhos** 15(suplemento):243-255.
- Kaempfer, E. 1924. Ueber das Vogelleben in Santo Domingo. **Journal für Ornithologie** 72:178-184.
- Kawka, M. 2000. Literatura polonesa com sotaque brasileiro. **Projeções: Revista de Estudos Polono-brasileiros** 2: 93-103.
- Kaye, W.J. 1911. An entomological trip to south Brazil. [Proceedings of] **The South London**

- Entomological & Natural History Society 1910-11:54-73**
- Kazubski, S.L. 1996. The History of the Museum and Institute of Zoology, PAS. **Bulletin of the Museum and Institute of Zoology (Polish Academy of Sciences) 1:7-19.**
- Kempiński, T. 2016. Egzotyczny świat Arkadego Fiedlera. **Argumenta Historica: Czasopismo Naukowo-Dydaktyczne 3:42-59.**
- Kessel, C. 2001. **A vitrine e o espelho: o Rio de Janeiro de Carlos Sampaio.** Rio de Janeiro, Prefeitura Municipal do Rio de Janeiro. Coleção Memória Carioca, Volume 2. 125 p.
- Koch, Z. & Corrêa, M. C. 2002. **Araucária: a floresta do Brasil meridional.** Curitiba, Olhar Brasileiro. 148 pp.
- Kodama, K. 2009. Imigração japonesa: debates médicos sobre raça e saúde. *In* [p43-66]. J. L. Benchimol; M. R. Sá & K. Kodama (orgs.). **Cerejais e cafezais: as relações médico-científicas entre Brasil e Japão e a saga de Hideyo Noguchi.** Rio de Janeiro, Instituto de Biotecnologia em Imunobiológico Bio-Manguinhos.
- Krawczyk, J. 1971. Publicações polonesas sobre o Brasil. **Anais da Comunidade Brasileiro-Polonesa 3:16-35.**
- Kremky, J. 1925. Neotropische Danaididen in der Sammlung des Polischen Naturhistorischen Staatsmuseums in Warchau. **Annales Zoologici Musei Polonici Historiae Naturalis 4(3):141-275.**
- Kucera, T. E. & Barrett, R. H. 2011. A history of camera trapping. *In*: [p.9-26]. A. F. O'Connell, J. D. Nichols & U. K. Karanth (eds.). **Camera traps in animal**

- ecology: methods and analyzes.** Tóquio, Japão, Springer.
- Laroque, L. F. da S. 2006. **Fronteiras geográficas, étnias e culturais envolvendo os Kaingang e suas lideranças no sul do Brasil (1889-1930).** São Leopoldo, Unisinos. Programa de Pós-graduação em História. Tese de doutorado.
- Leão, A. E. de. 1934. **Índice paranaense [ou] Suplemento [do] Dicionário histórico e geográfico do Paraná.** Curitiba, Impressora Paranaense. 215+120 pp.
- Leão, E. A. de. 1924-1928. **Dicionário histórico e geográfico do Paraná.** Curitiba, Impressora Paranaense. 2594 pp.
- LeCroy, M. 1997. Naumburg, Elsie Margaret Binger (1880–1953). In: [p.986–987] P. E. Moore & D. D. Moore (eds.). **Jewish Women in America: an Historical Encyclopedia.** Routledge, New York.
- LeCroy, M. 2012. Type specimens of birds in the American Museum of Natural History: Part 11. Passeriformes: Parulidae, Drepanididae, Vireonidae, Icteridae, Fringillinae, Carduelinae, Estrildidae, and Viduinae. **Bulletin of the American Museum of Natural History** 381:1-155.
- LeCroy, M. 2013. Type specimens of birds in the American Museum of Natural History: Part 10. Passeriformes. Emberizidae: Emberizinae, Catamblyrhynchinae, Cardinalinae, Thraupinae, and Tersininae. **Bulletin of the American Museum of Natural History** 368:1-125.
- LeCroy, M. & Sloss, R. 2000. Type specimens of birds in the American Museum of Natural History: Part 3. Passeriformes: Eurylaimidae, Dendrocolaptidae, Furnariidae, Formicariidae, Conopophagidae, and

- Rhinocryptidae. **Bulletin of the American Museum of Natural History** 257(1):1-88.
- Lima-Figueiredo, [J. de]. 1937. **Oéste paranáense**. São Paulo, Companhia Editora Nacional. Brasileira, Série 5^a, Volume 97: Biblioteca Pedagógica Brasileira. 197 p.
- Lima-Figueiredo, [J. de]. 1944. Paraná-oeste. **Revista Brasileira de Geografia** 6(4):527-536.
- Lopes, J. C. V. 2005. **História da Fazenda Santa Rita**. Curitiba, Editora Progressiva. 260 pp.
- Lopes, M. M. 2008. Proeminência na mídia, reputação em ciências: a construção de uma feminista paradigmática e cientista normal no Museu Nacional do Rio de Janeiro. **História, Saúde, Ciências – Manguinhos** 15(suplemento):73-95.
- Loyola-e-Silva, J. de. 1969. Zoologia no Paraná. [p.243-438] In: F.El-Khatib ed. **História do Paraná**, 2º volume. Curitiba, Grafipar. 438 pp.
- Lutz, A.; Araújo, H. C. de S. & Fonseca, O. 1918a. Viagem científica no Rio Paraná e a Assuncion com volta por Buenos Aires, Montevideo e Rio Grande pelos Drs. Adolpho Lutz, H. C. de Souza Araujo e O. da Fonseca, de Janeiro até Março de 1918. Com reproduções de fotografias, tomadas pelos Drs. Araujo e Fonseca. **Memorias do Instituto Oswaldo Cruz** 10(2):104-173.
- Lutz, A.; Araújo, H. C. de S. & Fonseca, O. 1918b. Report on the journey down the river Paraná fo Assuncion and the return journey over Buenos Aires, Monvideo [sic], and Rio Grande made by Dr. Adolpho Lutz, Dr. H. C. de Souza Araujo, and Dr. O. da Fonseca. From January to March 1918. **Memorias do Instituto Oswaldo Cruz** 10(2) Fasciculo 1 (Translations):83-102.

- Lutz, B. 1958. Emilie Snethlage (1868-1929). *In* [p.39-43]: Museu Nacional. **Relatório Annual 1957**. Rio de Janeiro, Museu Nacional
- Maack, R. 1941. Algumas observações à respeito da existência e da extensão do arenito superior São Bento ou Caiuá no Estado do Paraná. **Arquivos do Museu Paranaense** 1:107-130.
- Maack, R. 1946. Geologia e geografia da região de Vila Velha, estado do Paraná e considerações sobre a glaciação carbonífera no Brasil. **Arquivos do Museu Paranaense** 5:1-305.
- Maack, R. 1947. Breve notícias sobre a Geologia dos estados do Paraná e Santa Catarina. **Arquivos de Biologia e Tecnologia** 2:63-154.
- Maack, R. 1953. **Mapa geológico do estado do Paraná**. Curitiba, Serviço de Geologia do Instituto de Biologia e Pesquisas Tecnológicas. Mapa em escala 1:750.000.
- Maack, R. 1959. Sobre o itinerário de Ulrich Schmidel através do sul do Brasil (1552-1553). **Boletim da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras (UFPR)**, ser. Geografia Física 1(2):1-64.
- Maack, R. 1962. Unbekannte indianer in west-Paraná: Das Drama eines Neuentdeckten Indianerstammes in Brasilien. **Sonderdruck aus Kosmos** 58(9).
- Maack, R. 1963. O ritmo da devastação das matas no Estado do Paraná, suas consequências e problemas de reflorestamento. **Ciência e Cultura** 15(1):25-33.
- Maack, R. 1968. **Geografia física do Estado do Paraná**. Curitiba, Banco de Desenvolvimento do Paraná, Universidade Federal do Paraná e Instituto de Biologia e Pesquisas Tecnológicas. 350 pp.

- Maack, R. 1981. **Geografia física do Estado do Paraná**. Curitiba, Livraria José Olympio e Secretaria do Estado da Cultura e do Esporte do Paraná. 442 p.
- Magalhães, L. A. F. 2013. **Retratos de uma época: os Mendes Gonçalves & a Cia. Matte Larangeira**. Campo Grande, Lamm. 234 pp.
- Malczewski, L. 2008. **Marcas de presença polonesa no Brasil**. Varsóvia, Instytut Studiów Iberyjskich i Iberoamerykańskich Uniwersytetu Warszawskiego. 221 pp.
- Maranhão, M. F. C. 2006. **Contextualizando imagens paranistas (1940-1950): o filme etnográfico de Vladimir Kozák e as ciências sociais no Paraná**. Curitiba, Faculdade Padre João Bagozzi, Curso de Pós-graduação em História e Geografia. Monografia.
- [Maria de Lurdes, Maria Helena e Viessia (*sic*)]. 1951. Nossa fauna (entrevista concedida pelo sr. Alberto Pinto de Carvalho). *In: Curso Normal Regional de Prudentópolis*: Coletânea dos trabalhos feitos nos meses de março e abril pelos alunos do 1º e 2º ano, nº 4:10-11.
- Martins, M. dos S. 2011. A Comissão Rondon como inspiração: análise de estudos produzidos a partir da experiência da Comissão. **Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH**. São Paulo, julho de 2011. 11 pp.
- Martins, R. 1944a. **Livro das árvores do Paraná**. Curitiba, Conselho Nacional de Geografia, publicação nº3. 274 pp.
- Melo, H. P. de & Casemiro, M. C. P. 2003. A Ciência no Feminino: uma análise da Academia Nacional de Medicina e da Academia Brasileira de Ciência. **Revista Rio de Janeiro** 11:117-133.

- Melvill, J. C. 1901. Description of *Bulimulus dukinfieldi*, n.sp., from Paraná, Brazil. **Proceedings of the Malacological Society of London** 4:116.
- Mercer, E. A. 1908. **Mappa do municipio de Tibagy**. Tibagi, edição do autor. Escala 1:500.000. Citado em Mercer (1978:141).
- Mercer, L. L. 1978. **Edmundo Alberto Mercer: Toca Mercer, um livro só para nós**. S.l., edição do autor. 196 pp.
- Millard, C. 2006. The river of Doubt. **Time**, edição de 25 de junho de 2006.
- Millard, C. 2007. **O rio da Dúvida: a sombria viagem de Theodore Roosevelt e Rondon pela Amazônia**. São Paulo, Companhia das Letras. 392 pp.
- Miller, L. E. (1915). The Roosevelt-Rondon Scientific Expedition: a review of its movements in South America in 1913-1914 and of some of its zoölogical achievements. **The American Museum Journal** 15(2):36-63.
- Miranda Ribeiro, A. de. 1928. Notas ornithológicas VIa. Documentos para a história das colecções de aves do Museu Nacional do Rio de Janeiro. **Boletim do Museu Nacional** 4:19:37.
- Miranda-Ribeiro, A. de. 1912. **Os processos de taxidermia e o Museu Nacional do Rio de Janeiro**. Relatório apresentado ao Snr. Dr. João Baptista de Lacerda, Presidente e mais membros da congregação do Museu Nacional. Papelaria Luiz Macedo, Rio de Janeiro, 37 p.
- Miranda-Ribeiro, A. de. 1936. Discurso de recepção da Dra. Emília Sinthlage na Academia Brasileira de Sciencias que em nome desta proferiu em sessão de 28 de outubro de 1926. **Boletim do Museu Nacional** 12(1):77-85.

- Mlíkovský, J. 2009a. Types of birds in the collections of the Museum and Institute of Zoology, Polish Academy of Sciences, Warszawa, Poland. Part 3: South American birds. **Journal of The National Museum (Prague) of Natural History** 178(5):17-180.
- Mota, L. T. & Novak, E da S. 2008. **Os Kaingang do vale do rio Ivaí-PR: história e relações interculturais**. Maringá, Editora da Universidade Estadual de Maringá. 190 pp.
- Müller, L.S. 1914. **Relatorio apresentado ao Presidente da Republica dos Estados Unidos do Brasil pelo Ministro de Estado das Relações Exteriores compreendendo o periodo decorrido de 18 de maio de 1913 a 3 de maio de 1914**. Rio de Janeiro, Imprensa Nacional.
- Muricy, J. C. da S. 1975. **Viagem ao país dos jesuítas**. Curitiba, Imprensa Oficial do Paraná. 406 pp.
- Naumburg, E. M. B. 1928. Remarks on Kaempfer's collection in Eastern Brazil. **Auk** 44(1):60-65.
- Naumburg, E. M. B. 1930. The birds of Matto Grosso, Brazil: remarks on the birds secured by the Roosevelt-Rondon Expedition. **Bulletin of the American Museum of Natural History** 40:1-432.
- Naumburg, E. M. B. 1932. Three new birds from northwestern Brazil. **American Museum Novitates** 554:1-9.
- Naumburg, E. M. B. 1933. A study of *Zenaida auriculata*. **American Museum Novitates** 648:1-15.
- Naumburg, E. M. B. 1935. Gazetteer and maps showing stations visited by Emil Kaempfer in eastern Brazil and Paraguay. **Bulletin of the American Museum of Natural History** 68: 449-469.
- Naumburg, E. M. B. 1937. Studies of birds from eastern Brazil and Paraguay, based on a collection made by

Emil Kaempfer: Conopophagidae, Rhinocryptidae, Formicariidae (part). **Bulletin of the American Museum of Natural History** 74(3):

Naumburg, E. M. B. 1939. Studies of birds from eastern Brazil and Paraguay, based on a collection made by Emil Kaempfer: Formicariidae (part). **Bulletin of the American Museum of Natural History** 76(6):231-276.

Neiva, A. 1929. **Eshboço histórico sobre a Botanica e Zoologia no Brasil**: de Gabriel Soares de Souza, 1587, a 7 de setembro de 1922. São Paulo: Sociedade Impressora Paulista. 143 pp. (Reimpressa pela Universidade de Brasília em 1989).

Nicolas, M. 1984. **130 anos de vida parlamentar paranaense: 1854-1984**. S.l., s.n.

Nogueira, J. 1920. **Do Rio ao Iguassú e ao Guayra**. Rio de Janeiro, Tipografia Editora Carioca. 168 pp.

Nomura, H. 1995. **Vultos da Zoologia brasileira**, vol.VI. Mossoró, Rio Grande do Norte, Fundação Vingt-Un Rosado, Coleções Mossoroense, série C, vol.861. p.14-15.

Nomura, H. 1996a. **História da Zoologia no Brasil: Século XVI, primeira parte**. Mossoró, Fundação Vingt-Un Rosado. Coleção Mossoroense, Série C, volume 884, 89 pp.

Nomura, H. 1996b. **História da Zoologia no Brasil: Século XVI, segunda parte**. Mossoró, Fundação Vingt-Un Rosado. Coleção Mossoroense, Série C, volume 884, 89 pp.

Nomura, H. 1996c. **História da Zoologia no Brasil: Século XVII, primeira parte**. Mossoró, Fundação Vingt-Un Rosado. Coleção Mossoroense, Série C, volume 884, 89 pp.

- Nomura, H. 1996d. **História da Zoologia no Brasil: Século XVII, segunda parte**. Mossoró, Fundação Vingt-Un Rosado. Coleção Mossoroense, Série C, volume 884, 89 pp.
- Nomura, H. 1996e. **Avifauna no folclore**. Mossoró, Fundação Vingt-Un Rosado. Coleção Mossoroense, Série C, volume 903, 153 p.
- Nomura, H. 1997. **História da Zoologia no Brasil: Século XVIII, terceira parte**. Mossoró, Fundação Vingt-Un Rosado. Coleção Mossoroense, Série C, volume 884, 89 pp.
- Nomura, H. 1997. **Vultos da Zoologia Brasileira**, 2º edição. (Volumes 1-5 reunidos em dois volumes). Vol.1, Mossoró, Fundação Vingt-Un Rosado, Coleção Mossoroense, Série C, vol.931:1-155; Vol.2, Ibidem, vol.936:156-292.
- Nomura, H. 1998. História da Zoologia no Brasil: Século XVIII. **Publicações Avulsas do Museu Bocage**: Museu Nacional de História Natural, 2º série, 4, 315 pp.
- Nomura, H. 2000. A colaboração de Miranda Ribeiro para o conhecimento da zoologia brasileira na época da Comissão Rondon. **Revista de Ornitologia Paranaense** 1(4), n.p. Disponível online em <http://www.ao.com.br/rop4.htm>.
- Nomura, H. 2010. Centenário da fundação da Comissão Rondon (1907-2007) -personagens, descobertas e produção bibliográfica. **Cadernos de História da Ciência – Instituto Butantan** 5(1):79-105.
- Novak, E. da S. 2014. Territórios e grupos indígenas no Paraná: a expropriação de terras através do acordo de 1949. **Anais do XIV Encontro Regional de História**, Campo Mourão/PR, p. 1747-1762.

- Nowak, E. 1987. Z dziejów Ornitologii w Polsce Północnowschodniej. **Komunitaty Mazursko-Warmińskie** 175(1):33-76.
- Nowak, J. S. 2000. Kraków w spotkaniu z Japonią i jej kulturą na przełomie XIX i XX wieku: udział prasy w recepcji sztuki i kultury japońskiej. **Rozprawy Muzeum Narodowego w Krakowie (Nova Série)** 3:129-152.
- Nunes, A. P.; Straube, F. C.; Laps, R. R. & Posso, S. R. 2016. Checklist das aves do estado do Mato Grosso do Sul, Brasil. **Iheringia (Zoologia)** 107(suplemento).
- Oliveira, R. G. de. 2003. **As aves-símbolos dos estados brasileiros**. Porto Alegre, Editora AGE. 180 p.
- Oren, D.C. 1991. As aves do estado do Maranhão. **Goeldiana Zool.**, 9:1-55.
- Pachaly, J. R. ; Ceschini, T. L.; Carvalho, L. R. M. de & Margarido, T. C. C. 2005. A contribuição de Francisco de Barros Jr. ao conhecimento da fauna de vertebrados da região sul do Brasil. **Arquivos de Ciências Veterinárias e Zoologia da Unipar** 8(2):125-130.
- Papávero, N. 1971-1973. **Essays on the history of Neotropical Dipterology with special reference to collectors (1750-1905)**. São Paulo, Museu de Zoologia, 2 vols., 446 pp.
- Paraná, S. 1922. **Galeria paranaense: notas biographicas**. Curitiba, Livraria Mundial. 426 pp.
- PARANÁ. 1983/1984. **[Mapa do] Estado do Paraná [hidrográfico]**. Esc. 1:500 000. Curitiba, Instituto de Terras e Cartografia.
- PARANÁ. 1983/1984. **[Mapa do] Estado do Paraná [político]**. Esc. 1:500 000. Curitiba, Instituto de Terras e Cartografia.

- PARANÁ. 1987. **Atlas do Estado do Paraná**. Curitiba, Instituto de Terras, Cartografia e Florestas e Departamento de Imprensa Oficial do Estado. 73 pp.
- PARANÁ. 1990. **Coletânea de mapas históricos do Paraná: 1876-1948**. Curitiba, Instituto de Terras, Cartografia e Florestas. 16 pp.
- Patrial, E. W. 2008. Registro documentado de *Anhima cornuta* (Aves: Anhimidae) para o Estado do Paraná. **Atualidades Ornitológicas** **146**:41-42.
- Patridge, W. 1956. Notes on the brazilian merganser in Argentina. **Auk** **73**(4):473-488.
- Pawłowska, K. 2015. Studies on Pleistocene and Holocene mammals from Poland: the legacy of Edward Feliks Lubicz-Niezabitowski (1875-1946). **Quaternary International** **378**:118-127.
- Paynter-Jr., R. 1994. **Ornithological Gazetteer of Uruguay**. Cambridge, Museum of Comparative Zoology. 111 p.
- Paynter-Jr., R. & Traylor-Jr., M. 1991. **Ornithological Gazetteer of Brazil**. Cambridge, Museum of Comparative Zoology. 2 vols. 788 pp.
- PCUSA. 1922. **The Eighty-fifth Annual Report of the Borad of Foreign Missions of the Presbyterian Church in the United States of America**. Nova York, Presbyterian Church of United States of America – PCUSA. 527 pp.
- Pereira, A.N. 1942. **Aspectos meridionais do Brasil**. Curitiba, Ed.Guaíra; estante Guairacá, estudos nacionais nº 3, 279 pp.
- Pérez-V., N. & Colmán-J., A. 1995. Avifauna de las areas protegidas de Itaipu. I. Aves del Refugio Biologico Mbaracayu, Salto del Guaira, Paraguay. **Biota** **4**:1-24.

- Piacentini, V. de Q.; Aleixo, A.; Agne, C. E.; Maurício, G.N.; Pacheco, J.F.; Bravo, G.A. ; Brito, G.R.R.; Naka, L.N.; Olmos, F.; Posso, S.; Silveira, L.F.; Betini, G.S.; Carrano, E.; Franz, I.; Lees, A.C.; Lima, L.M.; Pioli, D.; Schunck, F.; Amaral, F.R. do; Bencke, G.A.; Cohn-Haft, M.; Figueiredo L.F.A.; Straube, F.C.; Cesari, E. 2015. Annotated checklist of the birds of Brazil by the Brazilian Ornithological Records Committee / Lista comentada das aves do Brasil pelo Comitê Brasileiro de Registros Ornitológicos. **Revista Brasileira de Ornitologia** 23(2):91-298.
- Pinto, I. C. 2006. **Folclore no Paraná**. Curitiba, Secretaria de Estado da Cultura. 598 p.
- Pinto, O. M. de O. 1938. Catalogo das aves do Brasil e lista dos exemplares que as representam no Museu Paulista: 1º parte, Aves não Passeriformes e Passeriformes não Oscines excluida a Fam.Tyrannidae e seguintes. **Revista do Museu Paulista** 22:1-566.
- Pinto, O. M. de O. 1944. **Catalogo das Aves do Brasil e lista dos exemplares na coleção do Departamento de Zoologia: 2º parte, Ordem Passeriformes (continuação): Superfamília Tyrannoidea e Subordem Passeres**. São Paulo, Departamento de Zoologia. 700 pp.
- Pinto, O. M. de O. 1945. Cinquenta anos de investigação ornitológica. **Arquivos de Zoologia** 4:261-340.
- Pinto, O.M. de O. 1964. **Ornitologia Brasiliense**. São Paulo, Departamento de Zoologia da Secretaria de Agricultura do Estado de São Paulo. 183 pp.
- Queiroz, M. V. de. 1966. **Messianismo e conflito social (A guerra sertaneja do Contestado: 1912-1926)**. Rio

- de Janeiro, Editora Civilização Brasileira. Coleção Retratos do Brasil n° 45. 353 pp.
- Rasmussen, C; Garcete-Barrett, B. R. & Gonçalves, R. B. 2009. Curt Schrottky (1874-1937): South American entomology at the beginning of the 20th century (Hymenoptera, Lepidoptera, Diptera. **Zootaxa** **2282**:1-50
- RBG. 1956. General José de Lima Figueiredo. [Editorial da] **Revista Brasileira de Geografia** **18**(3):162.
- RMP [editorial]. 1914. O Museu Paulista nos anos de 1910, 1911 e 1912. **Revista do Museu Paulista** **9**:5-24.
- Roderjan, R. V. 1969. Folclore no Paraná. *In*: F.El-Khatib ed. **História do Paraná**. 3° volume. Curitiba, Grafipar. 329 pp.
- Roosevelt, T. 1914. **Through the brazilian wilderness**. Nova York, Charles Scribner's Sons. 383 pp.
- Roosevelt, T. 1915. A journey in Central Brazil. **The Geographical Journal** **45**(2):97-110.
- Roosevelt, T. 1915. Animals of Central Brazil: together with mention of the geographical work of the Roosevelt-Rondon South-American Expedition in exploring the River of Doubt". **The American Museum News** **15**(2):35-48.
- Roosevelt, T. 1916. **A book-lover's holidays in the open**. Nova York, Charles Scribner Son's. 356 pp. + 2 apêndices.
- Roosevelt, T. 1918. Common sense and animal coloration. **The American Museum Journal** **18**(3):211-218.
- Roosevelt, T.; Van Dike, T.S.. Elliott, D.G. & Stone, A.J. 1903. **The deer family**. Nova York, The MacMillan Company. 334 pp.
- Rosário, L. A. 1996. **As aves em Santa Catarina: distribuição geográfica e meio ambiente**. Florianópolis: FATMA. 81 p.

- Sá, D.M. de; Sá, M.R. & Lima, N. T. de. 2008. Telégrafos e inventário do território no Brasil: as atividades científicas da Comissão Rondon (1907-1915). **História, Ciências, Saúde-Manguinhos** 15(3):779-810.
- Sá, M. R. 2009. Relações médico-científicas entre o Brasil e o Japão no entreguerras. *In* [p. 67-114]. J. L. Benchimol; M. R. Sá & K. Kodama (orgs.). **Cerejais e cafezais: as relações médico-científicas entre Brasil e Japão e a saga de Hideyo Noguchi**. Rio de Janeiro, Instituto de Biotecnologia em Imunobiológico Bio-Manguinhos.
- Sá, M. R. 2008. Scientific collections, Tropical Medicine and the development of Entomology in Brazil: the contribution of Instituto Oswaldo Cruz. **Parassitologia** 50:187-197.
- Saevarius, E. 1973. **A radiestesia no lar**. São Paulo, Cultrix.
- Sanjad, N.; Snethlage, R. M.; Junghans, M. & Oren, D. C. 2013. Emília Snethlage (1868-1929): um inédito relato de viagem ao rio Tocantins e o obituário de Emil-Heinrich Snethlage. **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi (Ciências Humanas)** 8(1):195-221.
- SANTA CATARINA. 1987. **Contestado**. Rio de Janeiro, Index e Governo de Santa Catarina-Fundação Catarinense de Cultura. 155 pp.
- Santos, E. 1979b. **Pássaros do Brasil**. Belo Horizonte, Itatiaia. 312 pp.
- Scherer-Neto, P. & Straube, F. C. 1995. **Aves do Paraná: história, lista anotada e bibliografia**. Campo Largo, Logos Press, 79 pp.
- Scherer-Neto, P.; Straube, F. C.; Carrano, E. & Urben-Filho, A. 2011. **Lista das aves do Paraná: edição**

- comemorativa do “Centenário da Ornitologia no Paraná”.** Curitiba, Hori Consultoria Ambiental. Hori Cadernos Técnicos nº 2. 130 p. + 2 suplementos.
- Schneider, E. L. 1934. Aspectos sociológicos da caça. *In*: C.F.Buys, **Armas e munições de caça.** Porto Alegre, Buys.
- Schrottky, C. 1902. Ensaio sobre as abelhas solitárias do Brazil. **Revista do Museu Paulista** 5:330-612.
- Sick, H. 1997. **Ornitologia brasileira.** Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 862 pp.
- Sick, H.; Rosário, L. A. do e Azevedo, T. R. de. 1981. Aves do Estado de Santa Catarina: lista sistemática baseada em bibliografia, material de museu e observação de campo. **Sellowia** (Ser.Zoologia) 1:1-51.
- Silveira, A. V. da. 2010. **Diálogos críticos de Nestor Vítor.** Curitiba, Universidade Federal do Paraná, Programa de Pós-graduação em Letras. Tese de doutorado em Estudos Literários. 339 pp.
- Slabczynscy, W. & Slabczynscy, T. 1992. **Słownik podrozników polskich.** Varsóvia, Wiedza Powszechna, p. 61.
- Snethlage, E. 1908. Ornithologisches vom Tapajoz und Tocantins. **Journal für Ornithologie** 56(4):493-539.
- Snethlage, E. 1914. Catálogo das aves amazônicas, contendo todas as espécies descritas e mencionadas até 1913. **Boletim do Museu Paraense de História Natural e Ethnographia** 8:1-530.
- Snethlage, E. 1917. Nature and man in eastern Pará. **The Geographical Review** 4:41-50.

- Snethlage, E-H. 1930. Dr. Emilie Snethlage zum Gedächtnis. **Journal für Ornithologie** 78(1):123-134.
- Straube, E. C. 1987. **Símbolos do Paraná: evolução histórica**. Curitiba, Imprensa Oficial do Estado. 67 pp.
- Straube, E. C. 1992. **Guido Straube: perfil de um professor. 1890-1937**. Curitiba, Editora Gráfica Expoente. 135 pp.
- Straube, F. C. 1992a. Esboço de glossário ao *Natura Paranista*. In [p.121-131]: Ernani Costa Straube. **Guido Straube: perfil de um professor**. Curitiba, edição do autor.
- Straube, F. C. 1992b. A contribuição de Guido Straube à História Natural: um ponto de vista moderno. In [p.100-103]: Ernani Costa Straube. **Guido Straube: perfil de um professor**. Curitiba, edição do autor.
- Straube, F. C. 1998. O cerrado no Paraná: ocorrência original e subsídios para sua conservação. **Cadernos de Biodiversidade** 1(2):12-24.
- Straube, F. C. 1999b. A lenda de gralha-azul: uma análise histórica e ornitológica. **Boletim do Instituto Histórico e Geográfico do Paraná** 50:101-116.
- Straube, F. C. 2003a. Bases legais para a identificação dos limites territoriais do Brasil na fronteira com o Paraguai e suas implicações para a consideração de registros ornitológicos. **Ararajuba** 11(1):131-135.
- Straube, F. C. 2003b. Avifauna da Área Especial de Interesse Turístico do Marumbi (Paraná, Brasil). **Atualidades Ornitológicas** 113:12.
- Straube, F. C. 2005. Fontes para o conhecimento da riqueza da avifauna do Estado do Paraná (Brasil): ensaio comemorativo aos 25 anos do Aves do Paraná de Pedro Scherer Neto. **Atualidades Ornitológicas**

- 126;** disponível online em <http://www.ao.com.br/download/scherer.pdf>.
- Straube, F. C. 2008c. Frei Miguel Witte e sua curiosa técnica para localizar ninhos de aves. **Atualidades Ornitológicas** **142**:53-57.
- Straube, F. C. 2010a. Fontes históricas sobre a presença de araras no Estado do Paraná. **Atualidades Ornitológicas** **156**:64-87.
- Straube, F. C. 2010c. Franz Gustav Straube (1802-1853) and his contributions to Entomology. **Metaleptea** **30**(3):16-20.
- Straube, F. C. 2011a. **Ruínas e urubus: História da Ornitologia no Paraná, Período Pré-Nattereriano (1541-1819)**. Curitiba, Hori Consultoria Ambiental. Hori Cadernos Técnicos n° 3, 196 pp.
- Straube, F. C. 2011c. A visita de Theodore Roosevelt ao Paraná. **Boletim do Instituto Histórico e Geográfico do Paraná** **63**:156-189.
- Straube, F. C. 2012. **Ruínas e urubus: história da Ornitologia no Paraná. Período de Natterer, 1 (1820-1834)**. Curitiba, Hori Consultoria Ambiental. Hori Cadernos Técnicos n°5, 241 + xiii pp.
- Straube, F. C. 2013. **Ruínas e urubus: história da Ornitologia no Paraná. Período de Natterer, 2 (1835-1865)**. Curitiba, Hori Consultoria Ambiental. Hori Cadernos Técnicos n°6, 314 + viii pp.
- Straube, F. C. 2014. **Ruínas e urubus: história da Ornitologia no Paraná. Período de Natterer, 3 (1866-1900)**. Curitiba, Hori Consultoria Ambiental. Hori Cadernos Técnicos n°8, 312 + viii pp.
- Straube, F. C. 2015. **Ruínas e urubus: história da Ornitologia no Paraná. Período de Chrostowski, 1 (1901-1909)**. Curitiba, Hori Consultoria Ambiental. Hori Cadernos Técnicos n° 10. 273 + viii p.

- Straube, F. C. 2016. **Ruínas e urubus: história da Ornitologia no Paraná. Período de Chrostowski, 2 (1910)**. Curitiba, Hori Consultoria Ambiental. Hori Cadernos Técnicos n° 11. 457 + x p.
- Straube, F. C.; Bornschein, M. R. & Scherer-Neto, P. 1996. Coletânea da avifauna da região noroeste do Estado do Paraná e áreas limítrofes (Brasil). **Arquivos de Biologia e Tecnologia** 39(1):193-214.
- Straube, F. C.; Carrano, E.; Santos, R. E. F.; Scherer-Neto, P.; Ribas, C. F.; Meijer, A. A. R. de; Vallejos, M. A. V.; Lanzer, M.; Klemann-Júnior, L.; AurélioSilva, M.; Urben-Filho, A.; Arzua, M.; Lima, A. M. X. de; Sobânia, R. L. de M.; Deconto, L. R.; Bispo, A. Â.; Jesus, S. de & Abilhôa, V. 2014. **Aves de Curitiba: coletânea de registros**. 2ª edição (revisada e ampliada). Curitiba, Hori Consultoria Ambiental. Hori Cadernos Técnicos n° 9. 527+ix p.
- Straube, F. C. & Di Giácomo, A. 2007. Avifauna das regiões subtropical e temperada do Neotrópico: desafios biogeográficos. **Ciência & Ambiente** 35:137-166.
- Straube, F. C.; Krul, R. & Carrano, E. 2005. Coletânea da avifauna da região sul do estado do Paraná (Brasil). **Atualidades Ornitológicas** 125:10 [resumo]; versão na íntegra em <http://www.ao.com.br/download/sulpr.pdf>.
- Straube, F.C. & Scherer-Neto, P. 2001. História da Ornitologia no Paraná. *In*: [p.43-116] F.C.Straube (Ed.). **Ornitologia sem fronteiras**, incluindo os resumos do IX Congresso Brasileiro de Ornitologia (Curitiba, 22 a 27 de julho de 2001). Fundação O Boticário de Proteção à Natureza, Curitiba.

- Straube, F. C. & Straube, E. C. (em prep.) **O naturalista Gustav Straube**. Curitiba, livro em preparação.
- Straube, F.C. & Urben-Filho, A. 2002. A contribuição das expedições zoológicas polonesas (1910-1924) para a História Natural no Paraná. **Boletim do Instituto Histórico e Geográfico do Paraná** 52:53-82.
- Straube, F. C. & Urben-Filho, A. 2006. Dicionário geográfico das expedições zoológicas polonesas ao Paraná. **Atualidades Ornitológicas** 133, resumo p.29; disponível online na íntegra em www.ao.com.br/download/polones2.pdf
- Straube, F. C. & Urben-Filho, A. 2010. Revisão histórica e toponímica do itinerário de Emil Kaempfer no Mato Grosso do Sul. **Atualidades Ornitológicas** (Impresso) 158:61-71.
- Straube, F. C.; Urben-Filho, A. & Cândido-Júnior, J. F. 2004. Novas informações sobre a avifauna do Parque Nacional do Iguaçu (Paraná). **Atualidades Ornitológicas** 120: 10 (resumo). Texto disponível online, na íntegra, em: <http://www.ao.com.br/download/avifapn2.pdf>.
- Straube, F. C.; Urben-Filho, A. & Kopij, G. 2003. Cartas comentadas de Tadeusz Chrostowski, 1. **Boletim do Instituto Histórico e Geográfico do Paraná** 54:225-233.
- Stresemann, E. 1923. Die Anfänge ornithologischer Sammlungen. **Journal für Ornithologie** 71:112-126.
- Stresemann, E. 1951. **Die Entwicklung der Ornithologie. Von Aristoteles bis zur Gegenwart**. F.H.Peters, Berlim, 431 p.
- Tańczuk, R. 2012. The horror of natural history collections. **Acta Universitatis Wratislaviensis** 3425:1-11.

- Taunay, Alfredo d'E. 1918c. Relatorio do Museu Paulista referente ao anno de 1916. **Revista do Museu Paulista** 10:19-28.
- Tenenbaum, S. 1927. Verzeichnis der im Staate Paraná (Brasilien) gesammelten Cassidini (Coleoptera) [Wykaz chrzaszczy z podrodziny Cassidini (Coleoptera) zebranych w Paranie]. **Annales Zoologici Musei Polonici Historia Naturalis** 6(1):34-38.
- Underdown, C. E. 1933. Notes on some birds from Santa Catharina, Brazil. **Auk** 50(3):323-324.
- Vasconcelos, M. F. de; Valério, F. A.; Pacheco, J. F. & Gomes, H. B. 2014. Centenário da Expedição Roosevelt-Rondon e suas contribuições à Ornitologia brasileira. **Atualidades Ornitológicas** 180:38-50.
- Victor, N. 1888. O collegio velho. **A República**, ano 3, n° 8, edição de 20 de fevereiro de 1888, p.2.
- Victor, N. 1912a. A Terra do Futuro, impressões do Paraná: A Velha Paranaguá. **Jornal do Commercio**, edição 258, de 15 de setembro de 1912, p.3
- Victor, N. 1912b. A Terra do Futuro, impressões do Paraná, II: A Velha Paranaguá. **Jornal do Commercio**, edição 262, de 29 de setembro de 1912, p.4
- Victor, N. 1912c. A Terra do Futuro, impressões do Paraná, III: O littoral oceanico. **Jornal do Commercio**, edição 263 de 30 de setembro de 1912, p.2
- Victor, N. 1912e. A Terra do Futuro, impressões do Paraná, V: A subida da Serra. **Jornal do Commercio**, edição 272 de 29 de setembro de 1912, p.6-7.
- Victor, N. 1912f. A Terra do Futuro, impressões do Paraná VI: A velha Curityba. **Jornal do Commercio**, edição 279 de 6 de outubro de 1912, p.3-4.
- Victor, N. 1912g. A Terra do Futuro, impressões do Paraná VII: A nova Curityba (aspectos physicos e condições

- de vida). **Jornal do Commercio**, edição 286 de 13 de outubro de 1912, p.3-4.
- Victor, N. 1912h. A Terra do Futuro, impressões do Paraná VIII: A nova Curityba (aspectos industriaes). **Jornal do Commercio**, edição 293 de 20 de outubro de 1912, p.4
- Victor, N. 1912i. A Terra do Futuro, impressões do Paraná IX: A nova Curityba (arrabaldes e suburbios). **Jornal do Commercio**, edição 314 de 1º de novembro de 1912, p.4.
- Victor, N. 1912k. A Terra do Futuro, impressões do Paraná XI: A nova Curityba (colonias). **Jornal do Commercio**, edição 321 de 17 de novembro de 1912, p.2-3.
- Victor, N. 1912m. A Terra do Futuro, impressões do Paraná XIII: Os velhos Campos Geraes. **Jornal do Commercio**, edição 336 de 2 de dezembro de 1912, p.2.
- Victor, N. 1913. A Terra do Futuro: conferencia feita na sede do Centro Paranaense. **Jornal do Commercio**, edição 222 de 11 de agosto de 1913, p.2
- Victor, N. 1913. **Terra do futuro: impressões do Paraná**. Rio de Janeiro, Typographia do Jornal do Commercio de Rodrigues & C. 395 pp.
- Vuilleumier, F. 2006. Dean of American Ornithologists: the multiple legacies of Frank M. Chapman of the American Museum of Natural History. **Auk** **122**(2):389-402.
- Wachowicz, R. C. e Malczewski, Z. 2000. **Perfis polônicos no Brasil**. Curitiba, Braspol. 476 pp.
- Wąsowska, M. & Winiszewska-Ślipińska, G. 1996. The history of the Collection of Neotropical Fauna in the Museum and Institute of Zoology PAS. Until 1939.

**Bulletin of the Museum and Institute of Zoology
PAS 1:29-34.**

- Wentworth, E.N. 1952. A search for cattle trails in Matto Grosso. **Agricultural History** 26(1):8-16.
- Wetmore, A. & Swales, B. H. 1931. The Birds of Haiti and the Dominican Republic. **Bulletin of the United States National Museum** 155:1-483.
- Witte, M. 1930a. Estudos sobre a fauna brasileira, I: O guará ou lobo do Brasil *Canis (Chrysocyon) jubatus Desmarest*. **Vozes de Petrópolis** 24(12):624-627.
- Witte, M. 1930b. Estudos sobre a fauna brasileira, II: Remédios e preventivos contra a mordedura de cobras e aranhas. **Vozes de Petrópolis** 24(18):939-943.
- Witte, M. 1931a. Auf frischer Tat ertappt. **Antoniusbote** 39:276-281.
- [Witte, M. 1931b]. O guarachaim-photographo. **Vozes de Petrópolis** 25(11):570-576.
- Witte, M. 1932a. Brasiliens "königliches Wildbret" **Antoniusbote** 40:324-327.
- Witte, M. 1932b. Brasilianische Pinienfrüchte. **Antoniusbote** 40:232-235.
- Witte, M. 1932c. A vara de condão e as molestias. **Vozes de Petrópolis** 26(9):460-466.
- Witte, M. 1932d. A estrebaria "enfeitada". **Vozes de Petrópolis** 26(15):780-782.
- Witte, M. 1933a. Aves brasileiras e os veios d'agua. **Vozes de Petrópolis** 27(1):172-175.
- Witte, M. 1933b. Ninhos de gallinha e "veios d'agua. **Vozes de Petrópolis** 26(2):460-463.
- Witte, M. 1934a. Du lieber, guter Bruder Tod. **Antoniusbote** 42(41):321.
- Witte, M. 1934b. Chico, das Seidenäffchen. **Antoniusbote** 42:106-107.

- Witte, M. 1934c. Kolibri am Fenster. **Antoniusbote** 42:140-141.
- Witte, M. 1934d. Baum-Farne. **Antoniusbote** 42:240-241.
- Witte, M. 1934e. Die Tangerina. **Antoniusbote** 42:174-175.
- Witte, M. 1934f. Zwergäffchen. **Antoniusbote** 42:92-93.
- Witte, M. 1934g. Die Butiá Balme. **Antoniusbote** 42:203.
- Witte, M. 1937a. Die Schlafmütze, eine völlig harmlose Schlange. **Antoniusbote** 45:19-22.
- Witte, M. 1937b. Kolibris in freier Natur. **Antoniusbote** 45:173-174.
- Witte, M. 1937c. Gibt es michsaugende Schlagen? **Antoniusbote** 45:264-268.
- Witte, M. 1937d. Die schönste der Giftschlangen [1]. **Antoniusbote** 45:55-56.
- Witte, M. 1937e. Die schönste der Giftschlangen [2]. **Antoniusbote** 45:84-86.
- Witte, M. 1937f. Die schönste der Giftschlangen [3]. **Antoniusbote** 45:105-107.
- Witte, M. 1938a. Velhos e novos apontamentos sobre a vara de condão. **Vozes de Petrópolis** 32(1): 162-167.
- Witte, M. 1938b. Velhos e novos apontamentos sobre a vara de condão [2]. **Vozes de Petrópolis** 32(1): 266-271.
- Witte, M. 1938c. Velhos e novos apontamentos sobre a vara de condão III. **Vozes de Petrópolis** 32(1): 336-342.
- Witte, M. 1938d. Velhos e novos apontamentos sobre a vara de condão IV. **Vozes de Petrópolis** 32(2): 408-414.
- Witte, M. 1938e. Auf Brüllaffenjagd mit der Kleinkamera. **Antoniusbote** 46:202-206.
- Wolff, E. & Wolff, F. 1987. **Dicionário biográfico: Judeus no Brasil, Século XIX**. Rio de Janeiro:edição dos autores.
- Yokoo, E. N. 2013. **A dinâmica das frentes de ocupação territorial na mesorregião centro-ocidental**

- paranaense**. Maringá, Programa de Pós-graduação em Geografia. Tese de doutorado. 218 pp.
- Zahm, J.A. 1916. **Through South America's southland: with an account of the Roosevelt scientific Expedition to South America**. Nova York, D.Appleton & Co.
- Zimmer, J. T. 1931. Studies on peruvian birds. I: New and other birds from Peru, Ecuador, and Brazil. **American Museum Novitates 500**:1-23.
- Zimmer, J. T. 1948. Studies on peruvian birds. nº53: The family Trogonidae. **American Museum Novitates 1380**:1-56.
- Zimmer, J. T. 1953. Notes on Tyrant Flycatchers (Tyrannidae). **American Museum Novitates 1605**:1-16
- Zimmer, J. T. 1955a. Further notes on Tyrant Flycatchers (Tyrannidae). **American Museum Novitates 1749**:1-24.
- Zimmer, J.T. 1955b. *In memoriam*: Elsie Margaret Binger Naumburg. **Auk 72**(3):265-266.
- Zwoslka, A. 1990. Antoni Wiśniewski (1905-1989). **Gazeta Puszczkowska 12**:10-11

A série **HORI CADERNOS TÉCNICOS (HCT)** é uma iniciativa da **HORI CONSULTORIA AMBIENTAL**, cujo objetivo é suprir a grande lacuna atualmente existente de documentos técnicos ligados alguns campos específicos das Ciências da Natureza. A coleção abrange temática variada mas com ênfase em instrumentação, metodologia, técnicas complementares, inovadoras ou alternativas, revisões, estudos de caso, relatos e resultados conclusivos de estudos de impactos ambientais, monitoramentos e demais abordagens no campo da consultoria ambiental e do ecoturismo.



<http://www.hori.bio.br>

HORI CADERNOS TÉCNICOS



HCT n° 1 (dezembro de 2010)

GLOSSÁRIO BRASILEIRO DE BIRDWATCHING (INGLÊS-PORTUGUÊS-INGLÊS) por Fernando C. Straube, Arnaldo B. Guimarães-Júnior, Maria Cecília Vieira-da-Rocha e Dimas Pioli. 284 p. ISBN: 978-85-62546-01-3

HCT n° 2 (junho de 2011)

LISTA DAS AVES DO PARANÁ (Edição comemorativa do Centenário da Ornitologia no Paraná) por Pedro Scherer-Neto, Fernando C. Straube, Eduardo Carrano e Alberto Urben-Filho. (Com dois suplementos). 130 p. ISBN: 978-85-62546-02-0

HCT n° 3 (dezembro de 2011)

RUÍNAS E URUBUS: HISTÓRIA DA ORNITOLOGIA NO PARANÁ. Período Pré-Nattereriano (1541-1819). por Fernando C. Straube. 193 p. ISBN: 978-85-62546-11-2

HCT. n° 4 (junho de 2012)

TUBARÕES E RAIAS CAPTURADOS PELA PESCA ARTESANAL NO PARANÁ: GUIA DE IDENTIFICAÇÃO por Hugo Bornatowski e Vinícius Abilhoa (com adendo bibliográfico). 123 p. ISBN: 978-85-62546-04-4

HCT n° 5 (setembro de 2012)

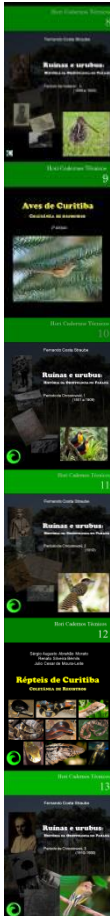
RUÍNAS E URUBUS: HISTÓRIA DA ORNITOLOGIA NO PARANÁ. Período de Natterer, 1 (1820-1834) por Fernando C. Straube. 242 p. ISBN: 978-85-62546-05-1

HCT n° 6 (agosto de 2013)

RUÍNAS E URUBUS: HISTÓRIA DA ORNITOLOGIA NO PARANÁ. Período de Natterer, 2 (1835-1865) por Fernando C. Straube. 312 p. ISBN: 978-85-62546-06-8

HCT n° 7 (agosto de 2013)

IPAVE-2012: INVENTÁRIO PARTICIPATIVO DAS AVES DO PARANÁ. Organizado por Fernando C. Straube, Marcelo A. V. Vallejos, Leonardo R. Deconto e Alberto Urben-Filho. 222 p. ISBN: 978-85-62546-07-5



HCT n° 8 (abril de 2014)

RUÍNAS E URUBUS: HISTÓRIA DA ORNITOLOGIA NO PARANÁ. Período de Natterer, 3 (1866-1900) por Fernando C. Straube. 311 p. ISBN: 978-85-62546-08-2

HCT n° 9 (dezembro de 2014)

AVES DE CURITIBA: COLETÂNEA DE REGISTROS (2° EDIÇÃO) por Fernando C. Straube *et al.* 527 p. ISBN: 978-85-62546-09-9

HCT n° 10 (dezembro de 2015)

RUÍNAS E URUBUS: HISTÓRIA DA ORNITOLOGIA NO PARANÁ. Período de Chrostowski, 1 (1901-1909) por Fernando C. Straube. 273 p. ISBN: 978-85-62546-10-5

HCT n° 11 (dezembro de 2016)

RUÍNAS E URUBUS: HISTÓRIA DA ORNITOLOGIA NO PARANÁ. Período de Chrostowski, 2 (1910) por Fernando C. Straube. 457 p. ISBN: 978-85-62546-10-5

HCT n° 12 (novembro de 2017)

RÉPTEIS DE CURITIBA: COLETÂNEA DE REGISTROS por Sérgio Augusto Abrahão Morato, Renato Silveira Bérnills e Julio Cesar de Moura-Leite. 82p. ISBN: 978-85-62546-14-3

HCT n° 13 (dezembro de 2017)

RUÍNAS E URUBUS: HISTÓRIA DA ORNITOLOGIA NO PARANÁ. Período de Chrostowski, 3 (1910-1930) por Fernando C. Straube. 394 p. ISBN: 978-85-62546-15-0